

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“Atravessar o oceano para verificar uma vírgula”: Francisco Adolfo de Varnhagen  
(1816-1878) lido por João Capistrano de Abreu (1853-1927)**

Fernando José Amed

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Elias Thomé Saliba

São Paulo

2007

## Folha de Aprovação

Fernando José Amed

“Atravessar o oceano para verificar uma vírgula”:

Tese apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São  
Paulo para a obtenção do título de  
Doutor.  
Área de concentração: História  
Social

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Para Jussara, Julia e Laura.

## Agradecimentos:

Muitas das páginas que se seguem, foram escritas em Boituva, em companhia de Danit, Luiz Felipe, Noam e Dafna Pondé, amigos queridos que me ofertaram um perfil mais delineado do que se pode entender por sociabilidade intelectual.

Samira Osman e Camilo de Mello Vasconcellos, Mariana Villaça, Marcos Napolitano e Plínio Negreiros foram presenças constantes e sempre preocupadas com o desenvolvimento de meu trabalho. Ana Patitucci e Pitxo Falconi, pelo carinho e proximidade. Carlos Malferrari e Eric Messa, pela ajuda final.

Os professores, José Geraldo Vinci de Moraes e Ana Maria de Almeida Camargo, quando de minha qualificação. Nicolau Sevckenko, Maria Inez Borges . Pinto, Cecília Helena de Salles Oliveira e Maria Lígia Coelho Prado, por serem referências.

Elias Thomé Saliba, pela generosidade, ausência de vaidade, conhecimento e afeto.

Sara, querida, presente desde o início. Julia, companheira sensível. Laura, esperando por algo que compensasse tanto empenho e distanciamento.

O Departamento de História da FFLCH e a Universidade de São Paulo. O CNPq e a Capes.

*“Sabes a dificuldade que há de encontrar editor e quanto é cara a impressão entre nós; por isso todos os nossos esforços vinham quebrar-se contra este rochedo. Julguei a princípio vencê-lo com um clube que imaginei, e que não devia ter presidentes, nem sessões, nem nada. Cada sócio publicaria um livro à sua custa, e seria isto a ata e a sessão. Tive muitas adesões ... em palavras: escrupulizavam todos passar à frente e ficavam todos parados.” Carta de Capistrano de Abreu a Lino de Assunção, datada de 2 de abril de 1886.*

#### Resumo:

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), como se sabe, foi o autor da *História Geral do Brasil*. Enquanto esteve pesquisando nos arquivos europeus, seu trabalho contava com o apoio dos participantes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como de D. Pedro II. Assim que os volumes foram publicados, entre os anos de 1854 e 1857, sua obra começou a receber críticas, especialmente por haver discordâncias com relação ao modo negativo com que o historiador via a participação indígena em nossa história. A má acolhida permaneceu quando do lançamento da segunda edição, em 1877, e Varnhagen veio a falecer sem que sua obra viesse a passar por um exame mais minucioso. Essa foi a proposta de João Capistrano de Abreu (1853-1927), que por duas vezes pretendeu apresentar uma terceira edição anotada da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen. Este trabalho pretendeu recuperar esse instante da atuação de Capistrano de Abreu, como meio de compreensão e aproximação das sociabilidades de ambos os historiadores, além de procurar matizar o espaço propiciador desses estudos. Ou seja, buscamos situar as condições existentes para que se levasse ao cabo um trabalho de pesquisa em história, num momento em que os *homens de letras* se digladiavam pela busca de apoio e reconhecimento. Nesse sentido, Varnhagen e Capistrano, de maneiras distintas, e quanto ao exercício do ofício que escolheram, pareceram não obter respostas no ambiente intelectual que os cercavam, caracterizado pelo número inexpressivo de leitores.

#### Palavras-chave:

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878); João Capistrano de Abreu (1853-1927); sociabilidade intelectual; epistolografia; historiografia.

## Abstract

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) was the author of *História Geral do Brasil*. As he researched archives in Europe, his work had full support from members of the Brazilian Historical and Geographical Institute, as well as from emperor D. Pedro II himself, inasmuch as no Brazilian had ever attempted to compose a tome of such breadth and scope, based on such solid documentation. However, as soon as the volumes were published, between 1854 and 1857, they were greeted with a wave of criticism, especially from those who disagreed with the historian's negative view of the participation of indigenous populations in the country's history. The adverse reception persisted when the second edition came out in 1877, and Varnhagen died before his work merited a more judicious examination. This was the proposal of João Capistrano de Abreu (1853-1927), who twice attempted to present a third and annotated edition of Varnhagen's *História Geral do Brasil*. Our own work hopes to redeem this instance of Capistrano de Abreu's endeavor, as a means toward understanding and bringing together the intellectual sociability of both historians. It also seeks to bring nuance to, and assess the various hues of, the circumstances that enabled or hindered their studies. In other words, we have tried to properly situate the conditions they faced to carry out historical research at a time when *men of letters* angrily quarreled among themselves to obtain support and recognition. In this sense, Varnhagen and Capistrano, each in his own way, and with regard to the craft they chose to pursue, apparently did not obtain the response they deserved from the intellectual milieu of the time, as attested by the paltry number of their readers.

## Keywords

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). João Capistrano de Abreu (1853-1927). Intellectual sociability. Epistolography. Historiography.

Sumário:

1- Das dificuldades de se escrever uma história no Brasil.....	10
2- <i>A História Geral do Brasil</i> “escrita por um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba”.....	53
3- Vencer o desejo de se fechar o volume: Capistrano leitor de Varnhagen.....	101
4- Uma obra que pode atravessar um período de transição: Capistrano de Abreu e a anotação da <i>História Geral do Brasil</i> .....	146
5- Considerações finais: como reconhecer o que faz um historiador?.....	191
6- Bibliografia.....	205

## 1- Das dificuldades de se escrever uma história do Brasil:

*“Varnhagen não foi um espírito ameno e, como temesse sempre que alguém pudesse fazer sombra aos seus altos méritos, costumava tolerar mal oficiais do mesmo ofício. O que nos resta de sua correspondência particular, mostra-o constantemente erigido contra detratores reais ou imaginários, e ciumento de glórias e gloriolas que não se achassem a seu alcance.” Sérgio Buarque de Holanda<sup>1</sup>*

Dentre alguns aspectos que figuraram na vida de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Visconde de Porto Seguro, veio a se destacar a maneira com que reagiu à recepção de sua obra principal, a *História Geral do Brasil*, publicada em dois volumes, entre os anos de 1854 e 1857. Tratava-se da mais ambiciosa proposta de se lançar luz sobre fatos até então minimamente conhecidos, além de justificá-los com um volumoso suporte de dados documentais. Entre outras ocupações – algumas muito distantes do campo da pesquisa em história – Varnhagen dedicara-se aos arquivos e bibliotecas, estrangeiros predominantemente, ao menos desde 1840, quando então se ligara ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Sua missão na Europa era exatamente a de dar cabo da teia documental e procurar por alicerces que pudessem vir a sustentar uma história do Brasil mais acurada ou, no mínimo, diferente das crônicas que vinham sendo estabelecidas sob outros critérios, ao menos desde o século XVI.

Mas, além de *coligir dados* – como apontara Januário da Cunha Barbosa, secretário do IHGB, no discurso quando da fundação da instituição, em 1838 - que importassem à história do Brasil, Varnhagen também tomou para si a missão de compor uma narrativa que viesse a se antepor às outras que foram realizadas, porém, por autores estrangeiros. O caso mais emblemático a ser enfrentado, era o da obra de Robert Southey, começada a publicar em 1810<sup>2</sup>, e considerada até então, o que havia de mais completo sobre a

---

<sup>1</sup> Prefácio a Maria Odila da Silva Dias. *O Fardo do homem Branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, p. XIII.

<sup>2</sup> Robert Southey. *History of Brazil*. Londres: Longman, Hursi and Orme, 1810- 1819. Edição brasileira traduzida por Luiz Joaquim de Oliveira e anotada por José Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1862.

história brasileira. Note-se que o que se ambicionava, era a elaboração de uma *história geral*, ou seja, a recuperação dos fatos históricos considerados pertinentes do ponto de vista da sociedade, da administração, da política, da economia, bem como da cultura. Há que se diga que a intenção era tributária de um viés ilustrado. Bebendo naquela fonte, a proposta do IHGB e o trabalho de Varnhagen, justificavam-se na aspiração de vir a concretizar uma narração que, do ponto de vista cronológico, partisse do século XV e chegasse até o XIX.

Talvez não precisássemos dizer que essa iniciativa era aguardada com expectativas e tensões. Mesmo no parco, restrito e acanhado espaço por onde transitavam aqueles homens que vieram a compor a chamada primeira geração romântica brasileira, cabia somente a Varnhagen, a iniciativa da realização de tamanha obra. Mas ele não era o único a se dedicar à história do Brasil. Nas revistas publicadas pelo IGHB, de várias províncias do Brasil, acolhiam artigos que, em sua maioria, numa perspectiva genealógica, almejavam dirimir dúvidas e ampliar o espectro documentado dos acontecimentos passados do Brasil. Mas nenhum desses historiadores poderia rivalizar com Varnhagen, ao menos em relação à proposta que tinha tomado para si.

Fosse nas cartas oficiais que enviava para serem lidas nas sessões periódicas do IHGB, ou naquelas outras epístolas remetidas ao *protetor* da instituição – o imperador D. Pedro II – Varnhagen não se furtava a também alimentar expectativas sobre o trabalho que vinha realizando, bem como, com a antecipação do momento em que viria a publicar, tanto o primeiro, quanto o segundo volume de *sua* – como também mencionava – História do Brasil. Assim, não se trata de exagero, observar que foi com grande frustração, que Francisco Adolfo de Varnhagen acompanhou a primeira recepção de seu trabalho, tanto após a publicação do primeiro volume, quanto do segundo<sup>3</sup>. Numa passagem da correspondência entretida entre o historiador e Pedro II, percebia-se de maneira efetiva e pouco sutil, o desconcerto de Varnhagen para com a acolhida de sua obra. A carta, assinada em 24 de setembro de 1856, trazia os seguintes juízos:

---

<sup>3</sup> A *História Geral do Brasil, isto é, do Descobrimento deste Estado, hoje Império independente, escrita em presença de muitos documentos autênticos recolhidos nos arquivos do Brasil, da Espanha e da Holanda*, por um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba. Madrid, Imprensa de V. Domínguez, 1854, volume 1; Imprensa de J. del Rio, 1857, volume 2. Para esse trabalho, nos servimos integralmente da seguinte edição: Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 10ª edição integral, 1981, Prefácio da 3ª edição integral e aditamentos. Todas as notas e referências foram remetidas a ela.

*Na minha [carta] de julho dava eu conta a Vossa Majestade de como havia retardado a continuação da impressão do meu segundo volume, e entre as causas alegava o esmorecimento, em vista de tanta indiferença oficial; principalmente de parte do Instituto que nem sequer me acusou a recepção do meu ofício acerca do primeiro volume, nem da oferta que lhe fiz de um exemplar; e em pago sei que não falta quem ali responda às minhas finezas com misérias.<sup>4</sup>*

E Varnhagen prosseguia então, mencionando o jornalista e historiador maranhense João Francisco Lisboa (1812-1863) o Timon, nos seguintes termos:

*Talvez só porque não adulo servilmente, como outros, certo perigoso brasileirismo caboclo, como lhe chama com tanta razão o **Timon**, escrito importante que eu antes desconhecia, como desconhecia esse estimável autor, com quem hoje estou em correspondência e perfeita harmonia, até na maior parte das idéias, em que, sem sabermos um do outro, nos encontramos.<sup>5</sup>*

E avançava então Varnhagen contra o Instituto:

*Que exemplos, Senhor, “aos futuros escritores”, quer dar esse Instituto, que escolhi para pedestal do nome de Vossa Majestade Imperial na portada da minha obra! Triste e esmorecido com tanta indiferença, ou talvez antes oposição e miséria, sigo entretanto agora com a impressão, mas creio que Vossa Majestade Imperial não se oporá a que eu não o lance à fogueira inquisitorial do júízo público, enquanto não receber, senão a censura do Instituto ao primeiro, ao menos algumas palavras autenticadas dele, por onde me conste se não levou na consideração que eu lhe quis dar o título com que me apresento no frontispício, para que no segundo volume eu possa apresentar-me assim ou de outro modo: v. gr. Com as desonras de “**ex- sócio & c**”.<sup>6</sup>*

A fúria de Varnhagen prosseguia com relação não somente ao silêncio do IHGB, bem como ao que entendia ser as críticas ao seu trabalho:

*A última **Revista** que vi (na Academia de História) é a número 15 do terceiro trimestre de 54, porém consta-me que no Relatório apresentado há pouco, nem se mencionou o meu nome, e só numa das recentes revistas vem um escrito em que sou “ beliscado com unhas mui duras”, bem que felizmente “com uma iniquidade clamorosa”. Não sei a*

<sup>4</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen. *Correspondência Ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa, Rio de Janeiro, I.N.L, MEC, 1961, p. 235.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>6</sup> *Idem., p. 236.*

*que se alude com estas expressões de uma carta que recebi, mas creio que se tiver razão me hei de queixar de que a Redação do Instituto protegido por Vossa Majestade Imperial, deixe passar tais ataques clamorosamente iníquos contra quem alguns serviços tem prestado ao mesmo instituto, desde o princípio.*<sup>7</sup>

João Francisco Lisboa, o IHGB e sua revista, dentre outras menções de Varnhagen nessa carta, serão alvos de nossas discussões no trabalho que agora introduzimos. Mas não o faremos nesse momento. Por ora, resta apontar a outra incidência que se remete diretamente à principal publicação de Varnhagen e que compõe uma parte que consideramos essencial de nossas preocupações: o interesse que essa obra veio a despertar em outro historiador pertencente à geração que se seguiu a Francisco Adolfo: João Capistrano de Abreu (1853-1927).

Hoje reconhecido, via de regra, como um dos nossos historiadores de maior sabedoria, Capistrano de Abreu era um homem de personalidade complexa e que, em meio ao clima intelectual que privou, também veio a frustrar expectativas: é recorrente naqueles que contemplaram o seu conhecimento, a aspiração, não realizada, de que viesse a escrever uma história do Brasil do porte daquela oferecida por Porto Seguro. Avesso ao convívio social, Abreu passou parte de sua vida num porão, viajando, quase sempre a estudos, muitas vezes na companhia de índios que os auxiliavam num trabalho de lingüística caxinauá e bacairi. Desbravador de fontes até então desconhecidas, dos feitos de Capistrano, veio a se destacar o fato de ter estabelecido a primeira *História do Brasil*, escrita por um brasileiro, no ano de 1627, da lavra de Frei Vicente do Salvador. Orientador informal de muitos pesquisadores que o sucederam – caso de Paulo Prado, Rodolfo Garcia, Afonso de Taunay, Guilherme Studart - Capistrano deixou indícios de seu trabalho nas centenas de cartas que remetia.

Nascido na então província do Ceará, Capistrano havia debutado no campo das letras em 1874, com artigos sobre a literatura brasileira contemporânea a ele<sup>8</sup>. Chegou ao Rio de Janeiro no ano seguinte e então trabalhou na Editora Garnier e lecionou línguas estrangeiras em escolas secundárias. Em 1878, Capistrano não era ainda conhecido pelo domínio e erudição nos assuntos que versassem sobre a história brasileira. Mas o

---

<sup>7</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>8</sup> Capistrano de Abreu, "Perfis Juvenis", semanário *Maranguapense*, Fortaleza, 3, 4, 14 e 22 de junho e 9 e 16 de agosto de 1874 e Capistrano de Abreu, "A Literatura Brasileira Contemporânea", *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, dias 29 e 30 de novembro e 5 e 18 de dezembro de 1875 in Capistrano de Abreu, *Ensaios e Estudos (crítica e história)*, 1ª série Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1931, pp. 35-70.

falecimento de Varnhagen veio a lhe possibilitar a escrita – e, talvez o mais difícil – a publicação, de um necrológio, que saiu estampado na *Jornal do Comércio*. Na manhã do dia 16 de dezembro, alguns leitores – dentre o exíguo meio daqueles brasileiros que eram alfabetizados, alguns poucos que se interessavam por história, talvez outros que apreciassem ler obituários – se depararam com esse início:

*"A pátria traja de luto pela morte de seu historiador, - morte irreparável, pois que a constância, o fervor e o desinteresse que o caracterizavam dificilmente se hão de ver reunidos no mesmo indivíduo; morte imprevista, porque a energia com que acabara a reimpressão de sua **História**, o vigor com que continuava novas empresas, a confiança com que arquitetava novos planos, embebeciam numa doce esperança de que só mais tarde nos seria roubado, depois de por algum tempo gozar do descanso a que lhe dava direito meio século de estudos e trabalhos nunca interrompidos."*<sup>9</sup>

Mas, quando da publicação da segunda parte do necrológio, no dia 20 de dezembro, alguns aspectos mais contraditórios apareceram na análise que Capistrano veio a fazer. Com relação a Varnhagen, dizia:

*Em muitos pontos em que sua opinião não era necessária, ele a expunha complacentemente, com tanto maior complacência quanto mais se afastava da opinião comum. Suas reflexões às vezes provocam um movimento de impaciência que obriga a voltar página ou a fechar o volume. Muitos assuntos sem importância, ou de importância secundária, só o ocupam por serem descobertas suas. A polêmica com João Lisboa, em que tinha talvez razão, porém em que teve a habilidade de por o odioso de seu lado, converteu em inimigos seus, os inúmeros admiradores do grande maranhense.*<sup>10</sup>

É provável que o artigo publicado tenha revelado que Capistrano pudesse vir a transparecer aspectos até então não percebidos ou, quem sabe, escondidos, naquela que foi, como mencionamos ligeiramente, a obra de história mais ansiada pelo segundo império brasileiro. Um novo artigo sobre Varnhagen, de autoria de Capistrano, seria publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em três dias de novembro de

<sup>9</sup> Capistrano de Abreu, "Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro", *Jornal do Comércio*, entre os dias 16 e 20 de dezembro de 1878. Também consta de *Ensaios e Estudos*, primeira série, *op.cit.*, p. 82.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 88.

1882<sup>11</sup>. Essas podem ter sido as credenciais para que o historiador cearense viesse a encetar um trabalho mais ousado, o de vir a publicar uma terceira edição – desta vez, anotada - da obra de Varnhagen – uma vez que o próprio autor havia estabelecido uma segunda edição em 1877<sup>12</sup>.

Através das cartas de Capistrano, ficamos sabendo que esse trabalho fora iniciado em 1902. Cinco anos depois, em 1907, o mesmo em que veio a concluir e publicar os *Capítulos de História Colonial*, sua obra mais conhecida, João Capistrano de Abreu encontrava-se desorientado com relação ao trabalho que vinha realizando de anotação da *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen. Um incêndio na Companhia Tipográfica Nacional<sup>13</sup>, onde se encontrava o material então produzido pelo historiador, consumiu grande parte de suas anotações, sendo que sobraram alguns poucos exemplares e, mesmo assim, incompletos.

Em carta datada de 24 de setembro de 1911, Capistrano retomava o ocorrido à Domingos Jaguaribe. Dizia que os textos deviam acabar na página 460 e que na véspera, revira até 450. Capistrano acrescentava: “*Salvei um exemplar que com as provas está completo; há três na Alemanha até a p. 384; outro na Espanha, até 272. Eis todo o resultado de quase três anos de trabalho.*”<sup>14</sup>

E sobre as perspectivas futuras, Capistrano dizia: “*Falei na Biblioteca Nacional para ver se seria possível fototipá-la: não é, com os recursos normais do estabelecimento.*”<sup>15</sup>

E ainda com relação às possibilidades futuras de edição, Capistrano apontava:

<sup>11</sup>Capistrano de Abreu, “Sobre o Visconde de Porto Seguro”, publicado primeiramente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de 21, 22 e 23 de novembro de 1882 e reproduzido em *Appenso à História Geral* de Varnhagen, tomo 3º, 1928, pp. 435-444, 3ª edição in Capistrano de Abreu, *Ensaio e Estudos (crítica e história)*, 1ª série, op. cit..

<sup>12</sup> *História Geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. Pelo Visconde de Porto Seguro, natural de Sorocaba. Segunda Edição. Muito aumentada e melhorada pelo autor. Rio de Janeiro, E & H Laemmert, 1877.

<sup>13</sup> Essa edição seria capitaneada pela Laemmert & Cia., mas a impressão devia estar sendo realizada na Companhia Tipográfica do Brasil. Neste sentido, ver Tancredo de Barros Paiva (*Bibliografia Capistraneana*. São Paulo, Tipografia “Diário Oficial”, 1931, p. 18) e Hélio Vianna (*Capistrano de Abreu: Ensaio Biobibliográfico*, Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, 1955, p. 39). Em carta de Capistrano enviada para Ramos Paz e datada de 21 de setembro de 1907, o historiador indicava que tinha mais tempo para aguardar documentos que havia pedido a Paz, por conta do incêndio na Laemmert. (*Capistrano de Abreu. Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Volume 1, 1954, p. 27). Como, de fato, o incêndio na Livraria Laemmert somente ocorreu em 1909, acreditamos que a *História Geral* de Varnhagen tenha sido impressa na casa tipográfica citada por Tancredo de Paiva e Hélio Vianna.

<sup>14</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Volume 1, op. cit., p. 36.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*.

*“Nosso patrício Dias Martins falou com Pedro de Toledo para mandar reimprimí-lo na tipografia de Estatística. Toledo concordou que sim, quando o Diário Oficial sair de lá, isto é, dentro de um ou dois anos. Vou pensar em outra coisa.”*<sup>16</sup>

Anos depois, em uma carta do dia 21 de abril de 1919, Capistrano mencionava o ocorrido ao historiador português, João Lúcio de Azevedo:

*“Admirei-me que não conhecesse a edição do Varnhagen que publiquei em 1907. Alcançou as primeiras 371 páginas, ficou suspensa com o incêndio e a falência da Casa Laemmert. Lembro-me vagamente de que entreguei um exemplar a José Veríssimo para remeter-lhe. Estarei enganado? Terá se extraviado? Andará ainda passeando? Um exemplar dos Capítulos, mandado a Herbert Smith, só foi recebido sete anos depois. Vou ver se arranjo um para V. Não será fácil, porque a catástrofe do Laemmert perturbou tudo.”*<sup>17</sup>

Sobre esse mesmo assunto, em 7 de fevereiro de 1920, Capistrano apontava para o amigo: *“Envio-lhe hoje o exemplar da edição de Varnhagen (Wahren – Hagen – Porto Seguro). Esta parte esgotou-se, queimo-se; não foi adiante porque a casa faliu.”*<sup>18</sup>

Uma segunda tentativa iniciara-se em 1916, prosseguindo até 1926. A terceira edição da obra de Varnhagen, tentada pelo próprio historiador pouco antes de vir a falecer em 1878, somente viria ao público em 1928. Desta vez a responsabilidade caberia a Rodolfo Garcia, historiador próximo a Capistrano. Nas cartas que Capistrano enviava ainda durante o ano de 1926, percebemos que abrisse mão por completo de qualquer participação direta, nessa que viria a ser a única das tentativas que viria a lograr resultados concretos. Mesmo assim, o que pode ser salvo de seus trabalhos iniciais veio a compor o primeiro tomo da obra de Varnhagen e uma pequena parte do segundo<sup>19</sup>. Pelas informações apontadas por Rodolfo Garcia em algumas de suas notas de rodapé, as discussões havidas entre ele e Capistrano de Abreu, devem igualmente ter possibilitado a elaboração de outras tantas anotações realizadas após a morte do historiador.

<sup>16</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, *op. cit.*, p. 37.

<sup>17</sup> Capistrano de Abreu. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Volume 2, 1954, p. 125.

<sup>18</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, *op. cit.* p. 144.

<sup>19</sup> Na terceira edição da *História Geral*, ela foi apresentada, dividida em cinco tomos. Foi editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos incorporada) em 1928.

Afastando-nos desses vários recortes cronológicos e temáticos – a iniciativa de Varnhagen de vir a pesquisar dados e escrever uma História do Brasil; a recepção primeira de seu trabalho; as duas tentativas de Capistrano de vir a estabelecer uma nova edição anotada do trabalho de Varnhagen – é o momento de apresentarmos os indícios que podem viabilizar um exame mais detido dessas ocorrências. Talvez já se tenha deixado claro, quais são as indicações que podem vir a fornecer informações sobre o objeto de nosso estudo – a recepção do trabalho de Varnhagen, da maneira, em especial, que foi realizada por Capistrano de Abreu – mas vamos recuperá-las com mais precisão.

Em primeiro lugar, a correspondência ativa de Francisco Adolfo de Varnhagen<sup>20</sup>, da forma como foi estabelecida por Clado Ribeiro de Lessa, foi composta por 242 cartas apresentadas ao longo de 500 páginas. Dentre os destinatários, encontramos pessoas responsáveis por bibliotecas situadas no exterior, destacando-se Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, diretor da Biblioteca de Évora, em Portugal e Januário da Cunha Barbosa, o secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nas primeiras décadas após a sua fundação. Joaquim Manuel de Macedo, o historiador e professor do Colégio Pedro II, e que antecedeu a Capistrano nessa instituição de ensino, Manuel de Araújo Porto Alegre e Ferdinand Denis, também figuram na lista de destinatários de Varnhagen. E, dentre aqueles para os quais Varnhagen mais se remeteu, como já apontamos, encontrava-se o imperador D. Pedro II.

Nessas cartas, Francisco Adolfo de Varnhagen se mostrava ativo na pesquisa dos textos e documentos que entendia serem os fundantes e necessários para o estabelecimento da história do Brasil. Também é possível que se adentre as tensões promovidas pelas polêmicas entretidas por Varnhagen com alguns historiadores ou literatos que se indispuseram com alguns dos escritos do historiador. De forma semelhante, pode-se perceber suas preocupações na direção de publicar novas edições das obras que realizou.

Em segundo lugar, um conjunto sugestivo de referências se encontra nos dois textos públicos que Capistrano apresentou, como vimos, em 1878 e 1882, e que tiveram como foco de análise, seja o próprio Varnhagen ou sua obra de história. Ambos os artigos devem ser pensados e tomados à luz da divulgação mais ampla que Capistrano pretendeu, ou seja, não se tratam de comentários feitos no interior de uma privacidade

---

<sup>20</sup>Francisco Adolfo de Varnhagen. *Correspondência Ativa*, *op. cit.*

epistolar. Podem ser considerados como já ensejamos, como credenciais de Capistrano, uma vez que são suas primeiras reflexões notadamente sobre a história do Brasil, campo de estudos a que permaneceria ligado por sua vida.

Enfatizamos a publicidade mesmo que saibamos e não superestimemos a recepção desses seus artigos no cifrado ambiente leitor, intelectual e especializado do Brasil, nos finais do século XIX. E é sobre essa perspectiva que devem ser tomados. Tratava-se de um novo acolhimento da *História Geral* de Varnhagen e veio no sentido de estabelecer suas qualidades positivas e negativas, buscando então se afastar das tensões havidas – por vezes, subjetivas – quando dos dois instantes em que foram publicadas as edições anteriores. Um exame detido desses textos, acreditamos, pode vir a revelar algumas das intenções de Capistrano no sentido de recuperar o trabalho de Varnhagen, apresentar indícios do comportamento dos primeiros intelectuais que a receberam, bem como do instante em que Capistrano de Abreu se postava em relação aos estudos de história do Brasil.

Em terceiro lugar, a *Correspondência* de Capistrano de Abreu<sup>21</sup>, já nossa conhecida quando de pesquisa anterior<sup>22</sup> e que oferece uma ampla gama de contribuições para se conhecer melhor as duas tentativas do historiador de vir a publicar uma edição anotada da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. É evidente, que de modo distinto das reflexões públicas, as informações que podemos obter nas cartas, muitas vezes, eram tributárias de uma privacidade, escritos para quatro olhos, como mencionava Capistrano em uma de suas cartas<sup>23</sup>. Além das incertezas perante o trabalho, das dificuldades de se vir a recuperar alguma menção ou documento mencionado – ou não – por Varnhagen, outras impressões podem ser remetidas ao estado de espírito de Capistrano de Abreu, ou às dificuldades de se vir a proceder uma pesquisa histórica no contexto intelectual em que viveu.

Dos remetentes que se ligaram ao trabalho de anotação realizado por Capistrano, nos deparamos com João Lúcio de Azevedo, historiador português e aquele que veio a sustentar a mais intensa relação epistolar com o historiador cearense. Francisco Ramos

---

<sup>21</sup> Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 3 volumes, 1954-1956. E uma segunda edição Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/MEC, 3 volumes, 2ª edição, 1977.

<sup>22</sup> Fernando Amed. *As cartas de Capistrano de Abreu: Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo, Alameda Editorial, 2006.

<sup>23</sup> Carta a Guilherme Studart datada de 21 de setembro de 1901, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, *op. cit.*, p. 152.

Paz, igualmente português e que, por esse motivo, da mesma forma que Azevedo, auxiliava na busca por documentos e fontes nos arquivos e bibliotecas lusitanas. Guilherme Studart, historiador dos assuntos referentes ao Ceará, possuidor de uma coleção de documentos, que Capistrano pretendia se deparar.

Em quarto lugar, temos as anotações que Capistrano veio a realizar e que se encontram no primeiro tomo da terceira edição da História de Varnhagen. Tratam-se de centenas de notas de rodapé que possibilitam acesso ao itinerário da recuperação do texto do historiador paulista. Os comentários de Capistrano permitem que sejam tratados de modo distinto. Algumas notas se valiam da perspectiva da atualização de alguma impressão de Varnhagen. Outras inserções se remetiam à correção de algum juízo emitido pelo historiador paulista. Finalmente, Capistrano também se preocupava com os aspectos tratados por Varnhagen, fosse por não constatar nenhuma fonte que lhe desse suporte ou por acreditar que Porto Seguro tivesse sido subjetivo. Note-se que até a realização do trabalho de Capistrano, nas duas edições anteriores da *História Geral do Brasil*, Varnhagen havia disposto pouco mais de uma dezena de notas. Essa informação já pode remeter às distinções de trabalho de ambos os historiadores, ou seja, ao apontar os equívocos a que Varnhagen teria chegado ou ao demonstrar seus excessos, Capistrano de Abreu também apresentava suas intenções, ou, num certo sentido, o que entendia como sendo o mais correto procedimento de um historiador. A partir desses indícios, acreditamos que seja necessário proceder o aprofundamento com relação aos aspectos que eles podem oferecer. Enfim, o que se pode conhecer a partir do exame desse conjunto de fontes?

Entendemos que ambos os historiadores tenham tido orientações distintas quanto ao que compreendiam como significativo para a pesquisa histórica. Viveram em períodos e gerações diferentes. Foram sustentados – ou não – por espaços que vieram a viabilizar – mais uma vez: ou não – suas pesquisas. Varnhagen pertencendo a um contexto<sup>24</sup> que aspirava a elaboração de uma identidade da nação recém tornada independente. Nessa direção, o trabalho de Varnhagen se relacionava com outras propostas intelectuais ou que, no plano da teoria, pretendiam estabelecer as bases do que se falava no Brasil – a língua -, das etnias pertencentes à nossa sociedade, da geografia específica de nosso país e, finalmente, da literatura que aqui era realizada. Assim, há algo de *precursor* no

---

<sup>24</sup> Ao nos referirmos ao contexto, não ambicionamos a precisão em se perceber uma hierarquia de acontecimentos que podem ter desempenhado influências precisas nas posturas de um intelectual. Nesse sentido, o uso dessa palavra sempre se vale de uma perspectiva relativista.

trabalho de Varnhagen que não é somente uma idéia de que já se sabia o que viria pela frente. Ou seja, não se trata de uma associação operada por uma leitura historiográfica, que feita a seguir, pretendeu se deparar com aqueles instantes passados, portadores de futuro.

Era desejado que a obra de Varnhagen fosse precursora pois antes dela somente nos deparávamos com crônicas ou com textos de autores estrangeiros. Num certo sentido, o mesmo ocorria no campo da literatura. Ao que parece em ambos os casos – historiográfico ou literário – o momento era de iniciar uma nova contagem do tempo, vindo a partir da descoberta – ou da gestação – de parâmetros para o Estado que tinha se tornado Nação. Essas expectativas podem ser mensuradas a partir de algumas menções obtidas nas cartas que Varnhagen enviava. Ou seja, podemos dimensionar suas frustrações para com a recepção de sua história, na medida em que acreditava estar realizando um feito inédito. Varnhagen enfatizava seu investimento na pesquisa, como se ela fosse portadora de um ineditismo e como se o produto final permitisse uma ancoragem mais segura do país, com relação ao seu passado. Nessa direção, pode-se dizer que a história de Varnhagen também visava uma expectativa quanto ao futuro. No mínimo, era manifesto o seu desejo de que sua obra viesse a se tornar uma referência para os estudos, se fossem necessários, que viessem posteriormente.<sup>25</sup>

Do ponto de vista da historiografia, é sugestivo que se procure conhecer os meios que vieram a facultar o trabalho de Varnhagen. Porque estava em Portugal? Como se relacionou às letras e à história? Que suportes permitiam sua permanência como pesquisador nos arquivos e bibliotecas européias? Quais documentos buscava se deparar e ao encontrá-los, o que procurava examinar? Essas são perguntas possíveis e, acreditamos, pertinentes, e todas elas podem ser enfeixadas por uma só questão: como exercia o ofício de historiador? Sendo o primeiro pesquisador a tomar para si tamanha

---

<sup>25</sup> As discussões amparadas pela reflexão de Reinhart Koselleck, como vem demonstrando os trabalhos recentes de Manoel Luís Salgado Guimarães, são elucidativas nessa direção. Ver Reinhart Koselleck. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da PUC-Rio, 2006. De Guimarães, ver “Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista” in Manoel Luiz Salgado Guimarães (organização). *Estudos sobre a escrita da História*. Rio de Janeiro: &Letras, 2006, pp.68-85; do mesmo autor, “Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX” In *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/7Letras, set. 2002, n. 5, pp. 184-200. Também de Guimarães, “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar” in Sandra Jatahy Pesavento (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 9-24. Finalmente, Manoel Luiz Salgado Guimarães, “A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista” in José Murilo de Carvalho (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 93-122.

missão, é pertinente que se pergunte acerca de seus critérios? Enfim, o que era ser um historiador dentre os dos homens de letras da primeira metade do século XIX brasileiro? E quanto à Capistrano de Abreu? Não é correto que o situemos num instante de estranhamento e deslocação? Sim, pois o historiador viveu em meio a alterações de grande monta. Já não era mais relacionado ao circuito daqueles que tinham de oferecer sentidos à nação, fosse do ponto de vista histórico ou literário. Presenciou, mesmo que não tenha sido protagonista, algumas mudanças que também operaram imbricações em seu trabalho. Quando não, poderiam ter sugerido novos focos de estudo ou, antes, dificultado iniciativas na direção do aprofundamento. Capistrano viu a abolição da escravidão, o fim do império e a proclamação da República. Das poucas alternativas institucionais oferecidas pelo segundo império, o historiador conviveu com a decadência dos aparatos imperiais e com o início tateante dos aparelhos de cultura letrada da primeira república.

Pode bem ser que características pessoais – como aliás o historiador também reputava como meio de acesso à obra de Varnhagen – tenham concorrido para que Capistrano tenha sido um historiador um tanto disperso. De fato, alguns de seus trabalhos, concluídos ou não, podem permitir a chegada a essa conclusão. Da Biblioteca Nacional, onde chegou por concurso, seguiu para o Colégio Pedro II. Em 1899, seu cargo de professor de Corografia e História do Brasil foi extinto e ele foi posto em disponibilidade. Disponível é um adjetivo que pode qualificar uma face de Capistrano.

Passou grande parte de sua vida na busca da edição integral da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. Procurou durante mais de trinta anos, dar cabo de um dicionário bacairi, o que também não veio a realizar. Estabeleceu documentos significativos para a história do Brasil, por intermédio e mecenato de Paulo Prado<sup>26</sup>. Além disso, o historiador também veio a descobrir que Fernão Cardim (1540-1625) tinha sido o autor de *Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e de seus Costumes e*

---

<sup>26</sup> A participação de Capistrano nesta série “Eduardo Prado: para melhor se conhecer o Brasil”, deu-se nos quatro primeiros lançamentos, na Reprodução Fac-Símile da *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão pelo Padre Claude D'Abbeville*, Paris, Librairie Ancienne, Edouard Champion, Quai Malaquais 5, 1922; na *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil. Pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça, Fidalgo del Rei Nosso Senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Ofício. Confissões da Bahia*, São Paulo, 1922; *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil. Pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça, Capelão Fidalgo del Rei Nosso Senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Ofício. Denúncias da Bahia*, São Paulo, Empresa Brasil Editora, 1925 e no *Diário de Pero Lopes de Souza (1500-1532)*, São Paulo, 1927. Capistrano elaborou o prefácio de todas estas obras.

*Adoração e Cerimônias*<sup>27</sup>, que Ambrósio Fernandes Brandão (1573(?) -?) havia escrito os *Diálogos das Grandezas do Brasil*<sup>28</sup>, e, finalmente, que André João Antonil, autor de *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, fora, na verdade, João Antonio Andreoni (1649/50-1716).<sup>29</sup>

Mas, para um público não especializado – a maior parte daqueles poucos que buscavam conhecer algo tão abstrato como a história – os feitos de Capistrano, assim como os de Varnhagen, poderiam contar com alguma espécie de reconhecimento? Mesmo que não nos apoiemos em citações abalizadas, elaboradas por estudiosos de ambos os períodos – o que optamos por não fazer agora – acreditamos não incorrer em engano, se sugerirmos o estranhamento que deveria cercar aqueles que se decidiam por abandonar as pesquisas embasadas na prática e que decidiam se orientar pelo sutil percurso do conceito ou da teoria. Parece-nos que um sentimento difuso que era o de se ser um homem de letras, um intelectual ou um historiador, poderia ser direcionado tanto para Varnhagen quanto para Capistrano de Abreu.

Quando mencionamos que os pensadores brasileiros do primeira metade do século, estavam querendo fazer surgir uma identidade própria e genuína para a literatura ou para a história, talvez tenhamos nos esquivado de apontar que também tinham de se inventar como intelectuais. De modo diferente de uma tradição anterior, marcada pela ampla possibilidade de compreensão pragmática e que deixou influências na atmosfera que viveram, havia também que se descobrir o que eram: que dúvidas temos sobre estudos para melhor desenvolver a agricultura ou os negócios? Para Varnhagen, único em sua proposta de elaborar uma história do Brasil, esse desconcerto, pode ser observado pelo número de alusões obtidos em suas cartas ao trabalho de pesquisa que diuturnamente vinha realizando. Será que, subliminarmente, não estaria tentando oferecer concretude ao que vinha realizando? Enfim, não seria exótico, dedicar-se à história do Brasil?<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Fernão Cardim, *Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e de seus Costumes e Adoração e Cerimônias*, Rio de Janeiro, Tipografia da Gazeta de Notícias, 1881.

<sup>28</sup> Capistrano de Abreu, artigos publicados no *Jornal do Comércio* de 24 de novembro de 1900 e de 24 de setembro de 1901.

<sup>29</sup> O historiador publicou esta descoberta no texto “Informações e Fragmentos Históricos do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1584-1586)”, in *Materiais e Acheegas para a História e Geografia do Brasil*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.

<sup>30</sup> A reflexão mais significativa quanto a esse aspecto foi àquela operada pela professora Maria Odila Leite da Silva Dias, “Aspectos da ilustração no Brasil” in *A interiorização da metrópole e outros estudos*.

E Capistrano? Desvinculado informalmente das instituições promotoras de estudo e pesquisa de história do Brasil. Distante do convívio social e da colocação em prática das conveniências necessárias para se atingir um posto ou conseguir uma proposta de trabalho. Marcado pela falta de ambição, mesmo que possuindo relações com nomes importantes de sua época, como ministros de Estado ou industriais. Constante crítico da ausência de cuidado com as fontes que importavam a história do Brasil. Resolvendo-se a se entrincheirar nas epístolas como meio de interlocução e de defesa quanto à necessidade de ter de sair do Brasil. Tudo isso, enfim, não pode igualmente demarcar um deslocamento quanto ao fato de se ter descoberto como historiador, num local que ainda não apresentava traços indicativos quanto à pertinência dessa profissão? Perceba-se que não estamos falando da França, que ao menos desde o século XVIII, contava com algum espaço de acolhida de pensadores, tanto nos palácios da realeza quanto nos salões ilustrados do período regencial. Não nos encontramos na Alemanha, cuja tradição de independência de pensamento, já se deixava transparecer desde o século XVI, com as manifestações de Martinho Lutero. Ainda não nos deparamos com os meios facultados pelas universidades, que em nosso país, se tornaram uma realidade aplicável – mesmo que singela – apenas na década de 30 do século XX. Mais do que descobridor de fontes significativas para a história do Brasil, Capistrano continuava na seara de Varnhagen, que era a de se desvendar os atributos e qualificações relativas ao ofício do historiador.

As fontes mencionadas anteriormente também oferecem possibilidades de aproximações para com o que um historiador pensava sobre outro que o antecedeu. Ao abordar Varnhagen, Capistrano não estaria dando sinais sobre seu próprio entendimento do que deveria ser a atitude de um historiador? E, nesse sentido, nos deparamos com grandes diferenças, bem como tomamos contato com permanências que se agregaram ao trabalho do historiador de uma geração para outra. Enfim, como dissemos, ao pensar sobre Varnhagen, Capistrano tomava a si próprio como referência? E se não foi assim, de modo integral, quais eram os seus suportes? Pretendeu Capistrano de Abreu realizar um *aggiornamento*, especialmente quanto aos métodos de pesquisa, coleta documental e escritura de um texto de história? E era exatamente esse o principal problema que viu em Varnhagen? Ou seja, pertencendo ao século de Ranke, que motivos teria Varnhagen em desdenhá-lo? Dessas questões e de outras que lhes surgem encadeadas, acreditamos

que o trabalho adiante veio a cuidar, não de respondê-las na totalidade, mas ao menos de nuançar algumas tentativas de reflexão.

Resta-nos agora, apresentar justificativas ou referências teóricas - quanto ao método adotado – que deram suporte ao trabalho que ora apresentamos, que, esperamos, esteja mais esclarecido.

Em um passagem recorrente da *Metafísica* de Aristóteles, ficamos sabendo que, para o filósofo, todas as cogitações não remetidas à prática, nascem do ócio. No período em que viveu, a personificação daquele que *pensava* pode ser talvez bem descrita como sendo alguém que se afastou das necessidades de sobrevivência empírica – uma vez que os escravos poderiam dar cabo dessas tarefas – e se dirigiu tão somente às especulações. Desse modo, o filósofo – substantivo que define o ser de modo indireto: aquele que tem afinidade pela sabedoria, mas que não é um sábio, propriamente dito – por definição, dirige seu tempo e empenho, rumo às questões que não se remetem a objetividade mundana.

Acreditamos que esse sentido aristotélico pode ser direcionado para algumas das dificuldades de compreensão daquilo que gira em torno da palavra intelectual. Não se trata aqui de retomar de forma exaustiva, as alterações quanto aos sentidos desse termo, mas algumas impressões podem ser abalizadas ao longo da história. Percebe-se que a atuação de pensadores raramente foi vista com naturalidade, talvez pelo fato de se qualificarem em algo que não guarda ligações diretas com a materialidade. Assim, salvo exceções, como em Atenas do século V, nos mosteiros beneditinos da Idade Média, no período renascentista ou iluminista, para permanecer somente nesses casos, a atuação dos intelectuais nem sempre foi algo de essencial para o que se entendia como desenvolvimento de uma sociedade, principalmente quando são levados em consideração, os índices de produção. Lembramos que essa era uma das preocupações de Aléxis de Tocqueville, na *Democracia na América*, obra que, como se sabe, veio como resultado de sua visita aos Estados Unidos, em 1831. Ou seja, o teórico se preocupou com a ausência de homens que viessem a se dedicar à teoria, se esta se afastasse das possibilidades de aplicação. É também conhecida a passagem, quando Tocqueville comparava a recepção que os dramaturgos tinham, por exemplo, na corte de Luís XIV, mesmo quando promoviam aspectos que poderiam vexar o rei. E nada era feito contra eles.

*Chez les nation les plus de l'ancien monde, on a publié dès ouvrages destinés à peindre fidèlement les vices et les ridicules des contemporains ; La Bruyère habitait le palais de Louis XIV quand il composa son chapitre sur les grands, et Molière critiquait la cour dans des pièces qu'il faisait représenter devant les courtisans. Mais la puissance qui domine aux Etats-Unis n'entend point ainsi qu'on la joue. Les plus léger reproche la blasse, la moindre vérité formes de son lanagage jusqu'à ses plus solides vertus.*<sup>31</sup>

Essa situação – grosso modo – pode ser adequada ao nosso exame. Ao menos até 1808, as questões mais afeitas ao exercício intelectual pareciam ser fruto de um certo exotismo. Experiências existiram em academias de curta duração na Bahia ou no Rio de Janeiro, durante o século XVIII e o mesmo pode ser dito com relação a atuação de homens ligados às letras no movimento da Inconfidência Mineira<sup>32</sup>. Mas se tratam de casos isolados. A situação começou a se alterar, como se sabe, com chegada da família real em 1808. A partir daí, instalaram-se em nosso país, alguns dos aparatos que podem permitir ou viabilizar, o trânsito de intelectuais. Pensamos na criação de um arquivo, de uma biblioteca e, futuramente, das faculdades de direito. Diga-se que, mesmo assim, a formação mais desejada, era aquela que pudesse redundar em resultados práticos, como por exemplo, a atuação política.

E especialmente após o período regencial, bem como quando da chegada ao poder de D. Pedro II, percebe-se a recepção – por parte de um círculo restrito de homens ligados ao poder imperial – de planos ou programas que viessem a apresentar com mais nitidez, os contornos de uma identidade literária ou no campo estrito da língua portuguesa ou da história. Tratavam-se de homens de letras incumbidos da missão de virem a estabelecer o que se entendia como nação brasileira. Tributários de uma maneira difusa, da vaga romântica que tomou a Europa, a partir da Alemanha, bem como da retomada dos escritos de Jean-Jacques Rousseau, esses poetas e historiadores brasileiros, tomaram para si a crença de que deveria se buscar àquilo que, genuinamente, fosse brasileiro. A esse respeito, talvez seja pertinente citar uma menção de Isaiah Berlin sobre o Romantismo, recuperado de um ensaio onde pretendia apontar o que teria levado as utopias ocidentais à decadência. Nesse sentido, uma das oposições nuançadas pelo pensador, se encontrava no fato de que, no romantismo, romper-se-ia a unidade

<sup>31</sup> Aléxis de Tocqueville. *De la démocratie em Amérique*. Paris : Éditions Gallimard, Volume I, 1986, p. 383.

<sup>32</sup> A esse respeito, o trabalho mais completo é o de Íris Kantor. *Esquecidos e Renascidos: Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1759)*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.

defendida pelo renascimento e pelo iluminismo, onde virtude era vista como igual a conhecimento. Ou seja, o que era visto como bom para um homem ou nação, era da mesma forma compreendido como bom para todas. Com relação às mudanças provocadas pelo romantismo, dizia Berlin:

*Nada disso é válido para aqueles influenciados pela nova doutrina romântica. O pintor cria, não copia. Ele não imita; ele não obedece a regras; ele faz as regras. Os valores não são descobertos, são criados; não são encontrados, mas elaborados por um ato da vontade imaginativa e criadora, do mesmo modo como são criadas as obras de arte, a política, os planos e os padrões de vida. Pela imaginação de quem, pela vontade de quem? Fichte fala da individualidade, do ego; quase sempre, ele identifica essa individualidade com um espírito universal, infinito e transcendental (...) Outros identificam essa individualidade com outro tipo de espírito ou força supra pessoal: a nação.<sup>33</sup>*

O autor prosseguia apontando que essa individualidade poderia ser buscada no povo ou na cultura. É interessante que se enfatize que as particularidades buscadas pelo romantismo alemão ou inglês, por definição, poderiam vir a ser algo em dissonância com o que até então se entendia como normatizado. Ou seja, fosse nas telas de Gericault ou nos poemas de George Byron, não se pode procurar por indícios programados de uma atuação estética, uma vez que se acreditava que a vontade era livre e por isso criadora. Os nossos homens voltados às letras, acometidos da missão de se elaborar uma identidade para a jovem nação, não se moviam com tamanha liberdade. Isso pode ser explicado inclusive, pela ausência de meios que viessem a lhe facultar, por exemplo, um contato com a opinião pública, também algo de inexistente no Brasil do século XIX. Enfim, não se percebia no país, uma tradição de aproximação aos elementos sutis que correspondem e se articulam nas letras. Era com certeza, mais provável, que o cotidiano da nação viesse a ser alterado por conta de uma lei que dificultasse a entrada de escravos do que com relação ao lançamento de uma obra sobre história ou um poema.

Algo distinto ocorria, em 1838, na França, como se percebe nessa indicação de Jefferson Cano:

---

<sup>33</sup> Isaiah Berlin, "O declínio das Idéias utópicas no Ocidente". Berlin, Isaiah. *Os limites da utopia: capítulos da história das idéias*. São Paulo Companhia das Letras, 1991 (primeira edição em inglês, de 1959). p. 46.

“Em 1838, um grupo de escritores franceses (entre eles, Victor Hugo, Frédéric Soulié, Alexandre Dumas, Honoré de Balzac e Georges Sand) chegaria a fundar uma *Société des Gens des Lettres*, que, além de servir como uma sociedade de socorro mútuo, tinha por finalidade a proteção da propriedade intelectual, arrecadando para os autores os direitos de reprodução de suas obras.”<sup>34</sup>

Como continuava o autor, apesar de contar com alguns homens de letras, não havia no Brasil, qualquer indício de público consumidor de literatura. Mas, nos momentos que se seguiram à instauração do segundo império, mesmo que de maneira acanhada, começaram a ser encetados alguns programas que viessem a adequar o Brasil em relação às outras nações civilizadas do mundo. Nesse sentido, é correto que se tome a primeira metade do século XIX brasileiro, como um momento de desembarque de modelos e referências culturais, àquelas relacionadas ao modo de se fazer literatura ou história. O que acima apontamos como a dificuldade dupla que era a de se vir a conceber uma nação – do ponto de vista teórico – parece também se ajustar ao caso dos historiadores. Ou seja, haveria também que se inventariar – ou fundar - as qualificações desse ofício. Mas o que poderia ter concorrido para que Francisco Adolfo de Varnhagen, fosse percebido como alguém que apresentava aptidões para um desempenho diferenciado?

Nas páginas das *Revistas do IHGB*, publicação contemplada por artigos deste historiador, em seus primeiros números, nos deparamos com modelos que parecem ser tributários da crônica. Tratavam-se de pequenas passagens que supostamente interessavam à história de uma ou outra província. E na maior parte dos casos, reconhecemos histórias genealógicas, como o que se ambicionasse, fosse recuperar ligações passadas dos autores com seus ancestrais, que tinham realizado grandes feitos no passado. Um caso distinto e que veio a destoar, foi intermediado por Varnhagen, nesse instante, muito próximo da busca mais rigorosa pela objetividade.

Tratava-se de um artigo intitulado "Primeiro juízo remetido ao Instituto Histórico acerca do *Compêndio de História do Brasil* do Sr. José Inácio de Abreu e Lima", publicado em 1844.<sup>35</sup> José Inácio de Abreu tinha apresentado à apreciação dos associados do IHGB

<sup>34</sup> Jefferson Cano. *O Fardo dos Homens de Letras: o "orbe literário" e a construção do império brasileiro*. Campinas, Unicamp, Tese de doutorado, 2001, p. 5.

<sup>35</sup> *Revista do IHGB*, tomo VI, número 21, 1844.

uma obra de história do Brasil, o *Compêndio de História do Brasil*,<sup>36</sup> que havia realizado e que entendia, poderia se tornar uma referência para os estudantes dos - poucos - cursos elementares existentes no nosso país, naquela época.<sup>37</sup>

Nesse texto, Varnhagen iniciou enumerando as qualidades, do Imperador, por conta do interesse devotado às artes, depois elogiou os editores e artistas pela distinta maneira com que promoviam o adiantamento das artes, tipos e litografia no nascente Brasil.

Mas, o momento de definição com relação às críticas ao que foi elaborado por Abreu e Lima, foi anunciado da seguinte forma:

*"Mas, infelizmente para nós e infelizmente para as letras e para a nossa história, tanto prazer, tanto entusiasmo tinha de ser correspondido por uma reação toda de melancolia e de tristeza."*<sup>38</sup>

A seguir, Varnhagen recuperava a importância de Southey, recentemente falecido. E citando-o textualmente dizia que sua obra poderia ser superada quando alguém se dispusesse a consultar os arquivos em Lisboa. Varnhagen salientava em dado momento que Southey seguia os modernos critérios dos historiadores que era o de citar à margem e em notas os fundamentos de seus juízos e discursos, menção curiosa para aquele que se detivesse na obra de Varnhagen que seria publicada 10 anos depois.

E esse foi o mote para que Varnhagen apontasse que a obra de Beauchamp<sup>39</sup>, era plágio da elaborada por Southey<sup>40</sup> e que ficaria no esquecimento, não fosse o compêndio realizado por Abreu e Lima, ou seja, ele havia copiado textualmente um outro plagiário. Na linha das polêmicas, Varnhagen salientava que não se tratava de nada pessoal, nem com relação ao autor, nem com relação aos editores. E foi mencionando os parágrafos que eram idênticos, e que eram vários e substantivos.

Pode ser que nesse momento, Varnhagen demonstrasse um certo domínio da exegese documental por já estar preocupado com a história que estava realizando. O que pode

<sup>36</sup> *Compêndio da história do Brasil*, pelo general J. I. de Abreu e Lima, Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, dois volumes, 1843.

<sup>37</sup> A esse respeito, ver Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves. "A história para uso da mocidade brasileira" in José Murilo de Carvalho (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*, op. cit., pp. 71-92.

<sup>38</sup> *Revista do IHGB*, número 21, de abril de 1844.

<sup>39</sup> *História do Brasil desde a sua descoberta até 1810*, escrita em francês por Affonso de Beauchamp e traduzida em português pelo padre Ignácio Felizardo Fortes, Rio de Janeiro, Imprensa Régia, dois volumes, 1818-1819.

<sup>40</sup> *História do Brasil*, traduzida do inglês por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e anotada pelo cônego J. C. Fernandes Pinheiro, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, seis volumes, 1862.

ser sugerido por sua impressão de que, consultando arquivos em Lisboa – o que ele estava fazendo – poderia ser realizada uma obra que superasse a de Southey. Assim, talvez o exame mais acurado que operou guardasse, alguma relação de conveniência, que seria a de comprovar que ainda não se havia realizado uma obra tal que visse a superar a de um historiador estrangeiro. Varnhagen então, estaria apontando a necessidade da continuação de seu trabalho nos arquivos europeus. Mas, talvez os novos métodos de exame documental – o que, nas proximidades da atuação de Varnhagen, correspondia às preocupações de Leopoldo Von Ranke (1795-1886) – não fossem reconhecidos pelo historiador como uma referência. E, de fato, por que o seriam? Talvez fosse somente uma demonstração de que não seria essa a obra que daria conta da ausência de uma História Geral do Brasil. Ou seja, Varnhagen poderia estar somente demarcando o seu território.

Esse percurso também pode nos conduzir a uma gama de autores que igualmente foram motivados pela análise dos eventos ocorridos na mesma época, em outras nações. Ou seja, trata-se de se observar os modos através dos quais as concepções rankeanas foram se estabelecendo num critério, que com o tempo, se tornaria majoritário. E isso não veio a ocorrer de maneira tranqüila. Pensamos por exemplo em Anthony Grafton, que numa obra em especial, dedicou-se ao estudo do caso das notas de pé-de-página. Reputando, aliás como outros que se detiveram nesse assunto, Leopold Von Ranke, como um dos responsáveis imediatos pelo que seria a sistematização das normas de citação, com vistas ao alcance da objetividade por parte dos historiadores, Grafton, veio a apresentar as controvérsias, digamos, na mudança da sistemática da escritura dos textos em história. Para esse autor,

*O surgimento das notas de rodapé – e dos artifícios a ela associados, como apêndices documentais e críticos – separa a modernidade histórica da tradição. Tucídides e Joinville, Eusébio e Matthew Parks não identificavam suas fontes ou refletiam sobre seus métodos em textos paralelos as suas narrativas – um fato que provoca manifestações de consternação da parte de hipócritas, mas também dá emprego a pelotões de classicistas e medievalistas. Nos últimos séculos, ao contrário, a maioria das histórias – exceto aquelas escritas para divertir o público mais vasto de não especialistas e umas poucas destinadas a provocar a pequena comunidade de especialistas – tem adotado uma versão da forma padrão dupla. A presença das notas de rodapé é essencial. Elas constituem sinais exteriores e visíveis de graciosidade*

*interior – a graciosidade infundida na história quando esta foi transformada de narrativa eloqüente em disciplina crítica. Nesse ponto, o escrutínio e a citação sistemáticos da prova original e dos argumentos formais em favor de uma fonte em relação a outra se tornaram ocupações necessárias e atraentes para os historiadores.*<sup>41</sup>

Mas, no caso da *História Geral do Brasil* de Varnhagen, como observamos, ele passou longe de se servir das notas com a acuidade prescrita por Ranke. Talvez esse fosse um traço que tenha possibilitado a Capistrano, acentuar a necessidade de, primeiro conhecê-lo, do ponto de vista pessoal, para depois de se enveredar pela leitura de seu texto. De todo modo, Varnhagen trouxe uma certa marca de modernização – ou atualização – por procurar embasar suas informações em documentos, mesmo que Capistrano tivesse apontado que, em vários instantes, não os citava. No entanto, a *operação historiográfica*<sup>42</sup> relativa a Varnhagen, foi realizada de maneira distinta daquela de Ranke. As preocupações do historiador alemão talvez possam ser remetidas a uma ambiência, mesmo que difusa, que se remetia ao empenho de vir a aproximar as ciências humanas – as *gaistwissenschaft* – das ciências naturais – as *naturwissenschaft*. Mas, as iniciativas de Ranke poderiam igualmente ser ponderadas à luz da obsessão dos povos de língua alemã de virem a se constituir num todo, unificado e coerente, enfim, uma nação que possuía traços particulares, uma identidade própria. O historiador, nesse sentido, pode ser refletido no interior da atmosfera do romantismo alemão e em sua oposição ao universalismo iluminista.

Mas não parece que Varnhagen veio a se preocupar com as reflexões sobre o método de pesquisa ou escrita em história. Nada indica, por exemplo, que tenha lido as obras de Ranke. Através de suas cartas, nos instantes em que se dedicava à história do Brasil que ia realizando, percebe-se que não teria tempo algum para se dedicar à teoria, alíás, campo que não pareceu devotar muito interesse. Ou seja, imbuído da tarefa de conduzir a um porto seguro, a ampla gama de documentos que ia colhendo, Varnhagen pareceu desejar que uma única nota restasse com relação ao seu trabalho: a de que ele era o autor de tamanha façanha. Não se trata, ao que parece, de reconhecer no empenho do historiador paulista, um engajamento filosófico, nos moldes do que pode ser aproximado com relação a Ranke, bem como ao romantismo alemão.

---

<sup>41</sup>Anthony Grafton. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*, Campinas: Papirus, 1998, pp. 31, 32.

<sup>42</sup>Servimo-nos aqui da reflexão oferecida por Michel de Certeau. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

Note-se que, de maneira muito distinta, essa não era a postura de Capistrano de Abreu, conhecedor de Ranke e que acreditava na necessária remissão às notas. O método de pesquisa era essencial para Capistrano, e ao defini-lo em sua prática, uniu-se a Ranke, especialmente quanto ao espírito de demarcação e fundamentação do campo historiográfico. Nas cartas, essas preocupações eram sinalizadas, quando orientava informalmente os historiadores próximos a ele.

Guilherme Studart, historiador conterrâneo de Capistrano e que se dedicava à história do Ceará, que o diga. Numa carta datada de 20 de abril de 1904, Capistrano, ao receber os *Documentos para a História do Brasil*, de Studart, indispôs-se quanto ao fato de não se deparar com a correta citação de fontes:

*“Por que não dás a procedência dos documentos que publicas? Félix Ferreira, sujeito aliás pouco fidedigno, contou-me que indo um dia visitar Melo Moraes, encontrou-o queimando documentos, explicou-lhe o alagoano historiador, porque mais tarde, quando quiserem estudar História do Brasil hão de recorrer às minhas obras. Tu não és Melo Moraes. Varnhagen, pelo menos na Torre do Tombo, levou para casa alguns documentos e se esqueceu de restituí-los: não podia depois indicar a procedência. Tu não és Varnhagen. Por que motivo, portanto, te insurges contra uma obrigação a que se sujeitam todos os historiadores, principalmente desde que, com os estudos arquivais, com a criação da crítica histórica, criada por Leopoldo von Ranke, na Alemanha, foi renovada a fisionomia da História?”*<sup>43</sup>

A apreciação positiva de Capistrano com relação à Varnhagen poderia ser remetida ao faro pela descoberta de documentos significativos. Como já dissemos, talvez tenha sido em Varnhagen, que Capistrano primeiramente tenha se deparado com a *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. Mas lastimava o fato do historiador paulista não tê-la confiado em algum local seguro. De toda maneira, partindo de Varnhagen ou de João Francisco Lisboa, que também esteve em missão de coleta documental em Portugal, Abreu procurou reconstituir o provável trajeto desse texto, que, como afirmamos, nunca veio a se deparar integralmente. Do ponto de vista rankeano, para Capistrano de Abreu, Varnhagen era um verdadeiro desastre. Diga-se, que no interior das preocupações de Capistrano de Abreu, a objetividade era um ingrediente de especial atenção. Parte dessa importância pode ser observada na carta que enviara para Guilherme Studart.

---

<sup>43</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart, datada de 20 de abril de 1904, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, op. cit., pp. 165-166.

Peter Gay, ao comentar o trabalho de Ranke, também trouxe contribuições no que diz respeito à ambição pela clareza e objetividade, de certo modo, inspirada pelas ciências naturais. Para o historiador,

*A contribuição de Ranke à ciência histórica, pois, residia em sua visão enaltecida dos documentos. Era não tanto uma questão de inovação técnica, mas de estilo pessoal. Ele aplicava, de maneira sistemática e em larga escala, aquilo que os estudiosos anteriores haviam restringido a objetos especializados, empregando para finalidades estritamente definidas. (...) Chegará o tempo, foi sua profecia no prefácio a **Reforma**, em que os historiadores já não deverão de escrever a nova história a partir de tratamento secundários ou sequer de historiadores da época – exceto na medida em que possuísem um conhecimento direto -, mas basear-se-ão inteiramente nos relatos das testemunhas e nas fontes mais autênticas e mais imediatas.<sup>44</sup>*

O aparato rankeano, aplicado como meio de se chegar à verdade daquilo que havia acontecido no passado, ajustava-se aos interesses românticos de se vir a deparar com o que representasse a identidade de um povo, ou, no nosso caso, de uma nação que repentinamente surgiu. Mas que não se pense que a historiografia moderna produziu um rompimento com o modo que até então se abordava a história. Nesse sentido, apresentando inícios clássicos, pertinentes então ao que se pensava sobre a história na antiguidade, Arnaldo Momigliano recuperou elementos que sugerem a filiação da historiografia moderna, por exemplo, junto aos gregos.

*O que me parece ser tipicamente grego é a atitude crítica com relação ao registro dos acontecimentos, isto é, o desenvolvimento de métodos críticos que nos permitem distinguir entre fatos e fantasias. Até onde vão meus conhecimentos, nenhuma historiografia anterior à dos gregos ou independente desta, desenvolveu estes métodos críticos; e nós herdamos os métodos gregos.<sup>45</sup>*

Talvez então, não seja o caso de se ver a história das preocupações historiográficas a partir de uma perspectiva teleológica, como se novos métodos fossem surgindo e superando àqueles que os antecederam. Práticas ou orientações parecem ser retomadas, mais exatamente por melhor se ajustarem aos interesses de um determinado momento.

<sup>44</sup> Peter Gay. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp. 74, 75.

<sup>45</sup> Arnaldo Momigliano. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2004, p. 55.

Num instante – como de uma maneira geral, o século XIX – em que a identidade de uma nação poderia vir a ser um diferencial necessário para que viesse a se destacar no cenário mundial, a história aparecia como um meio bastante adequado. Assim, era conveniente que se buscasse distinguir a história da ficção – na Europa, era necessário que se distanciasse de Walter Scott e, no Brasil, das crônicas. E,urgia que tudo fosse comprovado a partir de fontes críveis e que elas fossem reconhecidas através de um método transparente e com ares científicos.

E foi em meados do século XIX, que se recuperou um anseio mais significativo na direção de apresentar uma história que viesse, em proximidade com outros campos da ciência, a se apresentar como inconteste, e isso, a partir da comprovação das fontes e de todo o suporte mais formalizado relacionado a própria concepção de método. Observe-se, que do ponto de vista dessa sistematização e visando referências históricas mais definidas, essas práticas foram sendo inseridas em algumas das nações do século XIX, aparentemente afinadas com a aproximação de uma caracterização, fosse por conta das necessidades de configuração de um perfil laico, fosse pela ambição de se deparar com bases que viessem a justificar o que se ambicionava ver no presente.

Esse sentimento foi percebido por Elias Saliba em seu trabalho sobre as *Utopias românticas*<sup>46</sup>.

*“A experiência das mudanças aceleradas, pelas quais passava a sociedade, tornara praticamente impossível ignorar a variável temporal; o tempo da história passou a ser visto como virtualmente aberto, perpetuamente exposto ao desmentido das circunstâncias que podiam, de forma imprevisível, colocar tudo em questão, modificando a totalidade do quadro existente.”*<sup>47</sup>

E, percebendo a perspectiva da tomada da história – em relação às novas formas em que poderia ser examinada e narrada – em algo equivalente a uma utopia, ou seja, na possibilidade de viabilizar a migração rumo à perfectibilidade, Elias adicionava:

*“Era necessário, segundo esta nova ótica historicizante, decifrar a origem, frequentemente encoberta, do referido fenômeno; compreender o seu desenvolvimento peculiar, próximo ou remoto; restituir sua peculiaridade, redimensionando-lhe sua “cor local” e seu sentido temporal. Não mais um mero “conjunto de probabilidades”,*

<sup>46</sup> Elias Thomé Saliba. *As Utopias Românticas*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.

<sup>47</sup> *Ídem*, p. 53.

*como queria Voltaire, mas uma recuperação compreensiva, humana, com profunda empatia, do passado – que projetasse, como um fecho de luz, o sentimento interior dos indivíduos e dos povos, em busca de sua própria identidade.”*<sup>48</sup>

Em algumas nações, houve uma atuação mais enfática e objetiva no sentido conferir uma estrutura científica ao empreendimento da história. Nos Estados Unidos, por exemplo, percebe-se, ao final do século XIX, uma atuação na direção de sistematizar e distinguir os estudos de história, fato anotado por Sérgio Buarque de Holanda num estudo publicado em 1974. No intuito de observar os distanciamentos e as permanências do pensamento e da prática de Ranke, Sérgio Buarque apontou:

*Em estudo recente sobre a imagem de Ranke no pensamento histórico da Alemanha e dos Estados Unidos*<sup>49</sup>, foi dito, por exemplo, que, ao tempo de sua morte, a idéia que se passou a formar a seu respeito entre autores norte-americanos, diversa daquela que se vem ultimamente desenvolvendo depois do influxo de professores europeus imigrados, prendia-se a seus métodos de ensino e de pesquisa, que correspondiam bem ao desejo de dar respeitabilidade científica à História. Transplantaram-se para a América do Norte, os seminários, e o nome de Ranke passou ali a ser identificado, pelas mais diversas correntes, com a história científica, e assim continuaria a sê-lo por várias décadas. Seria ele, verdadeiramente, o “pai da ciência da História”, e chegou-se a associá-lo, curiosamente, ao Positivismo. Para os historiadores alemães, ao contrário, Ranke passou a tornar-se a antítese do empirismo não-filosófico, e com raízes no idealismo.<sup>50</sup>

Pode ser que as intenções de se caminhar para uma visão mais profissional e institucionalizada da história, no caso norte-americano, guarde proximidade com os desdobramentos da Guerra Civil. Ou seja, de modo semelhante ao que se processava nos países de língua alemã, também nos Estados Unidos, era importante que se encontrasse traços nítidos e seguros que pudessem vir a distinguir a nação. E do ponto de vista da filiação de pensamento, os primeiros historiadores dos Estados Unidos que buscaram a profissionalização, no entorno da fundação da *American Historical Association*, em 1884, valiam-se concretamente de uma proximidade com o circuito de

<sup>48</sup> *Ídem*, pp. 53, 54.

<sup>49</sup> Sérgio Buarque se remtia a Georg G. Iggers. “The image of Ranke in American and German Historical thought”, in *History and theory*. Haia, Mouton & Co., 1962, V. II, número 1, p. 18.

<sup>50</sup> Sérgio Buarque de Holanda. “O atual e o inatual em Leopold von Ranke”, Introdução a *Ranke*, Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Editora Ática 1979, p. 17. Originalmente publicado na *Revista de História*, São Paulo, número 100, 1974.

intelectuais germânicos. Observando que inúmeros jovens universitários norte-americanos se dirigiam para a Alemanha, Peter Novick, historiador que se dedicou ao tema, deu sinais significativos quanto ao que os atraía:

*“As American historian constructed their system of professional norms, and in particular the central norm of objectivity, they drew heavily on various European currents of thought. German historical scholarship was an unavoidable model – and had the advantage of borrowed prestige. Much the same was true of “scientific method”, in an age when scientificity was the hallmark of the modern and the authoritative. They opted for an austere style which would clearly distinguish professional historical work from the florid effusions of the amateur historians whom the professional sought to displace”*<sup>51</sup>

E o contato com o sistema universitário germânico possibilitava a chegada a um modelo de pesquisa e erudição, assumido pelos jovens norte-americanos que iam para a Alemanha. Como se percebe:

*In the historische Vorseminarien of their German mentors, graduate students encountered a dazzling array of refined and esoteric techniques for ferreting out and verifying the historical fact: paleography, numismatic, epigraphy, sphragistics, and many more. Technique was important, but even more important was rigor, assiduity in research, an infinite capacity for the most pains taking and arduous pursuit of the fact. Their ideal was the man who would “cross an ocean to verify a comma”.*<sup>52</sup>

Enfim, nos Estados Unidos, ao final do século XIX, caminhou-se para a profissionalização do historiador. Neste sentido, era necessário que esse ofício viesse a possuir traços mais rigorosos. No caso norte-americano, o lugar da história e do historiador precisavam ser definidos:

*“The usual picture of the professionalization of history is one of a speedy and dramatic transformation, rapidly approaching the common list of criteria of a profession: institutional apparatus (an association, a learned journal). Standardized training in esoteric skills, leading to certification and controlled access to practice, heightened status, autonomy.”*<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> Peter Novick, *That Noble Dream: the “objectivity question” and the American historical profession*. New York, Cambridge University Press, 2005, p. 21.

<sup>52</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>53</sup> *Idem*, pp. 47, 48.

E, segundo o autor, esse empenho já poderia ser percebido nos canais de apresentação das pesquisas que eram realizadas, como se percebe,

*“ An often invoked symbol of the transformation was that only one out of the thirty-four contributors to Justin Winsor’s **Narrative and Critical History of America**, which appeared in the late 1880s, had received professional historical training, and the great majority were not academics; whereas in the next multivolume general American history, the **American Nation** series, launched only fifteen years later, twenty-one of the twenty-four authors were university professors, and but two had done graduate work in history. ”<sup>54</sup>*

Mas, de modo semelhante às outras significativas transformações que se operaram no final do século XIX, e que se orientaram pela visão de adequação compulsória aos critérios assumidos como objetivos, as alterações quanto aos modos de se fazer a historiografia, não foram assumidas unanimemente. O investimento na formação de historiadores profissionais conduzia a uma necessidade de distinção, nos moldes do que se operava nas ciências aplicadas. Assim, aqueles que não se adequassem às orientações científicas, quanto ao tratamento da pesquisa em história, poderiam ser tomados como amadores. Além disso, a opção pelo tratamento diferenciado das fontes e documentos históricos, transplantava as narrativas para o interior de um público mais reduzido, àquele que viesse a possuir meios para a compreensão das novas produções.

Ou seja, a sistematização da prática historiográfica, além da concepção de história como disciplina, da necessidade imperiosa da formalização das notas de rodapé e da demonstração criteriosa das fontes documentais, também compunha a publicidade do exame crítico daquilo que era abordado. Talvez a parte mais difícil de toda essa empreitada, e isso por razões até óbvias: a exposição dos historiadores à crítica realizada por seus pares. Esse mal-estar pode ser observado nos Estados Unidos, no Brasil – no caso da recepção da obra de Varnhagen ou nas críticas públicas que Capistrano fazia aos historiadores, seus contemporâneos – ou na França.

Nesse sentido, o apego que Varnhagen manifestava com relação ao seu trabalho, pode ser tomado como indicativo de que não estava disposto ao exame público. Entretanto, pode ser que essa dificuldade não fosse somente devida à sua personalidade, mas sim, uma defesa frente ao acanhado mas competitivo grupo de letrados do segundo império.

---

<sup>54</sup> *Idem*, p. 48.

Mas perceba-se, mais uma vez, que Varnhagen não veio a realizar seu trabalho num ambiente semelhante ao narrado por Novick, quando da primeira elaboração mais sistemática da história dos Estados Unidos. Diferentemente dos casos apontados por esse autor, Varnhagen pareceu oferecer como crédito para a comprovação de seus juízos, somente o fato de estar trabalhando a sério e vasculhando os arquivos e bibliotecas estrangeiras. Por não ter sido generoso na apresentação de notas de rodapé, indicativas dos documentos que encontrava, parece-nos que Varnhagen justificou a verdade de suas alusões, também de modo pessoal. Ou seja, seu caráter e honestidade – aspectos subjetivos – é o que davam suporte à crença de que estivesse falando sobre verdades acontecidas. Mas, as preocupações de Capistrano de Abreu, desde seus textos públicos, passando pelos comentários que fazia em suas cartas, bem como no resultado final da anotação da obra de Varnhagen, pareciam operar num território muito próximo daquele situado por Peter Novick, com relação às preocupações para com a objetividade histórica, no final do século XIX, nos Estados Unidos.

Um outro aspecto mencionado pelo historiador norte-americano, também é sugestivo para que se pense na atuação de Varnhagen: sua recepção às críticas. A exposição pública dos deméritos de um trabalho estava muito longe de ser tomada com a imparcialidade propalada pelas necessidades do imperioso tratamento objetivo à história. E, além disso, agregue-se ao problema, a idealização que parece ser a aceitação das críticas, como se tivessem vindo de pessoas que não se ligam a grupos de interesse, ou de afinidade ou de confronto. Num sentido, não se trata então de se perceber como ultrapassado ou apenas remetido à uma atmosfera do século XIX, as complicações envoltas no tratamento das críticas mais ferozes que eram recebidas. Esse parece ser um ponto bastante controverso e muito dificilmente poderá se tornar um indício para a aceitação da objetividade na história. Não se tratam de aspectos controversos na atualidade?

Mas talvez fosse mais difícil a Varnhagen que viesse a acatar as críticas. Ainda mais em se tratando do tímido círculo de homens de letras, do qual fazia – ou procurava – fazer parte. Muito facilmente, as considerações poderiam passar a noção de que se embasassem em bases justificáveis, quando na verdade, somente eram motes para um ataque pessoal, com vistas à manutenção de espaços privilegiados. Para Capistrano, a situação parecia ser diferente. Mas nem por isso, o historiador se encontrava num instante onde a crítica fosse acatada com naturalidade. Mas, de todo modo, o tratamento

que veio a demonstrar para com a produção de Varnhagen, já é um indício de alterações. Ao proceder a análise da *História* de Varnhagen, Capistrano mostrou-se afinado com a busca pela objetividade, tratando o texto do historiador paulista como um produto impessoal, e um registro passível de questionamentos.

A ambiência do qual Varnhagen era tributário parece se aproximar daquilo que François Hartog apontava em seu estudo sobre o historiador Fustel de Coulanges (1830-1889). Na busca pela compreensão da obra desse historiador, Hartog chegou àqueles historiadores que caminhavam rumo à definição e sistematização do fazer história. Para ele, em 1820,

*É Guizot, o mais político dos historiadores liberais, quem dá a definição mais “científica” do trabalho do historiador, recorrendo à metáfora médica e à analogia indivíduo/sociedade. Sua tarefa é tripla: primeiro, pesquisar os fatos, que são “o corpo da história” e cuja descrição constitui “a anatomia histórica”. Depois, assim como há uma organização do indivíduo, há também uma organização das sociedades: “Essa organização tem também a sua ciência, a ciência dos fatos ocultos que presidem ao curso dos acontecimentos. É a fisiologia da história”.<sup>55</sup>*

Motivado pelas questões desse período, que considera os anos de formação do historiador Fustel de Coulanges, Hartog também discutiu o que viria a ser a erudição. E essa era uma prática almejada como um traço que viria a distinguir o trabalho dos historiadores. Para Hartog,

*Em que consiste a erudição? Em ler. Em freqüentar por muito tempo as bibliotecas (à semelhança de Michelet, que evoca suas deambulações pelos Arquivos, Thierry, vitimado pela cegueira, lembra com emoção “suas longas jornadas nas gélidas galerias da rua Richelieu”), e em mergulhar nas *Chroniques*, nas quais se revela a história verdadeira, a do povo e não da elite. Isso no que se refere ao ver.<sup>56</sup>*

Guardando proximidade para com essa alusão à erudição, caracterizada pelas buscas nos arquivos, nos deparamos com o trabalho de Arlette Farge que apresentou aspectos da pesquisa em arquivos judiciais franceses do século XVIII. Para a pesquisadora,

---

<sup>55</sup> François Hartog. *O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2003, p. 98.

<sup>56</sup> *Idem*, p. 100.

*Cette insistance à travailler sur lè minuscule, lè singulier et lè quase-imperceptible vaut bien qu'on s'explique sur les problèmes rencotrés et d'abord sur la notion d'événement en histoire. Les mots, les courts récit rapportés par les greffiers et les embryons d'explications balbutiées sont des événements.*<sup>57</sup>

Talvez essas menções guardassem alguma ligação com as intenções dos homens de letras de fazer migrar a objetividade— mesmo que ainda sitiada pelas dúvidas — operada pelos cientistas de então. Mas somente se tratam de aproximações, uma vez que não podemos realizar uma abordagem de equiparação entre o que ocorria na França ou nos Estados Unidos, para o que aqui se via como preocupação em história. As semelhanças, se existem, podem mais ser tributárias de um contexto mais amplo, por exemplo, que permite tomar essas nações de modo simultâneo. Na França, a necessidade que alguns historiadores se impuseram, que era a de reinventar uma nação após a ressaca propiciada pelos avanços e retrocessos da Revolução Francesa, o acontecimento fundante da nação francesa. No caso dos Estados Unidos, a possibilidade que se abria, era a de se deparar com uma história após a fratura provocada pela Guerra de Secessão.

É provável que o contato com tensões acerca da aceitação ou não de um tratamento objetivo frente à história, venha a demonstrar que o percurso historiográfico não se fazia de modo tão preciso. Nesse sentido, notava-se algumas vozes dissonantes e que vinham de historiadores que se destacavam na elaboração de pesquisas eruditas e que ambicionavam a chegada à verdade. Veja-se, por exemplo, Fustel de Coulanges, adepto incontestado da erudição, mas pego num acesso de fúria que nos faz recordar o gênio intempestivo de Varnhagen, quando às voltas com seus críticos. Ao publicar uma segunda edição revista de uma de suas obras, Coulanges assim apontava:

*Cumpre-me explicar uma modificação sensível entre esta edição [nova] e as anteriores. A atual é mais extensa, e para isso levei em conta duas razões. A primeira é que, ao reler meu livro, pareceu-me que certas coisas não estavam bastante claras; tive de me entender para me expressar com mais clareza. Tive uma segunda razão, que não me é muito fácil expor. Pertença a uma geração que já não é jovem, e que obedecia a duas regras: a primeira consistia em estudar um assunto de acordo com todas as fontes observadas diretamente e de perto; a segunda era só apresentar ao leitor o resultado de suas pesquisas; deixava-se de fornecer o aparato erudito, porque a erudição era*

---

<sup>57</sup> Arlette Farge. *Lê goût de l'archive*. Paris, Éditions du Seuil, 1989, pp. 98.99.

*apenas para o autor e não para o leitor; bastava inserir algumas indicações de rodapé, que cabia ao leitor verificar.*<sup>58</sup>

Mas as considerações mais críticas viriam logo a seguir, não que com isso deva se crer que o historiador manteve sempre esse ponto de vista para com a erudição.

*De vinte anos para cá, modificaram-se os procedimentos habituais: o uso atual é apresentar ao leitor o aparato erudito em lugar dos resultados. Dá-se mais importância à estrutura do que à construção. A erudição deixou de ser exigida; mas a erudição quer aparecer mais. O que se quer é parecer erudito. Muitos fazem até mais questão de parecer do que de ser erudito. Enquanto no passado se costumava sacrificar a aparência, hoje às vezes é a realidade que se sacrifica.*<sup>59</sup>

Sabe-se que Coulanges professava a crença na objetividade histórica, entendendo que uma leitura profunda dos documentos poderia vir a sinalizar a verdade. Sua posição não estava então tão distante daquela adotada por Ranke. Em outra passagem de seus escritos, quando se remetia às notas de rodapé, elucidava o modo com que serviam à objetividade:

*Não é preciso dizer que a verdade histórica só se encontra nos documentos. Há quatro séculos que se sabe disso na França. Também não é preciso acrescentar que é pela análise correta de cada documento que o historiador deve iniciar as suas análises, mas já deve ter feito todas as relacionadas com o assunto antes de publicar o estudo. E quando cita alguns textos no pé de páginas, é como se dissesse ao leitor: esses textos já foram analisados e estudados por mim.*<sup>60</sup>

Os serviços de Varnhagen parecem também serem identificados com a ambição pela verdade histórica, como se os fatos pudessem ser tomados e constituídos de uma maneira mais objetiva e certa. Enfim, como se seu relato pudesse vir a substituir, qualquer outro inquérito que se desejasse realizar sobre o passado. Em algumas das cartas que o historiador enviava, ele mostrava-se preocupado com o fato de estar portando documentos copiados nos arquivos e ainda não ter concluído a sua história. Sua tensão se devia temer de que, se extraviados, ainda não teria como garantia, o lastro que sua narrativa significava. Passa-nos a idéia, de que, uma vez concluída sua história,

<sup>58</sup> Fustel de Coulanges. "A erudição antiga e a erudição nova". Texto sem data. François Hartog. *O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2003, p. 323.

<sup>59</sup> *Idem*, pp. 323, 324.

<sup>60</sup> Fustel de Coulanges, "Da análise dos textos históricos", *idem*, 1887. p. 313.

estas fontes pudessem então ser esquecidas. Esse nos parece um exemplo da atividade de um historiador que pensava estar, não somente compondo uma interpretação sobre o passado brasileiro, mas, de fato, fundando uma história que viria a se tornar uma, talvez única, referência sobre nossos acontecimentos pretéritos.

Nessa direção, veja-se esse trecho de uma carta enviada para Pedro Sabau, secretário da Real Academia de História de Madri, em 1853:

*O amor que sempre consagrei aos estudos históricos fez que eu chegasse insensivelmente a formar ao cabo de quatorze anos, uma coleção de livros e de documentos, raros ou inéditos, sobre a história do meu país. (...) A carreira em que me acho, as viagens a que ela está sujeita, me obrigaram mais de uma vez a confiar às ondas esse tesouro. (...)*<sup>61</sup>

Varnhagen fazia então uma menção ao fato de sua coleção ter quase se perdido no quase naufrágio de uma embarcação espanhola e que por conta disso,

*Ao encontrar-me outra vez, com inexplicável contentamento, com meus livros e arquivos salvos, felizes e por mercê de Deus, resolvi logo aproveitá-los, redigindo a **História Geral do Brasil**.*<sup>62</sup>

Mas o trabalho que Capistrano de Abreu realizou sobre a obra de Varnhagen estava situado num contexto diferente desse apontado por Coulanges. Não se tratava de apontar que *esses textos foram analisados e estudados por mim*, mas, sim, de enfatizar que *esses textos foram conhecidos pelo autor que estou examinando, mas ele não citou-os integralmente, nem parece que os tenha analisado*. Assim, Capistrano parecia pretender finalizar o texto de Varnhagen, atualizando-o com relação às fontes mais recentes, as quais o historiador paulista não pôde tomar contato, ou com relação aos métodos de pesquisa que, como vimos, já se operavam na Europa num período próximo ao da vida de Varnhagen.

O exame operado por Capistrano vinha numa tradição que alguns comentaristas costumam situar no final do século XVII. Guy Bourdê e Hervé Martin<sup>63</sup>, por exemplo apontavam que

<sup>61</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen. *Correspondência Ativa*, op. cit. p. 203

<sup>62</sup> *Idem*, p. 204

<sup>63</sup> Guy Bourdê e Hervé Martin, *As Escolas Históricas*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1990. Primeira edição da Éditions du Seuil, Paris, 1983.

*Apoiar-nos-emos na autoridade de Marc Bloch que via no ano de 1681, marcado pela publicação do De Re Diplomática, de Dom Mabillon, “uma grande data na verdade na história do espírito humano”, porque nesta ocasião “a crítica dos documentos de arquivos foi definitivamente fundada”. E saúda o momento em que “a dúvida se torna examinadora” e em que ficamos libertos do velho Boato.<sup>64</sup>*

Jean Glénisson também mencionava esse instante como significativo e, com vistas a melhor situá-lo, apontava que:

*O século XVII corresponde a uma época de fé profunda e de ceticismo enraizado. “Diz-se que a retidão de espírito consiste em não acreditar levemente em [sic] duvidar em muitas oportunidades”, assegura um pirroniano, contemporâneo de Luís XIV. E a dúvida aplica-se, particularmente, ao campo da história. O abuso das disputas teológicas e políticas, nas quais ela foi comprometida durante as controvérsias e guerras da Reforma, levaram-na a um descrédito quase completo. Em 1668, surge um ensaio intitulado *Du peu de certitude qu’il a dans l’histoire*. O *Dictionnaire historique et critique* de Bayle (1695), hoje de boa mente apresentado como uma importante contribuição para o método crítico, apenas é, aos olhos dos contemporâneos, a obra de um cético.<sup>65</sup>*

Arnaldo Momigliano adicionou um novo elemento em suas buscas rumo ao tratamento que modernamente conhecemos pelo nome de história erudita. E o fez retomando o trabalho dos antiquários ainda no século XVI, na Itália. Para o historiador, a busca pelo detalhe estava aliada à vaga do ceticismo que penetrou na Europa, por conta das traduções para o latim e grego da maior obra conhecida sobre o ceticismo pirrônico, as *Hipoteções Pirronianas*, de Sexto Empírico. Segundo Momigliano, Nicolas-Claude Fabri sieur de Pereisc, nascido em 1580, que poderia ser considerado o “arquétipo de todos os antiquários” servia-se do ceticismo pirrônico. Para Momigliano,

*A sua paixão por objetos antigos foi a consequência de seu interesse pela observação empírica e pelo experimento em todos os campos. [Pereisc e seus seguidores] desconfiavam da tradição literária, desgostavam das controvérsias teológicas e viam*

---

<sup>64</sup> *Idem*, p. 61.

<sup>65</sup> Jean Glénisson, *Iniciação aos Estudos Históricos*, São Paulo, DIFEL, 1961, p. 89.

*pouca utilidade na história política. Uma boa dose de ceticismo pirrônico herdada de Sextus Empiricus contribuiu para a sua atitude.*<sup>66</sup>

Para Momigliano, é possível que se perceba ligações entre o exercício dos antiquários e os historiadores uma vez que,

*O novo pirronismo voltou-se contra a confiabilidade dos historiadores comuns. Os antiquários estavam em posição mais forte. Os objetos falavam pelas épocas em que tinham sido fabricados. Como o grande espanhol Antonio Agustín havia escrito em um trabalho publicado em 1587, e muitos outros tinham repetido mais tarde, nada poderia ser mais confiável do que as moedas romanas – documentos oficiais garantidos pelas próprias autoridades romanas. É claro que os libertins érudits estavam cientes que os objetos podiam ser forjados, mas também sabiam como detectar as falsificações. Para uma moeda falsificada, há cem que são autênticas e que servem como teste. Mas como se poderia testar a veracidade do relato de uma batalha em Tucídides ou em Lívio se esta era a única?*<sup>67</sup>

Se Varnhagen possuía essas orientações, sua obra de história não veio a apresentá-las em profusão. Capistrano, por sua vez, manteve-se tributário da erudição, uma vez que, além do trabalho de anotação à Varnhagen, seus artigos esparsos, primavam pela busca constante das minúcias e dos aspectos internos aos problemas que queria desvendar.

Essas são distinções entre o que motivava um historiador e o outro. Varnhagen, da forma como aparecia mencionado nas cartas de Capistrano de Abreu, manifestou fôlego para a pesquisa, vasculhou arquivos e se deparou com fontes significativas para a história do Brasil. Mas parecia ter sido impulsionado por outras ambições, que não àquelas que se remetem à aspiração pela formalização do exame historiográfico. Talvez somente se satisfizesse com a realização de sua obra propriamente dita, não se preocupando com a apresentação de um método, que se configuraria, por exemplo, na disposição das notas de rodapé, indicativas quanto à veracidade de seus juízos.

Capistrano, mesmo que ainda sem instituições que lhe viessem a dar suporte, sem um aparato editorial, que lhe permitisse o estímulo quanto à divulgação, na ausência de pares com os quais pudesse calibrar suas preocupações para com a história, operou numa direção distinta daquela de Varnhagen. Ao realizar a anotação da *História Geral*

<sup>66</sup> Arnaldo Momigliano. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Op. cit., pp. 89, 90.

<sup>67</sup> *Idem*, p. 89.

de Varnhagen, o historiador cearense veio a demarcar um método que entendia ser a referência para a continuidade dos estudos em história. Tais aspectos já foram observados por outros pesquisadores que se detiveram na produção de Capistrano, bem como em relação à anotação da narrativa de Varnhagen.

José Honório Rodrigues já apontava Capistrano como responsável pela reabilitação do historiador paulista<sup>68</sup>. Sempre tomando as contribuições de Capistrano como valiosas para a chegada ao texto de Varnhagen, nota-se também outras tentativas que visaram o estabelecimento de acessos diferenciados à *História Geral do Brasil*.<sup>69</sup>

Em comparação com outros historiadores, anteriores a Abreu ou seus contemporâneos, o que se percebe é que poucos são salvos pela sua severa crítica. Varnhagen era um deles. Capistrano reputava as qualidades de Varnhagen especialmente no que dizia respeito ao atino, quase que espontâneo, que o levou à descoberta de textos fundamentais para a história do Brasil. Mas não deixava de mencionar que características afeitas ao gênio do historiador viessem a comprometer o destino de seus escritos. As menções, públicas ou privadas, de Capistrano para com Varnhagen, deixaram muitos elementos que apresentavam sua percepção de que o produto das pesquisas de Varnhagen não poderia vir a ser superado tão cedo e que talvez nunca o pudesse. Tratava-se então de somente ajustá-lo, com o comentários que realizava, para essa suposta passagem.

A hipótese de que Capistrano tenha caminhado rumo à retomada de Varnhagen, ganha um perfil mais definido quando tomamos contato com algumas impressões. Especialmente àquelas que foram elaboradas após a morte do historiador. Oliveira Lima, por exemplo, em 17 de junho de 1903, no discurso de posse da cadeira da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono era Varnhagen, emitiu juízos na direção de definir o que seria um historiador moderno. Entre outros aspectos, esse historiador deveria aliar

---

<sup>68</sup> José Honório Rodrigues, "Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira", "Curso Capistrano de Abreu", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/ IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 221, 1953, p. 121.

<sup>69</sup> Ver Pedro Moacyr Campos, "Esboço de Historiografia Brasileira" in Jean Glénisson, *Iniciação aos Estudos Históricos*, São Paulo, DIFEL, 1961, pp. 273-287; Fernando Novais, Prefácio à edição norte-americana de *Capítulos de História Colonial. Chapters of Brazil's Colonial History*, New York, Oxford University Press, 2ª edição, 1998; Alice Canabrava, "Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano", *Revista de História*, São Paulo, USP, 18 (88), outubro-dezembro, 1971, pp.423-424.

*“circunspeção do pesquisador à habilidade do narrador; além de erudito, um artista: de descobrir ele mesmo as fontes, analisar-lhes o valor, saber aproveitar o manancial que delas brota (...).”*<sup>70</sup>

Mas, de acordo com Ângela de Castro Gomes, que se debruçou sobre o tema, seria Varnhagen então um historiador moderno?

*A sutil resposta de Oliveira Lima é não. Se ele foi, sem contestação, “o criador da história pátria”, não foi o elaborador de “sínteses luminosas”, não foi o erudito e o narrador. Varnhagen não possuía o “dom admirável de comunicar vibrações às turbas desaparecidas” de um Michelet, ou a “extrema habilidade de reconstruir com um aglomerado de pormenores um caráter humano ou dele deduzir uma lei da evolução”, de um Taine.*<sup>71</sup>

Quanto ao discurso proferido por Oliveira Lima, Brito Broca trouxe uma referência que, malgrado a figura de imagem que o historiador utilizou, também se apresentou como tributária da primeira abordagem de Capistrano de Abreu. Segundo Broca,

*Numa extravagante comparação culinária, que se tornou famosa sobretudo pelo mal gosto, Oliveira Lima, fazendo o elogio de Varnhagen, na Academia Brasileira, considerou-o a peça de resistência da nossa refeição histórica, o assado gordo, sólido e apetitoso na sua simplicidade, à moda portuguesa, sem adubos nem temperos franceses, com molho leal e nenhum acompanhamento.*<sup>72</sup>

Ao dispor com segurança os parâmetros que deveriam conduzir as pesquisas em história, Capistrano produziu um distanciamento com o que até então havia sido elaborado nesse campo, em nosso país. Ou seja, ao rogar pela ciência no tratamento das fontes primárias, ao asseverar a necessidade imperiosa da citação, como meio de exposição pública do percurso de pesquisa, Capistrano destoava das preocupações com a historiografia oferecidas pelas instituições que o acolheram no momento em que viveu. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, por exemplo, foi percebido de maneira muito distinta por Varnhagen e por Capistrano de Abreu.

<sup>70</sup> Oliveira Lima, discurso realizado na ABL em 1903 *apud* Ângela de Castro Gomes. *História e Historiadores: a política cultural do Estado Novo*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora, Segunda edição, 1999, p. 79.

<sup>71</sup> *Idem*, p. 81.

<sup>72</sup> Brito Broca, *Românticos, Pré-românticos, Ultra-românticos: Vida literária e Romantismo Brasileiro*, São Paulo, Livraria e Editora Polis, INL, MEC, 1979, p. 192.

Manoel Luis Salgado Guimarães, referia-se ao IHGB como marco na historiografia brasileira por ter desempenhado um papel de modernização do trabalho do historiador<sup>73</sup>. Entendemos preliminarmente que esse entendimento deve se valer das evidências concretas expressas na correta citação de fontes. A polêmica entretida por Varnhagen com Abreu, nesse sentido, perfaz um bom exemplo. Varnhagen expôs com clareza, para todo aquele que se dispusesse a ler seu texto, onde Abreu cometeu o plágio. O mesmo pode ser dito com relação aos outros escritos do sorocabano. As fontes eram citadas e parte de seu encaminhamento era demonstrado. Esses aspectos, sem dúvida, sinalizam um tratamento diferenciado do historiador. Distinguem-se das escritas de textos anteriores que, quando abordavam a história do Brasil procediam de uma maneira que se assemelhava às crônicas. Mas o elemento *moderno* talvez também possa ser relacionado à ambição pelo controle do Estado quanto ao modelo que se pretendia ser uma referência para a recuperação dos fatos pertinentes à história da nação.

Pelas questões apresentadas por Capistrano, mais exatamente pelas considerações críticas que elaborou com relação ao trabalho de Varnhagen, parece-nos que nem Varnhagen, nem o IHGB tenham vindo a se preocupar com os aspectos remetidos às maneiras mais corretas de se indicar a veracidade das informações obtidas através do exame historiográfico. Ou seja, Capistrano parecia se adequar a uma nova ambiência, que não veio a estimular Varnhagen. Essa percepção, percebida por Capistrano nos remete a uma menção de Ricardo Benzaquen de Araújo, que aproximou a produção de Varnhagen e Capistrano a uma vertente que se dispunha a se orientar mais pelos documentos após proceder análises com relação à veracidade.

*Antes, preservava-se uma parcela da memória, aquela que parecia razoável, plausível aos ouvidos contemporâneos, deixando-se o resto de lado. Agora, tudo o que vem do passado começa a ser olhado com desconfiança, submetido a um contínuo e meticuloso esquadrinhamento, num esforço que demanda tanta minúcia e erudição que termina por converter o historiador em um especialista, em alguém cujo trabalho se caracteriza pela prática de um certo método, chave da verdade e da mentira, acessível apenas depois de árduo e demorado aprendizado.*<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Manoel Luis Salgado Guimarães. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional", Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, número 1, 1988, pp. 5-27.

<sup>74</sup> Ricardo Benzaquen de Araújo. "Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu", Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, número 1, p. 31.

A objetividade manifestada por Varnhagen, especialmente condicionada à coleta de documentos que interessassem à história do Brasil, para que viessem a compor uma narrativa da história do Brasil que se impunha como necessidade imperiosa, guarda proximidade com o que acontecia em outras nações da época, também às voltas com a elaboração mais concreta de um projeto de identidade nacional.

Manoel Luís Salgado Guimarães, também salientava:

*O pensar a história é uma das características do século XIX, ao longo do qual são formulados os parâmetros para um moderno tratamento do tema. O discurso historiográfico ganha foros de cientificidade num processo em que a “disciplina” história conquista definitivamente os espaços da universidade. Nesse processo, o historiador perde o caráter de *hommes de lettres* e adquire o estatuto de pesquisador, de igual entre seus pares no mundo da produção científica.*<sup>75</sup>

Nesse mesmo texto, Guimarães diferenciou a experiência brasileira, no que dizia respeito à européia, e como vimos, o mesmo poderia ser dito quanto aos Estados Unidos. O que se percebe é que a história não ganhou ares de disciplina em nosso país, ao menos não nesse período. Seu desenvolvimento esteve mais profundamente relacionado às associações – especialmente o IHGB – muito mais remetidas às experiências das sociedades da corte ilustrada mais típicas do século XVIII europeu. Nesse sentido, no Brasil, tínhamos,

*Não o espaço sujeito à competição acadêmica própria das universidades européias, mas o espaço da academia de escolhidos e eleitos a partir de relações sociais, nos moldes das academias ilustradas que conheceram seu auge na Europa nos fins do século XVII e no século XVIII. O lugar privilegiado da produção historiográfica no Brasil permanecerá até um período bastante avançado do século XIX vincado por uma profunda marca elitista, herdeira muito próxima de uma tradição iluminista.*<sup>76</sup>

As diferenças existentes entre Varnhagen e Capistrano são elucidativas quanto a esse instante assinalado por Guimarães. Varnhagen se estabeleceu primeiramente numa instituição que parecia mais voltada para os estudos genealógicos que viessem a caracterizar as distinções havidas entre os poucos participantes do grupo que circulava o

<sup>75</sup> Manoel Luís Salgado Guimarães. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, *op. cit.*, p.5.

<sup>76</sup> *Idem, ibidem.*

poder imperial. Nesse sentido, as fontes que assinalassem a participação de antepassados em eventos remetidos à luta pela civilização no Brasil, seriam bem vindas.

Mesmo que Varnhagen transparecesse algumas dessas preocupações, especialmente quando se remetiam à história paulista ou especialmente ao empreendimento de Ipanema onde seu pai havia ocupado um posto de direção, é um fato que se mobilizou de forma mais profunda pela busca de documentos que se relacionassem ao passado brasileiro, como nunca antes havia sido contemplado. Mas por vezes nos parece, que Varnhagen tenha vindo a superar as expectativas geradas pelos participantes do IHGB, oferecendo uma oferta incomum de referências à história do Brasil e isso por conta de seus atributos pessoais, revelados pela abnegação com que vasculhava os arquivos, bibliotecas e instituições, especialmente internacionais.

Capistrano, historiador que se caracterizava pela ausência de suportes institucionais e que se amparava sobretudo na informalidade da correspondência, percebeu essas distinções em Varnhagen, especialmente seu faro na chegada aos documentos. O trabalho de Varnhagen o qualificou como um historiador afinado – mesmo que provavelmente não lastreado por filosofias ou reflexões metodológicas – com as práticas historiográficas do século XIX, aquelas a que se remeteram Novick e Guimarães. Já Capistrano, pela liberdade de trânsito que manifestava e pelo distanciamento apresentado frente às instituições mais formais, demonstrava uma certa ambição por um tipo de configuração historiográfica que, em nosso país, somente viria a se forjar algumas décadas adiante.

Como receptor privilegiado da *História* realizada pelo historiador sorocabano, Capistrano demonstrou distanciamento da atmosfera um tanto cifrada da primeira geração do romantismo no Brasil, marcada pela participação do próprio Varnhagen, aquele que mais destaque veio a obter no campo da historiografia, por Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, que se destacaram no campo da literatura e por João Francisco Lisboa, que juntamente com Varnhagen, também veio a ser reputado pelos serviços prestados com relação à pesquisa documental.

Esses homens de letras, de forma semelhante ao que se processava do ponto de vista político, degladiaram-se pela busca da aceitação do principal mecenas do segundo império, Pedro II, da mesma forma que procuraram através dos poucos meios que dispunham, estabelecer uma certa identidade acerca do que seria a literatura e a história nacionais.

Bernardo Ricúpero<sup>77</sup> no trabalho que veio a realizar sobre o romantismo no Brasil, deu indicações que nos sugerem uma disputa havida dentre poucos intelectuais pela mais correta definição do que seria uma identidade brasileira. Essas discussões, note-se, ocorriam nos momentos que se seguiram a independência do país, ou seja, pareciam se pautar por ideais vagos que também não eram mais palpáveis quando se remetiam inclusive à organização política do império que se forjou.

O autor nos apresentou uma situação em que nem sequer, pode-se ver com unanimidade as considerações sobre o papel dos índios, tanto na literatura como na história do Brasil. Nesse sentido, o fato da obra de Varnhagen não ter sido primeiramente bem recebida pelas hostes do IHGB, não pode necessariamente ser compreendido como indicativo de uma compreensão mais definida do que se esperava de uma história do Brasil. Pelo contrário, a atmosfera intelectual do romantismo brasileiro não transparecia coerência, nem metodológica, nem teórica, nem sequer com relação aos meios mais formais de pesquisa de história.

Como procurou demonstrar Ricupero, pesava sobre a primeira geração romântica do Brasil, uma ambigüidade que pode ser averiguada pelas tentativas tateantes de se editar revistas – como foram os casos de *Guanabara* e *Niterói* – bem como num envolvimento mais coerente do ponto de vista das associações que se fundaram após a proclamação da independência brasileiro, sendo o caso mais significativo o do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Acreditamos que, no caso que aqui nos interessa, ou seja quanto ao que se remete ao trabalho do historiador, bem como as tentativas de estabelecimento de parâmetros mais formais de pesquisa e escrita da história, Capistrano tenha vindo a se destacar como um diferencial. Distante da ambiência intelectual da primeira geração dos românticos, indisposto com os procedimentos exclusivistas das instituições do segundo império, Capistrano transpareceu a percepção de diferentes moldes para o tratamento da pesquisa histórica em nosso país. Fosse por conta de sua personalidade, distante das ambições que motivaram Varnhagen ou Gonçalves de Magalhães, o historiador não se mostrou alheio aos aspectos que vieram a opor Varnhagen a Lisboa, por exemplo, mas conseguiu estabelecer um distanciamento crítico que lhe permitiu avaliar as qualidades, acertos e deficiências de ambos os historiadores.

---

<sup>77</sup> Bernardo Ricupero. *O Romantismo e a idéia de Nação no Brasil (1830-1870)*, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2004.

Parece-nos que o trabalho de anotação da *História Geral do Brasil*, através dos textos que Capistrano veio a publicar sobre o historiador sorocabano, a partir de suas menções nas cartas que enviava, bem como nas centenas de notas de pé de página que apresentou na terceira edição dessa obra, veio a se configurar num produto da atualização das preocupações historiográficas que já se processavam, do ponto de vista moderno, ao longo do século XIX, em algumas entidades e nações estrangeiras.

Capistrano parece então ter encerrado uma fase romântica que ainda produzia ruídos na historiografia brasileira e veio a estabelecer uma atualização dos meios de tratamento da história expressos no rigor da mais correta citação de fontes e na diminuição da emissão de juízos.

Através das informações obtidas nas cartas que Capistrano enviava, pode-se também perceber que nutria admiração pelo conjunto da obra de Varnhagen, mas conseguia manter um distanciamento que lhe permitiria ponderar o trabalho produzido pelo historiador. Capistrano mostrava-se distante da atmosfera subjetiva que talvez, durante o início do segundo império, tenha vindo a possibilitar críticas ao que veio a fazer Varnhagen. Ao proceder de maneira mais objetiva, Abreu também demonstrava afastamento para com seu objeto de estudo. Essas entradas obtidas na correspondência possibilitam igualmente que percebamos que o método de trabalho de Varnhagen também foi se configurando no tema central da abordagem de Capistrano. Ou seja, além de refletir sobre a qualidade ou pertinência das afirmações de Varnhagen, Capistrano também operou com os contornos de seu exercício como historiador.

Algumas dessas características já podiam ser entrevistadas nos dois textos que veio a publicar sobre Varnhagen. Nessas reflexões, o historiador também aparentou objetividade para com o produto das pesquisas de Porto Seguro. Some-se a esses exemplos, as anotações que sobraram da obra de Varnhagen, o que Capistrano deixou e que vieram a compor especialmente o primeiro tomo da *História Geral do Brasil*. Ali, pode-se tomar contato com uma discussão qualificada e que passava pela atualização das fontes, pela descoberta dos documentos utilizados mas não esclarecidos por Varnhagen, bem como pela inexistência de elementos que viessem a abalizar um ou outro juízo emitido pelo historiador.

Diga-se também que Capistrano parecia ter superado qualquer uma das tensões havidas para com o texto de Varnhagen quando da primeira edição da obra em 1854. Assim, os comentários que mais produziram ruído, especialmente aqueles destinados aos índios

brasileiros, não vieram de forma alguma acompanhados por negativas por parte de Capistrano, ele próprio, como seus trabalhos sobre a lingüística indígena atestam, favorável a um tratamento mais cuidadoso tanto para com os índios bem como para a ação dos jesuítas no Brasil, outro caso de desafeto por parte de Varnhagen. Nesses momentos da obra de Varnhagen, por vezes se nota uma ausência de notas de Capistrano, por outras, somente notificações quanto ao correto tratamento da língua falada pelos índios.

Assim, um dos produtos dessa iniciativa de Capistrano parece ter sido a apresentação de um método de trabalho fundamentado na ambição pela objetividade, aquela expressa pela correta chegada aos documentos balizadores da informação que se dispôs. Ao proceder dessa maneira, Capistrano apresentou as fontes sonogadas por Varnhagen, aprofundou aspectos que poderiam ser cotejados com textos que poderiam ser conhecidos pelo historiador sorocabano, além de apresentar as novas possibilidades que se abriam a partir do contato com estudos mais recentes e que vieram a ser realizados depois do falecimento de Porto Seguro. Enfim, o resultado parcial de sua anotação da obra de Varnhagen, acreditamos, veio a se configurar numa referência formal para outros procedimentos que se remetem ao método de pesquisa, reflexão e escrita de história, algo que, salientamos, não contava com exemplos significativos na história do Brasil, ao menos até então.

Bernardo Ricupero, ao abordar a literatura brasileira que se configurava no segundo império brasileiro, reputou e diferenciou a atuação de José de Alencar, de uma forma que pode ser comparada ao trabalho de Capistrano de Abreu:

*O momento de Alencar já é outro. Nascido em 1829, encontra o campo intelectual mais ou menos montado. Enquanto Magalhães, Torres Homem e Porto Alegre terão que completar sua educação fora do país, coisa comum para a primeira geração da independência, o filho do senador José Martiniano estudará nas Faculdades de Direito de São Paulo e Olinda. Mais importante, depois de advogar por um curto período, torna-se, aos 24 anos, cronista do jornal liberal *Correio Mercantil*. Pouco depois, passará a ser redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. (...) O autor de *O guarani* será um dos primeiros escritores profissionais do Brasil, assinando, em 1870, um contrato com a Livraria Garnier, que lhe garantirá uma certa tranqüilidade material.<sup>78</sup>*

---

<sup>78</sup> *Idem*, p. 177.

Entendemos que a participação de Capistrano de Abreu guarde proximidade com a de José de Alencar no que diz respeito à sua atuação como historiador. Concebeu uma independência forjada pelos poucos meios de estudo de história apresentados em sua época ou, num sentido, por uma espécie de vácuo propiciado pela degeneração da ambiência favorável aos homens de letras do segundo império e pelo frágil estabelecimento das instituições republicanas que dariam guarida aos intelectuais. O historiador demonstrou desajuste às práticas e procedimentos do império e desconfiança para o que então ia se configurando como a atmosfera intelectual republicana. No entanto, a pertinência de suas reflexões sobre a história encontraram espaço no meio informal que era a correspondência e, como pretendemos demonstrar, em alguns trabalhos esparsos, como o da anotação da obra de Varnhagen.

Mais uma vez apontamos que as questões acerca de ter sido uma expectativa frustrada do ponto de vista do que poderia ter vindo a apresentar, remetem-se à dificuldade de se vir a demarcar um entendimento preciso e coerente sobre a história da historiografia brasileira. A atuação de Capistrano de Abreu, tem muito a nos dizer sobre o modo incerto e claudicante que é aquele que talvez melhor possa se qualificar a vida intelectual em nosso país. Assim, nas tentativas frustradas de se realizar uma obra, nos deparamos com as dificuldades de se vir a definir o que vem a ser a identidade dos intelectuais. No caso de Capistrano, o mais próximo que poderemos chegar com relação às suas intenções, somente poderia ser encontrado a partir da década de 30 do século XX, momento onde a figura do intelectual, ou do historiador propriamente dito, vem a se sustentar nos procedimentos públicos, laicos e mais ou menos objetivos, estabelecidos pelas universidades que são fundadas.

Da mesma forma, a geração de intelectuais que veio a se notabilizar, do ponto de vista metodológico, viria a estabelecer textos com bases na mais correta citação de fontes, na discussão dos aparatos de pesquisa, amparados pela teoria que se fazia na Europa. Acreditamos que as bases desse procedimento formal foram apresentadas por Capistrano de Abreu, seja nos textos que veio a estabelecer, por intermédio da anotação que realizou da obra de Varnhagen, ou no espaço em que veio a se qualificar a sua correspondência. Nessa direção, parece-nos, que se Capistrano não deixou uma obra em história nos moldes daquela que Varnhagen elaborou, suas intenções revelaram uma metodologia para o tratamento da história, algo novo no rarefeito circuito intelectual brasileiro, da virada do século XIX para o XX.

## 2- A História Geral do Brasil “escrita por um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba”

*Não lhe contarei uma por uma as impressões agradáveis que tenho recebido desde que levantei ferro do Tejo. Quanto às cenas do mar resumirei que são variadas no último ponto e tão férteis que seria possível chamar ao oceano todas as cenas da vida e dar-lhe colorido tirado da situação grandiosa de ver um madeiro arrostando o temido e insondável oceano, até ver terra. Impossível me é numa carta breve descrever a comoção que experimentei ao descobrir e entrar nesta baía toda rodeada de escabrosos morros de granito, que infundem no espírito uma espécie de pismo e admiração que chega a ser horrorosa ao mesmo tempo que agradável. Carta de Varnhagen, datada de 20 de agosto de 1840, enviada do Rio de Janeiro, para Évora, onde então se encontrava Cunha Rivara<sup>1</sup>.*

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara era o responsável pela Biblioteca Pública Eborense durante grande parte do período em que Varnhagen estava pesquisando e escrevendo os artigos para a *Revista do IHGB* além da revista *O Panorama*, publicação que contava com a direção de Alexandre Herculano. Em carta sem data mas situada por Clado Ribeiro de Lessa, como provavelmente escrita entre os dias 23 e 26 de outubro de 1843, o historiador deu alguns conselhos para Rivara, que iria se encontrar com a realeza:

*Quanto às etiquetas siga as de visitar quem puder com a sua carta, dizendo O Diretor e Bibliotecário etc. em letra miúda por baixo etc. e de travar intimidade com os mais pequenos. (...) Com SS. MM. é da etiqueta não querer falar primeiro, nem abusar com respostas grandes às [perguntas] que SS. MM. se dignam fazer. No mais, gravidade e um pouco de charlatanismo - sempre há de ir bem - e adeus por comendador que há de ser.<sup>2</sup>*

Nove anos depois, Varnhagen já estava se dedicando à *História Geral do Brasil* e em sua correspondência, muitas eram as epístolas que remetia ao imperador Pedro II. Na

<sup>1</sup> *Correspondência de Varnhagen, op. cit.*, p. 51.

<sup>2</sup> *Idem.*, p. 116.

primeira das cartas enviadas pelo historiador ao monarca, datada de primeiro de fevereiro de 1852 e endereçada de Madri, Varnhagen assim se colocava:

*Senhor! Vou pela primeira vez ter a honra de gozar da graça que me foi por Vossa Majestade Imperial conferida na véspera da minha partida do Rio, aos 14 de dezembro do ano passado. Então beijei mui reconhecido a Augusta mão de Vossa Majestade Imperial, e desde esse momento nem um só dia tem passado sem que eu me sinta mais feliz com essa graça do que com todas as que já havia recebido de Vossa Majestade Imperial. Sim, Senhor, eu que me criei entre papéis e correspondências daqueles séculos de mais lealdade e civismo, em que os súditos escreviam aos reis como Vaz de Caminha ao sr. D. Manoel, ou como Duarte Coelho ao piedoso João Terceiro, eu que amo tanto a justiça e a verdade, e que tenho encontrado no mundo poucos tão discretos e superiores às mesquinhezias dele, como é o Augusto Monarca brasileiro, aprecio a honra de escrever a Vossa Majestade Imperial como o maior dom de quantos me pudera em seu vasto domínio outorgar o punho imperial.<sup>3</sup>*

As duas cartas apresentam informações controversas ou então, o que mais nos parece, demonstram a percepção de Varnhagen, no sentido do comportamento mais adequado para com aqueles que podem vir a fornecer comendas, no caso de Rivara, ou a perspectiva da continuidade de seu trabalho, no caso dele próprio. De um modo ou de outro, Varnhagen transparecia um conhecimento pragmático e se ficássemos somente nessas menções, poderíamos crer que manifestava habilidade para angariar resultados práticos junto àqueles que detinham poder para o fornecimento de títulos, bem como para o apoio para que uma obra de história fosse realizada.

Uma das perguntas que podem ser colocadas após o aprofundamento nas informações que se obtêm sobre Varnhagen, é por que teria sido ele o responsável pelo maior trabalho de pesquisa e escrita de história do segundo império. Ou seja, além dos atributos que podem ser tomados a partir dos elementos acima dispostos, que outros possuía e que vieram a lhe facultar um acesso privilegiado junto ao pequeno grupo que cercava Pedro II, o mais significativo mecenas do segundo império brasileiro? Assim, a pergunta que fazemos nesse momento se dirige à qualificação possuída – ou não – por Varnhagen que concorreu para que ele se tornasse o principal historiador do segundo império.

---

<sup>3</sup> *Idem.*, pp. 170, 171.

Uma possibilidade de encaminhamento de resposta a essa questão, se dá pelo conhecimento de alguns elementos que compuseram a biografia desse sorocabano por acaso, que nasceu em 1816. Nessa direção, os poucos biógrafos<sup>4</sup> que procuraram encaminhar e interligar os aspectos de sua vida não primaram pelo bom número de detalhes. A maioria deles sequer conseguiu encaminhar discussões mais tematizadas e assim, o que se tem, resume-se mais àquilo que pode ser visto como laudatório. Na correspondência de Varnhagen, também não conseguimos saciar a ambição por menções relativas ao seu percurso. Num ponto de vista geral, as epístolas oferecem um número maior de dados sobre outros assuntos que não se remetem explicitamente à história. Quando lida, pode permitir que se elabore um perfil de um diplomata, na maior parte das vezes, voltado para aspectos comerciais, afeitos à política externa ou para a economia internacional. Se comparada com a correspondência de Capistrano de Abreu, tem-se a medida do nível de distanciamento entre um e outro. Nas cartas, Capistrano, invariavelmente, apresentava suas preocupações com a pesquisa sobre a história do Brasil. E, quando não o fez diretamente, apresentava traços evidentes de outros projetos relacionados ao trânsito intelectual – os estudos sobre a língua bacairi ou caxinauá, por exemplo.

Varnhagen, principalmente, a partir de 1859, quando se dirigiu para Montevidéu com a missão de observar a política do governo de Solano Lopes, abriu cada vez mais espaço para um debate político, distanciando-se das questões remetidas à história. Mesmo, quando o fazia, em grande parte das vezes, era com o intuito de lastimar o descuido com que sua obra havia sido recebida no Brasil.

O conjunto mais sugestivo de epístolas, especialmente orientadas para a história, foi aquele direcionado a Pedro II e para Cunha Rivara. É por intermédio dessas cartas, que podemos entrever indícios do trabalho do historiador, embora ele somente se qualificasse pela rotina de pesquisa junto às fontes ou documentos. Por exemplo, numa carta de 16 de outubro de 1842, destinada a Rivara, Varnhagen dizia que estava indo diariamente à Torre do Tombo, *aonde ando em buscas sobre o Brasil, a quem já talvez*

---

<sup>4</sup> Dentre as tentativas biográficas, observamos que a de Clado Ribeiro de Lessa, "Vida e obra de Varnhagen", *Revista (trimensal) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, volumes 223 a 227, Rio de Janeiro, 1954, se destaca por ter sido uma proposta de exame melhor qualificada. Outras biografias foram: Celso Vieira, *Varnhagen: o homem e a obra*. Álvaro Pinto Editor, Rio de Janeiro, 1923; Basílio de Magalhães, *Francisco Adolpho de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro)*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928. Deparâmo-nos também com uma obra de Hans Horsch, *Francisco Adolfo de Varnhagen: subsídios para uma bibliografia*. São Paulo, Editora Unidas, 1982.

saberá que estão ligados os meus destinos. Apontava também suas ligações com a diplomacia, nos seguintes termos:

*Admitiram-me lá com uma patente nos Engenheiros, ficando cá pela Europa em comissão literária, e considerado na carreira diplomática, com favoráveis ordenados. Assim não se admirará de me ver ainda algum dia por esse mundo feito embaixador.*<sup>5</sup>

Enfim, somando-se às menções que já dispusemos ao início, ainda continuamos com certa dificuldade de vir a perceber quais eram os elementos que poderiam ter contribuído para que Varnhagen viesse a se deter na escrita da história do Brasil. Acreditamos que a recuperação de algumas passagens relacionadas ao trabalho desse homem de letras, possa vir na direção de um auxílio.

É correto afirmar que o historiador possuía uma rede de interlocução. Mas não nos parece ponderado apontar que esse meio tenha se constituído sem tensões. Como diferenciar ao nível dos valores, o desempenho de Varnhagen, se comparado com o exercício dos historiadores que se formaram num momento onde os aparatos republicanos já se encontravam minimamente constituídos? A produção historiográfica de Varnhagen esteve vinculada ao IHGB, uma vez que essa instituição foi fundada em 1838 e ele iniciou seus trabalhos em 1840. Manifestando aptidões para a pesquisa histórica, fato que parece incontestável para aos que se remeteram ao trabalho do historiador, Varnhagen encontrou o ambiente que viria a lhe possibilitar a prestação de seus serviços. Mas essa atmosfera, longe de estar pronta ou madura, por vezes lhe foi inamistosa.

Algumas indicações em sua correspondência, permitem a nós que percebamos tensões havidas entre o historiador e o IHGB, nos instantes da publicação de sua *História Geral do Brasil*. Sua ambição pelo reconhecimento de seus feitos, no interior de uma monarquia que costumava distinguir os mais próximos com títulos nobiliárquicos, não necessariamente deve ser tomada como fruto de interesse mais comezinho. Poderia sê-lo por conta inclusive de sua origem que, em nosso país, esteve relacionada ao trabalho braçal e de gerência. Seu pai Frederico Guilherme Luiz Varnhagen, supostamente pertenceria, por ascendência distante, à nobreza germânica. Mas viera ao Brasil para ocupar um posto de trabalho. Não se remetia a nenhuma espécie de genealogia que pudesse ser retomada a partir do passado colonial brasileiro.

---

<sup>5</sup> *Idem.*, p. 87.

A partir de sua origem, Varnhagen possuía poucos traços que revelassem uma estabilidade. Em algumas das cartas que enviava para Pedro II, ele próprio dispunha sua preocupação em ser tomado como um estrangeiro – como outros – que também se dedicavam ao estudo do Brasil. Em seu *Memorial Orgânico*<sup>6</sup>, por exemplo, assinava *um brasileiro*. A titulação que tanta aguardava, parecia ser para ele um modo de distingui-lo. Mas por vezes, passa-nos a idéia de que queria, a todo custo, ser reconhecido. Sua ambição por títulos, talvez possa ser relacionada à aspiração por uma certa estabilidade. É importante que se recupere a fragilidade desses homens de letras que vieram a compor a primeira geração romântica do Brasil, então às voltas com a necessidade de se desvendar o que viria a ser a literatura, a história, a sociedade e a arte brasileiras. Haveria, minimamente, distinções quanto ao exercício intelectual no Brasil do segundo império? Nesse sentido, acreditamos que seja necessário refletir sobre suas relações com outros intelectuais, bem como sobre sua formação, motivo de controvérsia entre aqueles que se detiveram no exame daquilo que veio a realizar.

A ambição de Varnhagen pelo reconhecimento formal de seus feitos pode ser contemplada pela insistência com que rogava pelo recebimento de uma comenda. E pode ser que essa meta obstinada, visse a conferir uma identidade àquilo que pretendia realizar. Mas Varnhagen não era o único nessa busca.

O memorialista Ubiratan Machado, por exemplo, apresenta uma situação onde se percebe que os homens de letras da primeira geração romântica do Brasil, se engalinhavam pelo recebimento de alguma honraria:

*Raro o homem de letras do período romântico – excetuados os matriculados na escola de morrer cedo – que não recebessem uma condecoração. (...) Para muitos, era o reconhecimento a seus méritos. Outros, ambiciosos mas sem grandes recomendações, sugeriam a idéia a íntimos do Paço, que por sua vez procuravam interessar o monarca. A comenda de muito escritor secundário, de muito vendeiro, de muito fazendeiro vaidoso saiu dessa maneira.*<sup>7</sup>

Pelo menos uma vez, Varnhagen se valeu desse artifício. E foi num Memorial, apresentado ao ministro do Império, – provavelmente, segundo Clado Ribeiro de Lessa, “em fins de 1851, pouco antes da partida para a Espanha, a 15 de dezembro”. Logo no

<sup>6</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen. *Memorial Orgânico*. Madri: Dominguez, 1849-1850.

<sup>7</sup> Ubiratan Machado. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001, p.96.

início, falando de si próprio na terceira pessoa do singular, o historiador deixava claro que

*Francisco Adolfo de Varnhagen pediu verbalmente a S. M. Imperial a graça de uma condecoração. (...) O suplicante nunca trabalhou, nem trabalha com o fito na recompensa: trabalha por amor ao trabalho e por ganhar, à custa deste, um bom nome: e ninguém mais que o juízo esclarecido do governo se pode dirigir para obter, por meio de demonstrações públicas, a sanção deste bom nome.*<sup>8</sup>

Uma situação semelhante a essa, acerca do desejo de obter reconhecimento, é o que também pode ser percebido em uma carta enviada pelo historiador ao botânico brasileiro, Francisco Freire Alemão. Nesse caso, Varnhagen se remetia a uma obra, aguardada pelo cientista e que o historiador teria conseguido salvar do extravio e, por conta disso, ele deixava claro que ficaria satisfeito com uma retribuição, que, aliás não ocorreu:

*Termino felicitando-me de haver salvado este livro de ir a outras mãos e de haver tido ocasião de o emprestar a V. S. que aproveitará dele com glória para o nosso país. Creio que o serviço valia um gênero Varnhageniano. Se estiver em disposto a fazer esta comemoração com uma das plantas novas cuja estampa salvei, desde já me ofereço a fazer-lhe presente do livro.*<sup>9</sup>

Em 1869, o historiador foi agraciado com a comenda da Ordem da Rosa, fato que o fez escrever uma carta ao imperador, apontando como seu estado de espírito então melhorara:

*Ah! Senhor! Se V. M. soubesse bem quanto necessita de estímulos o meu pobre espírito que dói! Sinto-me nervoso, doença que nunca sofri, e toda a aplicação me cansa e me causa tédio, inclusivamente a dos estudos históricos, cujos trabalhos aturados eram antes para mim um encanto em que passava o tempo sem o notar. Se sigo neste ano mais, creio que me despedirei das letras, e começarei nelas a duvidar de mim mesmo...*<sup>10</sup>

Algumas das distinções que mais pretendeu foram a naturalização brasileira e os títulos nobiliárquicos que somente seriam concedidos em 14 de agosto de 1872, Barão de Porto Seguro, e em 16 de maio de 1874, com a elevação à Visconde. Suas cartas também

<sup>8</sup> Varnhagen. *Correspondência Ativa. Op. cit.*, pp. 166-169.

<sup>9</sup> *idem*, carta datada de 4 de novembro de 1852, pp. 192, 193.

<sup>10</sup> *Idem*, carta datada de 20 de outubro de 1869, p. 334.

revelam uma obsessão em ser aceito por conta daquilo que estava realizando. Algumas informações, uma vez que, reincidentes, nos levam a supor que Varnhagen não se sentia de modo algum seguro com relação ao reconhecimento de seus feitos. E perceba-se que recebeu seus tão ansiados títulos ao final de sua vida. E o nome escolhido, como se percebe, guarda uma certa ambigüidade: Porto Seguro, o local do primeiro desembarque dos portugueses bem como a dimensão da estabilidade historiográfica atingida por Varnhagen.

Sua correspondência, bem como os textos publicados em vida, nos apresentam um estudioso que dividia suas atenções entre ao campo das letras e da história e os afazeres e obrigações diplomáticas. Capistrano de Abreu salientava que Varnhagen apresentou duas edições de sua *História Geral*, e pouco antes de falecer, estava preparando uma terceira. Escreveu a *História da Independência do Brasil*<sup>11</sup>, que veio a ser publicada postumamente, bem como um estudo em especial sobre as guerras holandesas.<sup>12</sup> Deparou-se com obras que vieram a se agregar necessariamente aos estudos do Brasil colonial, como foi o caso de *Diálogos das Grandezas do Brasil*, de Brandônio, da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador e de *Cultura e Opulência no Brasil por suas Drogas e Minas*, de Antonil. Fez incursões pelo campo da literatura e seu *Florilégio da Literatura Brasileira*<sup>13</sup>, vem normalmente mencionado como nossa primeira experiência de realização da demarcação dos trabalhos nativos nesse campo.

Sua rede de sociabilidade não veio a se constituir no Brasil, pois passou a maior parte de seus anos no exterior. A correspondência mais perene que veio a manter com um brasileiro foi àquela destinada ao imperador. Sua participação no IHGB, ateu-se ao envio de cartas, periodicamente lidas nas sessões, bem como na publicação de artigos relacionados à história do Brasil. Foi também Primeiro Secretário da Instituição, até dezembro de 1851, quando embarcou para Madri para assumir um posto na diplomacia. Acerca desse momento, o próprio Varnhagen se comunicava com Joaquim Manuel de Macedo, que o sucederia:

<sup>11</sup> Varnhagen. *História da Independência do Brasil até o reconhecimento pela Antiga Metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas Províncias até essa data*. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 1916, t. LXXIX, primeira edição e *Revista do IHGB*, 1938, volume 175, segunda edição.

<sup>12</sup> Varnhagen. *História das Lutas com os holandeses desde 1624 a 1654*. Viena: Imp. de Carlos Finsterbeck, 1871.

<sup>13</sup> Varnhagen. *Florilégio da Poesia Brasileira, ou Coleção das mais notáveis Composições dos Poetas Brasileiros Falecidos, contendo as Biografias de muitos deles, tudo precedido de um Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.

*Devendo eu, por motivos de serviço, ausentar-me desta capital, e não havendo nos nossos Estatutos disposição alguma clara de quem deve fazer as vezes do 1º Secretário em sua ausência; não podendo disso incumbir-se o Sr. 2º Secretário pelos seus muitos afazeres, foi-me ordenado pelo Exmo. Sr. Presidente, de acordo com a mesa administrativa, que fizesse a V. S. entrega da Secretaria até que o Instituto providencie convenientemente pela eleição a que se procederá.<sup>14</sup>*

A ausência do Brasil logo era percebida como um problema, uma vez que se distanciava do pequeno círculo de literatos ou historiadores que tinham na sede do IHGB, o seu ponto de encontro sistemático. Em junho de 1852, Varnhagen se remetia a Manuel de Macedo, demonstrando preocupações:

*Agora que já devem ter começado de novo os trabalhos regulares dessa corporação, vou procurar apresentar-me também em uma das sessões pela presente carta, já que não posso de outra forma mostrar minha pontualidade, e os vivos desejos que tenho de ver cada vez mais florescente a nossa associação, conhecida hoje na Europa pelos importantes anais que publica. Vou, pois, como digo, comparecer em sessão para dar conta de mim, e pedir a V. S. reciprocamente o favor de me mandar tão imediata e pontualmente como lhe seja possível, os números da **Revista**. Até hoje não recebi nenhum, depois que saí dessa cidade, e consta-me que não é porque se hajam deixado de publicar, circunstância esta que eu muito mais sentiria que a do esquecimento da minha pessoa.<sup>15</sup>*

Ao menos em 1853, a situação que incomodava a Varnhagen, continuava a mesma. Em março desse ano, o historiador se remetia ao imperador, aproveitando para indicar um outro nome para o cargo de 1º Secretário, uma vez que Macedo havia deixado o posto:

*Do Instituto nada sei absolutamente. Depois que dele me separei, apenas o número imediato da **Revista** me chegou às mãos; e esse de um modo indireto; (...) Constando-me entretanto, e por mui competente autoridade, que o meu sucessor pensa deixar o posto, por motivos domésticos, tomo a liberdade de lembrar a Vossa Majestade Imperial (quando lhe sucedesse) um indivíduo bastante ilustrado e bastante ativo e brioso, que, admitido primeiro como sócio, sem se dizer o intento, seria capaz de desempenhar o cargo. Refiro-me ao Sr. Cândido Mendes de Almeida, do Maranhão.<sup>16</sup>*

<sup>14</sup> Varnhagen, *Correspondência Ativa*, op. cit., p. 169.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 181.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 198.

A indicação de Varnhagen foi prontamente atendida, mas o posto de 1º Secretário foi ocupado por outra pessoa. Segundo Lúcia Maria Paschoal Guimarães,

*O cargo, que vagou com o pedido de dispensa de Joaquim Manoel de Macedo, seria ocupado, sucessivamente, pelo cônego Fernandes Pinheiro e pelo suplente de deputado, o Dr. Carlos Honório de Figueiredo. O primeiro era sobrinho do senador José Feliciano Fernandes Pinheiro – visconde de São Leopoldo, que ocupou a presidência da “Casa”, desde a sua fundação até 1847. O segundo, que assumiu o posto após o falecimento do cônego, era genro do senador Araújo Vianna – marquês de Sapucaí, então presidente do Instituto.<sup>17</sup>*

Tais preocupações do historiador não seriam provocadas por se encontrar distante do circuito intelectual brasileiro? Na indicação de Cândido Mendes, não estaria Varnhagen procurando manter meios de acessos mais seguros ao IHGB? De todo modo, ao que parecia, o historiador parecia saber que não contava com um espaço garantido na singela atmosfera dos homens de letras brasileiros.

Já na Europa, Varnhagen estabeleceu vínculos aparentemente mais seguros com representantes, fossem das letras ou dos estudos históricos. Entreteve longa relação com Heliodoro da Cunha Rivara. Possuía relações com Alexandre Herculano, Almeida Garret e Antonio Feliciano de Castilho, no momento em que veio a publicar vários artigos para a revista *O Panorama*<sup>18</sup>, que então contava com esses participantes. Manteve proximidade com Ferdinand Denis, estudioso dos assuntos brasileiros, diretor de biblioteca em Paris, e interlocutor de Varnhagen nos assuntos referentes à impressão da primeira edição da *História Geral do Brasil*. Pelo que se percebe, Varnhagen parecia possuir em Portugal, vínculos mais seguros com as humanidades.

A correspondência mantida entre Varnhagen e Heliodoro da Cunha Rivara, pode ser indicativa quanto a um tipo distinto de sociabilidade que o historiador privava em Portugal. O que pode ter contribuído para que Varnhagen e Rivara se aproximassem? Como o bibliotecário de Évora se distinguiu no meio intelectual português?

<sup>17</sup> Lúcia Maria Paschoal Guimarães. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)” in *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, IHGB, ano 156, n. 388, jul./set. 1995, p. 488.

<sup>18</sup> *Panorama* foi primeiramente publicada entre os anos de 1837 e 1864. Era revista de divulgação e cultura fundada por Alexandre Herculano. De 1866 a 1868, foram publicados os volumes XVI, XVII e XVIII, dirigidos por Francisco de Almeida.

Coube a Luís Silveira<sup>19</sup> a realização de um pequeno texto sobre a vida de Antonio Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Tratava-se de uma obra que apresentava alguns aspectos da vida deste intelectual, bem como uma seleção de seus escritos. O autor também ocupava o posto de diretor da Biblioteca de Évora e havia estabelecido a correspondência de Capistrano de Abreu com o livreiro Lino de Assunção, em um dos momentos em que o historiador esteve às voltas com a edição da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. Silveira também estabeleceu a correspondência havida entre o próprio Rivara e Antonio Feliciano de Castilho, o "poeta cego" do romantismo português, que também privava de proximidade para com Varnhagen.<sup>20</sup>

Silveira iniciava a sua obra ressaltando Rivara por conta dos ataques que sofreu e indicava o fato de ser injustamente escassa qualquer notícia sobre ele, mesmo depois de falecido. Acreditava que isso, em parte, pudesse ser explicado pela natureza do trabalho de Rivara, assim como pela personalidade, "*avessa às exigências teatrais e aos reclamos da personalidade*".<sup>21</sup> Ao reputar sua produção, Silveira enfatizava sua correspondência:

*Foi epistológrafo de mérito raro. Tinha nas cartas, um estilo gracioso e claro, de conversa falada, que encanta. Travou correspondência com os melhores espíritos de seu tempo. Metódico como era, reuniu em pastas, dispostas alfabeticamente, as cartas que recebeu e as minutas das respostas. Por essas folhas finas de papel, escritas numa letra característica e bem reconhecível, feita de traços quase só retos - firmes como a sua consciência - se avalia, além do que mostram outros documentos, o ideário e a grandeza do homem.*<sup>22</sup>

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara havia nascido em Arraiolos, Portugal, em 23 de junho de 1809. Teve educação clássica e erudita e formou-se médico, em 1836. A esse respeito, Rivara anotou em seu diário:

*Suspensa agora a minha carreira universitária por tempo indeterminado; reduzido a viver no estreito círculo da sociedade de uma pequena vila de província; pouco inclinado aos trabalhos da agricultura, ou ao passatempo da caça; recorri à leitura.*

<sup>19</sup> Luís Silveira, *Cunha Rivara*. Coleção Idearium: antologia do pensamento português. Lisboa, SNI, 1946.

<sup>20</sup> Luís Silveira. *Cartas de Antonio Feliciano de Castilho e de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara*. Documentos da Biblioteca Pública de Évora. Évora, Minerva Comercial Limitada, 1941.

<sup>21</sup> Luís Silveira, *Cunha Rivara*, *op. cit.*, p. 6.

<sup>22</sup> *Idem*, pp. 6, 7.

*Felizmente, um morgado da terra, o sr. João José de Almeida Cardoso do Vale Mexia, pessoa muito das nossas relações, possuía uma seleta livraria, em parte herdada de seus maiores, e em parte enriquecida com aquisições dele próprio. Avultavam os cronistas e historiadores. Fui lendo uns após outros, e quanto mais lia, mais me agradava a leitura. (...) A leitura das crônicas criou em mim o desejo de ler a história nos documentos, e o gosto da arqueologia.<sup>23</sup>*

Não veio a exercer a medicina e, em 1838, tornou-se bibliotecário da então chamada Biblioteca Pública Eborense. Permaneceu no posto até 1852. Luís Silveira destacou que, neste posto, Rivara veio a estabelecer um catálogo que inventariava as obras do acervo, o que até então era inédito na instituição. No entanto, Rivara enfrentou problemas de ordens políticas, como ele mesmo anotou em seu diário:

*Quando me achava mais empenhado e embebido nos trabalhos da biblioteca... com todo o fervor que se sente aos 30 anos de idade, rebenta uma ordem do Ministério do Reino ao Administrador Geral declarando-lhe que sendo incompatível o cargo de bibliotecário com o de professor, me despedisse da biblioteca, e nomeasse outro, em quem se não desse aquela incompatibilidade.<sup>24</sup>*

Rivara pôde permanecer na biblioteca enquanto estivesse por realizar o catálogo, no entanto seu salário foi reduzido em 50 por cento. Acerca dessas dificuldades, ele acrescentava:

*Causa na verdade dó ver como os negócios da administração pública correm na nossa terra, e sobretudo lamento ver comprometidos nestas inépcias pelo burocratas da secretaria do Reino, os nomes de dois homens tão beneméritos, como Joaquim Antonio de Aguiar e Júlio Gomes da Silva Sanches. (...) A estas apoquentações de espírito por que me faziam passar, já como professor, já como bibliotecário, acresciam outras, filhas do pagamento desses tenuíssimos ordenados, que competiam àqueles cargos. Felizmente achei amigos generosos, que não duvidaram dar-me lenitivo em angustiosos lances.<sup>25</sup>*

Foi neste período que manteve correspondência com Varnhagen. Também foi desta fase sua relação com Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Antonio Feliciano de Castilho. E, como as cartas de Varnhagen deixavam entrever, Rivara veio a apresentar

<sup>23</sup> *Idem*, pp. 49, 50.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 53.

<sup>25</sup> *Idem*, pp. 55, 56.

alguns artigos em periódicos portugueses. A respeito de suas primeiras publicações, lê-se no diário de Rivara:

*Comecei a escrever para o público depois de ser professor, e foi O Panorama o jornal onde verdadeiramente fiz a minha estréia; porque não merece a pena de falar em alguns poucos artigos, que saíram sem o meu nome nos jornais de Coimbra durante os dois últimos anos que frequentei a Universidade. Abriram-me depois as suas colunas a Revista Literária do Porto, a Revista Universal Lisbonense, quando redigida pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho, e outros jornais literários. Nunca tive propensão para os assuntos políticos.<sup>26</sup>*

Esses comentários de Cunha Rivara parecem poder ampliar o espectro das dificuldades entretidas por aqueles que se descobriam como voltados para as letras. Enfim, pode ser que esse tenha sido um aspecto em comum entre o intelectual português e Varnhagen.

Mesmo assim, em 1852, Rivara foi eleito deputado e, em 1855, tornou-se secretário do governo português em Goa, na Índia. Ali continuou a vasculhar e estabelecer textos e documentos que viessem a interessar à história portuguesa. Permaneceu na Índia até 1877. Faleceu em Évora, em 20 de fevereiro de 1879.

Luís Silveira contou cerca de 43 trabalhos na produção de Rivara. Muitos desses textos foram copiados pelo bibliotecário em suas colheitas em Goa, outros, de sua própria lavra, diziam respeito à permanência do Padroado português na Índia, o que deve ter contribuído para que fosse colocado junto às hostes conservadoras. Suas relações intelectuais parecem também demonstrar essa orientação, uma vez que se aproximara dos autores portugueses mais identificados com a primeira geração do romantismo, casos dos já mencionados Garret, Herculano e Feliciano de Castilho. Constam também trabalhos filológicos, especialmente dedicados à língua concani, que veio a conhecer em Goa. Para a revista *O Panorama*, muito mencionada na correspondência com Varnhagen, Rivara publicou 54 artigos entre os anos de 1838 e 1854,.

Foram cinqüenta e duas cartas enviadas por Varnhagen para Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, pelo menos aquelas que constam da edição da *Correspondência* do historiador. A troca de cartas iniciou-se em 1839 e terminou em 1849. Segundo Lessa,

---

<sup>26</sup> *Idem*, p. 61.

os dois amigos ainda se corresponderiam seguramente até 1874, segundo menção do próprio Varnhagen no posfácio que apresentou à *História das lutas com os holandeses*<sup>27</sup>

Quanto ao teor propriamente dito das cartas, percebe-se uma relação que caminhava para a intimidade. Desse ponto de vista, não há comparações com nenhuma outra troca de impressões entre Varnhagen e um destinatário. Os tratamentos pessoais, por vezes, revelavam uma cumplicidade que não pode ser observada em outro contato. Passou-se um certo tempo até que os dois missivistas se encontrassem pessoalmente e mesmo assim, constatamos que as afinidades já haviam se configurado por conta da presteza e prontidão de Rivara em encaminhar os documentos pedidos por Varnhagen. Outro juízo recorrente, e que destoa com relação a um quase lugar-comum remetido a Varnhagen, é o fato dele aceitar críticas quando dirigidas pelo amigo. Num sentido, Varnhagen se mostrava pouco imune às considerações de Rivara, acatando-as com humildade. Finalmente, pode ser percebido o esforço de Varnhagen no sentido de vir a possibilitar o encaminhamento da produção de Rivara. Foram várias as vezes em que Varnhagen pedia ao amigo que escrevesse um artigo, indicando temas e assuntos bem como lhe franqueando com relação ao seu círculo de conhecidos que poderia então facultar a publicação.

Acreditamos também que essas cartas permitam a percepção de alguns traços agregados à figura de Varnhagen e que dizem respeito à abnegação que demonstrava quando em trabalho de pesquisa, especialmente quando às voltas com o preparo da *História Geral do Brasil*. Era um Varnhagen devotado ao trabalho que se encontrava nessas epístolas, o que inclusive vem estabelecer proximidade com algumas das impressões e juízos apresentados por Capistrano nos textos publicados e que versavam sobre o historiador.

Diga-se, no entanto que não nos deparamos com indícios indicativos de que Capistrano tenha conhecido essas cartas de Varnhagen. Leitor assíduo da *Revista do IHGB*, Capistrano tinha tomado contato com aquelas epístolas publicadas pela instituição. Através delas, também é possível perceber a motivação de Varnhagen e que vinha a se distinguir perante as preocupações dos outros sócios. Mas é improvável acreditar que tenha se debruçado sobre a correspondência enviada tanto para Rivara quanto para Pedro II. Capistrano sequer mencionou a correspondência privada de Varnhagen. Se

---

<sup>27</sup> Cláudio Ribeiro de Lessa, nota de pé de página referente a última carta enviada por Varnhagen. *Correspondência de Varnhagen*, op. cit., pp. 155, 156.

tivesse se deparado com ela, talvez percebesse a dificuldade de Varnhagen, que era a de vir a se definir como intelectual.

Contudo, na troca de cartas entre ele e Rivara, esse sentimento difuso não aparece em profusão. Rivara ocupava uma função semelhante a de Varnhagen, ou seja, ambos se dedicaram-se a pesquisa em história ou à produção de artigos para as poucas revistas do período, como era o caso da *Panorama*. Na correspondência com Rivara, Varnhagen não tinha a necessidade de se justificar, tornando tangível seu trabalho como historiador. Ele então se parecia, de fato, um homem de letras, sem que precisasse se explicar sobre a pertinência do que estava por fazer. Assim, são sugestivas suas informações sobre o melhor modo de vir a se escrever um artigo, ou sobre o estilo mais adequado para agradar os editores, e por vezes, até o público, como poderemos perceber. Note-se que o convívio com Rivara deu-se num momento em que Varnhagen sequer havia publicado a *História Geral*.

A possibilidade que se descortina a partir da leitura dessas cartas, é a de se perceber o espaço intelectual, da qual Varnhagen também fez parte. Quando fornecia esses indícios a Rivara, Varnhagen parecia estar falando sobre o que também lhe afligia. Esse tipo de informação, muito dificilmente pode ser averiguado na troca de cartas entre o historiador e outro remetente. Fosse na correspondência entretida com Pedro II ou Januário da Cunha Barbosa, nos encontramos com um homem mais preocupado em justificar suas atividades na demonstração de que de fato, estivesse satisfazendo as responsabilidades que lhe foram destinadas.

A partir de uma carta datada de 17 de agosto de 1839, Varnhagen iniciaria o primeiro de uma série de convites para que Rivara escrevesse um artigo para a revista *Panorama*;

*Agora tenho a fazer a Vossa Senhoria uma proposta. Vossa Senhoria conhecerá bem o jornal Panorama, a cuja redação até hoje presidia o Sr. Herculano. Eu lembrei à direção que Vossa Senhoria seria de grande vantagem que entrasse na redação, e creio que nisto não fiz mal, estando Vossa Senhoria [dependente] a aceitar ou recusar.*<sup>28</sup>

Varnhagen então passava a mencionar as características do trabalho, o que envolvia preços, assuntos, etc., nos seguintes moldes:

*A Direção paga desde 1200 até 2400 por página, sendo, aquele o preço das boas traduções e este o de artigos de moral, religião, etc. Se Vossa Senhoria quisesse*

<sup>28</sup> *Correspondência de Varnhagen*, op. cit., p. 29.

*escrever naturalmente em história, geografia, instrução geral, medicina doméstica etc., pôdia talvez deitar a conta a dois mil réis por página, pagos à vista. Vossa Senhoria quererá? Se não desculpe-me a muita boa vontade, e atribua a muita confiança ao nosso Aleixo Paes, que me informou tão bem de Vossa Senhoria.*<sup>29</sup>

Ainda no interior desse debate, o que se percebe é que Varnhagen ia constituindo o estilo que entendia ser o mais razoável para a publicação, como se percebe a seguir, numa carta datada de 18 de setembro de 1839:

*Sei que a direção gostou muito do artigo acerca dos indígenas, que até já vi composto, e creio que ainda vai primeiro do que a vida do Arcebispo. – Eu já a fui ler, e achei nela a viveza de imagens que agrada ao respeitável público, em objetos desta natureza. Para quando Vossa Senhoria acabar o que tem acerca dos indígenas talvez eu continue com um artigo acerca do descobrimento, imprimindo por esta ocasião a linda narração de Pero Vaz de Caminha.*<sup>30</sup>

E especialmente sobre o que dizia respeito às características do texto a ser escrito, e quanto ao que se esperava na publicação, Varnhagen apontava:

*Vejo que Vossa Senhoria faz muito caso de dificuldades futuras e passadas. Lembro a Vossa Senhoria que muitas vezes tenho ouvido dizer ao Sr. Herculano, “que quem quer escrever para o público deve ser descarado em quanto está com a pena na mão”. D’outro modo tudo são receios, tudo são dúvidas, medo de errar, de deixar escapar alguma coisa, de... tudo. Convém sim ter e seguir certas normas, mas não sermos tão cétricos que depois de escrevermos uma dúzia de vezes algumas linhas num papel nos não atrevamos a continuar.*<sup>31</sup>

E numa fala ainda mais personalizada, arremetia:

*Quem me daria a mim, - rapaz de 22 anos<sup>32</sup>, atrevimento para me arrastar em questões acadêmicas, se não fosse às vezes o preciso descaramento literário, tão necessário como o político! Bem sei que disto se deve servir só quem o precisa, - que tal talento haverá que se conheça tão bem as suas forças que de nada duvide, e não precise fazê-lo*

<sup>29</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>30</sup> *Correspondência de Varnhagen, op. cit., p. 35.*

<sup>31</sup> *Idem., pp. 35, 36.*

<sup>32</sup> Clado Ribeiro apontava algum erro, talvez do copista, uma vez que pela data da cart, Varnhagen contava então com 23 anos de idade.

*por sistema, e outros haverá que por demasia de ignorância não precisem o conselho, - que é um ditado ser a ignorância de si atrevida.*<sup>33</sup>

E finalizava esse assunto da seguinte forma:

*Aqui em Lisboa conheço eu um velho de grande saber e erudição, e como tal conceituado; a tudo tem que dizer e notar alguma coisa: mas por isso mesmo ainda se não atreveu a por pena em papel com medo de que lhe escape alguma notícia, ou algum autor a citar.*<sup>34</sup>

Esse último comentário é bastante interessante, principalmente por poder ser lido como um tipo de epígrafe da História do Brasil produzida por Varnhagen. Ou seja, por que se preocupar em citar uma fonte, se o que urge é o texto completo, pronto para ser publicado?

Essas preocupações de Varnhagen somente podem ser compreendidas com relação à recepção por parte dos próprios homens de letras. Ou seja, aqueles que escreviam artigos para as revistas especializadas eram também o público leitor. No Brasil, a situação era a mesma. Hélio de Seixas Guimarães<sup>35</sup>, em trabalho que veio a realizar sobre o universo dos leitores de Machado de Assis, coletou informações sobre o período próximo ao da produção de Varnhagen, especificamente com relação às perspectivas existentes de recepção desses trabalhos.

Diga-se que nessa obra, o pesquisador tomava como foco o público leitor de literatura e não abordou aqueles que poderiam estar lendo textos de história. Os dados são alarmantes para aqueles que supõe que contássemos com alguma demanda por parte da população letrada – algo raro:

*Reclamações sobre a negligência e o rebaixamento do gosto público não são exclusividade dos escritores brasileiros oitocentistas e podem ser ouvidas ainda hoje, quase nos mesmos termos, de um escritor de qualquer nacionalidade. No entanto, as queixas de que tratamos aqui se referem a uma situação que então era completamente nova, tanto na Europa quanto no Brasil e que correspondia à constituição do público leitor como fato social e como problema.*<sup>36</sup>

<sup>33</sup> *Correspondência de Varnhagen, op. cit.*, pp. 35, 36.

<sup>34</sup> *Idem.*, p. 36.

<sup>35</sup> Hélio de Seixas Guimarães. *Os leitores de Machado: O romance machadiano e o público de literatura no século 19*, São Paulo, Nankin Editorial/Edusp, 2004.

<sup>36</sup> *Idem.*, p. 71.

Mas, salientamos mais uma vez, a preocupação de Seixas se concentrava na possibilidade de recepção de obras de literatura, romances ou poemas. E o que dizer das obras de história? É de se supor que aqueles que se dedicavam à pesquisa e à escrita da história, tomassem sua produção como equivalente aos documentos que se deparavam nos arquivos e bibliotecas. Ou seja, estavam compilando informações, e alguns deles, como parece ser o caso de Varnhagen, o faziam para que no futuro, houvesse mais facilidade para outros historiadores que poderiam tomar contato com fontes, sem que para tanto tivessem de repetir o processo de ida e vinda aos arquivos. Mas pode ser que o fizessem também com a intenção de atarem seus nomes à história. Essa temor, aliás, já aparecia na carta enviada por Capistrano de Abreu para Guilherme Studart, historiador do Ceará<sup>37</sup>.

Ou seja, somando essas orientações àquelas primeiras que dispusemos no início desse capítulo, têm-se uma idéia do que poderia afligir Varnhagen. Enfim, o historiador parecia bastante atento às necessidades que se impunham para àquele que se percebesse voltado para as letras ou para a escrita da história, propriamente dita. Mas, é preciso que se leve em consideração que ele terminava por destacar aspectos bastante pragmáticos, que revelavam lacunas quanto às preocupações mais teóricas.

A partir dessas reflexões há que se procurar matizar as preocupações de Varnhagen, fartamente desenvolvidas nas cartas que enviava para Rivara, com relação ao estilo de escrita dos artigos. É bem provável que o historiador estivesse então se reportando ao pequeno circuito intelectual português do qual fazia parte. O *cânon* então discutido pelo historiador com o amigo bibliotecário, deve ser remetido ao que se entendia como bom para que houvesse aceitação por parte daqueles outros poucos que também estavam às voltas com a reflexão intelectual. Varnhagen, então poderia estar dando indícios quanto à possibilidade de sobrevivência nesse acanhado meio intelectual.

No caso da produção de Varnhagen com destino ao Brasil, especialmente sua *História Geral*, o universo de leitores diminuiria ainda mais. E quando falamos do círculo de literatos no Brasil, no período em que Varnhagen se encontrava em produção em Portugal, devemos nos recordar que se tratava da primeira geração romântica e que contava com pouco mais de uma dezena de participantes ativos, em sua maior parte,

---

<sup>37</sup> A menção a Mello Moraes que estaria queimando documentos por entender que depois de sua obra ser publicada, eles não mais seriam necessários. Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart, datada de 20 de abril de 1904, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, *op. cit.*, pp. 165-166.

orbitando em torno do imperador Pedro II. Parecia ser necessário a Varnhagen que fosse bem recebido por esses poucos intelectuais. E como não o seria?

O historiador dependia do Brasil uma vez que era por intermédio de suas ligações junto à diplomacia que pode estabelecer seus estudos que vieram a lhe possibilitar o destaque. Mas não possuía vínculos tão seguros quanto outros poetas ou historiadores bissextos, como João Francisco Lisboa ou Gonçalves Dias, que, aparentemente, foram mais felizes na constituição de uma sociabilidade nativa. Não acreditamos ser possível pensar em Varnhagen sem levar em consideração o fato de que tenha sido um brasileiro por idealismo e culto. Depois de sair do país, as poucas vezes que retornou, já adulto, não chegaram a perfazer um total de 12 meses. Há então que se observar de modo mais detido a precariedade da ligação de Varnhagen ao Brasil.

Nessa direção, pode-se supor que o historiador tenha desejado demarcar seu espaço no país, por conta de seus dotes reflexivos. Mas essa hipótese, além de não ser corroborada por suas cartas, também não pode ser avaliada pelos comentadores de seus escritos. Pedro Moacyr Campos, no “Esboço da historiografia brasileira”, apontava que Varnhagen,

*Filho de pai alemão, formado na atmosfera da cultura européia e – por outro lado – apegado ao Brasil, dispunha ele de uma posição privilegiada para marcar época em nossa historiografia, levando-se em conta sua vocação e seus excepcionais dotes de pesquisador. Deveras, defrontamos em sua obra (cuja primeira edição data de 1854-1857) com sérios indícios de um pensamento orientado segundo linhas bem diversas das que marcavam a mentalidade do Instituto Histórico e que, aliás, continuavam a ser amplamente aceitas nas esferas intelectuais do país.<sup>38</sup>*

José Honório Rodrigues, numa linha de continuidade com relação a Capistrano de Abreu, observou e salientou os feitos do historiador paulista, mas deteve-se no que considerava um traço eminentemente conservador de Varnhagen. Diga-se que Honório Rodrigues, apontou o conservadorismo em oposição às correntes liberais, existentes no segundo império brasileiro.

*Pombalino, partidário do absolutismo ilustrado, adversário dos jesuítas e antipático à Inquisição, Varnhagen jamais aceitaria que a História não fosse fruto de*

<sup>38</sup> Pedro Moacyr Campos, “Esboço de Historiografia Brasileira”, in Jean Glénisson, *Iniciação aos Estudos Históricos*, São Paulo, Difel, Terceira Edição, 1979, pp. 265, 266.

*personalidades mais ou menos cultas, nem deixaria de querer impor uma concepção histórica em que o Brasil é íntegro, uno, independente por obra e graça da Casa de Bragança.*<sup>39</sup>

Para Honório Rodrigues, a defesa incontestada da colonização brasileira como fruto das intenções civilizacionais dos colonizadores portugueses, também caracterizavam o conservadorismo de Varnhagen.

Francisco Iglesias, em obra póstuma, apresentou reflexões com o intuito de retomar a produção de Varnhagen. E percebe-se que muitas de suas considerações foram retomadas a partir de Capistrano de Abreu, como o próprio autor sublinhava, talvez o mais importante receptor da obra do historiador paulista. Dentre outros aspectos, Iglesias se questionava quanto ao fato de Varnhagen ser pouco tributário da ambiência intelectual européia, no que dizia respeito às orientações de cunho mais sociológico – fato também apontado por Capistrano:

*De quem viveu tanto na Europa, versado em línguas, podia-se esperar mais. Podia e devia conhecer as historiografias inglesa, francesa e alemã, que faziam colocações superiores da economia, do social, do intelectual, mas não leu essas obras, ou pior, se o fez, não captou seu sentido superior, incorporando-o à sua visão e análise. Mais ainda: já havia na Europa certo cuidado com a interpretação do processo histórico, em parte pelas obras de cientistas sociais no começo de suas teorizações. Varnhagen desconheceu essa corrente historiográfica, ou não lhe deu importância. Os modestos cronistas brasileiros, seus contemporâneos ou imediatamente anteriores ou posteriores, podiam ter o universo limitado que tinham. Dele, porém, seria lícito pedir mais.*<sup>40</sup>

Iglesias soube captar o sentimento que também passava pelas considerações de Capistrano no que dizia respeito a uma certa frustração que a obra de Varnhagen causou naqueles que a leram, não somente no momento em que foi publicada. A proximidade com o circuito intelectual europeu, uma vez que o historiador privava das rodas de homens de letras, especialmente lisboetas, bem como o contato com obras e documentos desconhecidos, pareciam sugerir cogitações mais profundas.

---

<sup>39</sup> José Honório Rodrigues, *História da História do Brasil: a historiografia conservadora*, Volume II, Tomo I, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988, p. 17.

<sup>40</sup> Francisco Iglesias, *Historiadores do Brasil: Capítulos de historiografia brasileira*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000, pp. 84, 85.

A leitura da produção desse historiador tem produzido este tipo de expectativa que vai sendo lentamente abandonada. Por vezes, parece que se ateu à responsabilidade de erigir a primeira história do Brasil, genuinamente elaborada por um brasileiro. O sentimento final, uma vez que a monumentalidade de sua história nos conduz à ponderação, é que teve mais qualidades positivas que negativas. Nesse sentido, é bom que se retome Iglesias:

*Tem-se de examinar um autor e obra, não pelo que poderiam ser. Varnhagen tomou da historiografia européia de seu tempo o cuidado com as fontes, valorizando o documento. Está aí sua grande contribuição, suficiente para dar-lhe lugar de relevo na historiografia pátria. Considerá-lo desvalioso por não atentar para o mal da escravidão, por seu conservadorismo ou reacionarismo, por não apreciar questões hoje tão vitais, para nós, é não só um procedimento duvidoso como denunciador de falta de sentimento histórico. Varnhagen foi homem de sua época, pensou e agiu como a maioria de seus contemporâneos. O mais é crítica passível de reparos.<sup>41</sup>*

Sílvia Romero, em 1902, numa abordagem que pareceu se servir também de Capistrano, apresentou comentários sobre a obra de Varnhagen e o fez dividindo-a em grupos, reputando seu trabalho de historiador como dos mais significativos dentre os outros que veio a realizar. Mas apontava:

*Na antropologia americana e na história literária, porém, nas quais não se podem dispensar especiais conhecimentos etnológicos e lingüísticos à moderna, na primeira; e capacidade filosófica, intuição crítica, faculdades estéticas de concepção e de forma, na segunda, o papel de Varnhagen é demasiadamente secundário e apagado. E por lhe faltarem estas qualidades e lhe minguar o talento de narrar os acontecimentos, pintar os caracteres, dramatizar as grandes paixões e os altos feitos, e lhe escassearem ainda as fortes faculdades sintetizadoras dos verdadeiros mestres em história, as suas próprias obras do gênero não podem emparelhar com as daqueles, a despeito dos méritos que as exornam.<sup>42</sup>*

E sobre as qualidades de Varnhagen, Romero salientava

---

<sup>41</sup> *Idem*, p. 85.

<sup>42</sup> Sílvio Romero, *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago. Aracaju, Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2001, p. 302. Primeira edição em 1902-1903, Rio de Janeiro, Garnier.

*a erudição de primeira mão, o exame dos documentos e dos textos, o cuidado de tudo examinar por si, afastando as opiniões feitas muitas vezes sem base. E são também um certo número de idéias, de ordem secundária, é certo, mas ainda assim dignas de serem notadas.*<sup>43</sup>

Note-se que Romero, guiando-se, como acreditamos pelos textos publicados por Capistrano de Abreu sobre Varnhagen, em 1878 e 1882, enfatizava o empenho revelado por Varnhagen no que dizia respeito ao trabalho que veio a realizar. Lastimava a ausência de um tratamento crítico, embasado nas correntes que o período em que viveu poderiam lhe facultar. As considerações de ambos os autores se ativeram aos aspectos mais relacionados à intuição do historiador, bem como ao tratamento quase que mais técnico quando remetido ao tipo de trabalho que veio a realizar.

Lúcia Maria Paschoal Guimarães situa as atividades de Varnhagen como tributárias de uma visão de época, próximas então do historicismo alemão, do qual Ranke vem sendo considerado o principal idealizador. Para a autora:

*Varnhagen entendia que o historiador só pode se ater aos fatos que efetivamente aconteceram, devendo empenhar-se para restabelecer a verdade sobre os mesmos. Nesse sentido, acreditava que o trabalho histórico deveria apoiar-se na erudição, no rigor do tratamento dispensado às fontes. Sua concepção de história apóia-se na premissa de que as ações humanas espelham as intenções. Somente assim é possível construir uma narrativa lógica e coerente. Desse modo, opera com uma noção de tempo linear, onde os eventos se sucedem numa seqüência cronológica.*<sup>44</sup>

Alice Canabrava, em artigo clássico em que teceu comentários sobre Varnhagen e Capistrano, também comentou a ausência de um conhecimento mais atinado com correntes de inspiração filosófica, por parte do historiador paulista:

*Conhecemos pouco sobre a formação intelectual de Varnhagen, a não ser o treinamento como autodidata, na experiência de longos anos, junto aos arquivos. Raros são os autores estrangeiros citados em suas cartas. Sua preocupação e maestria quanto*

---

<sup>43</sup> *Idem*, pp. 302, 303.

<sup>44</sup> Lúcia Maria Paschoal Guimarães, "Francisco Adolfo de Varnhagen: *História Geral do Brasil*" in Lourenço Dantas Mota, *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos*, Volume 2, São paulo, Editora Senac, 2002, p. 95.

*à exegese documental parecem revelar a influência de Ranke (1795-1885), a qual poderia também inclinar-se por razões do meio familiar, sendo o pai alemão.*<sup>45</sup>

A busca da historiadora na direção de se deparar com alguma informação obtida a partir do próprio Varnhagen e que viesse a demonstrar algum tipo de afinidade com orientações teóricas, parece justificar o que acima dissemos, ou seja, as expectativas geradas por sua obra e que muito dificilmente podem ser satisfeitas. A hipótese de poder ter se aproximado de Ranke, por conta de sua ascendência alemã, nos parece pouco provável, o que aliás também suspeitava Canabrava. Varnhagen não obteve em sua formação, familiar ou escolar, nenhuma espécie de contato com as *ciências do espírito*. Por vezes, parece-nos que pesquisava o passado do Brasil, atuando como se fora um engenheiro. Nenhuma menção, seja em sua correspondência ou nos textos que elaborou, nos autoriza a crer que pautasse sua reflexão em alguma corrente ou autor, afinado com uma filosofia da história, por exemplo.

Mesmo que desejando apresentar um trabalho inédito, distinto das crônicas, a sensação geral que se tem, a partir de seu relato histórico, é a que tenha se prendido em demasia aos sucessos factuais. Assim, pareceu desejar dar conta de tudo o que poderia se relacionar com as ocorrências históricas. É o que sugere o fato de ter sido tão minucioso em relatos particulares e que não trazem grandes colaborações para o conhecimento da história do Brasil, mas antes, revelam um historiador que nada quis perder. Nesse sentido, por vezes, parecia trabalhar sem critério ou sem uma dimensão hierárquica sobre os acontecimentos. Enfim, em Varnhagen, como perceber o que ele que tomava como mais importante ou não? Algumas dessas impressões podem ser refletidas a partir da retomada de alguns traços relativos à sua formação.

Em 1823, ao chegar em Portugal, possuía quase oito anos de idade. Nessa nação, além dos estudos elementares, ainda menor de idade, lutou ao lado do Duque de Bragança, o imperador abdicatório do Brasil, contra o regente D. Miguel. Seus estudos iniciais foram concluídos no Real Colégio da Luz, entre os anos de 1825 e 1832. Depois frequentou, na Escola Politécnica de Lisboa, as aulas de física, mineralogia, química, botânica e zoologia. Obteve também formação militar que completaria na Academia de

---

<sup>45</sup> Alice Canabrava, "Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano", *Revista de História*, São Paulo, 18 (88), outubro-dezembro, 1971, p. 418.

Fortificações, posteriormente, a Escola do Exército, onde se formaria como engenheiro. Em 1832, foi para a Academia da Marinha, aprofundando em estudos matemáticos.<sup>46</sup>

Essa proximidade para com as ciências empíricas foi enfatizada pelos pesquisadores que se detiveram na produção do historiador paulista. Para Nilo Odália, por exemplo:

*Francisco Adolfo de Varnhagen legou, porém à sua pátria aquilo que tinha de mais caro e precioso: sua atividade intelectual. Uma imensa atividade intelectual que se traduziu numa obra numerosa, variada e, também, de desigual valor. Erudito e historiador que se destacava no panorama historiográfico brasileiro de sua época, buscou continuamente romper com suas próprias limitações, dedicando-se a outros campos de estudo e da criação literária. Tecnocrata por temperamento, muitas vezes procedeu como um mestre-escola, tentando corrigir com o dedo em riste os erros do passado e apontando o que se deveria fazer no futuro.*<sup>47</sup>

A historiadora Lúcia Guimarães, em outra apreciação, mobilizou-se na direção de apontar as prováveis interlocuções teóricas de Varnhagen:

*Estudioso da poesia medieval lusitana, freqüentador das rodas literárias lisboetas, aproximou-se de Alexandre Herculano e do cardeal D. Francisco de São Luís, o que lhe valeu uma recomendação para ter acesso aos arquivos da Torre do Tombo.*<sup>48</sup>

A autora também apontou as instituições a que teria se vinculado Varnhagen:

*Academia de Ciências de Munique, Sociedade de Geografia de Paris, Instituto Histórico e Geográfico do Rio da Prata e a Academia Real de Ciências de Lisboa.*<sup>49</sup>

Uma das menções mais citadas a partir da correspondência de Capistrano de Abreu pode ser um meio para que consigamos penetrar com mais propriedade nesses aspectos que se remetem à vocação de Varnhagen para o trabalho como historiador.

*"Pelo exame de Varnhagen cheguei à conclusão que, além da carta de Tomé de Souza, bem conhecida e mais de uma vez impressa, ele conheceu outra ou outras. Tê-las-á encontrado? Varnhagen era incapaz de inventar documentos, mas lia-os tão mal!*

<sup>46</sup> Uma reflexão acerca da formação de Varnhagen pode ser encontrada em Taíse Tatiana Quadros da Silva. "A erudição ilustrada de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-77) e a passagem da historiografia das belas letras à história nacional: breve análise histórica" in Manoel Luiz Salgado Guimarães. *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, pp. 114-136.

<sup>47</sup> Nilo Odália, *Varnhagen*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Editora Ática, 1979, p. 11.

<sup>48</sup> Lúcia Maria Paschoal Guimarães, "Francisco Adolfo de Varnhagen", in Ronaldo Vainfas (direção), *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2002, p. 285.

<sup>49</sup> *Idem*, p. 286.

*Muitas vezes concludo de modo diferente dele; outras noto que ele deixa o substancial para apegar-se ao acessório. A culpa é do Instituto. Ele pretendia escrever não uma história, mas uma geografia do Brasil. Começou a mandar cópia de documentos para a nova associação, e acharam tal apreço que começaram a dizer-lhe que só ele seria capaz da obra e ele deixou-se levar, mas nunca se lavou inteiramente do pecado original seu espírito formado em outras disciplinas. Creio que, se algum dia soube a língua paterna, esqueceu-a depressa quase por completo. Se a soubesse, e aproveitasse o livro de Guths-Muths, poderia ter antecipado a Wappaeus a muitos respeitois.*"<sup>50</sup>

Chamamos a atenção, especialmente, para a percepção de Capistrano de que Varnhagen não tenha inteiramente se livrado do *pecado original de ter sido formado em outras disciplinas*.

Maria Odila Leite da Silva Dias já havia salientado alguns traços da formação relativa aos primeiros homens de letras do Brasil independente, em muito remetidos às ciências práticas. Para a historiadora, especialmente em relação aos homens de letras que imediatamente antecederam a Varnhagen,

*Suas atividades de pesquisa e exploração, desvendando o interior do Brasil e procurando inovações para o seu progresso material, têm um cunho prático muito peculiar do meio e do momento histórico em que viviam e, por isso, oferecem um interesse mais específico para o estudo das origens de uma cultura brasileira do que a análise das primeiras manifestações revolucionárias e republicanas da colônia, das quais, é certo, muitos dentre eles participaram, mas que refletem a ideologia da Independência norte-americana e da Revolução Francesa, formas generalizadas de um movimento cosmopolita e universal, simbolizada nas lojas maçônicas.*<sup>51</sup>

Ou seja, nos anos anteriores à proclamação da independência, bem como naqueles que se seguiram, estava longe de ser nítida a distinção entre homens de letras e aqueles outros que se dedicavam às ciências práticas ou pragmáticas. Para a autora, essa dificuldade de distinção poderia ser remetida às heranças da Ilustração, recebidas pelo Brasil. Varnhagen parece ser um caso bastante próximo dessa atmosfera na qual os contornos do ofício dos homens de letras eram vagos. Sua acolhida no meio dos

<sup>50</sup> Carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo, datada de 9 de março de 1918. *Correspondência de Capistrano de Abreu*, volume 2, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 84.

<sup>51</sup> Maria Odila Leite da Silva Dias, "Aspectos da Ilustração no Brasil" in *A interiorização da metrópole e outros estudos*, São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2005, p. 40.

intelectuais do segundo império pode então ser remetida a outro tipo de credencial, talvez relacionada às ligações anteriores com a família imperial ou por conta da capacidade que demonstrava de investir numa busca abnegada pelos arquivos e bibliotecas européias.

Acerca da própria fundação do IHGB, instituição a que Varnhagen se manteve ligado, é importante que se recorde que também pode ser remetida a um ambiente ilustrado. Segundo Manuel Luís Salgado Guimarães,

*A idéia de criação de um instituto histórico é veiculada no interior da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), criada em 1827 com a marca do espírito iluminista presente em instituições semelhantes que brotaram no continente europeu durante os séculos XVII e XVIII, e que se propunha a investigar o progresso e desenvolvimento brasileiros.<sup>52</sup>*

Concepção semelhante é aquela que nos dispôs Maria Odila quando, no artigo acima citado, também apresentou as preocupações existentes quando da criação de instituições relacionadas aos conhecimentos úteis:

*O traço de continuidade mais significativo a unir os cientistas práticos dos fins do século XVIII à geração dos românticos brasileiros e a penetrar pelo século XIX afora foi a sobrevivência de uma inclinação pragmática, que se exprimiu no culto às ciências e aos conhecimentos úteis, dedicando-se à busca, consciente e pragmática, dos instrumentos da nova nacionalidade. Toda sua obra caracterizou-se por esse nacionalismo didático. A revista *Niterói*, um dos órgãos que dariam início ao movimento romântico brasileiro, seguia o padrão das revistas de antes da Independência, ao reservar um espaço muito maior aos assuntos científicos e econômicos do que aos literários.<sup>53</sup>*

Diga-se que em moldes semelhantes a esses, em Portugal, havia sido fundada a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, no ano de 1837 e que, contando com a participação de Alexandre Herculano, veio a fundar uma revista, *Panorama*, onde Varnhagen e Rivara vieram a publicar alguns artigos. Ou seja, o traço ilustrado, que permitia aproximar sem maiores distinções, os conhecimentos úteis, mais orientados pela aplicação prática, e as intenções das ciências do espírito parece ter sido,

<sup>52</sup> Manoel Luís Salgado Guimarães. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional", Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, número 1, 1988, p. 8.

<sup>53</sup> Maria Odila Leite da Silva Dias, *op. cit.*, p. 117.

inicialmente, um elemento viabilizador da participação de Francisco Adolfo de Varnhagen na cena intelectual desse período.

Fosse em Portugal ou no Brasil, como poderíamos nos deparar com uma segurança que possa ser remetida à atmosfera intelectual? Parece-nos que a reflexão deveria ser lastreada pela possibilidade de aplicação prática, obtendo seu sentido a partir daí. E quanto a ocupação de homem de letras, como poderia ser percebida sua pertinência? Por que se ater às pesquisas, num cenário onde a necessidade pela sobrevivência imperava? Essa instabilidade talvez nos ajude a compreender os motivos que levaram alguns desses literatos a fazerem um número razoável de atividades, as vezes, dispersas e diferenciadas. Nesse sentido, o caso de Varnhagen também é referencial uma vez que dividiu seu tempo em pesquisas históricas e aspectos relativos à diplomacia.

Mas que circunstâncias mais precisas podem ter contribuído para que Varnhagen se voltasse, em especial, ao campo da pesquisa nas letras? Em 1835, o historiador iniciou estudos sobre Gabriel Soares de Souza e, em 1838, apresentou um produto dessa pesquisa, na sua primeira obra, intitulada *Reflexões Críticas*<sup>54</sup>, que veio também a lhe facultar o acesso à Academia de Ciências de Lisboa. Em 1839, Varnhagen estabeleceu o *Diário da Navegação de Pero Lopes*<sup>55</sup>, fato que deve ter reforçado ainda mais suas ligações com as pesquisas históricas, bem como com o meio literário tanto português, quanto brasileiro.

No Brasil, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838 e cedo se desligando da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, capitaneava o projeto de se criar uma identidade para a nação recém independente. As iniciativas de pesquisa documental no exterior já ocorriam desde 1839, com a missão de José Maria do Amaral, como relatava José Honório Rodrigues,

*Por decreto de 23 de agosto, foi removido da Legação de Washington para as de Madri e Lisboa, a fim de coligir documentos que pudessem interessar à história do Brasil, na*

---

<sup>54</sup> *Reflexões Críticas sobre o escrito do século XVI impresso com o título de "Notícia do Brasil"*. No tomo terceiro da coleção de notícias ultramarinas. Acompanhadas de interessantes notícias bibliográficas e importantes investigações históricas. Lisboa, Tipografia da Academia de Ciências, 1839.

<sup>55</sup> *Diário da navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Afonso de Souza, escrito por seu irmão Pero Lopes de Souza*. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa, Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

*conformidade das instruções que lhe enviaria o IHGB, com o qual deveria manter-se em constante e direta correspondência.*<sup>56</sup>

Uma vez que José Maria do Amaral não veio a responder a contento a responsabilidade que lhe foi colocada pelo IHGB, Antonio Menezes Vasconcelos de Drummond foi aquele que veio a indicar Varnhagen para que viesse a substituir o pesquisador nos trabalhos de além mar. Segundo Honório Rodrigues,

*Foi por intermédio de Drummond que Varnhagen ofereceu ao Instituto Histórico, em 1840, um exemplar de suas **Reflexões Críticas** e de sua edição do **Diário de navegação de Pero Lopes de Souza**.*<sup>57</sup>

Rodrigues também apresentou um trecho do ofício reservado do ministério dos negócios estrangeiros, onde Vasconcelos de Drummond salientava a conveniência de se contar com Varnhagen nas pesquisas que deveriam ser operadas na Europa:

*Nós ganharíamos com isso, suponho eu, mormente se ele fosse empregado com título de adido a esta Legação, com encargo especial de coligir documentos e diplomas para a História do Brasil e diplomática, coordena-los e analisá-los de modo que verifique datas e acontecimentos e apure a verdade do fabuloso que abunda nas relações daquele tempo de propensão maravilhosa.*<sup>58</sup>

E sobre o pesquisador que antecedeu a Varnhagen, Drummond deixava claro que havia sido

*Encarregado de uma missão de que não pode dar satisfação senão com o andar do tempo, visto não ser fácil orientar-se com brevidade em três países estrangeiros para chegar ao termo de fazer profícuas indagações e descobrir inéditos nos arquivos e bibliotecas, mormente em Portugal, aonde as repetidas modernas revoluções e a abolição dos conventos confundiram todos os papéis públicos e deslocaram todos os depósitos e arquivos, a ponto de ser este mesmo governo obrigado a mendigar agora*

<sup>56</sup> José Honório Rodrigues. *A pesquisa histórica no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982, p. 39.

<sup>57</sup> *Idem.*, p. 43.

<sup>58</sup> Rodolfo Garcia, "Ensaio bio-bibliográfico sobre Francisco Adolfo de Varnhagen", Varnhagen. *História Geral do Brasil*, t. 2, pp. 437-438. Apud José Honório Rodrigues, *A pesquisa histórica no Brasil*, op. cit., pp 44, 45.

*cópia de tratados e outros diplomas que não acha na Secretaria de Estado, nem na Torre do Tombo.*<sup>59</sup>

Em 1840, Varnhagen entrou nos quadros do IHGB, como sócio correspondente e a partir daí, iniciou um constante contato epistolar com Januário da Cunha Barbosa, fundador e primeiro secretário da entidade. As cartas enviadas ao IHGB, valiam-se da expectativa de que fossem tornadas públicas, quando da leitura nas sessões periódicas dessa entidade. Assim, conhecendo minimamente as aspirações mais personalistas de Varnhagen, sobretudo com relação às ambições pelo mais correto estabelecimento de sua memória na posteridade, essas epístolas se apresentam como textos mais racionais, que se valiam de intenções quanto à correta interpretação de seus feitos na Europa ou, no mínimo, como meio de divulgação de seu desempenho. Ao enviar algumas de suas cartas, Varnhagen operava supostamente com o seu interlocutor – Januário da Cunha Barbosa, por exemplo – como um meio para fazer passar seus feitos para um número maior de pessoas. Num sentido, ao comentar suas realizações, Porto Seguro ia estabelecendo uma primeira recepção de suas obras.

A leitura desse conjunto epistolar, deixa transparecer aspectos que se remetem à abnegação do pesquisador, especialmente com relação ao seu trabalho junto aos arquivos e bibliotecas. Nessa direção, veja-se, por exemplo, a carta que Varnhagen enviou para Januário da Cunha Barbosa, de Lisboa, datada de 14 de março de 1843:

*Pelo amor de Deus não me leve a mal o não ser mais assíduo e mais extenso nas minhas correspondências particulares. O tempo de manhã até as quatro horas está todo dividido entre a Legação (onde agora sirvo de secretário) e a Torre do Tombo, onde me vai aparecendo tanta coisa, que não devo fazer mais do que copiar e andar para diante. Lá virá tempo em que eu não tenha arquivos e então o organizar dos documentos, a redação histórica será o meu cuidado.*<sup>60</sup>

A insistência de Varnhagen em narrar em suas cartas o trabalho que vinha realizando – seu empenho nos arquivos em meio à papelada empoeirada ou quanto ao fato de tomar a maior parte de seu dia nas bibliotecas – não seria um meio para apontar que, estivesse fazendo algo tangível? Ou seja, não seria uma forma de estruturar uma atividade exótica, como era a de se dedicar ao estudo das humanidades numa nação, recém

<sup>59</sup> *Idem*, p. 45.

<sup>60</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen, *Correspondência ativa*, op. cit., p. 103.

formada, onde parecia ser mais claro definir uma ocupação pelos aspectos práticos em que ela pudesse redundar?

Em outra carta, desta vez endereçada para o general Francisco José de Sousa Soares de Andréa, datada de 16 de fevereiro de 1843, Varnhagen recuperava sumariamente seus feitos em Lisboa, os estudos práticos que teve, sua participação na luta ao lado do Duque de Bragança, mas sinalizava com clareza que queria se desligar das ocupações relacionadas à engenharia para que tivesse mais tempo de dedicação, tanto para a diplomacia, mas especialmente para a pesquisa e coleta de dados referentes à história do Brasil que estava encetando. Nesse sentido, ao final dessa epístola, acrescentou:

*Eu aproveito de toda a ocasião para ler e me aplicar especialmente a alguns ramos da engenharia civil, e muito honrado me julgaria se V. Ex. por sua própria escolha ou do governo, me ordenasse que haja de distrair menos a atenção, concentrando-me numa especialidade, que, por mais necessária ou menos estudada no país, conviesse que um indivíduo se fosse nela fortificando pelo estudo e aturado exame nas diferentes nações em que esta minha outra ocupação me venha a arrojar, para depois comunicar o resultado, ou ser incumbido de alguma comissão ou objeto especial.<sup>61</sup>*

Sem menosprezar sua formação nem os trabalhos de engenharia, o cuidado de Varnhagen em pedir por mais tempo para se dedicar a história parece sinalizar a dificuldade de vir a convencer quanto à pertinência de se dedicar à história do Brasil. Enfim, por que ser historiador? É o próprio Varnhagen quem sugere, quase que rogando por credibilidade, que ao final de seus estudos, comunicaria os resultados. Nesse sentido, para se investir na história, alguma espécie de resultado mais seguro deveria ser oferecido.

A primeira geração romântica brasileira manteve-se atada às instituições do Império, àquelas que se remetiam às preocupações literárias ou históricas. O exotismo presente na atitude de se dedicar à poesia, romance ou história, diminuiu na medida em que esses poucos homens de letras se sentiam engajados num projeto pragmático que era o de lançar as bases de um estado que se fez nação, sem comunicação com os participantes de algo ainda mais indefinível: o povo ou a opinião pública. Pensemos sobre o sentimento intelectual num meio tão árido como o Brasil do início do século XIX. Eram homens de letras por alguma deficiência? Não conseguiram ser homens práticos, ligados

---

<sup>61</sup> *Idem*, pp.101, 102.

tão somente à política ou ao comércio? Onde encontrar aqui, indicativos que viessem a conferir um perfil mais delineado do sentimento intelectual? Pensemos, por exemplo, nos aparatos mais concretos que podem também possibilitar a estrutura de um perfil desses homens de letras. Não contávamos com editoras, muitas escolas, universidades, livrarias, sociedades literárias, público leitor, etc. Numa leitura retrospectiva, por mais que se deseje operar com as tentativas de se criar espaços para a atuação intelectual no Brasil, até meados do século XIX, só os temos na perspectiva da exceção.

Esse era o tom dado por José Veríssimo, quando buscou se aproximar das dificuldades entretidas pelos literatos brasileiros:

*Tem sido aqui a literatura uma coisa à parte na vida nacional. Feita principal, senão exclusivamente por moços despreocupados da vida prática, que sacrificavam a ingênuas ambições de glória ou à vaidade de nomeada, nunca assegurou aos seus cultores posições ou proveitos, como não constituiu jamais profissão ou carreira.*<sup>62</sup>

Antes desta primeira geração romântica, aqueles que se dedicavam ao que hoje chamamos de repertório das humanidades, eram cronistas, viajantes ou padres. E mesmo assim, suas investidas guardavam alguma proximidade com os resultados aferíveis. Poderiam ser aguardadas para que melhor se conhecesse a colônia que se pretendia administrar, por conta de sua fauna ou flora, ou para somente se aprofundar naqueles traços sociais que melhor permitissem o prosseguimento da prática da catequese.

Nesse sentido, comentando seus afazeres como historiador, para ser compreendido, Varnhagen parecia aproximar os resultados que colhia àqueles das ciências pragmáticas. Não foi capaz – e como o seria? – de explicar o que intentava fazer, a partir de referências obtidas nas próprias características distintas do que estava por realizar. Enfim, Varnhagen parecia obcecado em ser reconhecido por seu trabalho num meio imune – por conta da ausência de referências – à reflexão intelectual.

De modo semelhante, sem contar com textos, mesmo dos cronistas do período colonial, muitos deles perdidos – como a obra de Frei Vicente do Salvador – não havia uma tradição ou culto, que se detivesse na pesquisa e na escrita de história. Nessa direção, talvez o que faltasse ao pesquisador que antecedeu a Varnhagen na Europa, pode ter

---

<sup>62</sup> José Veríssimo. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira, 1601, a Machado de Assis, 1908*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1961, p. 223 *apud* Hélio de Seixas Guimarães, *op. cit.*, p. 74.

sido a falta de constância e, quem sabe, uma ausência de ambição, àquela que Varnhagen manifestava na direção de vir a ocupar um posto de importância. Ou seja, José Maria do Amaral não foi capaz de responder *na prática* às necessidades envolvidas na pesquisa que se aguardava que viesse a realizar. O que o Instituto precisava, naquele instante, era de alguém que se aplicasse na elaboração da história do Brasil, sem que se dispersasse em aspectos mais abstratos.

Assim, Varnhagen parece ter se adequado convenientemente ao trabalho de coleta de documentos, na medida em que os enviava com certa profusão para que viessem a ser publicados na *Revista do IHGB*. Note-se também todo um cuidado de Varnhagen com o IHGB bem como, futuramente com Pedro II. Nas cartas que enviava, Varnhagen demonstrava empenho, concordância para com os ideais defendidos pelo circuito palaciano e sempre parecia estar às voltas com as obrigações que lhe foram destinadas. Mas o que dizer sobre outros aspectos que poderiam ser remetidos ao estilo ou quem sabe, ao modo de interpretação dos dados obtidos? Contudo, para que se pudesse ponderar sobre essas menções, o IHGB deveria ter constituído um critério que viesse a tomar com mais independência o que se pensava sobre a história.

Não que se possa dizer que ele não existisse. Von Martius havia descrito e configurado a melhor forma de se escrever a história da nação e Varnhagen vem sendo tomado como aquele que melhor veio a colocar em prática esses ideais<sup>63</sup>. Mas, o historiador, mais uma vez, veio a aplicar, sem crítica, aquilo que se havia disposto como a história correta a ser elaborada no período. O próprio texto de Martius, havia sido oferecido a um concurso que exatamente, como se sabe, almejou premiar aquele que fornecesse elementos mais seguros sobre o tipo de história que deveria ser elaborada acerca do Brasil.

Enfim, “Como se deve escrever a História do Brasil”, pode ser tomado como um título de um trabalho que pretendia dispor o que parece mais adequado para a elaboração de um texto de história. Mas também deixava transparecer um estado de coisas em que sequer se suspeita o que se deve ser feito. Para tanto, basta que pensemos nessa frase como se fosse uma pergunta.

Sabedores de que as fontes estavam espalhadas pelo mundo, os organizadores do IHGB, cedo promoveram o envio de associados aos arquivos de além-mar. Varnhagen, nesse

---

<sup>63</sup> Karl Friedrich von Martius. “Como se deve escrever a História do Brasil” in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*: Rio de Janeiro, nº 6, 1844, pp. 389- 411.

sentido, contou com apoio político, encetou a missão, mas o fez como quem escavava dados e os copiava sem maiores cuidados. Sendo assim, como entender que se tenha constituído um exame mais acurado para que se percebesse que Varnhagen seria o historiador adequado para tamanha empreitada? Além disso, mesmo que o Brasil contasse com outros pesquisadores que possuíam alguma afinidade com a história, a rarefação, ou a falta de importância que se dava aos aspectos mais afinados com as humanidades, impediu que um fluxo maior de intelectuais viesse a encaminhar trabalhos em conjunto com aquele que Varnhagen desempenhava. Porque coube somente ao historiador a incumbência de vir a concluir uma história do Brasil, como foi a missão que cedo se impôs a si próprio o historiador sorocabano?

Nossa hipótese é de que Varnhagen tenha se ajustado aos desígnios e interesses do IHGB, como se sabe, fruto de intenções políticas palacianas, mais pelo fato de demonstrar capacidade de levar a cabo o trabalho de coleta documental. Enquanto somente estava indo de um arquivo para outro, revirando documentos, o IHGB lhe devotava atenção e reconhecimento. Mas, logo que publicou a primeira edição de sua história, as repercussões não foram boas. E nesse momento, percebeu-se que havia se afastado de um dos focos colocados por Martius, a saber, uma história do Brasil, que escrita, buscasse aliar índios, brancos e negros. E, esse foi o problema que mais foi percebido pelo historiador. Mas não o único.

Varnhagen enfrentou várias tensões com relação às abordagens que foram feitas acerca de suas produções. Entre os anos de 1851 e 1857, entretive polêmica com Joaquim Norberto da Silva, entre outros aspectos, acerca da intencionalidade ou não da chegada dos portugueses ao Brasil. Entre 1859 e 1860, foi a vez de Joaquim Caetano Pinheiro, relacionada à divergências com relação à ocupação holandesa em nosso país. Em 1868, a querela se deu com Richard Major, e versava sobre a verdadeira localização da *Vila do Infante*, D. Henrique, o Navegador. Entre 1871 e 1873, Varnhagen polemizou com Pieter Marinus Netcher, por entender que sua obra sobre os holandeses no Brasil tinha se tornado ultrapassada. Em 1874, também por conta das questões que envolviam os holandeses no Brasil, Varnhagen veio a se contrapor ao Senador Cândido Mendes. Entre 1857 e 1858, Varnhagen rebateu críticas de D'Avezac às menções que deu ao Oiapoque na *História Geral do Brasil*. Em 1872, em Portugal, Varnhagen envolveu-se também na polêmica entre Teófilo Braga e Adolfo Coelho contra Castilho, Garret e seus

contemporâneos, uma vez que mantinha proximidade com esses últimos. A querela se inseria numa discussão maior, a “Questão de Coimbra”<sup>64</sup>.

No entanto, a polêmica mais ruidosa travada por Varnhagen, foi aquela que o opôs a Francisco Lisboa<sup>65</sup> e que dizia respeito à valorização da participação indígena na nossa história. Os principais motivos se encontravam no *Memorial Orgânico*<sup>66</sup>, publicado em Madrid entre 1849-1850.

Nessa obra, bem como em artigos que se seguiram e que foram desdobramento das idéias matrizes apresentadas por Varnhagen nesse *Memorial*, sete perguntas balizaram a reflexão de Varnhagen: 1) Eram os que percorriam o nosso território à chegada do cristãos europeus, os seus legítimos donos?; 2) Viviam, independentemente da falta do ferro e do conhecimento da verdadeira religião, em um estado social invejável?; 3) Esse estado melhoraria sem o influxo externo que mandou a Providência por meio do cristianismo?; 4) Havia meios de os reduzir e amansar, sem empregar a coação pela força?; 5) Houve grandes excessos de abuso nos meios empregados para essas reduções?; 6) Dos três principais elementos de povoação, índio, branco e negro, que concorreram ao desenvolvimento de quase todos os países da América, qual predomina hoje no nosso?; 7) Quando se apresentem discordes ou em travada luta esses três elementos no passado, qual deles devemos supor representante histórico da nacionalidade de hoje?

Para cada uma dessas questões, Varnhagen foi estabelecendo uma discussão. Contra algumas dessas conclusões, levantou-se João Francisco Lisboa, nos números 11 e 12 do *Jornal do Timon*. Em 1859, Varnhagen partiu para o revide através de seu cunhado, Frederico Augusto Pereira de Moraes, que assinou com o pseudônimo de Erasmo, o

---

<sup>64</sup> Essa polêmica literária ocorreu primeiramente entre poetas e escritores de Lisboa e de Coimbra em 1856-66. Uma carta dirigida por Antonio Feliciano de Castilho ao editor de Lisboa, Antonio Maria Pereira e publicada conjuntamente com o livro *Poema da Mocidade*, de Manoel Pinheiro Chagas, que dedicara essa obra a Castilho, provocou reparos de vários escritores, então alunos da Universidade de Coimbra, alguns dos quais eram alvejados por Castilho pelo estilo usado em suas obras. Antero de Quental e Teófilo Braga eram os principalmente atingidos e o primeiro respondeu logo com um opúsculo violento que tinha, precisamente, o título que deu nome à polêmica: *Bom-senso e Bom-gosto*. Antero, então com 25 anos dizia que a Escola de Coimbra era atacada por quem queria guerrear a independência dos escritores que entendiam fazer por si o seu caminho sem pedirem licença aos mestres.

<sup>65</sup> A respeito da polêmica entre ambos os historiadores, nos pareceu que o trabalho de compilação mais qualificado tenha sido o que Pedro Puntoni veio a realizar. Tratou-se de “O sr. Varnhagen e o patriotismo caboclo: o indígena e o indianismo” (pp. 633 a 676), artigo publicado em *Brasil: Formação do Estado e da Nação*, volume organizado por István Jancsó, publicado em São Paulo e Ijuí, pela Editora Hucitec, pela Editora Unijui com o apoio da FAPESP no ano de 2003.

<sup>66</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen. *Memorial Orgânico*, op. cit.

texto, *Diatribes contra a timonice do "Jornal de Timon Maranhense", acerca da "História Geral do Brasil" do Sr. Varnhagen*.<sup>67</sup>

Varnhagen, recolheu os exemplares desse artigo no Brasil, mas algumas cópias chegaram às mãos de Lisboa, o que promoveu uma resposta no *Timon*, a nota C. Nesse artigo, o autor, mesmo que procurando manter um distanciamento crítico quanto aos juízos emitidos por Varnhagen, terminou por realizar uma espécie de manifesto contra o historiador paulista<sup>68</sup>. Em 1866, o historiador paulista escreveu um opúsculo em resposta ao ocorrido e retomava as discussões apresentadas por Lisboa. O título era "Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon Terceiro".

A discussão parecia ter terminado quando do falecimento de Lisboa - quatro anos antes da publicação do texto acima, de Varnhagen -, mas foi reaberta por Antonio Henriques Leal, amigo próximo do Timon. Leal<sup>69</sup>, iniciara no tomo XXXIV de 1871, da *Revista do IHGB* a publicação de seus "Apontamentos para a História dos Jesuítas no Brasil, extraídos das crônicas da Companhia de Jesus". No prefácio desse trabalho, salientava a importância de Southey, como fonte e diminuía a de Varnhagen em relação a Lisboa. E dizia em nota, que Varnhagen somente teve coragem para se indispor com Lisboa, após o seu falecimento. Varnhagen imprimiu um Ofício-protesto que pretendeu sair publicado na *Revista do IHGB*, mas o Instituto negou-se à divulgação<sup>70</sup>.

É importante que se recupere que João Francisco Lisboa havia participado da Comissão de História do IHGB, que, em 7 de dezembro de 1855, deveria emitir um parecer acerca da *História Geral do Brasil*. Mas, segundo Lúcia Maria Paschoal Guimarães

*Titulares e assessoria, os censores não se pronunciaram, nem deram maiores satisfações à mesa diretora a respeito do seu silêncio. O que nos levou a conjecturar que Varnhagen não havia agradado aos intelectuais patricios, seus contemporâneos, apesar da pesquisa minuciosa e do trabalho colossal, que teria merecido elogios, segundo ele*

<sup>67</sup> Impresso em Lisboa, tipografia de José da Costa, calçada do colégio. 6. em 6 de novembro de 1859.

<sup>68</sup> João Francisco Lisboa, *Crônica do Brasil Colonial: apontamentos para a história do Maranhão*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda/Instituto Nacional do Livro, 1976.

<sup>69</sup> Que viria a escrever o *Pantheon Maranhense*, repertório de biografias dos homens ilustres de sua província.

<sup>70</sup> O historiador veio a fazer a impressão por sua própria, conta junto ao editor Carlos Gerold, em 1874. Era um folheto de 23 páginas intitulado *Ofício-protesto dirigido ao IH do Brasil, pelo seu antigo primeiro secretário F. Ad. de V., Barão de Porto Seguro, contra várias asserções injustas, insólitas e infundadas do Dr. Antonio Henriques Leal em certa pequena nota de uns de seus apontamentos, etc., etc.... publicado com algumas notas aditivas e um prefácio também protesto*. Antonio Henriques Leal respondeu a Varnhagen em 34 páginas do Tomo IV do *Pantheon Maranhense*, pondo um ponto final na polêmica.

*próprio afirmava, até das duas maiores autoridades em assuntos brasileiros, o naturalista alemão Von Martius, e o bibliotecário francês Ferdinand Denis.*<sup>71</sup>

Francisco Adolfo de Varnhagen e João Francisco Lisboa conheciam-se, uma vez que em 1855, Lisboa veio a substituir Antonio Gonçalves Dias no cargo de pesquisador comissionado pelo império junto aos arquivos portugueses. Ou seja, Lisboa veio a realizar um trabalho do qual Varnhagen possuía experiência e sob a orientação deste, veio a consultar o Conselho Ultramarino, a Academia Real de Ciências, a Torre do Tombo, bem como as bibliotecas de Évora, bem como a Lusitana de Barbosa e de São Francisco.<sup>72</sup>

Nesse debate, Brito Broca nos lança luz, bem ao seu modo, através do contato com fontes de memorialistas. Para ele, João Francisco Lisboa,

*“Nos últimos tempos, já doente da afecção hepática que o matou” – escreve Peregrino Junior – “andava arredio e triste, às vezes irritadiço, não raro esquivo e intratável, o que o afastou de muitos amigos e lhe granjeou fama de orgulhoso. Data talvez desse tempo a divergência com Varnhagen e que este nunca esqueceu nem perdoou.”*<sup>73</sup>

E com relação à orientação de Varnhagen para com os índios, apontava:

*Para Varnhagen, o nosso silvícola constituía uma raça inferior, que devia não ser combatida, mas protegida – uma proteção que entretanto (julgava ele) só lhe poderia advir da tutela do colono, o que quer dizer, da escravidão. Os jesuítas, mais humanos, procuraram realizar essa tutela, preconizada por Varnhagen, pela catequese; o colono português, a impunha pela força, tornando o índio escravo. O autor da *História Geral do Brasil* mostra claramente que prefere esta última.*<sup>74</sup>

Para Brito Broca, esses seriam elementos suficientes para que Varnhagen tivesse dificuldade de contar com aceitação mais ampla, no momento da divulgação de sua *História*. Continuando, Broca acrescentava:

*A força [do colono português com relação ao índio] seria, no entanto, apenas um meio de fazer o indígena compreender a necessidade da submissão e o cativo, no fundo*

<sup>71</sup> Lúcia Maria Paschoal Guimarães. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, número 388, 1995, p.560.

<sup>72</sup> Ver Lúcia Maria Paschoal Guimarães. “João Francisco Lisboa”, in Ronaldo Vainfas (direção), *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2002, p. 404

<sup>73</sup> Brito Broca, *Românticos, Pré-românticos, Ultra-românticos: Vida literária e Romantismo Brasileiro*, São Paulo, Livraria e Editora Polis, INL, MEC, 1979, p. 190.

<sup>74</sup> *Idem*, p. 193.

contato com os africanos, que na obra de Varnhagen, são distinguidos por suas características lascivas.

Ou seja, de modo diferente daquilo que se pretendia para o Brasil neste momento, Varnhagen parecia partir de uma concepção que acatava a percepção de uma natureza humana, imune às modificações ou revisões. Operava também no interior de uma reflexão que opunha as virtudes aos vícios. Tais orientações, ao menos desde os pensamentos de Jean Jacques Rousseau – pensador criticado por Varnhagen na *História Geral*, exatamente quando estava abordando a sociedade indígena – contribuíram para que fosse visto como conservador. Mesmo que não contasse com unanimidade no ambiente romântico brasileiro do século XIX, parecia difícil que a visão esposada pelo historiador viesse a contar com defensores. Diga-se que sua obra seria marcada por esse viés, mas só posteriormente seria criticada por sua defesa incontestada da participação portuguesa em nossa colonização.

O conservadorismo do historiador seria também observado por Antonio Cândido, que sinalizou que:

*“Varnhagen tinha uma concepção anti-romântica do índio, que apresentou como selvagem cruel, desprovido de instituições e crenças humanizadoras, em relação ao qual se justificavam os métodos do colonizador. O seu ponto de vista acentuadamente conservador discrepava, ainda, por justificar sempre a política metropolitana, divergindo, por isso, do forte nativismo do tempo. Tanto assim, que minimizou, ou mesmo desqualificou os movimentos de inconformismo e rebeldia, tão caros à sensibilidade dos românticos liberais.”<sup>77</sup>*

Algumas dessas fragilidades eram reconhecidas pelo próprio Varnhagen e podem ser percebidas nos prólogos e prefácios que dispôs às duas edições que veio a publicar de sua obra. Poucas palavras foram reservadas pelo autor no prefácio que antecedeu a primeira edição de sua *História Geral do Brasil* publicada em 1854. E o teor geral era de preocupação com as reações sobre alguns dos juízos que terminara por apresentar. Varnhagen demonstrou algum receio e maturidade, por um lado, ao escolher como início de seu prefácio, uma citação extraída da *História de Portugal Restaurado*, realizada por D. Luís de Menezes, o Conde de Ericeira.

---

<sup>77</sup> Antonio Cândido. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, 2002, pp.37. 38.

*suave, um simples apoio concedido pelo forte ao fraco. Como se vê, não podemos deixar de sorrir da maneira eufemística pela qual Varnhagen compreende a escravidão. E tais idéias, nos meados do século 19, quando o romantismo começava a exaltar o elemento aborígine na formação da nossa nacionalidade, não podiam deixar de provocar a ironia de muita gente. Falar da escravidão do índio nessa época já seria para nós um verdadeiro crime.*<sup>75</sup>

Talvez José Veríssimo tenha captado bem algumas matizes da atuação de Varnhagen, ao apontar que, no historiador,

*“sente-se, entretanto, não sei que ausência de simpatia, no rigor etimológico da palavra, pelo país que melhor que ninguém estudou e conhecia, e era o do seu nascimento. Não é patriotismo, entenda-se, que lhe desconhecemos, esse o tinha ele, como qualquer outro e do melhor. Faltava-lhe, porém, não lho sentimos ao menos, aquele não sei quê íntimo e ingênuo, mais instintivo que raciocinado, sentimento da terra e da gente. Ele não tem as idiossincrasias. Por isso Varnhagen não é de fato romântico, senão pela época literária em que viveu e colaborou; de todos os brasileiros seus contemporâneos no período inicial do Romantismo, é talvez o único que além de não ser indianista, isto é, de não ter nenhuma simpatia pelo índio como fator da nossa gente, ao contrário o menospreza, o deprime e até lhe aplaude a destruição.”*<sup>76</sup>

Varnhagen manifestou discordância com relação ao que alguns dos românticos pensavam sobre os indígenas. Nesse aspecto, parece ter se valido mais de suas experiências práticas. Tomando como único elemento da metafísica indígena, o fato de serem vingativos, Varnhagen entendia que a maneira com que os donatários se relacionavam com os índios foi significativa quanto ao sucesso ou não do empreendimento das capitâneas hereditárias. Nesse sentido, entendia que os índios deviam ser tratados com dureza pois somente assim respeitariam o colonizador branco. Lastimava a atuação dos jesuítas igualmente por acreditar que se postavam com muita brandura em relação aos nativos. E creditava a essa forma de relação, a necessidade que se forjou de ter de trazer os africanos ao Brasil.

No caso da escravidão, acreditava que era um mal uma vez que trazia péssimos hábitos aos colonos. Eles poderiam vir a se perder graças aos vícios que seriam adquiridos no

<sup>75</sup> *Idem*, pp. 193, 194.

<sup>76</sup> José Veríssimo. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. pp. 222, 223.

*“Uma das maiores empresas do mundo é a resolução de escrever uma história; porque além de inumerável multidão de inconvenientes, que é necessário que se vençam, e de um trabalho excessivo, ... no mesmo tempo em que se pretende lograr o fruto de tantas diligências, tendo-se conseguido formar o intento, vencer a lição, assentar o estilo, colher as notícias, apurar os borradores, tirá-los em limpo, conferí-los e apurá-los, quando quem escreve se anima na empresa... então começa a ser réu, e réu julgado com... excessiva tirania.”<sup>78</sup>*

Varnhagen revelou escrutínio ao salientar a necessidade de cuidado por parte daquele que viesse a se debruçar sobre a obra realizada. Parecia igualmente perscrutar as reações mais ácidas por parte das hostes indianistas que grassavam no Brasil no momento da publicação dessa sua primeira edição. Aparentava temor pelo modo com que sua obra tinha sido recebida. Mas esses sentimentos também não se remeteriam ao nascimento da crítica em nosso país? Fundando, de certa forma, a historiografia, revelando dificuldades de comunicar que seu trabalho como historiador era pertinente, numa atmosfera árida, onde somente ocupações práticas eram acolhidas, a postura do historiador não estaria demonstrando a instabilidade do próprio cenário intelectual no Brasil? Como entender as críticas se sequer possuía clareza com relação ao seu próprio trabalho como intelectual?

No prefácio, o historiador também recuperava suas intenções que se resumiam a “enfeixar” fatos relativos à história do Brasil, bem como indicar fontes mais seguras para a continuidade desses estudos. Recuperava a iniciativa da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como, concomitantemente, seus primeiros feitos relativos à história do país, quando ainda de seus anos iniciais em Portugal. Apontava também a necessidade de que as leituras de sua obra fossem realizadas a partir, inclusive, da chegada aos documentos inéditos, mesmo que os futuros estudiosos viessem a se deparar com defeitos. E então, passava a abordar a sua obra em geral, seu estilo e linguagem.

Mas, em especial, o que se seguia, era a defesa de seu ponto de vista com relação à opção de não gloriar os feitos dos indígenas brasileiros. E suas considerações vieram a demonstrar que Varnhagen transparecia irritação, uma vez que, de toda a obra, os

---

<sup>78</sup>Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, Prefácio da Primeira edição, p. XVII, da quarta edição da obra.

críticos não se pareciam ter observado outro aspecto senão esse. Ao final, Varnhagen demarcava:

*“Pelo que respeita a quanto dissemos dos colonizadores e dos colonos africanos, cremos que em geral apenas haverá discordância de opiniões. Outro tanto não sucede, porém, respectivamente aos índios, filosófica e profundamente pouco estudados, e que não falta quem seja de voto que se devem de todo reabilitar, por vários motivos cujas vantagens de moralidade, de justiça ou de conveniência social desconhecemos, nós que como historiador sacrificamos tudo às convicções da consciência, e estamos persuadidos de que, se, por figuradas idéias de **brasileirismo**, os quiséssemos indevidamente exaltar, concluiríamos por ser injustos com eles, com os colonizadores, com a humanidade em geral, que toda constitui uma só raça, e portanto com a nação atual brasileira, a que nós gloriamos de pertencer.”*<sup>79</sup>

E com relação a este último aspecto, Varnhagen remetia o leitor a sua dissertação, “Os índios perante a nacionalidade brasileira” que se fez encartar na primeira edição e que se destinava à polêmica entretida com João Francisco Lisboa.

A segunda edição apresentava uma dedicatória a D. Pedro II e retomava algumas das preocupações de Varnhagen no que dizia respeito à repercussão da obra. Isso, especialmente transparecia pelo excesso de zelo que demonstrava ao apontar que sua “voz da consciência nunca tinha acusado de que havia tratado os assuntos com *parcialidade*”. Salientava e agradecia, igualmente, as comendas que havia recebido, de Barão e de Visconde de Porto Seguro.

A segunda edição constava também de um Prólogo. E Varnhagen o iniciava citando Aléxis de Tocqueville:

*“Os povos ressentem-se eternamente da sua origem. As circunstâncias que os acompanharam ao nascer e que os ajudaram a desenvolver-se influem sobre toda a sua existência. Se possível a todas as nações, remontar à origem da sua história, não duvido que aí poderíamos descobrir a causa primaria das prevenções, dos usos e paixões dominantes, de tudo enfim, quanto compõe o que se chama caráter nacional.”*<sup>80</sup>

<sup>79</sup> *Idem*, p. XXI.

<sup>80</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, Prólogo da Segunda edição, p. VII, da quarta edição da obra.

Varnhagen então comentava sucintamente a situação de outros países da América no que dizia respeito à formação como pátria e nação e destacava o Brasil por conta de suas diferenças. Essas, para ele, tornavam-se especiais pelas características do clima e da vegetação, o que dificultou a nossa colonização. A participação dos colonos vinha então destacada. E arrematava:

*“Sirvam estas ligeiras considerações para indicar o espírito de tolerância que reinará nesta obra, que, como acariciada por nós em toda a vida, aspira, pela sua própria imparcialidade, a passar à posteridade, tanto no Brasil, como fora dele. (...) Não julgando suficiente o que rezam as velhas crônicas, rebuscamos antigos documentos nos arquivos, não só do Brasil como de Portugal, da Espanha, da Holanda e da Itália; percorremos pessoalmente todo o nosso litoral; visitamos os Estados Unidos, várias Antilhas e todas as repúblicas limítrofes.”<sup>81</sup>*

Retomava então seus primeiros estudos em Portugal, bem como seus trabalhos iniciais sobre Pero Lopes e Gabriel Soares e passava a se dedicar ao *modo como procurou realizar o seu propósito*.

*“Pelo que respeita à escolha dos assuntos, que nos deviam merecer preferência, não seguimos servilmente nenhum modelo. Longe de nos limitarmos à narração dos sucessos políticos, ou estéreis biografias dos mandões, cujas listas ordenadas aliás julgamos de maior importância para a cronologia, procuramos ocupar-nos principalmente dos fatos mais em relação com o verdadeiro desenvolvimento e civilização do país.”<sup>82</sup>*

Ou seja, o historiador recuperava suas credenciais, como se o fizesse para, mais uma vez, sublinhar a pertinência de seu trabalho. Quanto à emissão ou não de juízos por sua parte, Varnhagen adiantava:

*“Cada dia nos convencemos mais de que a história é um ramo da crítica, não da eloquência; e que perante o tribunal dela, o historiógrafo não é um advogado verboso e florido, mas antes um verdadeiro juiz, que, depois de averiguar bem os fatos, ouvindo as testemunhas, com o devido critério, deve, feito o seus alegado com possível*

---

<sup>81</sup> *Idem*, p. X.

<sup>82</sup> *Idem*, p. XI.

*laconismo, sentenciar na conformidade das leis eqüitativas da sociedade e humana justiça.*"<sup>83</sup>

Adiantava que não esperava por elogios através do estilo de seu texto e justificava-se esclarecendo que alguns períodos se distanciavam cronologicamente de outros por, as vezes, 20 anos. Além disso, demonstrava dificuldade de desapegar-se dos *travos e ressaibos que por algum tempo deixam no gosto as fontes a que se bebe*. Um comentário final, ainda com relação ao estilo, parecia se destinar às ambições do tratamento mais afeito ao romantismo:

*"Como temos dito por vezes, a escola histórica a que pertencemos é estranha a essa demasiado sentimental que, pretendendo comover muito, chega a afastar-se da própria verdade. (...) Também nos cumpre repetir aqui o que já outra vez dissemos, que o amor à verdade nos obrigará mais de uma vez a combater certas crenças ou ilusões, que já nos havíamos acostumado a respeitar. Aos que lamentem o ver dissipadas algumas ilusões de apregoados heroísmos, rogamos que creiam que os haveremos precedido nessas jeremiadas; e pedimos se resignem ante a verdade dos fatos, com tanta maior razão, quando essa verdade, neste mesmo livro, lhes proporcionará, em vez de ilusórias glórias, outras mais incontestáveis.*"<sup>84</sup>

Defendia a idéia de que desejara fazer uma obra compacta e observava a alteração que fez nessa edição, optando por iniciar o texto a partir dos dados que obteve acerca da geografia do Brasil, bem como sobre os primeiros habitantes da nação. Ao final, deixava margens para o trabalho que estava por fazer, a terceira edição dessa obra, como fora mencionado por Capistrano no necrológio que realizou, em 1878. Terminava, retomando a recepção quanto à primeira edição.

*"Caberia talvez aqui concluir com duas palavras acerca da pressa com que foi efetuada a primeira edição, e dos críticos que a sorte lhe deparou. Depois de haver reduzido as nossas explicações a mui poucas páginas, as essenciais de satisfação ao público, não as julgando de um interesse permanente, máxime para os estranhos, tivemos por mais acertado o deixá-las para um pequeno folheto separado, que oportunamente será publicado.*"<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> *Idem*, p. XII.

<sup>84</sup> *Idem*, pp. XII, XIII.

<sup>85</sup> *Idem*, p. XVI.

Para um historiador que parecia crer que seu trabalho viesse a ser aceito, talvez de modo incontestado, essas preocupações não deixam de sinalizar uma certa preocupação, que atualmente, poderia ser remetida aos domínios da historiografia. Ou seja, Varnhagen estava tomando o seu texto como motivo de discussão, e num certo sentido como objeto de análise.

Como muitas dessas ressalvas se remetem à recepção da *História Geral do Brasil*, é interessante que se retome e aprofunde alguns traços do insípido meio intelectual que primeiramente acolheu o trabalho que Varnhagen veio a realizar. E, primeiramente, é bom que se alerte que, diferente do que se possa supor, não se tratava de uma atmosfera consensual e isso, mesmo em se tratando de um ambiente que operava sobre um razoável controle por parte das ações e intenções de Pedro II.

Logo quando da primeira edição da *História Geral do Brasil* de Varnhagen, as críticas começaram a surgir. E elas podem ser percebidas também através das cartas que o historiador enviava para o imperador D. Pedro II. Em 12 de novembro de 1855, por exemplo, assim Varnhagen se dirigiu ao imperador::

*Não me deslumbro com os elogios dos amigos e dos parentes, como tampouco me aterrarei com as críticas dos zoilos inimigos nem dos Aristarcos pseudo-zelosos. Cada dia reformo e melhora o que já está impresso e o que está por imprimir. E a consciência me diz que ganhei muito com esta vinda aqui a ver outra vez muitos documentos que melhor posso avaliar depois de ter estudado o assunto em seu conjunto.*<sup>86</sup>

Uma outra carta, de 14 de julho de 1857, era enviada ao imperador e nela Varnhagen comunicava a conclusão do segundo volume de sua obra. Teria escolhido a data por acaso? Parece difícil supor que sim. Dizia Varnhagen: *Ao ver afinal, concluída a obra, não exclamei, Senhor, cheio de orgulho: eregi monumentu aere perennius” a minha triste peregrinação pela terra.*<sup>87</sup>

Varnhagen mencionava o seu trabalho e o quanto esperava que ele viesse a agradar ao imperador. Ao mesmo tempo, aguardava que ele viesse a ser adotado nas escolas de direito, nas militares e nos colégios, pois

---

<sup>86</sup> *Correspondência de Varnhagen, op. cit.*, p. 233.

<sup>87</sup> *Idem.*, p. 242.

*será a melhor maneira de fazer que no seu império não só todos leiam e conheçam a pátria história, como lhe dêem mais importância e haja maior número de aplicados a esclarece-la, ainda quando, dado uma vez o impulso, o soberano deixa de assistir às sessões do Instituto.*<sup>88</sup>

Todas essas colocações vinham acrescidas de um pedido para que o imperador não viesse a revelar a ninguém o teor dessa carta, uma vez que, mais adiante, Varnhagen retomava uma questão muitas vezes tratada, a saber, sua ambição por um título nobiliárquico. Retomava que se via como uma pessoa modesta, que poderia ser chamada de Vossa Mercê, mas no entanto demarcava:

*Confesso, Senhor, que sobretudo quando haverá pouco mais de dois anos se publicaram umas grandes listas de despachos e vi nelas generosamente contemplados com títulos do conselho, com crachás, com fidalguias a tantos que eu cria terem feito pelo país e por Vossa Majestade Imperial menos do que eu, gemi e calei lamentando a quem não quisera entre tantos nomes, propor também a Vossa Majestade Imperial a grande obra a que principalmente sacrificara a minha tranqüilidade passada, presente (então) e futura, se Vossa Majestade Imperial me não valer...*<sup>89</sup>

E, na continuidade de seu argumento e revelando-se, de certa forma, próximo ao imperador, Varnhagen acrescia:

*Dirá Vossa Majestade Imperial que sou ambicioso. E porque não, Senhor?! A maior glória e honra do homem é ser ambicioso, diz Guizot. Não o é também Vossa Majestade Imperial ambicioso de glória?(...) Nós os pequenos temos alguma coisa mais a ambicionar, o ser menos pequenos, pois contentando-nos só da glória literária, todos preferiríamos deixar obras póstumas e memórias de ultra-tumba.*<sup>90</sup>

E modulando suas colocações acerca de sua ambição, ao mesmo tempo que demonstrando ciência quanto ao tipo de história que tinha realizado, Varnhagen parecia escolher algumas nuances muito próximas do espírito do “14 de julho” francês:

*Se eu fora ambicioso, fora da razão, revolucionariamente, houvera começado por adular a multidão em vez de combater suas opiniões erradas, houvera tratado de lhe pregar os seus direitos e não seus deveres, houvera pregado o subversivo cabocismo,*

<sup>88</sup> *Idem.*, p. 243.

<sup>89</sup> *Idem.*, p. 244, 245.

<sup>90</sup> *Idem.*, p. 245.

*que por fim tinha de contender com Vossa Majestade Imperial e houvera por último, como certo réptil, dito que o Brasil ainda intelectualmente está escravo de Portugal, etc., etc.*<sup>91</sup>

Varnhagen prosseguia apontando que não faltavam considerações críticas quanto ao fato de *ser meio literato e meio empregado diplomático* e salientava que conseguia dar cabo de ambas as atividades com igual dedicação. Concedia um espaço mais especial à retomada de seu *Memorial Orgânico*, e em especial, mencionava sua orientação em defender a escravidão indígena, mesmo que não citando declaradamente esse aspecto. Quanto ao teor de sua obra, enumerava:

*O empenho principal que me guiou na pena do Memorial Orgânico foi o de promover a unidade e a integridade do império futuro, objeto constante do meu cogitar.*<sup>92</sup>

O historiador dizia que essas mesmas orientações tinham lhe guiado na escrita da *História Geral do Brasil* e também de seu *Florilégio*. Varnhagen resumia suas intenções nessa frase:

*Não perco a ocasião de pregar a unidade do Brasil na História Geral, que por si só, se for adotada nas Academias, há de contribuir e muito a elevar o patriotismo e a harmonia do espírito nacional, fomentada pela educação de todos os súditos.*<sup>93</sup>

O historiador também aproveitava para mencionar que quando citou Pedro I, o fez escolhendo bem as palavras e preocupando-se em não parecer adulator.

*Era necessário começar por não me constituir adulator, para melhor encaminhar comigo o leitor a crer o que logo depois digo em tópicos mais melindrosos e essenciais à heroicidade. Como cronista poderei ser mais adulator ou panegirista. Como historiador, produziria efeitos negativos. Creio que faço justiça ao Sr. D. Pedro I.*<sup>94</sup>

Demonstrando algum afastamento para com Alexandre Herculano, que aliás já havia sido citado nessa carta por conta de não ter querido ser empregado do Estado e ao mesmo tempo historiador – feito que Varnhagen apresentava para diferenciar e valorizar a sua opção de cumplicidade entre essas duas tarefas que tomou para si -, assim sintetizava mais uma vez o que pretendeu:

---

<sup>91</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>92</sup> *Idem., p. 246.*

<sup>93</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>94</sup> *Idem., p. 247.*

*Em geral, busquei inspirações de patriotismo sem ser no ódio a portugueses, ou à estrangeira Europa, que nos beneficia com a ilustração, tratei de por um dique a tanta declamação e servilismo à democracia, e procurei ir disciplinando produtivamente certas idéias soltas de nacionalidade. Preguei quanto pude, a par da tolerância, a unidade religiosa, agora que é moda ser-se irreligioso e ter de molde, como Herculano, meia dúzia de dictérios contra o papa, os bispos e os frades... e já me diz a consciência que tranqüilo baixará o meu corpo à terra, quando Deus me chame deste mundo.*<sup>95</sup>

Finalizava Varnhagen, transferindo ao imperador a possibilidade única de apontar se sua obra era ou não adequada e lastimava que não poderia contar para tanto com o Instituto Histórico e Geográfico.

Nesse sentido, a polêmica havida entre Varnhagen e Lisboa, acerca do papel desempenhado pelos índios, pelos colonizadores brancos e pelos jesuítas não permite que se perceba uma coerência entre os participantes do minguido circuito intelectual do segundo Império. Como aliás, o próprio Varnhagen viria a esclarecer, havia existido uma relação amistosa entre ele e Lisboa, que também tinha sido destacado para proceder pesquisas na Europa, num período em que o sorocabano já havia concluído sua principal obra.<sup>96</sup>

Ou seja, enquanto Varnhagen estava pesquisando e colhendo informações que viriam a compor sua história, Lisboa entendia que os índios representavam um traço de selvageria em nossa cultura. E nesse momento, um dos primeiros artigos de Varnhagen enviados para a *Revista do IHGB*, foi em defesa dos índios, clamando pela necessidade de aprofundamento e da própria criação de um curso para o estudo das línguas indígenas, proposta aliás não acolhida pela instituição.<sup>97</sup> A posição de ambos alterar-se-ia radicalmente após a publicação da obra de Varnhagen e as tensões relativas a má recepção do trabalho do historiador podem ser percebidas tanto nos prólogos e prefácios das duas edições de sua *História*, quanto nas cartas enviadas para D. Pedro II.

<sup>95</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>96</sup> Acerca da dificuldade de se observar um consenso na primeira geração romântica do Brasil, no que dizia respeito ao que os literatos pensavam sobre os índios, veja-se Ricupero, Bernardo. *O Romantismo e a idéia de Nação no Brasil (1830-1870)*, op. cit. e Cano, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o "orbe literário" e a construção do império brasileiro*, op. cit..

<sup>97</sup> Era a "Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil", publicado na *Revista do IHGB*, III: 53-63, 1841. Já as cartas – ou algumas delas – enviadas por Lisboa para Varnhagen, encontraram-se publicadas por Varnhagen no texto "*Os índios bravos e o sr. Lisboa, Timon 3º; pelo autor da História Geral do Brasil, apostila e nota G aos números 11 e 12 do "Jornal de Timon", contendo 26 cartas inéditas do Jornalista e um extrato do folheto "Diatrise contra a Timonice"*" etc. Lima. Imprensa Liberal, 1867.

Essa ruidosa polêmica – ao menos o suficiente para ainda repercutisse após a morte de Varnhagen, em 1878 – nos parece elucidativa quanto às dificuldades entretidas por esses homens de letras que se interpelavam para conseguir alguma espécie de reconhecimento, se não o fosse entre seus pares, ao menos em relação ao único propiciador da atmosfera intelectual no Segundo Império, o imperador Pedro II. A dificuldade de Varnhagen em vir a aceitar as considerações críticas de Lisboa, parece denotar mais um indício da dificuldade de ajuste desses homens de letras à atmosfera intelectual rarefeita dos meados do segundo império. Além de enfrentar problemas para se aproximarem de uma definição mais precisa daquilo que estavam por fazer, enfrentavam-se entre si, num debate onde havia dificuldades atroz de se perceber a acolher a crítica. Nessa direção, por exemplo, Varnhagen nem sequer veio a contar com o apoio do IHGB para publicar seu *Ofício Protesto*, último dos textos contra Lisboa no Brasil. Mas, não conseguiu também por conta do baixo nível das palavras que escolheu. Ou seja, o que poderia ser uma discussão de idéias, tornou-se ataque pessoal.

Mas, acreditamos que essa polêmica – para não mencionar uma outra, igualmente ruidosa, entre José de Alencar, Araújo Porto Alegre, Pedro II e Monte Alverne, acerca da *Confederação dos Tamoios* de Domingos José Gonçalves de Magalhães – já era um indício das discussões que futuramente iriam ocorrer num período próximo, do qual Capistrano de Abreu foi um dos principais representantes, ao menos do ponto de vista da historiografia. Ou seja, elas pertencem a um quadro mais amplo, muito próximo da dimensão pública, já experimentada, como dissemos, em outras nações, mesmo que com algumas dificuldades.

Contudo, é importante que se perceba que o sentimento de deslocamento, da falta de nitidez com relação à ocupação a que se destinavam os intelectuais da virada do século XIX para o XX, ainda persistia. E desajuste de Capistrano, parecia ser tributário dessa herança. E talvez por isso, o historiador cearense tenha vindo a se dedicar de maneira um tanto dispersa, para vários campos do conhecimento, da lingüística indígena, ao estabelecimento de documentos, passando pelas tentativas frustradas de publicar uma nova edição anotada da obra de Varnhagen.

Nesse caso, no entanto, Capistrano veio a inaugurar um tratamento crítico mais afinado com as práticas modernas e que se processavam, desde o início do século XIX na Europa e nos Estados Unidos. Nesse sentido, Capistrano soube analisar a obra de Varnhagen, apontando seus excessos, suas qualidades positivas ou desvios. Para além

de discussões menores, que poderiam vir bem a sinalizar ciúmes ou ambições privadas no que dizia respeito às proximidades junto às poucas e pequenas rodas dos homens de letras do segundo império, Capistrano tratou o texto de Varnhagen como um produto historiográfico, o que já indicava uma nova maneira de recepção. Mesmo assim, um certo desenraizamento ainda se fazia ressoar.

Luis Costa Lima, já apontava um sentimento muito próximo desse, experimentado por Varnhagen ou Capistrano, na introdução de um ensaio sobre os intelectuais no Brasil.

*“O interesse do intelectual por seu segmento manifesta portanto a dificuldade de saber situar-se, a sensação de falta de solo e, ao mesmo tempo, a premente necessidade de conhecê-lo. É o próprio momento nacional que provoca essa angústia, a busca – não de ultrapassá-la, pois a palavra não tem essa virtude – de entendê-la. Dizemos momento nacional porque este, alijando a criticidade da vida social, e sendo esta a marca característica da atividade intelectual, leva-nos de imediato a nos perguntar se de fato existimos, se já não deixamos de existir ou se nem sequer ainda começamos a nossa existência.”*<sup>98</sup>

Compartilhando um outro ambiente, Capistrano já havia desempenhado a crítica aos tratamentos historiográficos, em artigos de revistas ou jornais, antes de vir a se deter na anotação da obra de Varnhagen. Assim, o próprio historiador já havia dado passos na direção de situar o espaço mais adequado para a recepção das abordagens sobre a história do Brasil. Já Varnhagen, parecia reportar-se a uma outra atmosfera que apresentava imunidades para com a acolhida de uma análise que se remetesse ao exame de seu objeto de pesquisa. Mas como poderia ser diferente, uma vez que esteve vinculado a uma sociedade de corte? Como sugeria Manoel Luís Salgado Guimarães, diferentemente do que se processava na Europa

*“entre nós esta tarefa [a escrita e a disciplinarização da história] ficará ainda zelosamente preservada dentro dos muros da academia de tipo ilustrado, de acesso restrito, regulamentado por critérios que passam necessariamente pela teia das relações sociais e pessoais. Como traços marcantes desta história nacional em*

---

<sup>98</sup> Luis Costa Lima. *Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1981, pp. 3, 4.

*construção, teremos o papel do Estado Nacional como o eixo central a partir do qual se lê a história do Brasil, produzida nos círculos restritos da elite letrada imperial.*"<sup>99</sup>

Talvez a demarcação desse *lugar historiográfico* que veio a abrigar a proposta capitaneada por Varnhagen, possa fornecer indicações quanto à primeira recepção da *História* escrita pelo historiador. O historiador parecia dispor o produto de seu trabalho numa outra orientação, mais personalista. Sua obra vinha como justificativa dos investimentos que haviam sido feitos pelo imperador e parecia responder à demanda por uma narrativa que inaugurasse o Brasil, do ponto de vista da história. Mas as expectativas de Varnhagen com relação ao seu trabalho, permitem que se perceba que não estava somente se reportando a um texto de história. Ou seja, através das menções ao cotidiano de pesquisa, bem como pelas preocupações quanto ao reconhecimento de seu empenho por intermédio das comendas, parece-nos que o historiador tomava sua produção como um meio de sobrevivência num ambiente, que do ponto de vista intelectual, funcionava de uma maneira excessivamente cifrada.

Talvez fosse por esses motivos que tenha agido de forma tão pessoal quando do recebimento das críticas, como no caso da polêmica com Lisboa. Parece-nos então, que a novidade do tratamento apresentado por Capistrano de Abreu, estivesse na maneira com que tomou a produção de Varnhagen. Acolheu-a com a imparcialidade possível e tratou de demonstrar seus acertos e equívocos. Diga-se que nem ele próprio possuía um ambiente esclarecido, mais acostumado aos embates pela busca da objetividade. Mas parecia ter clareza quanto ao fato de tomar uma produção de história como uma narrativa que possuía um fim em si mesmo. Ou seja, diferentemente de Varnhagen, Capistrano não se valeu de seus serviços como um meio de sobrevivência, num espaço marcado pela presença de sociedades ilustradas. Pelo contrário, foi excessivamente crítico a elas, bem como não notou grandes alterações quando do fim do império. Para o tipo de história preconizada por Capistrano, seu tempo não veio a oferecer opções. Mas haveria algum momento que viesse a lhe conceder abrigo?

---

<sup>99</sup> Manoel Luís Salgado Guimarães. "Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional", *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, p.9.

### 3- Vencer o desejo de se fechar o volume: Capistrano leitor de Varnhagen

*“Enquanto José Clemente Ferreira trabalhou a favor do Brasil, a inveja murmurou, e a calúnia o perseguiu. O Sr. Odorico manda a sua Eneida, oferece um monumento literário, e recebe o prêmio que está recebendo o Sr. Varnhagen cuja obra não acha leitores!...”* Segunda carta de Araújo Porto-Alegre, em resposta às cartas de Ig. – José de Alencar – por conta da polêmica envolvendo a *Confederação dos Tamoios* de Gonçalves de Magalhães. Publicada no *Correio da Tarde*, 23 de julho de 1856.<sup>1</sup>

Antes de vir a realizar o necrológio de Varnhagen, Capistrano de Abreu já havia escrito dois artigos da mesma natureza. Quando do falecimento de José de Alencar, o historiador apresentou na *Gazeta de Notícias* do dia 13 de novembro de 1877<sup>2</sup>, um texto em que rememorava alguns traços da vida do escritor romântico. A esse respeito, Rodrigo Otávio Filho, quando das comemorações do centenário de nascimento do historiador, narra uma situação em que o editor da *Gazeta de Notícias*, Ferreira do Araújo, havia recebido das mãos de Capistrano, então sem maiores referências, um necrológio. Machado de Assis, que também havia escrito um artigo a esse respeito, foi chamado para a leitura. Segundo Rodrigo Otávio Filho, o editor teria dito que

*trouxe-me este trabalho um Peri de paletó surrado e cabelos em desalinho. Nada lhe posso dizer da cor dos olhos, porque durante os rápidos instantes que aqui permaneceu trouxe-os velados pela impenetrável cortina de umas pálpebras preguiçosas. Disse-me, apenas que era cearense e admirador de José de Alencar. E deixou-me nas mãos, num gesto brusco, este pedaço de papel, com a respectiva residência. Um tipo originalíssimo, seu Machado. Machado de Assis, depois de ler o artigo, que era de Capistrano, disse apenas: é admirável. E rasgou, com calma, o que lhe fora encomendado por Ferreira de Araújo.”*<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Bueno, Alexei & Ermakoff, George. *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica literária no Brasil 1850-1950*. Rio de Janeiro, G. Ermakoff Casa Editorial, 2005, p.62.

<sup>2</sup> Capistrano de Abreu. *Ensaio e Estudos*, 4ª série. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, pp. 42-45.

<sup>3</sup> Rodrigo Otávio Filho, “A vida de Capistrano de Abreu”, “Curso Capistrano de Abreu”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/ IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 221, 1953, p. 57.

Ao escrever esse necrológio, Capistrano manifestava sua afinidade para com a produção de José de Alencar, o que faria também em outros artigos posteriores em que passaria em revista a obra do romancista. Mas, ao realçar as qualidades de Alencar, Capistrano também parecia se colocar ao lado de uma personagem que teve uma passagem atribulada pelo segundo império.

Na mais célebre polêmica literária do segundo reinado, José de Alencar veio a criticar publicamente, mesmo que sob o pseudônimo de Ig, a *Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, que era protegido de Pedro II. Em 1855, além de Araújo Porto Alegre e Monte Alverne, o próprio monarca veio em defesa pública de seu afilhado. Essas passagens, bem como parte do percurso literário do autor falecido, eram retomadas por Capistrano nesse necrológio.

Acrescentava-se à biografia de José de Alencar, o fato de haver se desentendido com Pedro II, uma vez que, sendo Ministro da Justiça, veio a concorrer para uma vaga no Senado pela província do Ceará nas eleições de 1869. Contudo, ainda que fosse o mais votado, não foi indicado pelo imperador, que entendia que um ministro não deveria concorrer aos cargos do poder legislativo. De acordo com Ubiratan Machado, *O escritor não perdoaria. Nunca mais perdeu ocasião de alfinetar o imperador. Ao escrever Guerra dos Mascates, esboçou um retrato cruel de D. Pedro II, disfarçado na figura de Sebastião de Castro Caldas. O aspecto físico não deixava dúvida de quem se tratava. Quanto ao aspecto moral, apontava-lhe como traços mais salientes “a obstinação própria das naturezas tímidas”, um forte espírito de contradição, matizado por muitas características femininas, como a volubilidade. Não era um retrato, mas uma caricatura, na qual a deformação grotesca realçava o forte despeito do caricaturista.*<sup>4</sup>

A defesa que posteriormente Capistrano continuaria a fazer com relação ao passado literário de José de Alencar, parece guardar alguma proximidade com suas intenções de recuperação da importância de Francisco Adolfo de Varnhagen. De modo semelhante, em ambas as situações, ao falecerem, os intelectuais se encontravam sob um certo descrédito por conta dos desentendimentos havidos para com o imperador ou em relação ao pequeno círculo dos homens de letras. Dois anos antes de falecer, e buscando uma terceira edição de sua *História*, Varnhagen deve ter recebido notícias acerca de um pronunciamento, realizado em fevereiro de 1876, por Tristão de Alencar

---

<sup>4</sup> Ubiratan Machado. *A vida literária no Brasil durante o romantismo.*, op. cit., p. 99.

Araripe. Numa conferência pronunciada no IHGB, intitulada “Como cumpre escrever a História Pátria”<sup>5</sup>, Araripe fustigava:

*Francisco Adolfo de Varnhagen escreveu sem crítica e sem estímulo, consumindo largas páginas com fatos de somenos, quando deixava nas sombras de ligeiros traços acontecimentos dignos de mais desenvolvida notícia. É, porém, autor de grandes serviços de investigações de antigos documentos em bem da história nacional. Se como investigador de fontes históricas tem mérito, como historiador as suas obras *História Geral do Brasil e Holandeses no Brasil* o não realçam.*<sup>6</sup>

A segunda incursão de Capistrano no campo dos textos necrológicos, ocorreu em virtude do falecimento de seu conterrâneo, Raimundo Antonio da Rocha Lima, um poeta que privara com o historiador, os anos da Academia Francesa do Ceará. Foi publicado em setembro de 1878<sup>7</sup>, como prefácio da obra *Crítica e Literatura*, que retomava a produção do literato. Ao longo de sua vida, Capistrano elaboraria mais dois necrológicos posteriores ao de Varnhagen. Em 1901, escreveria acerca do falecimento de Eduardo Prado<sup>8</sup> e, em 1920, publicaria um artigo lembrando a vida de Francisco Ramos Paz<sup>9</sup>.

Seu afeto para com Eduardo Prado, enfatizado no texto que escreveu em sua memória, num momento em que a República ainda era algo de novo em nosso país, também pode ser visto como uma manifestação de distância do historiador para com os ventos políticos. Eduardo Prado era conhecido pela defesa dos valores da monarquia e Capistrano não se esquivou de apresentar essa sua predileção.

Não superestimamos a recepção desses artigos elaborados por Capistrano, uma vez que, tanto na atualidade como naquele momento, é difícil supor que, dentre o parco número de leitores de jornais, alguns se interessassem pela leitura de um necrológico. No entanto, é provável que o artigo publicado após a morte de Alencar, bem como de Eduardo Prado, tenha tido repercussão entre os próprios homens de letras, ao menos por indicarem as filiações de pensamento de Capistrano de Abreu. Ou seja, esses escritos puderam vir a melhor definir o caráter intelectual do historiador.

<sup>5</sup> Tristão de Alencar Araripe. *Como cumpre escrever a história pátria*. Conferência em 7 de fevereiro de 1876. Rio de Janeiro: Tip. Imp. e Const. De J. C. de Villeneuve & C., 1876.

<sup>6</sup> Tristão de Alencar Araripe. *Como cumpre escrever a história pátria*. Apud José Honório Rodrigues. “Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira”, “Curso Capistrano de Abreu”, *op. cit.*, p. XXXVII.

<sup>7</sup> Capistrano de Abreu, “Raimundo da Rocha Lima”, prefácio à *Crítica e Literatura*, 1878 in Capistrano de Abreu, *Ensaios e Estudos (crítica e história) 1ª série*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/ Instituto Nacional do Livro, 1976, pp. 71-80.

<sup>8</sup> *Idem*, pp. 233-240.

<sup>9</sup> Capistrano de Abreu, “Francisco Ramos Paz”, *Ensaios e Estudos (crítica e história) 2ª série*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/ Instituto Nacional do Livro, 1976, pp. 129-140.

Ao recuperarmos esses artigos, tivemos em mente o fato de que estava ocupando espaços diferenciados de interlocução. Num certo sentido, abordava aspectos relativos à produção intelectual em *lugares* diferentes daqueles remetidos às sociedades de corte. Nessa direção, acreditamos que, especialmente quanto ao campo da crítica historiográfica, Capistrano veio a inovar por tratar de aspectos remetidos ao *cânon* da pesquisa e escrita de textos de história, de uma forma pública. Nesse caso, temos mais indícios do que aqueles remetidos aos necrológicos. E, especialmente, acreditamos que é a partir das considerações do historiador frente aos trabalhos que eram realizados, que se pode perceber com mais distinção, o que observava como um diferencial na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. Vamos retomá-los.

Assinando *Honório*, Capistrano veio a publicar um artigo na *Gazeta de Notícias*, do dia 17 de abril de 1880, em que fazia severas críticas ao funcionamento do IHGB.<sup>10</sup> A partir de algumas dessas considerações, pode-se matizar o que Capistrano compreendia como o melhor método para se pesquisar e realizar um trabalho de história. Intitulado “Uma grande Idéia”, logo nos primeiros parágrafos, lia-se:

*A notícia que o Sr. Ministro da Agricultura organiza uma comissão para escrever a história física e política do Brasil é digna de toda atenção e simpatia. À primeira vista, parece que a iniciativa deveria partir do Ministério do Império. É a ele que pertencem os dois estabelecimentos que oferecem maiores materiais para a empresa: a Biblioteca Nacional e Arquivo Público, e até o Instituto Histórico.*<sup>11</sup>

Mas, logo a seguir, Capistrano apontava que uma das maiores dificuldades do Conselheiro Buarque de Macedo, seria àquela quanto à escolha de um grupo de historiadores que viesse a levar ao cabo semelhante tarefa. Dizia Capistrano:

*Com certeza, no princípio se oferecerá muita gente. Todas as vezes que aparece qualquer idéia útil, surgem como cogumelos sócios, sócios, sócios e ... Quem vê o entusiasmo com que a idéia é abraçada, exalta-se, gesticula e grita que uma nova era se vai abrir, que grandes acontecimentos se preparam, etc. Depois é que são elas. Depois tudo desaparece, tudo fica pior do que estava. Sim, pior! Antes da experiência, havia uma decepção de menos e uma ilusão, isto é, um incentivo de mais.*<sup>12</sup>

E, dirigindo-se ao alvo, Capistrano arrematava:

<sup>10</sup> Capistrano de Abreu. *Ensaio e Estudos: Crítica e História*. 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro. 1976. pp. 89-92.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 89.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 90.

*O nobre ministro vencerá parte das dificuldades precavendo-se contra o Instituto Histórico. Sua Excelência, que sabe o que é preciso para fazer parte da ilustre corporação, não pode ignorar o peso e o valor que a qualquer indivíduo comunica o fato de pertencer a ela. Entretanto, mesmo no Instituto, algumas pessoas existem dignas de pertencer a ela.*<sup>13</sup>

A partir daí, Capistrano passava a elencar os associados do IHGB, sem maiores constrangimentos. Pereira da Silva – que mais tarde seria objeto de um artigo em especial – , segundo o historiador, poderia ser aproveitado, mas era preciso cautela pois havendo *necessidade de qualquer data, nome ou título de livro, o conselheiro não tem escrúpulos em inventá-los.*<sup>14</sup> Joaquim Manuel de Macedo não deveria ser contemplado, o Dr. Moreira de Azevedo, *embora por si mesmo seja capaz de pouco, como operário pode ser aproveitado, bem como Antonio Henriques Leal, Luís Francisco da Veiga e José de Vasconcelos.*<sup>15</sup>

Mas Capistrano ia mais longe em sua verve:

*O Dr. César Marques, que no Dicionário da Província do Espírito Santo mostrou tanta habilidade em copiar Brás da Costa Rubim, pode, tendo boa letra, dar um ótimo amanuense.*<sup>16</sup>

Mas nem todos eram deixados de lado. Capistrano manifestava apreço por Cândido Mendes, Ramiz Galvão e Batista Caetano. Mesmo assim, o saldo final era o seguinte: *dos 187 sócios do Instituto podem servir e servir bem 26; podem servir condicionalmente 3; são perfeitamente inúteis 158.*<sup>17</sup> Ao finalizar, como se fosse preciso deixar mais claro sua discordância para com as orientações do IHGB, Capistrano apontava que *fora do Instituto há muita gente.*

As considerações do historiador para com o funcionamento do IHGB, nos remetem a um outro instante das reflexões sobre a produção da história em nosso país. Já não estamos mais num ambiente tão restrito e o fato de Capistrano declinar seus juízos num órgão de imprensa, já denota um outro tipo de desdobramento do trabalho do intelectual. Ou seja, ampliou-se a dimensão da publicidade, o que não ocorria no momento de produção de Varnhagen.

---

<sup>13</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>14</sup> *Idem ibidem.*

<sup>15</sup> *Idem, pp. 90, 91.*

<sup>16</sup> *Idem, p. 91.*

<sup>17</sup> *Idem, p. 92.*

Os desgostos de Varnhagen eram narrados para com o próprio imperador e, ao menos uma vez, sequer contou com o apoio do IHGB para que uma resposta a João Francisco Lisboa viesse a ser publicada no Brasil. Por sua vez, as considerações de Capistrano encontravam alguma semelhança com a postura de enfrentamento demonstrada por José de Alencar, quando na crítica contundente que fez aos supostos méritos de Gonçalves de Magalhães.

A preocupação de Capistrano com relação ao modo mais correto de se escrever um texto de história, partindo e citando fontes, seria algo de recorrente em outros artigos que viria a escrever. Num artigo não assinado, publicado na *Gazeta de Notícias* de 18 de novembro de 1879<sup>18</sup>, ou seja, após a publicação do necrológio de Varnhagen, Capistrano manifestava mais uma vez a sua ironia para com os trabalhos do IHGB.

Partindo de uma suposta consideração de Pedro II, que teria dito que as maiores aspirações entre os brasileiros seriam ser senador ou lente do colégio Pedro II, Capistrano apontava que pretendia ter posição mais elevada, que seria a de ser sócio do IHGB. E adicionava:

*Funcionar no Paço, trajár farda literária, aparecer com ela, representando a sociedade, nas festas nacionais e nos cortejos; ser presidido pelo Visconde do Bom Retiro, assistir aos discursos monumentos do monumental Sr. Macedo, e, honra ainda mais é invejável servir de ponto de incidência a olhares augustos, apanhar até uma nesga da conversação semidivina ... eis o nosso desideratum. Desideratum bem difícil de ser satisfeito.*<sup>19</sup>

A dificuldade mencionada por Capistrano remetia-se diretamente ao critério de escolha de um novo associado, o que estava em franca discordância com aquilo que o historiador acreditava. Nesse sentido Capistrano dizia:

*O Instituto contém a disposição de serem admitidos em seu seio aqueles unicamente que têm escrito trabalhos históricos e geográficos. Às vezes abrem-se exceções – uma está a escapar-nos do bico da pena... mas exceções são exceções, e nós que a elas não temos direito também nelas não nos podemos fiar.*<sup>20</sup>

Por intermédio de Lúcia Maria Paschoal Guimarães, sabemos que vaga teria sido ocupada por Pedro Affonso de Figueiredo, Barão de Wildik, Cônsul-geral de Portugal

<sup>18</sup> Capistrano de Abreu. *Ensaio e Estudos: Crítica e História*. 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro. 1976, pp. 104- 107.

<sup>19</sup> *Idem*, p. 105.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*.

no Rio de Janeiro, que veio a adentrar o círculo do IHGB por conta de ter escrito o *Guia do Cidadão português no Império do Brasil*.<sup>21</sup>

Quanto à Capistrano, sua acidez o conduzia até o final do artigo, quando declarava o assunto que iria abordar como meio de acesso à instituição:

*Vamos escrever a história do Instituto Histórico, uma história curiosíssima, onde estão traçados em caracteres indeléveis os progressos da história pátria, a dignidade de nossas letras, os efeitos da proteção sobre a literatura, enfim a origem e desenvolvimento da literatura oficial.*<sup>22</sup>

É importante que se perceba que a ironia de Capistrano não se manifestava com relação à análise da produção de Varnhagen uma vez que, nesse caso, deparava-se com aspectos que considerava interessantes. Mas parecia demonstrar que os equívocos de percurso do historiador paulista pudessem ser remetidos à ausência de fundamentos oferecidos pela instituição que lhe deu guarida. Ou seja, Varnhagen apresentou aspectos positivos ou negativos por conta de sua própria autonomia. Com relação ao exame propriamente dito da produção de outros historiadores, em especial, Capistrano era por demais severo. Tal apreciação não pode ser encontrada no que diz respeito aos textos que veio a realizar sobre Varnhagen. Para se ter uma idéia mais abalizada, vejamos alguns de seus artigos voltados para a análise dos escritos de historiadores que lhe foram contemporâneos.

O Conselheiro João Manuel Pereira da Silva, autor da *História da Fundação do Império Brasileiro*<sup>23</sup> foi o primeiro historiador a ter sua obra analisada por Capistrano. Em um artigo publicado em *O Globo*, de 10 de março de 1877<sup>24</sup>, poucos meses antes do falecimento de Varnhagen, Capistrano contava que

*“(...) o Sr. Pereira da Silva resolveu um belo dia escrever aquela história; em ato contínuo pôs mãos à obras, percorreu apressadamente os arquivos e bibliotecas, viu muito documento útil, folheou-os com rapidez, e em pouco tempo se julgou em estado de realizar o que desejava. Escreveu muito, mas mesmo muito, e no fim apresenta um livro pesado, cheio de páginas sem graça e inçado de erros históricos.”*<sup>25</sup>

<sup>21</sup> Lúcia Maria Paschoal Guimarães. “Debaixo da Imediata proteção de Sua Majestade Imperia.”, *op. cit.*, pp. 487, 488.

<sup>22</sup> Capistrano de Abreu. *Ensaios e Estudos: Crítica e História*. 4ª série, *op. cit.*, p. 105.

<sup>23</sup> João Manuel Pereira da Silva. *História da Fundação do Império Brasileiro*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, ed (Paris, Impressão de Simon Raçon et comp.), sete volumes, 1864-1868.

<sup>24</sup> Capistrano de Abreu, “Biografia”, artigo para *O Globo*, de 10 março de 1877, in *Ensaios e Estudos*, 4ª série, *op. cit.*, pp. 37-41.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 38.

Para Capistrano, o grande problema da obra era o de

*“Dar notícias de batalhas, fazer desfilar diante dos olhos do leitor os nomes de coronéis e majores, pintar o entusiasmo que se apoderou deste ou daquele grupo a ver D. Fuão ou D. Sicrano, será tudo quanto se quiser, menos escrever história. (...) Narra o Sr. Pereira da Silva, com mais ou menos exatidão, os acontecimentos havidos desde 1808 até o reconhecimento de nossa independência em 1825. Grandes sucessos tiveram lugar nesse curto espaço de tempo, e da maneira pela qual muitos deles foram encaminhados, resultaram conseqüências que ainda hoje pesam sobre nós. (...) Ora, nada disso se encontra na História da Fundação do Império Brasileiro, em que pese ao Sr. Conselheiro Pereira da Silva e ao seu decantado amor pela história.”<sup>26</sup>*

E, como uma conclusão, o historiador apontava que:

*“Achou-se em posição o Sr. Pereira da Silva de poder escrever livros menos maus, mas não soube disso tirar partido; a sua sofreguidão de granjear reputação literária fez-lhe maior mal do que ele próprio supõe, e se até aqui não corrigiu os seus defeitos, muito menos fará isso daqui em diante. Já não está mais em idade disso.”<sup>27</sup>*

Matoso Maia, historiador que veio a ser o examinador que mais preocupava a Capistrano quando de sua tentativa de acesso ao Colégio Pedro II, foi um outro caso de crítica pública. Dois artigos não assinados, publicados na seção “Livros e Letras” da *Gazeta de Notícias*, nos dias 29 de julho e 17 de abril de 1880, respectivamente, parecem fazer eco às preocupações assinaladas por Peter Novick acerca das dificuldades do enfrentamento público das críticas realizadas por historiadores para com seus colegas. Segundo Novick, no final do século XIX, nos Estados Unidos,

*One of the strongest of professional taboos is directed against criticizing a fellow professional in public, as evidenced by the frequent ostracizing of physician who testify for de plaintiff in malpractice suits.<sup>28</sup>*

No primeiro artigo, como se se tratasse de uma argüição pública – algo semelhante ao que ocorria nas provas de acesso ao Pedro II, ou que posteriormente iria ser abrigado pelas universidades - Capistrano tomava a recente publicação da obra *História do*

<sup>26</sup> Idem, p. 41.

<sup>27</sup> Idem, p. 39.

<sup>28</sup> Peter Novick. *That noble dream: the “objectivity question” and the American Historical Profession*. Op. cit., pp. 57, 58.

*Brasil*<sup>29</sup>, de Matoso Maia como objeto de sua análise. Apresentava, inicialmente, dois grandes defeitos:

*O primeiro é não mostrar estudo das fontes. Que um professor de história universal as não conheça, é desculpável, é mesmo justo: mas um professor de história particular – professor que rege a cadeira há anos, história que pouco mais abraça que três séculos – não nos parece que tenha a mesma desculpa.*<sup>30</sup>

A partir desse ponto, Capistrano recuperava todo um itinerário de fontes que deveriam ser conhecidas pelo historiador, mas que deixou de levar em consideração. Dentre as menções de Capistrano, figuravam Varnhagen e Cândido Mendes.

Mas o historiador foi mais contundente no segundo artigo que publicou, em resposta à réplica de Matoso Maia:

*Dissemos que o professor do Imperial Colégio ignora as fontes da história do Brasil. Em Resposta S.S<sup>a</sup> assegura que tem lido o que tem julgado necessário, e gasto alguns contos de réis na aquisição de livros sobre a história pátria. A inveja é um sentimento baixo e feio; mas não podemos negar que lendo estas linhas sentimos inveja... Não de dinheiro, nem de seu emprego, Deus nos livre! Mas da assurance, da calma com que o autor assegura que tem lido quanto julga necessário. Então tudo quanto S.S<sup>a</sup> não leu é desnecessário, inútil! Que felicidade!*<sup>31</sup>

E como percebesse que Matoso Maia indicara que ele teria se embirrado com a obra de Varnhagen, Capistrano respondia:

*É exato: tanto que quando morreu o Visconde, a única voz que se ergueu para emorar os seus serviços, e reconhecer a dívida que com ele todos contraímos, foi a... nossa.*<sup>32</sup>

Guardando proximidade para com as críticas que enumerou em relação à obra de Matoso Maia, Capistrano também se dispôs contra outra *História do Brasil*, desta vez elaborada pelo historiador português Oliveira Martins<sup>33</sup>, em dois artigos publicados na *Gazeta de Notícias*, em 19 e 22 de outubro de 1880. Trata-se de mais

<sup>29</sup> Luís de Queiros Matoso Maia. *Lições de História do Brasil proferidas no Internato do Imperial Colégio de Pedro II*. Rio de Janeiro: Dias da Silva Junior, 1880.

<sup>30</sup> Capistrano de Abreu. *Ensaios e Estudos*. 4ª série. *Op. cit.*, p. 131.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 136.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 137.

<sup>33</sup> Capistrano deveria estar se referindo a Joaquim Pedro de Oliveira Martins. *O Brasil e as colônias portuguesas*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1880.

um exemplo a partir do qual pode-se mensurar o que o atraía na produção de Varnhagen. Para Capistrano,

*É difícil encontrar um livro mais inexato que o de Oliveira Martins. Quase não há página em que se não se encontra pelo menos um erro, e, se não tratasse de um escritor distintíssimo e de um historiador independente, que tantas provas tem dado de desinteresse, não teríamos dúvida em declarar que a presente história do Brasil é uma obra de fancaria.<sup>34</sup>*

Outro exemplo de um historiador criticado em público por Capistrano foi Melo Moraes, num artigo também para a *Gazeta de Notícias*, do dia 30 de outubro de 1880. Tratava-se então de uma análise da *Crônica Geral e Minuciosa do Brasil*<sup>35</sup>. Para Capistrano, o principal problema se encontrava na forma acolhida pelo historiador para encaminhar a citação de suas fontes, uma vez que apresentava extratos e não a transcrição integral. De acordo com Capistrano,

*Se pudéssemos entrar em análise minuciosa deste livro, teríamos de mostrar muitos e muitos pontos em que estamos em desacordo com o autor, quanto a fatos, quanto a datas, quanto a método.<sup>36</sup>*

Como dissemos, essas considerações elaboradas por Capistrano de Abreu, vieram a configurar uma abordagem diferenciada, uma vez que, do ponto de vista público, o historiador se colocava frente à história, tomando a produção de seus colegas como objeto de análise. Os exemplos que acima indicamos, no que dizia respeito ao momento em que foram publicados, podem guardar proximidade com o necrológio que o historiador veio a realizar sobre Varnhagen. Mas, também se percebe que se encontravam entre o outro artigo que Capistrano viria a publicar sobre o historiador paulista, no ano de 1882. Enfim, essas incursões podem ter concorrido para que Capistrano obtivesse credenciais para a realização da terceira edição da obra de Varnhagen.

O "Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro" foi primeiramente publicado no *Jornal do Comércio*, entre os dias 16 e 20 de dezembro de 1878. Capistrano contava então com 25 anos de idade e estava na capital do Império há apenas três anos. Varnhagen, pouco antes de seu falecimento, estava sediado em Viena, tomado pelos assuntos diplomáticos mas também havia acabado de

<sup>34</sup> *Idem*, p. 158.

<sup>35</sup> Alexandre José de Melo Moraes, *Crônica geral e minuciosa do Império do Brasil desde a descoberta do Novo Mundo ou América até o ano de 1879*, Rio de Janeiro, Dias da Silva Júnior, 1879.

<sup>36</sup> Capistrano de Abreu, *Ensaio e Estudos*. 4ª série. *Op. cit.*, p. 167.

publicar uma segunda edição da *História Geral do Brasil* e preparava uma continuação dessa obra, a *História da Independência do Brasil*.<sup>37</sup> Era o decano dos historiadores brasileiros, conhecido no meio dos homens de letras como conhecedor dos arquivos das mais variadas partes do mundo, bem como, diga-se, pelas polêmicas que entretinha.

Com o falecimento do historiador, revelou-se a oportunidade de Capistrano de Abreu vir a demonstrar parte de seu conhecimento sobre a história do Brasil, e especificamente, sobre a *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen. No artigo, Capistrano demonstrava domínio sobre o assunto tratado pelo Visconde de Porto Seguro, além de conhecimento da situação em que foi recebida sua obra. Alguns aspectos do necrológio, dessa maneira, pareciam vir em reabilitação dos serviços de Varnhagen nos arquivos nacionais e internacionais, bem como acerca de alguns elementos que veio a apresentar em sua obra. A polêmica, ainda recente, que opôs Varnhagen a Timon e, quando do falecimento deste, a Antonio Henriques Leal, fazia ressoar. Pelo menos é o que se percebe pelas recorrências ao assunto através de algumas passagens do necrológio.

Capistrano submeteu o texto de Varnhagen a um exame que se distinguiu do que até então tinha sido realizado. Os artigos sobre Varnhagen já apontavam o critério que viria a pautar o futuro trabalho de anotação da obra do historiador paulista. Capistrano mostrou-se imune aos preconceitos que vieram a postar a obra de Varnhagen na contra-corrente daqueles que defendiam as hostes românticas. Ao situar a polêmica entretida entre Varnhagen e João Francisco Lisboa, Capistrano propunha que a obra do historiador fosse consultada e lida, a despeito de juízos mais subjetivos e apegados ao temperamento do historiador.

Mesmo assim, e talvez fruto de uma concepção argumentativa, uma vez que Capistrano lançou-se na defesa de Varnhagen, o historiador não se furtou a demonstrar aquilo que considerava excessivo. Essas nuances talvez tenham contribuído para que o tom das abordagens públicas de Capistrano com relação a Varnhagen, viesse a ser qualificado como minucioso, resultado de uma leitura amadurecida e reconciliadora. Em poucas palavras, Capistrano soube recompor o itinerário de Varnhagen, apresentar suas mais profícuas descobertas, apontar seus equívocos, sem que com isso se esquecesse – e era importante que isso não ocorresse

---

<sup>37</sup> *História da Independência do Brasil até o reconhecimento pela Antiga Metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data*. Rio de Janeiro, Revista do IHGB, 1916, t. LXXIX.

– de vir a mencionar o ruidoso caso das diferenças havidas entre Varnhagen e Lisboa. Um saldo final desses exames de Capistrano, teve como característica, talvez a mais significativa, que foi a de estimular novas leituras da obra de Varnhagen. E nesse aspecto, uma vez que Capistrano veio a estabelecer comentários pouco apaixonados e, de certa forma, moderados, o resultado final esteve muito longe das apologias.

Nesse sentido, as alusões de Capistrano de Abreu, vieram a compor uma maneira distinta de recepção da obra de Varnhagen. O historiador demonstrou independência e, mesmo em se tratando de um tipo de artigo – um necrológio – não veio a realizar um texto laudatório. Através de sua leitura, e se quem o faz, conhece outros textos de Capistrano – a anotação da obra de Frei Vicente do Salvador ou mesmo da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen – notava-se uma característica que, de certa forma, seria referencial na produção do historiador. Ou seja, Capistrano conseguira elaborar um artigo, passar em revista as tensões havidas para com o objeto que tratava, e mesmo assim manter uma objetividade razoável. Se retomamos os textos que compuseram a polêmica entre Varnhagen e Lisboa, podemos ajuizar que o necrológio de Varnhagen pode ser tomado como o legítimo ponto final. Adicione-se a essa impressão, o fato de que Capistrano não teve argüidores no que diz respeito às informações que foi alinhavando nesse seu artigo.

Pela qualidade das ponderações, pode-se igualmente notar que Capistrano já se distanciava da primeira geração romântica. Escolheu o tema e o tratou, por entender que, em detrimento das questões afeitas à personalidade de Varnhagen, o produto de suas pesquisas poderia vir a ser tomado como um marco na produção em história realizada em nosso país. E a autonomia de Capistrano – outro elemento constituinte de sua trajetória – também se revelava, por acreditar que ainda haveria muito a fazer sobre a produção do historiador paulista. Seu distanciamento, que iria mais e mais se manifestar, com relação às esferas propiciadoras – ou não – dos trabalhos de história, também era um aspecto constitutivo do artigo que elaborou.

É provável também que a apreciação do necrológio de Varnhagen, tenha se constituído em referências futuras para que se entendesse que Capistrano pudesse vir a participar da publicação da nova edição – a terceira – da *História* de Porto Seguro. Num certo sentido, nos instantes em que se lê o artigo de Capistrano, pode-se intuir que tinha um trabalho pela frente, que seria o de vir a proceder uma anotação mais minuciosa da obra do sorocabano, o que procuraria fazer por duas vezes.

Ainda com relação a Capistrano de Abreu, é significativo que se recupere que, como intelectual, guardava outras distâncias para com a geração de pensadores que o antecedeu. Ou seja, em Capistrano, observamos uma orientação mais definida com relação aos trabalhos de história, mesmo que o fosse para com o estabelecimento de fontes que considerava significativas. Veio a padecer das dificuldades impostas pela rarefação ao nível do produto que desejou trabalhar, de forma semelhante àqueles homens de letras que lhe foram anteriores. Mas já contava com uma ambiência onde a possibilidade de pensamento já se notava através de um número maior – mesmo que não excepcional – de livrarias, editoras, jornais ou revistas.

Não que com isso queiramos apontar que o terreno intelectual estivesse pavimentado. Há algo no procedimento de Capistrano, bem como nos intelectuais, seus contemporâneos, que ainda vinha como característica persistente, da geração anterior. Ou seja, escrever para quê? Pesquisar por quê? Afastar-se das ciências aplicadas por que motivo? Bem poderiam ser algumas das questões que também se colocavam ao historiador cearense. Mas, salientamos, de modo um tanto diferente, Capistrano não partiu, como Varnhagen, da necessidade de se operar com o conhecimento, como se somente visasse a sua utilidade. Nessa direção, Capistrano viveu um dilema que era o de se dedicar a um campo que não trazia nem ofertava possibilidades de atuação pragmática, mas o fez sem que com isso tenha buscado justificar seu empenho através de uma ocupação mais reconhecida por sua aplicabilidade.

O exame realizado por Capistrano sinalizava um novo tratamento para o texto historiográfico. Nele, as críticas vinham desapegadas de um viés personalista. Assim, na ambição pela objetividade, Capistrano veio a estabelecer uma abordagem inédita, em relação a uma produção de história do Brasil. Demonstrava estar mais em consonância com os procedimentos acadêmicos que já se processavam na Europa ou nos Estados Unidos, ambientes, onde a crítica era estimulada, como meio, inclusive, para a definição, quase técnica, do ofício do historiador. E, com relação a esse aspecto, se falássemos da possibilidade de um público leitor, diríamos que Capistrano parecia se reportar aos especialistas. Se não o fosse, suas considerações sobre Varnhagen, ainda mais num necrológi, viriam a apresentar um sem número de alusões elogiosas.

Observamos com interesse que Capistrano, ao procurar estabelecer um balanço das contribuições de Varnhagen, tomou como foco os aspectos internos à elaboração de uma pesquisa em história. Dito de outra maneira, Capistrano veio a proceder uma

análise quanto aos modos de se pensar a história do Brasil. Tratavam-se então de abordagens distintas se comparadas com outras, situadas no contexto das polêmicas.

O respeito de Capistrano para com a obra de Varnhagen era apontado no início do necrológio:

*"A pátria traja de luto pela morte de seu historiador, - morte irreparável, pois que a constância, o fervor e o desinteresse que o caracterizavam dificilmente se hão de ver reunidos no mesmo indivíduo; morte imprevista, porque a energia com que acabara a reimpressão de sua História, o vigor com que continuava novas empresas, a confiança com que arquitetava novos planos, embebeciam numa doce esperança de que só mais tarde nos seria roubado, depois de por algum tempo gozar do descanso a que lhe dava direito meio século de estudos e trabalhos nunca interrompidos."*<sup>38</sup>

Tivemos a oportunidade de anteriormente mencionar que os intelectuais que compuseram a primeira geração romântica do Brasil, pareciam se ressentir quanto a uma definição dos contornos e limites daquilo que estavam por realizar. Era nessa direção que tomamos os relatos de Varnhagen, em cartas, quanto ao trabalho que estava realizando. Ou seja, fazia migrar uma certa exatidão àquilo que se sucedia no campo mais sutil dos resultados a que se chega nas pesquisas históricas. A menção de Capistrano à constância e ao fervor parecem se ajustar a essas ilações.

Um contato, em especial, com a correspondência de Varnhagen, parece mais indicar que estivesse também preocupado com o que pudesse vir a discriminá-lo e destacá-lo no rol daqueles que privavam da simpatia do principal mecenas de nosso segundo império, D. Pedro II. Sua busca pela naturalização e por títulos alimentam suspeitas de que sua produção pudesse ser um meio para a obtenção de reconhecimento. Como salientamos em outros instantes, Varnhagen pertencia a um contexto ainda mais árido do que àquele do qual Capistrano privava. Era então imperioso que contasse com a benevolência de Pedro II, assim como de alguns dos poucos participantes do cenário intelectual do segundo império. Desejando obter a naturalidade ou ambicionando títulos, Varnhagen poderia, tão somente almejar mais suportes para que continuasse a possuir interlocução no império.

No início do necrológio, talvez Capistrano desejasse transparecer mais ponderação, evitando que, num texto dessa natureza, algumas mazelas tornassem-se públicas.

<sup>38</sup> Capistrano de Abreu, "Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro", *Jornal do Comércio*, entre os dias 16 e 20 de dezembro de 1878. Também consta de *Ensaios e Estudos*, primeira série, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira e Instituto Nacional do Livro, 1975, p. 82.

Enfim, aqueles que leram esse artigo, deveriam ser conhecedores de parte da biografia de Porto Seguro, bem como, o que é mais fácil supor, das dificuldades de aceitação de sua obra e das tensões havidas com o IHGB, com Francisco Lisboa e Henriques Leal. Ao longo do texto, no entanto, Capistrano dava sinais de percepção de que uma certa espécie de deslocamento tivesse também sido sentida por parte de Varnhagen. E em se tratando desse sentimento, ele também se compõe como um traço recorrente na trajetória de Capistrano de Abreu.

*"Filho da nobre província de São Paulo, iluminava-lhe a fronte a flama sombria de Anhangüera. O desconhecido atraía-o. Os problemas não resolvidos o apaixonavam. Códices corroídos pelo tempo; livros que jaziam esquecidos ou extraviados; arquivos marcados com o selo da confusão, tudo viu, tudo examinou. Pelo terreno fugidivo das dívidas e das incertezas caminhava bravo e sereno, destemido bandeirante à busca de mina de ouro da verdade."<sup>39</sup>*

Não se pode afirmar que Capistrano tenha se excedido nessa qualificação da atuação de Varnhagen junto aos arquivos e bibliotecas. Mas tais impressões, quando cotejadas com outras informações apresentadas pelo historiador cearense com relação a Porto Seguro, ao menos deixam entrever aspectos nas entrelinhas. Quando teve a oportunidade de se deter na obra de Varnhagen, Capistrano de Abreu viria a lastimar exaustivamente o fato de Varnhagen não citar corretamente as fontes ou sequer indicar suas localizações. Some-se a isso, os traços de personalidade de Varnhagen, sua ambição pelo reconhecimento, e percebemos que Capistrano foi rigorosamente econômico quanto às suas impressões sobre o modo de trabalho do historiador paulista.

São Paulo interessaria a Capistrano, principalmente por conta de suas investidas no sentido de trazer alguma luz aos princípios que orientaram os caminhos e o povoamento do interior do Brasil. Nesse sentido, as bandeiras paulistas se configuravam num tema de atração por parte do historiador. Ao longo de sua produção e especialmente nos comentários que fez à *História Geral* de Varnhagen, Capistrano não pode encontrar elementos que evidenciassem os feitos de Bartolomeu Bueno de Souza para com os índios, particularmente no que diz respeito ao fato de ter ateado fogo naquilo que os indígenas pensavam ser água. A imagem mencionada por ele - flama sombria - parece combinar com o *chiaro-escuro*, o jogo de oposições e de dicotomias, bem vindo no caso da exploração do papel representado por Francisco

---

<sup>39</sup> *Idem*, pp. 82,83.

Adolfo de Varnhagen para a história do Brasil. E, igualmente, na dificuldade presentida por Capistrano de se conseguir almejar tamanha precisão nos assuntos concernentes aos eventos do passado brasileiro. Nossa história não parecia tão permeável às certezas como pretendeu Varnhagen, talvez por conta de suas ambições de vir a realizar uma obra acabada para um país que ainda não a possuía, enfim, a missão que Varnhagen tomou para si.

*O desconhecido atraía-o. Os problemas não solvidos o apaixonavam.* Menos que sensibilidade, Varnhagen parecia demonstrar fôlego para as tarefas mais difíceis dispostas aos pesquisadores. Esses traços também se configuram numa dificuldade de apreensão segura e sintética daquilo que o historiador veio a realizar. Capistrano percebia suas contribuições, notava seus acertos, observava seus equívocos, mas não concordaria que seriam suficientes para que viesse a ser desprezado pela continuidade daqueles que se voltassem para o estudo da história do Brasil. Enfim, para Capistrano, Varnhagen havia conseguido encetar a missão que a ele foi destinada, de vir a compulsar os arquivos estrangeiros. Nota-se, nesse início, que Capistrano preferiu elencar as qualidades positivas de Varnhagen e, dentre elas, parece reforçar a idéia de que fosse um trabalhador cioso de sua missão e para a qual possuía atributos pessoais.

*Destemido bandeirante à busca de mina de ouro da verdade.* Quantos percalços enfrentaram os bandeirantes na direção das minas? E por quantas vezes pensaram ter se deparado com o metal precioso quando na verdade se tratava somente de achados falsos? Numa mesma orientação, Varnhagen se diferenciava de Capistrano no que dizia respeito ao encontro com uma suposta verdade de cunho histórico. Em 1878, o ano da publicação desse necrológio, Capistrano ainda não era um historiador amadurecido. Mas, ao procurar examinar com objetividade a produção de Varnhagen, como fez nesse artigo, pareceu passar a suspeita de que não fosse tão simples apontar o que era verdadeiro e o que não era. Ao realizar o necrológio, Capistrano submeteu a produção de Varnhagen a uma abordagem em perspectiva, e não o fez, de modo subjetivo, envolto na atmosfera das querelas e tensões que acolheram a primeira e a segunda edição da *História Geral*.

Nesses parágrafos iniciais que Capistrano recuperava alguns traços da vida de Varnhagen, é interessante que se observe quais aspectos lhe chamavam a atenção, em comparação com aqueles que deixava de lado. A seleção que Capistrano operou, inevitavelmente terminou por apresentar um determinado corte em sua análise. Nessa direção, vale examinar o trecho a seguir:

*"Muito moço, tivera de acompanhar o pai a Portugal e no exílio, ao hálito perfumoso da saudade, infiltrara-se-lhe um patriotismo profundo e casto. A Pátria aparecia-lhe suave e virginal, envolta em um nimbo vago e puro, como a memória de um ente amado, que não tornamos a ver, e pelos campos em que brincara, pelas matas, a cuja sombra se acolhera, pelos céus, sob cuja cúpula abria os olhos à luz da existência, eram as suas mais ternas e mais cordiais aspirações."<sup>40</sup>*

Para além de um tratamento idílico, próximo do romantismo, parece-nos que Capistrano apresentava uma situação onde Varnhagen partia de um ideal de primeira idade, pautado nas considerações que compuseram os relatos de sua infância. Essa imagem, forte num sentido, mas diluída pela ausência de um contato diuturno, pode ter contribuído para a elaboração de uma idéia de nação acolhida por Varnhagen. Ou seja, a matéria inspiradora de Varnhagen parece ser imprecisa se pensada de acordo com aquilo que era oferecido pelo contato cotidiano. A distância de Varnhagen para com Southey - mencionado por Capistrano nesse texto- , seria de fato grande?

Como já salientamos, Varnhagen permaneceu por pouco tempo no seu país de origem. Seu conhecimento sobre o Brasil era intermediado pelas cartas e muitas delas, eram voltadas para assuntos relacionados à diplomacia, aos sócios do IHGB, aqueles que ocupavam postos de comando, e ao Imperador Pedro II. Assim, se havia outros contatos com o país, eles se faziam através de relações legais, ou por outras – através do IHGB -, que invariavelmente estavam conectadas aos canais mais formais de divulgação do trabalho que realizava na Europa. Varnhagen era um quadro fiel do governo imperial na Europa. O que ele possuía do Brasil, além da naturalidade – tão ambicionada - era uma lembrança mantida e acalentada. Em que medida esses elementos poderiam vir a se agregar à história que veio a estabelecer sobre a nação? Parece-nos que Capistrano nutria ponderações acerca dessas questões.

Pensem por instantes em Varnhagen como um intelectual, já deslocado pelo fato de sê-lo, num contexto de aridez a toda prova. Vejamos também como um homem que carregava uma herança germânica, impressa em seu sobrenome e que, inicialmente, sequer o assinava, optando pela alcunha, “um brasileiro”. Tomemos Varnhagen como um viajante, na tradição próxima daqueles que procuraram também contribuir para o anseio de se vir a constituir uma identidade no Brasil do segundo império. Segundo suas próprias impressões, em uma das poucas vezes que esteve no Brasil, passou pela apreensão de ser tomado como refém por parte de índios revoltosos. Esse seria um dos

---

<sup>40</sup>idem, p. 83.

motivos, que, segundo Varnhagen, o teria levado a rever sua posição para com os índios.

Acreditamos que algo semelhante, ao nível da experiência vivida, possa ter contribuído para seu entendimento acerca dos procedimentos de Martim Afonso de Souza e de Duarte Coelho – destemor para com os nativos - , serem compreendidos como os mais adequados para se tratar com os índios. Nesses aspectos, nenhuma fonte parecia ser capaz de provocar a sua reorientação, o que não ocorre em outras circunstâncias, onde se percebe que veio a procurar sustento numa gama mais ampla de suportes. Mas, quando no interior desses últimos tratamentos, Varnhagen estava tomando contato com documentos inéditos e desconhecidos pelos arquivos nacionais. Como um viajante – quem sabe, como Southey – falou sobre a história do Brasil, sem freqüentar as rodas de discussão – raras – nem a ambiência, no sentido geral, da nação que era o seu principal objeto. Houve talvez, um traço de idealismo que perpassou a produção de Varnhagen.

*"A essas aspirações veio dar nova força a campanha que fez sob as ordens do Duque de Bragança, o herói legendário que a seus olhos de fervido realista simbolizava a alma da Pátria."<sup>41</sup>*

Era uma passagem conhecida da vida de Varnhagen o seu engajamento ao lado do Duque de Bragança, o nosso Pedro I, imperador abdicatório do Brasil, nas lutas contra seu irmão D. Miguel. Some-se a esse fato, a informação de que o pai de Varnhagen, Frederico Guilherme, veio ao Brasil para administrar a Real Fundação de Ferro de Ipanema, situada na época, na região de Sorocaba, no interior da então província de São Paulo. Esses dados não passaram despercebidos na própria obra de Varnhagen, e Capistrano, mais adiante, apontava que foram destacados na *História Geral* em detrimento de outros, talvez mais significativos para a nossa história.

No horizonte esboçado pelo necrológio, Capistrano já sinalizava as tendências para o exagero que essa obra viria a apresentar. Em alguns aspectos, Varnhagen apresentava juízos que remontavam igualmente a esse empenho *realista* mencionado por Capistrano. Iniciativa, aliás, que também revelava uma certa dose de estranhamento, uma vez que Varnhagen veio a lutar por uma causa constitucional portuguesa e não brasileira.

---

<sup>41</sup> *Idem*, p. 83.

*"O estudo das ciências físicas, que então cursava, não conseguiu concentrar em si o pensamento que, inquieto, almejava por outros objetos. Persistente, como já então nos aparece, dominado pelo respeito do que considerava dever, pode levar a termo o tirocínio acadêmico; porém, no cultivo das ciências, não era o esmero das observações, a beleza do método e das experiências, a força e o alcance das teorias e generalizações, que lhe despertavam o interesse ou incitavam a atividade; era a aplicação que seus conhecimentos podia fazer à Pátria, o dia que projetava sobre as coisas nacionais."<sup>42</sup>*

A *História* de Varnhagen havia sido, de alguma forma, encomendada. Ao menos, é possível que o próprio historiador tenha vindo a criar essa expectativa na medida em que tomou para si a missão, de não somente colher e enviar os documentos, mas de encadeá-los num texto. Enfim, Varnhagen elaborou uma narrativa. Na incipiente roda de literatos brasileiros, sabemos que essa iniciativa veio a ser acolhida. Ou seja, aguardava-se a conclusão desse trabalho. Fosse nas cartas formais que Varnhagen enviava para o IHGB, na expectativa de que viessem a ser lidas nas sessões da instituição, ou a partir daquelas outras que remetia a Pedro II, o historiador manteve tensões no sentido de proximamente vir a concluir seus serviços.

Quanto aos comentários de Capistrano, especialmente na passagem acima mencionada, percebe-se que começava a abandonar o tratamento mais elogioso e iniciava uma aproximação crítica. Ao longo do necrológio, em outros momentos, Capistrano iria sinalizar a falta de uma visão de conjunto, no seu entendimento, ausente na obra de Varnhagen. Mas também observava que a proximidade com as ciências aplicadas poderia, de alguma forma, ter prejudicado em Varnhagen, sua recepção das fontes da história. Nesse momento de seu texto, Capistrano dava sinais de que procederia a uma análise quanto ao método de trabalho de Porto Seguro.

*Depois embarca para o Brasil, e durante o tempo que aqui demora comunica ao Instituto o fogo que o abrasava. Percorrer a Província de seu nascimento, mas não é só o sentimentalismo que lhe guia os passos na peregrinação: é a sina do futuro historiador que investiga os cartórios, compulsas as bibliotecas dos mosteiros, examina os padrões das outras eras, colhe glossários e tradições, e nas localidades comenta e verifica os dizeres de Tacques e Frei Gaspar Madre de Deus."<sup>43</sup>*

---

<sup>42</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>43</sup> *Idem, p. 84.*

Nessa estadia, Varnhagen foi ao Rio de Janeiro, participou provavelmente de duas sessões do IHGB e seguiu viagem rumo à São Paulo. Lá tomou contato com o Presidente da Província, Rafael Tobias de Aguiar, conhecido de sua família. E em São Vicente, retomou a obra de Frei Gaspar, *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. Depois, voltou ao Rio, para novamente seguir para São Paulo, desta vez, Sorocaba e daí para o sul, Curitiba, seguindo o caminho dos tropeiros. Passou também pelo litoral paulista e esteve na Bahia, no local onde Pedro Álvares Cabral teria atracado sua embarcação. Deixou o relato dessa viagem num artigo para *O Panorama* de 10 de julho de 1841, sob o título "A picada de Mato virgem (fragmento de uma viagem pelo sertão)".

Por conta dessas inspirações, escreveu também para *O Panorama*. "Crônica do descobrimento do Brasil", em sete números, de 18 de janeiro a 28 de março de 1840. O percurso feito por Varnhagen, especialmente no entorno de Sorocaba, pode ser remetido aos seus desejos de retomada de uma certa memória dos tempos em que passou ali. Acredita-se também que quando estava indo em direção à Curitiba, percorrendo um caminho interno, pelos sertões, Varnhagen e sua comitiva, tenham sido alvo de um ataque por parte das tribos indígenas que ali estavam. Esse fato foi associado por Clado Ribeiro de Lessa<sup>44</sup>, ao futuro desgosto devotado por Varnhagen para com os índios.

Capistrano, ao final da primeira parte do necrológio, apresentava a produção de Varnhagen, aliando informações que eram remetidas às estadias nas nações onde veio a ocupar um cargo diplomático, bem aos seus trabalhos de edição de documentos, de história ou literatura. Salientava também o fato de Varnhagen ter introduzido novos autores que passaram a ser referências obrigatórias para os estudos em história, além de demarcar suas entradas em ramos mais alheios ao da historiografia, como por exemplo, a literatura, a dramaturgia e a poesia. Capistrano demonstrou especial dedicação às novas edições da *História Geral do Brasil*, uma vez que Varnhagen veio a rever sua primeira edição, publicou uma segunda e, antes de falecer, estava às voltas com uma terceira. Além disso, publicou a *História das Lutas Holandesas* e terminou, sem que visse publicada, a *História da Independência*.

A segunda parte do necrológio se iniciava a partir de um recurso de comparação. Capistrano mencionava as dificuldades de Colombo de descobrir um novo continente

---

<sup>44</sup> Clado Ribeiro de Lessa. "Vida e obra de Varnhagen", *Revista (trimensal) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, volumes 223 a 227, Rio de Janeiro, 1954.

e o fato de, depois do feito, alguns considerarem fácil a empresa e se gabarem por poder executá-la também. Esse era o mote para Capistrano estabelecer alguns comentários sobre a recepção da *História* de Varnhagen. Nessa direção, sem se dar ao trabalho de mencioná-las integralmente, Capistrano dirigiu o olhar para as polêmicas entretidas por Varnhagen. Mas antes, preparou o terreno, trazendo aspectos relativos ao gênio e à personalidade de Varnhagen:

*Também ele tinha muitos pontos vulneráveis. Era dos homens inteiriços, que não apóiam sem quebrar, não tocam sem ferir, e matam moscas a pedradas, como o urso do fabulista. Em muitos pontos em que sua opinião não era necessária, ele a expunha complacientemente, com tanto maior complacência quanto mais se afastava da opinião comum. Suas reflexões às vezes provocam um movimento de impaciência que obriga a voltar página ou a fechar o volume. Muitos assuntos sem importância, ou de importância secundária, só o ocupam por serem descobertas suas.*

Em algumas passagens de suas cartas, Capistrano também mencionava a dificuldade de percepção de que Varnhagen viesse a contar com um critério. Na citação acima, o historiador cearense sinalizou que o gênio ou o temperamento de Varnhagen, também viessem a contribuir para que se sentisse atraído pela defesa de um juízo em detrimento de outro. Em se tratando de um artigo muito distante daquelas impressões que aparecem nos textos que procuram atacar o autor, é de se notar a desenvoltura e até mesmo a habilidade de Capistrano ao apontar que, por vezes, dava vontade de fechar o livro escrito por Porto Seguro. Em princípio, um comentário como esse, se Varnhagen fosse vivo, provocaria ruídos, talvez bastante acalorados.

Na correspondência de Capistrano, nos momentos em que estava procurando fontes para o mais correto estabelecimento da obra de Varnhagen, entre afinidades e distanciamentos, ele demonstrava uma ponderação ainda difícil de ser superada. Era comum que se reportasse a ele como um ponto importante da historiografia brasileira, em muito pelo fato de ter lançado luz sobre aspectos até então não mapeados pelos historiadores. Acreditava, como mais adiante indicaria, que se tratava de uma obra de passagem, mas que não poderia ainda ser superada.

Capistrano, como se sabe, não conheceu Varnhagen pessoalmente. Mas viveu parte da atmosfera compartilhada pelo historiador. Acreditamos, no entanto, que tenha buscado informações junto aos associados do IHGB, instituição a que se ligou em 1877. Demonstrava conhecimento incomum da produção de Varnhagen, e para isso, pode ter se dirigido quando ainda se encontrava em Fortaleza.

Em relação aos problemas havidos entre Varnhagen e Tímon, Capistrano apontava que:

*A polêmica com João Lisboa, em que tinha talvez razão, porém em que teve a habilidade de por o odioso de seu lado, converteu em inimigos seus os inúmeros admiradores do grande maranhense. Homem de estudo e meditação, desconhecia ou desdenhava muitas das tiranias que se impõem com o nome de conveniências. Sensível ao vitupério como ao louvor, se respirava com delícias a atmosfera em que lhe era queimado, retribuía aquele com expressões nada menos que moderadas.*<sup>45</sup>

O traço temperamental também veio descrito por Capistrano quando introduziu e recuperou a polêmica com Lisboa. Sobre o fato de *desconhecer ou desdenhar muitas das tiranias que se impõem com o nome de conveniências*, Capistrano parecia estar se reportando ao pequeno mundo dos acertos no exíguo espaço literário privado por Varnhagen.

As polêmicas entretidas por Varnhagen também foram ruidosas e deviam circular em demasia no circuito ambientado pelo IHGB. Com certeza, elas forneceram elementos relativos à personalidade do historiador. Além do fato de que Capistrano possa ter conhecido pessoas que lhe trouxessem relatos sobre essa polêmica, percebe-se que poderia ter tomado contato com ela a partir dos textos publicados na *Revista do IHGB*. Mas, com certeza, conheceu o silêncio da instituição quando da publicação da segunda edição da História de Varnhagen.

Prosseguia Capistrano:

*Essas feições são as que geralmente associam no espírito do leitor brasileiro ao nome do Visconde de Porto Seguro. Ninguém procura sob as aparências rudes o homem verdadeiro - o trabalhador possante, o explorador infatigável, o mergulhador que muitas vezes surgia exausto e ensangüentado, trazendo nas mãos pérolas e corais. Parece que nos domina a fatalidade de perceber os objetos sob os aspectos mais desfavoráveis; uma idiossincrasia tinge tudo de negro ou amarelo: cedemos a uma predisposição pessimista, niilista, anárquica, talvez bebida com as águas, ou inspirada com as nossas brisas, talvez herdada dos tupis que, segregados por lutas*

<sup>45</sup>Capistrano de Abreu, "Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro", *Jornal do Comércio*, entre os dias 16 e 20 de dezembro de 1878. Também consta de *Ensaio e Estudos*, primeira série, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira e Instituto Nacional do Livro, 1975, p. 88.

*intestinas e rivalidades perpetuamente renascentes, não conseguiram fundar um estabelecimento análogo ao que se encontrou no México e no Peru.*<sup>46</sup>

Ou seja, Capistrano parecia estar atento aos modos através dos quais Varnhagen vinha sendo retomado. Um restrito circuito literário havia julgado com severidade a produção de Porto Seguro. Mas como poderia ser de modo diferente? Nessa passagem, Capistrano poderia estar clivando o critério com que esse seletivo grupo de intelectuais julgava ser possível examinar uma produção. E lembremos que anteriormente já havia se remetido ao campo das conveniências. Quanto às prováveis origens dessas críticas, para que ao menos passassem a idéia de pertinentes, segundo Capistrano, poderiam ser tomadas emprestadas de outras vagas, pela importação de sistemas de pensamento - não seria isso o que queria dizer com pessimismo, niilismo ou anarquismo? Nesse sentido, parecia alertar para o que poderia haver de circunstancial e não de definitivo, nas análises que imediatamente se colocaram ante a produção de Varnhagen.

José Veríssimo, correspondente e amigo de Capistrano, passa-nos algumas idéias acerca do modo em que a obra de Varnhagen foi recebida por parte de seus interlocutores mais próximos. Partindo do sentimento de que o historiador manifestasse algum distanciamento para com a atmosfera romântica encontrada no Brasil, bem como para o fato de ser um apólogo do colonizador português, Veríssimo sinalizava que

*“Por tudo isto se não achou Varnhagen em simpatia com os seus confrades de geração, nem estes com ele. Enquanto, por espírito de camaradagem e muito também de solidariedade na obra que juntos amorosamente faziam, eles se não regateavam mútuos encômios e acoroçoamentos frequentemente desmerecidos e indiscretos, olvidavam a Varnhagen ou o tratavam como colaborador de somenos. Raramente se lhe achava o nome, e ainda assim parcamente elogiado, nos muitos escritos com que reciprocamente se sustentavam e à sua causa.”*<sup>47</sup>

E Veríssimo então se perguntava sobre os motivos dessa má aceitação:

*Será porque não compreendessem a importância para esta da obra de erudição que ele fazia? Será porque a esses poetas, que todos sobretudo o eram, essa obra parecesse de pouco alcance literário e pouco gloriosa? No entanto quase todos eles faziam também história, mesmo literária. É verdade que a faziam de palpite, como*

<sup>46</sup> *Iedm, ibidem.*

<sup>47</sup> José Veríssimo. *História da Literatura Brasileira. Op. cit., p. 223.*

*poetas, sem investigação própria, sem acurado estudo, retórica e declamatoriamente, com a sua imaginação ou repetição do já feito pelos portugueses.*<sup>48</sup>

É interessante também que se note que, ao mencionar uma tradição que poderia ter chegado a nós através dos índios, mais que uma simples figura de linguagem, Capistrano recuperou os traços que primeiramente foram apontados por Varnhagen e que vieram a compor a principal munição daqueles que o atacaram. Ou seja, o fato de ter resumido a metafísica indígena ao puro desejo de vingança ou a demonstração de seus limites por não conseguirem estruturar uma civilização nos moldes dos povos pré-colombianos. Não se trata de apontar aqui a concordância de Capistrano com esse juízo, o que aliás não se apresentou em sua obra. Mas, nos parece que estivesse trazendo mais um argumento para apontar a aleatoriedade com que vieram a se constituir argumentos para que a *História* de Varnhagen fosse atacada. Quando criticada por Capistrano, ela não o seria através de elementos tão frágeis. Para o historiador, os problemas da *História* de Varnhagen, se remetiam à metodologia, bem como ao modo com que se acolhia fontes ou documentos.

José Honório Rodrigues, como vimos, apontava que esse texto de Capistrano iniciou a reabilitação da obra de Varnhagen. De fato, esse é o espírito desse parágrafo. Salientamos o fato de Capistrano criticar sua contemporaneidade intelectual - quem seriam os leitores de Varnhagen? A interpretação de sua obra seria condicionada por uma atmosfera aquecida pelas diatribes que colocavam uns contra os outros?

Futuramente, pelo afinco com que se voltou para a anotação da *História* de Varnhagen, Capistrano parecia sinalizar que estivesse incompleta. Mas sempre atestou que o historiador teria demonstrado um esforço incomum revelado na busca por fontes. E essa era uma característica do próprio Capistrano: escreveu um número menor de interpretações em comparação com os textos mais remotos que estabeleceria. Nesse sentido, a aproximação para com Varnhagen parecia ser devida a essa mesma orientação: preparar o terreno - a fundação, imagem arquitetônica, tão mencionada quando se fala de Capistrano - para que futuras reflexões pudessem ser operadas.

As considerações de Capistrano que se seguiam, pareciam igualmente, se pautar pela polêmica entretida por Varnhagen e Lisboa. Mas como recolocar a pertinência desse trabalho sem mencionar o ponto em que havia sido deixado? Capistrano ia então, enumerando as qualidades da obra de Varnhagen, apontando as listas de ocupantes de

---

<sup>48</sup> *Idem, ibidem.*

cargos administrativos, batalhas, crônicas coloniais, etc.. E salientava que Varnhagen atendeu estes aspectos

*"a uns porque dão meio til e empírico de grupar acontecimentos, a outros porque rememoram datas que são doces ao orgulho nacional, ou melhor esclarecem as molas que atuam sob diferentes ações."*<sup>49</sup>

Essa última justificativa parece se relacionar ao que acima mencionamos, ou seja, era somente a partir do desnudamento de algumas informações sobre o passado brasileiro que se poderia granjear oportunidades futuras de interpretação.

Mas foi no parágrafo seguinte que Capistrano se aprofundou no tratamento dispensado por Varnhagen para com os índios. Mesmo sendo um tema polêmico, aliás como deixara bem clara a própria situação que opôs Varnhagen aos românticos, Capistrano não se furtou à retoma-lo. E o fez pela via da conveniência e da utilidade, como ele próprio apontou. Comparou o Paraguai à São Paulo, creditando as diferenças ao fato de terem sido colonizadas de formas distintas. Ou seja, houve uma ocupação mais pragmática em nosso caso, o que redundou numa inequívoca superioridade.

Capistrano deixava em aberto não ser esse um único argumento capaz de dar conta dessa explicação, mas ao trazer dados empíricos para a discussão, pareceu sinalizar que ela devesse ocorrer de modo mais distante e imparcial, sem que fosse movida pelas paixões. Ou seja, seu trabalho não poderia ser demolido por conta de um aspecto considerado mais frágil, especialmente pelo fato dele poder ser ponderado à luz de uma discussão mais racional, onde muito dificilmente se conseguiria chegar numa conclusão segura ou evidente.

Para um público não-especialista, talvez esses aspectos viessem a promover o abandono da leitura da obra de Varnhagen. Mas, os historiadores não deveriam proceder da mesma maneira. Haveria que se aproximar da produção de Porto Seguro, pautando-se por uma análise objetiva. A partir dessa reflexão, poderia se vislumbrar alguns contornos da incipiente pesquisa histórica brasileira. Ou seja, mesmo que pelos seu aspectos negativos, o que a *História* de Varnhagen poderia trazer para os futuros historiadores? Não sendo a verdade dos fatos, não o seria um estímulo para que se viesse a demarcar com mais precisão, o trabalho de um historiador? Assim, de modo diferente daqueles que abandonaram Varnhagen por conta de seus excessos – reais –

---

<sup>49</sup> Capistrano de Abreu, "Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro", *op. cit.*, p. 88.

os historiadores deveriam promover um debate mais exaustivo sobre o que ele veio a elaborar. Era necessário que um juízo mais abalizado fosse então constituído por aqueles que se resolveram a prosseguir no campo aberto por Porto Seguro.

E o que Capistrano terminava por dizer acerca de Varnhagen, parecia servir também para aqueles que se colocaram contra ele:

*Acresce enfim que espírito instrospectante, natureza subjetiva, determinada antes por impulsos íntimos que influências extrínsecas, Varnhagen não primava pelo espírito compreensivo e simpático, que, imbuindo o historiador dos sentimentos e situações que atravessa - o torna contemporâneo e confidente dos homens e acontecimentos.*<sup>50</sup>

Capistrano não estaria fazendo um alerta em direção aos modos em que se dava a recepção de uma obra como àquela que Varnhagen veio a apresentar? Mas esses traços mais pessoais seriam o suficiente para que se fizesse um julgamento sobre a qualidade das informações que aliou e apresentou? *Espírito compreensivo e simpático que, imbuindo o historiador dos sentimentos e situações que atravessa - o torna contemporâneo e confidente dos homens e dos acontecimentos.* A frase parece se dirigir a necessidade de distanciamento, por um lado, daquilo que se veio a sedimentar, e que pode ser configurado num preconceito. Por sua vez, também predisponha como necessidade ao historiador, que viesse a ser compreensivo para com as características do tempo que pretendeu analisar.

Não estaria, por sua vez, alertando acerca da necessidade de que não se fizesse com Varnhagen, o que costumeiramente se fazia com relação a outras produções de história do Brasil? Pode ser que Capistrano estivesse procurando recuperar a perspectiva de se vir a tratar com mais distância e objetividade, a produção de Porto Seguro? E se assim o fez, poderia bem estar partindo de sua experiência, que era marcada pela dificuldade de se vir a deparar com imparcialidade em meio ao rarefeito cenário intelectual do Brasil.

O texto de Capistrano encontrava o seu final a partir de uma ressalva: *mesmo assim a obra de Varnhagen se impõem ao nosso respeito e exige a nossa gratidão, e mostra um grande progresso na maneira de conceber a história pátria.*<sup>51</sup> E quais são os aspectos que Capistrano salientava?

---

<sup>50</sup> *Idem*, p. 89.

<sup>51</sup> *Idem*, *ibidem*.

*Já não é a concepção de Gandavo e Gabriel Soares, em que o Brasil é considerado simples apêndice de Portugal, e a história um meio de chamar a emigração, e pedir a atenção do governo para o estado pouco defensável do país, sujeito a insultos de inimigos, contra os quais se reclama proteção.*<sup>52</sup>

Capistrano observava que se tratava de uma história que partia da autonomia do Brasil, à despeito das ligações sabidas de Varnhagen para com a família imperial. Os elementos que acolheu diziam então respeito à história do Brasil e eles não eram tratados como meios, mas como o objetivo do historiador. Até então, de fato, não havia uma história da nação realizada por um brasileiro e que almejava apresentar dados empíricos, apoiados em fontes documentais.

*Não é a concepção dos cronistas eclesiásticos, que vêem simplesmente uma província, onde a respectiva Congregação prestou serviços, que procuram realçar. Não é [a concepção] de Rocha Pita, atormentado pelo prurido de fazer estilo, imitar Tito Lívio e achar no solo americano cenas que relembrem as que passaram na Europa. Não é a de Southey, atormentado ao contrário pela impaciência de fugir às sociedades do Velho Mundo, visitar países pouco conhecidos, saciar a sede de aspectos originais e perspectivas pitorescas, a que cedem todos os poetas transatlânticos, desde os autores e Atala e do Corsário até os das Orientais e Clara Gazul... Não. Varnhagen atende somente ao Brasil, e no correr de sua obra procurou sempre e muitas vezes conseguiu colocar-se sob o verdadeiro ponto de vista nacional.*<sup>53</sup>

Mesmo em meio à dificuldade que a obra de Varnhagen impunha aos leitores, inclusive àqueles, que como Capistrano, se motivavam a enfrentá-la, o historiador cearense salientava que nela nos deparávamos com a história do Brasil tratada como um objeto. Esse era um elemento que fazia Capistrano distinguir a realização de Varnhagen.

Esquecendo de todas as alusões aos traços mais afeitos à psicologia do historiador, Capistrano enfim realçava as características da obra a que veio realizar. Não se prendeu aos ditames de um estilo postigo nem mesmo a uma orientação mais romântica, impulsionada pela ambição do exotismo. Mesmo que o Brasil se lhe configurasse como um ideal, uma vez que por muito pouco tempo aqui esteve - como aliás Capistrano apontou nesse texto - não deixou de ter com clareza que o que fazia

---

<sup>52</sup> *Idem*, p. 90.

<sup>53</sup> *Idem*, *ibidem*.

dizia respeito a história dessa nação. Esse, para Capistrano, era a principal característica de sua obra, fato que deveria contar para a sua recepção e não para o seu pronto esgotamento.

Os últimos parágrafos estabeleceram um diálogo com um primeiro momento de Capistrano, ainda muito próximo da ambiência positivista, tomando Comte e Herbert Spencer, como pensadores significativos, na medida em que ofereciam uma perspectiva sistêmica de abordagem dos eventos do passado. A partir daí se configurou a crítica de Capistrano com relação ao que acreditava estar ausente na obra de Varnhagen: uma visão sociológica que viesse a compreender os fatos em sua origem em sua ligação com fatos mais amplos e radicais de que dimanam; a generalização das ações para que pudesse ser formulada uma teoria; a representação dessas ações como conseqüências de duas ou três leis basilares.

Diga-se que essas limitações, se nesse momento foram percebidas por Capistrano, mais tarde, depois de um amadurecimento intelectual propiciado pela atmosfera que compartilhava no Rio de Janeiro, bem como no exterior, através das cartas, foram bastante revistos. A chegada aos elementos que vieram compor a sua trajetória do ponto de vista epistolar, apresentaram um historiador muito mais afeito às dúvidas do que as certezas e esses autores que mencionou aqui, foram futuramente desdenhados ou criticados por Capistrano.

Mas, mesmo que tributário, nesse momento, de seu engajamento junto às filosofias deterministas, Capistrano percebeu a ausência de uma interpretação que, na obra de Varnhagen, viesse a estabelecer alguns vínculos entre os fatos que foi descobrindo e dispondo. Não estaria mencionando o lado dispersivo da obra de Porto Seguro? Não estaria se remetendo ao fato de Varnhagen ter se imbuído da coleta de documentos e da posterior escrita de uma narrativa, como quem realizava uma tarefa mecânica?

Ao final do necrológio, Capistrano apresentava as perspectivas dos estudos em história, salientando o espaço aberto pelas monografias. Afirmava que estudos mais específicos, e que migravam para os casos particulares, estavam sendo realizados. Sugeriu então que posteriormente pudesse surgir um arquiteto que desse conta da estruturação dessas abordagens com vistas à escritura de uma história do Brasil, assemelhada àquela que elaborou Varnhagen. Novamente a remissão à contínua necessidade de se construir a história do Brasil.

Os dados obtidos por Varnhagen pareciam então ser o que de melhor ele conseguiu oferecer à historiografia brasileira. Segundo Capistrano, entre acertos e equívocos,

Varnhagen teria sido capaz de operar com certa objetividade, procurando apresentar um produto que possuía um fim em si mesmo, a saber, uma compilação de informações que interessavam à nação. Sobre seus comentários a respeito da necessidade – no momento em que publicava esse necrológio – de vir a se investir e aguardar por monografias, é por demais tentadora a impressão que estivesse aspirando por uma segmentação dos estudos de história, no aguardo de perspectivas temáticas. Sobre a expectativa de que um arquiteto viesse a compor um quadro mais amplo, a partir do exame desses trabalhos mais específicos, ela veio a recair sobre o próprio historiador, ainda hoje, muitas vezes tomado pelo que poderia vir a fazer e pelo que deixou de realizar: uma mais robusta história do Brasil.

Essas preocupações se mantiveram para Capistrano ao longo de sua reflexão. Como orientador informal dos jovens historiadores, percebe-se que vinha a sinalizar a importância de se recuperar problemas e questões mais específicos, em detrimento de uma recuperação mais ampla, como essa que Varnhagen veio a realizar. Aliás, uma das possibilidades de recuperação de Varnhagen se encontrava exatamente aí. Sua obra poderia ser lida como meio de se deparar com aspectos que poderiam permitir um exame mais detido.

Quatro anos depois, Capistrano apresentaria um novo texto que versava sobre a obra de Varnhagen.<sup>54</sup> No momento em que escreveu esse artigo, Capistrano já havia passado pelo corpo de redatores da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, onde permaneceu, de 1879 a 1882. Havia entrado em 1880, por concurso realizado em 1879, nos quadros da Biblioteca Nacional onde, em 1881, participou da organização da Exposição de História e Geografia do Brasil. A apresentação de um catálogo, que reunia mais de 20 mil menções às fontes que se reportassem ao Brasil deve também ter contribuído para que Capistrano ampliasse seu domínio sobre a história do Brasil. Acerca dessa exposição, Capistrano apontava:

*“Pelos salões e corredores do velho casarão da rua do Passeio peregrinaram sete mil seiscentos e vinte e um visitantes. Não é muito. Podia ser menos sem inconvenientes. A exibição figurava aparato transitório, mero pretexto da obra verdadeira, o Catálogo. Desde o primeiro dia distribuíram-se dois volumes, somando mil seiscentos e doze páginas, arrolando dezanove mil duzentos e setenta e oito objetos. Com o*

<sup>54</sup> Capistrano de Abreu, “Sobre o Visconde de Porto Seguro”, publicado primeiramente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de 21, 22 e 23 de novembro de 1882 e reproduzido em *Appenso à História Geral* de Varnhagen, tomo 3º, pp. 435-444. 3ª edição in Capistrano de Abreu, *Ensaio e Estudos (crítica e história)*, 1ª série, op. cit., pp. 131-147.

suplemento, as páginas subiram a cerca de mil e oitocentas, os objetos excederam vinte mil.”<sup>55</sup>

Em 1883, Capistrano saíria da Biblioteca Nacional para vir a ocupar uma vaga de professor no Colégio Pedro II, onde também passaria por concurso. O trabalho que veio a apresentar como uma tese de acesso ao Pedro II foi *O descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*<sup>56</sup>. Menos do que apontar os fatos relativos aos eventos dos grandes descobrimentos, nessa obra, Capistrano examinava o estado contemporâneo das fontes sobre o assunto. Ou seja, Capistrano colocou em evidência o aparato de instrumentos metodológicos que servem ao historiador. Revelava então sua preocupação com as perspectivas e possibilidades de se pesquisar e narrar o passado. Seu objetivo era a crítica interna ao trabalho do historiador.

Essa orientação pode ser percebida nesse texto que veio a publicar sobre Porto Seguro. O motivo de sua escritura se remetia ao monumento que tinha se estabelecido na antiga sede da Real Fábrica de Ipanema em homenagem aos feitos de Varnhagen. Capistrano serviu-se de um mote introdutório, que era o fato de Varnhagen ter considerado a ausência de testamento, uma falta grave de Mem de Sá. Dizia então Capistrano, que foi atrás de saber qual era o testamento de Varnhagen. Entre outras coisas, apontando ser um documento curioso, o historiador recordava o desejo de que sua mulher não contraísse novas núpcias e de que fosse erigido um monumento em sua memória. Abreu então dizia que Varnhagen poderia descansar em paz. A partir daí, se prontificava a comentar alguns aspectos da *História Geral* de Varnhagen.

Como no texto anterior, o objeto de Capistrano era o modo de trabalho de Varnhagen. Que fontes acessou? O que obteve a partir delas? Que aptidões manifestava para o escrutínio da história? Capistrano reputava a coleta documental operada por Varnhagen, mas não enaltecia seus dotes estilísticos. Acreditava também que as fontes poderiam ser melhor acolhidas, sobretudo se o historiador paulista manifestasse talento para tanto.

Antes de se caminhar para a interpretação, era imperioso que se objetivasse a recuperação de testemunhos do passado e o exercício de Capistrano viria a ser uma demonstração dessa tese. Como vir a compor uma narrativa, sabendo-se que muitas fontes nem ao menos foram apresentadas? O importante então, como historiador, não

---

<sup>55</sup> Capistrano de Abreu, “Prefácio à *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador”, *Ensaios e Estudos (crítica e história)*, 2ª série, op. cit., pp. 112-113.

<sup>56</sup> Capistrano de Abreu, *O Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*, Rio de Janeiro, Leuzinger & Filhos, 1883.

seria fundar a documentação da história do Brasil? Nesse sentido, como esperar que Capistrano viesse a escrever uma história do Brasil?

E, retomemos que era por intermédio desses aspectos que veio a elaborar a crítica à obra de Varnhagen. Ele teria acertado na descoberta das fontes, mas equivocado quanto ao seu alinhamento. Para Capistrano, não seria o momento de se proceder a uma análise interna aos procedimentos dos historiadores? Como escrever a história do Brasil sem se sentir minimamente seguro sobre o acesso às fontes? E como estabelecê-las corretamente? Mais uma vez, ao falar de Varnhagen, Capistrano se remetia ao modelo de pesquisa que possuía e que pensava ser o adequado para a geração que compartilhava.

Numa passagem desse artigo, Capistrano se dirigia ao trabalho de Varnhagen sobre as guerras holandesas, reputando-o como um de seus melhores produtos. Mas sinalizava a importância da pesquisa documental. Varnhagen veio a se aproveitar de consultas anteriores, de Southey ou de Netscher, nos arquivos portugueses e, especialmente, holandeses. E pode apresentar algo de mais completo. Ou seja, de posse do que foi ofertado por quem pesquisou nas fontes, o historiador veio a elaborar um texto oportuno. A necessidade, constante em Capistrano, era de que os arquivos fossem consultados e os documentos fossem estabelecidos à luz de um tratamento objetivo, de inspiração rankeana.

Em um instante de seu artigo, Capistrano inquiria: *Como fazer de uma vez um trabalho que fique?* Era essa a intenção de Capistrano? Ou sua pergunta se valia da impossibilidade de que isso viesse a ocorrer? Acreditamos mais nessa última hipótese. Capistrano não parecia abastecido das certezas de que o empreendimento do historiador viesse a dar cabo da totalidade das fontes sobre um período. A descoberta contingencial da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, não seria um indício do que ainda poderia existir de desconhecido? Em que medida, poderia se descrever da perspectiva de que novas fontes fossem descobertas? E, nesse sentido, como poderiam vir a redimensionar a *fisionomia de uma época?*

Ao final da primeira parte desse artigo, Capistrano também introduzia o IHGB na análise, e o fez de modo a criticar o desempenho de seus associados. Num primeiro instante, reclamava pela não publicação do último trabalho de Varnhagen, a *História da Independência*. Dizia Capistrano, *onde estará este livro? Virá algum dia à luz?*<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Capistrano de Abreu, "Sobre o Visconde de Porto Seguro", p. 136.

Recuperava então uma fala de João Francisco Lisboa, recolhida da Nota C, que veio apresentada na nas páginas do *Jornal de Timon*<sup>58</sup>, onde dizia que a história do Brasil, depois do livro de Varnhagen, não seria escrita tão cedo.<sup>59</sup> Era o mote para o historiador indicar que os *homens que poderia tomá-la para si, iam desaparecendo*. E concluía:

*“Se estudarmos a corporação que entre nós representa, ou que pelo menos deve representar, os estudos históricos; se lançarmos os olhos para o Instituto Histórico, veremos aí homens distintos, e que tem adiantado nossos conhecimentos em diferentes questões; nenhum porém, será capaz de escrever uma história do Brasil.”*<sup>60</sup>

E, lembrando que cada século exigiria certas qualidades, Capistrano apontava:

*“No Instituto Histórico, todos os que se entregam às investigações, têm aptidões para estudar principalmente a história contemporânea, e são insensíveis à nossa história primitiva.”*<sup>61</sup>

O historiador parecia estar revelando sua insatisfação para com o IHGB e manifestando o seu afastamento com relação ao que entendia ser o mais importante para o andamento dos estudos em história. Em primeiro lugar, se remetia ao fato de não ter sido publicado o último trabalho de Varnhagen, o que, de fato, somente ocorreria em 1916. Além disso, remetia-se à corporação que, supostamente, deveria representar, os estudos históricos. Some-se a isso, sua percepção de que os historiadores do IHGB somente viessem se dedicar aos assuntos contemporâneos. Ou seja, não eram esses os temas que, na opinião de Capistrano, deveriam mobilizar os pesquisadores da história.

Sua proposta, além de marcada pela recuperação dos documentos ou fontes do século XVI, transparecia uma indisposição para com o tratamento orientado por essa entidade para com a história. Se essa *corporação* se detinha nos assuntos contemporâneos, quem então estava se dedicando aos assuntos eminentemente históricos? Ou então, pode ser que as pesquisas mais próximas da contemporaneidade, granjeassem um melhor acolhimento por parte dos historiadores. E, talvez, sua remissão ao fato de ainda não ter sido publicada a última produção de Varnhagen,

<sup>58</sup> João Francisco Lisboa, *Crônica do Brasil Colonial: apontamentos para a história do Maranhão*. *Op. cit.*

<sup>59</sup> Capistrano de Abreu, "Sobre o Visconde de Porto Seguro", *op. cit.*, p. 136.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>61</sup> *Idem, ibidem.*

também se remetesse à atmosfera, não receptiva, à *História Geral do Brasil*, e isso por conta de ainda reverberar a polêmica acerca de sua visão para com os índios.

A segunda parte desse artigo, iniciava-se com Capistrano apontando dificuldades de se vir a definir o que era uma crônica. Essa menção era devida ao fato de se compreender que a *História* de Varnhagen apareceria como uma nova produção, distinta dos textos anteriores, normalmente qualificados como relatos fundamentados no testemunho do autor, que estivera presente, ou que tomara contato com pessoas que presenciaram os acontecimentos que compunham o seu texto.

Para Capistrano, na obra de Varnhagen, essa demarcação não era tão precisa, uma vez que ali, nos depararíamos com a crônica, bem como com páginas passíveis de terem se constituído a partir de uma análise mais abalizada. E, caminhando para a recuperação da importância desse texto, o historiador lembrava que muitas qualidades talvez não tenham sido percebidas por conta da falta de *aptidões artísticas* em Varnhagen.

Ao fazer esse comentário, Capistrano aproximava-se da possibilidade de vir a estudar essa obra com vistas ao aprofundamento, o que, em sua opinião, não estava ocorrendo. E esse artigo nos passa a idéia de que o historiador considerasse fundamental uma revisão daquilo que Porto Seguro havia realizado, isto, para além de sua personalidade difícil. E quantos seriam aqueles que se afastaram dos escritos de Varnhagen por conta de sua polêmica com personalidades que se destacaram no romantismo? Ter esclarecido fatos que até então eram percebidos de modo imperfeito, esse era um importante mérito reputado por Capistrano a Varnhagen.

*A História Geral é um dos livros mais ariscos e mais fugidios que conhecemos. Pode-se lê-lo quantas vezes se quiser, confrontá-lo, meditá-lo: há sempre no livro um quê, que escapa, que resiste, que não se acha quando se procura, mas que é preciso procurar para achar. Há ali detalhes sobejos que ao mesmo tempo são deficientes, porque lhes faltam os concomitantes, que, únicos, poderiam mostrá-los à verdadeira luz.*<sup>62</sup>

A posição de Capistrano para com a obra de Varnhagen é que ela deveria ser continuamente revisitada e isso pelo fato do historiador ter apresentado uma farta colheita documental. Depois dele, quem mais realizou tamanha busca? E como então poderia Varnhagen ser abandonado?

---

<sup>62</sup> *Idem*, p.139.

Capistrano apontava que os problemas da obra de Varnhagen não deveriam ser unicamente remetidos a ele: *é do desamor que há pelas coisas pátrias, da devastação geral dos arquivos, das monografias alinhavadas precipitadamente.*<sup>63</sup> Fatos enfim, bem conhecidos por Capistrano e muito mencionados nas cartas que enviava. As analogias que fazia para com as dificuldades de se conseguir erigir uma história do Brasil estavam bastante relacionadas a essa percepção. Daí, mais uma vez, sua ambição por rever a obra de Varnhagen, procurar obras consideradas capitais para a história do Brasil, estabelecê-las e publicá-las e conceder menor espaço para a produção de novas abordagens.

Quanto à uma história do Brasil, a opinião de Capistrano era peremptória:

*É por isso que pensamos, como Lisboa, que a história do Brasil não será de novo escrita tão cedo; e pensamos até mais, que ela não deve ser escrita senão daqui a muitos anos. Agora o que se precisa é de monografias conscienciosas.*<sup>64</sup>

E provocava:

*Dentre a mocidade que estuda, será possível que ninguém ambicione tornar conhecido algum ponto obscuro do passado? Há-os em abundância, e cada qual mais importante.*<sup>65</sup>

É por demais sedutora a idéia de que essa percepção tivesse sido trabalhada por Capistrano nas orientações informais que realizou e que se encontram bastante contempladas na sua Correspondência. Que era um historiador as minúcias, isso é sabido. Dedicou-se ao melhor estabelecimento de inquéritos sobre a história do Brasil, pequenos eventos que poderiam vir a se somar a outros e, quem sabe, iluminar um conjunto mais amplo. Demonstrava gosto por autores que se dedicassem a um pequeno espectro cronológico, como por exemplo os estudos sobre o reinado de D. Pedro I ou sobre a Marquesa de Santos, de autoria de Alberto Rangel<sup>66</sup>. Encaminhava comentários e estimulava seus colegas, através de suas epístolas, para que procedessem a estudos mais específicos. E, talvez acima de tudo, concentrava-se na necessidade de se constituir as fontes consideradas mais significativas para a história o Brasil. Esse, por exemplo, era seu plano na Série Eduardo Prado, trabalho

<sup>63</sup> *Idem*, p.139.

<sup>64</sup> *Idem*, p.139.

<sup>65</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>66</sup> Alberto Rangel. *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*. Rio e Janeiro: Alves, 1916. Capistrano publicou um artigo no *Jornal do Comércio* no dia 10 de junho de 1917. Ver Capistrano de Abreu, "Um livro sobre a Marquesa de Santos". *Ensaio e Estudos*, 2ª série, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira e Instituto Nacional do Livro, 1976, pp.97-110. 82.

patrocinado por Paulo Prado e que se consubstanciou no desejo pela mais correta edição de textos ou documentos, já fora da circulação possível para a pesquisa, nunca antes editados em português ou mal traduzidos.

Toda a obstinação de Capistrano, nesses casos, era com a seriedade da edição. Preocupava-se, como sabemos, com o trabalho dos copistas, se estes eram ou não atentos às normas de edição. A indicação de que Varnhagen teria acertado na chegada a um documento fundamental, ficaria expressa naquelas reedições de obras já oferecidas pelo historiador sorocabano, como por exemplo no *Diário de Pero Lopes de Souza (1530-1532)*<sup>67</sup>, publicado em 1927 pela série já mencionada.

Não é uma hipótese vaga creditar a volúpia de Capistrano pelo estabelecimento de textos fundamentais, à ambição pela continuidade do trabalho de Varnhagen. No desbravamento dos arquivos portugueses, pôde Varnhagen demonstrar aquela que para Capistrano era uma de suas habilidades: atirar-se para os documentos que, de fato, poderiam alargar os horizontes da historiografia brasileira. Se pesava contra Varnhagen, o fato de não possuir os dotes para uma interpretação mais profícua dessas descobertas, parecia a Capistrano que para outros, isso poderia ser viabilizado. Mas não nos moldes da generalização atingida por Varnhagen. Quando Capistrano, em carta, sinalizava que Varnhagen teria se proposto uma missão, menos que orientada por sua qualificação, mas mais pelos incentivos do IHGB, ele indicava que esse historiador não possuía grandes possibilidades de discernimento quanto ao que de fato poderia ser útil para a história do Brasil. Mas, quando reputava a obsessão pela compulsão nos arquivos, aliada a uma personalidade forte, Capistrano nos advertia quanto ao fato de que Varnhagen não teve méritos de escritor no que diz respeito ao estilo, mas os teve em alguns acertos relacionados à base documental.

Algumas das pesquisas que mais mobilizaram Capistrano parecem atestar que permaneceu ligado à empreitada de Varnhagen. Pensamos não só na já mencionada Série Eduardo Prado, mas em suas buscas para a chegada ao texto completo da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, bem como nas iniciativas frustradas, das edições comentadas da *História* de Varnhagen. Ao se remeter à necessidade de se realizar estudos monográficos mais específicos, Capistrano também já apontava uma orientação no sentido de se dividir os achados, talvez de Varnhagen, no sentido de melhor explorar - algo que o sorocabano não fez - os documentos apresentados por

---

<sup>67</sup> Eugênio de Castro, *Diário de Pero Lopes de Souza: 1530-1532*, Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1927.

ele. Não seria essa uma orientação acatada no futuro pelas universidades? Parece-nos uma percepção de que os estudos em história deveriam vir a se constituir em entradas mais específicas e, aos poucos, irem abandonando a ambição pelas abordagens mais amplas. Não que essas orientações tenham vindo a ocorrer logo nas primeiras décadas após a morte de Capistrano. E para tanto podem ter contribuído as crenças depositadas em algumas interpretações que estavam imbuídas de um caráter mais sociológico, que abria a possibilidade de se vir a conhecer o passado brasileiro como uma tessitura bastante integrada. Mas, os estudos mais específicos vieram se tornar uma realidade no anos que se seguiram à década de trinta, e basta dizer que perfazem a realidade da historiografia brasileira contemporânea. Essa talvez fosse uma percepção de Capistrano. E não queremos sugerir que Capistrano tenha antecipado o que viria a predominar na historiografia brasileira durante o século XX. Entendemos que tenha constituído elementos para a percepção de que não se poderia, de fato, estabelecer uma abordagem ampla e cabal sobre a história do Brasil, o que, de outras formas, os historiadores, na posteridade, vieram a notar.

Capistrano sinalizava quais seriam as possibilidades de estudo, dentre elas a história das sesmarias, das municipalidades, dos bandeirantes, dos jesuítas e das minas. E apontava:

*E se tais monografias parecerem muito incompletas, não faltam mais fáceis e igualmente importantes. Por que ainda não foi escrita a história da Casa da Torre, que começa com Tomé de Souza e atravessa por todo o tempo colonial? Por que não se escreveu ainda a história das estradas? Por que...*<sup>68</sup>

Essas possibilidades permitiram a Capistrano que retomasse então as contribuições de Varnhagen:

*Mesmo sem tais monografias, Varnhagen poderia, entretanto, apresentar obra melhor, se como fica dito acima, não lhe faltassem aptidões artísticas: isto é, se ele fosse capaz de ter uma intuição do conjunto, imprimir-lhe o selo da intenção e mostrar a convergência das partes.*<sup>69</sup>

Essas considerações de Capistrano foram talvez as que mais se agregaram às leituras futuras que se fizeram acerca da obra de Varnhagen. Especialmente com relação às aptidões artísticas ou como foi dito antes, a falta de espírito plástico. Diga-se, como já apontamos, que no período em que veio a realizar esse texto, Capistrano se orientava

<sup>68</sup> Capistrano de Abreu, "Sobre o Visconde de Porto Seguro", p. 140.

<sup>69</sup> *Idem, ibidem.*

pelas abordagens mais sociológicas, filiadas inclusive a Comte. Nesse sentido, observamos suas considerações acerca da falta em Varnhagen de uma visão de conjunto, crítica alíás, retomada por Romero quando este abordava a obra do historiador paulista. Essas percepções permaneceriam, inclusive nas leituras com base no materialismo histórico, a partir da década de 30, que também iriam apontar essa carência na obra de Varnhagen. Mas, mesmo essas abordagens futuras, não estariam respondendo a uma inquietação anteposta por Capistrano?

Ou seja, na medida em que se veio a operar a partir de uma visão possuidora de uma concepção teleológica, não se tomou o passado como explicação daquilo que ocorria no presente? Note-se que na produção de Capistrano, não é exatamente o que se veio a deparar, uma vez que seus trabalhos se concentraram no estabelecimento de fontes. Pode ser que Capistrano esperasse que, somente no futuro, uma vez que muitos documentos fossem descobertos, pudesse de fato vir a ser elaborada um história interpretativa. Seu modo de trabalho, suas incertezas com relação à descoberta dessas fontes, parecem sinalizar que essa empreitada muito dificilmente pudesse vir a se realizar.

Note-se que a leitura da produção de Capistrano, pública ou epistolar, nos sinaliza uma forte dose de pessimismo com relação ao futuro dos estudos históricos em nosso país. Sua própria orientação, que revelava autonomia e solidão, indicava uma dificuldade de se vir a contar com iniciativas mais amplas que viessem na direção de melhor fundamentar a história brasileira. E os problemas que Capistrano situava se concentravam tanto na ausência de estruturas de pesquisa – como arquivos ou bibliotecas, no Brasil e em Portugal – bem como na qualidade das associações que se apresentavam como promotoras das pesquisas em história. Será que sua menção ao fato dos associados do IHGB estarem se voltando para os assuntos contemporâneos, não deixava entrever uma opinião de que estivessem mais preocupados com questões políticas, afeitas aos jogos de interesses mais corriqueiros?

Pode ser que nesse momento em que apresentava esse artigo, Capistrano demonstrasse crenças nas possibilidades de revisão por parte de alguns dos historiadores que compartilhavam com ele a mesma atmosfera. Mas, o que se percebe, é que essa tensão, especialmente quanto aos modos de se orientar nos trabalhos de pesquisa histórica, se manteve como um traço recorrente na vida desse historiador. O que pode nos ajudar a compreender, ou no mínimo, a matizar, o seu deslocamento para com o ambiente intelectual desse período.

E talvez aí, também nos encontremos com uma das proximidades entre Capistrano e Varnhagen. Não exatamente pelo fato de ambos terem sido rechaçados pela pequena comunidade intelectual que compartilhavam. Diferentemente de Varnhagen, Capistrano demonstrou uma discrição com relação aos seus feitos. Mas, como Varnhagen, aparentou e constituiu uma visão mais autônoma sobre o trabalho em história. Pode ser que Capistrano lastimasse nesse historiador, a ausência de justificativas teórico-metodológicas que lhe guiassem no exercício do ofício de historiador. Mas, poderia lhe ter sido simpático por ter percebido uma certa sordidez no modo em que seu trabalho foi acolhido.

Isso não significa que Capistrano tivesse vindo em defesa de alguém que não apresentava traços positivos no trabalho que realizou. Essa mesma condescendência, como vimos, não era manifestada para tantos outros historiadores, de um ponto de vista público ou pessoal. Mas, além de notar acertos na produção de Varnhagen, Capistrano poderia também ter demonstrado sua contrariedade com relação aos meios de oferta e acolhida dos trabalhos de história.

As circunstâncias para a elaboração de uma história geral eram favoráveis a Varnhagen, o que aliás, era percebido por Capistrano. Se o IHGB era um problema, que *fazia padecer as musas*, Varnhagen, quando pesquisou e escreveu sua história, estava em outros ares, mais amparados para que rumasse em direção aos seus estudos: bibliotecas, arquivos, revistas e interlocução eram uma realidade para o sorocabano e uma abstração para os brasileiros.

O historiador teve condições para que viesse a realizar sua obra. Sequer possuía preocupações mais severas para com sua sobrevivência. Perambulava pelos arquivos com a única missão de encaminhar documentos que se referissem à história do Brasil. Ele mesmo narrava em suas cartas o quanto de tempo possuía para se dedicar à pesquisa, leituras e escrita de sua história.

Distante estava das pompas e circunstâncias, tão avessas à compenetração do intelectual, facultadas e estimuladas pelas reuniões sucessivas do IHGB. Encontrava-se situado nas propostas da Instituição, mas não necessitava de uma aproximação mais constante. Diga-se que Varnhagen tomava sua estadia fora do Brasil com uma missão de grande importância. Mas não manifestou desejo de retorno à nação. Era um brasileiro – naturalidade um tanto vaga, pela pouca permanência que teve no Brasil - que veio a se realizar no exterior.

Essa ausência providencial não seria admirada ou compartilhada por Capistrano? Ele próprio um brasileiro que manifestava aversão às convenções que se dirigiam ao historiador integrado no parco circuito reflexivo ofertado pelo Brasil do final do século XIX. Não existiria uma certa proximidade entre ambos os historiadores?

E seria esse um campo que contava com uma mínima precisão em nosso país, no final do Império? Se Varnhagen pode ser criticado por conta de uma ausência de critério, como acreditar que quem o acolheu tivesse condições de vir a fazer uma análise mais qualificada? Mas, Capistrano, de modo diferente, contava com uma visão constituída acerca dos modos de se elaborar a história do Brasil, como se percebe, nesse próximo comentário:

*Na distribuição das matérias, quase nunca tomou como chefe de classe um acontecimento importante, mas fatos muitas vezes inferiores, demissões de governadores, tratados feitos na Europa, mortes de reis, etc.*<sup>70</sup>

Em parágrafo clássico especialmente pela síntese que conseguia apresentar com relação à obra de Varnhagen, Capistrano resumia:

*Sob as mãos de Varnhagen, a história do Brasil uniformiza-se e esplandece; os relevos arrasam-se, os característicos misturam-se e as cores desbotam-se. Vê-se uma extensão, mas plana, sempre igual, que lembra as páginas que o brochador descuidados repete. E, todavia, mesmo as pessoas que conhecem a história pátria menos que Varnhagen, percebem que as épocas se sucedem, mas não se parecem, e muitas vezes não se continuam.*<sup>71</sup>

Essa foi a oportunidade para que Capistrano viesse a apresentar a sua cronologia para o estudo da história do Brasil. De 1500 a 1614, a ocupação do litoral; de 1614 a 1700, a internação através dos rios; de 1700 a 1750, as minas; de 1750 a 1808, a consolidação do sistema colonial; de 1808 em diante, a decomposição do sistema colonial; em 1850, o início de um período centralizador, imperialista ou industrial. Sobre esse último momento, Capistrano apontou:

*É o período que atravessamos, em que o vapor nos põe em comunicação pronta com a Europa e com as províncias; em que o tráfego terminou e a escravidão agoniza; em que a imprensa, já representada pelo jornal, procura debalde implantar o livro; em que o jornalismo e o parlamentarismo são um derivado às concepções meditadas e às*

---

<sup>70</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>71</sup> *Idem, ibidem.*

*resoluções viris; em que ao lado de instituições que nada fazem, há indivíduos que trabalham; em que de par com o fornecimento da matéria-prima se tenta implantar a indústria que elabora; em que... em que há muita coisa que ainda durará longo tempo e que só o historiador do futuro poderá dizer.*<sup>72</sup>

Apresentados esses seis períodos, Capistrano dizia que entre eles existiam características que os separavam pronunciadamente e que o defeito fundamental do livro de Varnhagen era o de seu autor não tê-los conseguido distinguir. Ou seja, uma qualidade que entendia ser fundamental para o historiador, seria a percepção de que houvesse distinção entre os acontecimentos de uma respectiva época ou período.

A falta dessa compreensão, teria impresso na *História* de Varnhagen, o seu tom monótono. Mais uma vez, em comunicação coerente com outras impressões que o historiador teria sobre a obra do sorocabano, o problema parecia recair sobre o modo em que Varnhagen veio a tomar os fatos a que teve contato. Nesse sentido, seu texto padecia da ilusão de ser capaz de dispor acontecimentos, como se fosse possível, em sua totalidade.

A terceira e última parte do artigo, iniciava-se com Capistrano direcionando o leitor para as questões afeitas ao estilo:

*A arte, diz Zola, é um canto da natureza visto através de um temperamento. De um temperamento artístico, deveria acrescentar, pois Varnhagen viu também tudo através de um temperamento arrebatado, e entretanto não nos deu coisa que, ao menos de longe, lembre a arte.*<sup>73</sup>

Era a oportunidade para que Capistrano passasse a falar das características pessoais de Varnhagen, também costumeiramente agregadas às leituras que posteriormente iriam ser realizadas sobre sua obra. De fato, para muitos que se detiveram nos escritos do historiador paulista, como dissociar sua personalidade daquilo que veio a realizar? Para Capistrano, era *preciso definir o temperamento de Varnhagen, para bem compreender a sua História Geral.*<sup>74</sup>

Assim, para apresentar aspectos relacionados ao comportamento de Varnhagen, Capistrano se remeteu à polêmica entre o historiador e D’Avezac. “*Era um espírito que dificilmente admitia a contradição*”. Capistrano então citava o caso que envolvia Lisboa, demonstrando concordância com as impressões do maranhense. Mas, diga-se,

---

<sup>72</sup> *Idem*, p. 142.

<sup>73</sup> *Idem*, p. 143.

<sup>74</sup> *Idem*, p. 143.

que na anotação que realizou sobre a obra de Varnhagen, em nenhum momento, veio a aprofundar esses aspectos, preferindo manter-se na correção mais técnica, quanto aos equívocos a que teria chegado o historiador paulista :

*Lisboa, em uma nota que consideramos como uma de suas melhores páginas, faz-lhe observações justas e severas sobre o modo por que considerava certas questões e apreciava certos indivíduos. Foi o azeite na chama: na segunda edição ele acentuou as notas, e quase que riscou de sua *História Geral* o nome de Lisboa. Chegou a ponto de não fazer menção da burlesca expedição do Achiuí, só porque fora o ilustre Timon quem lhe dera notícia.<sup>75</sup>*

Talvez Capistrano estivesse atentando para o traço personalista de Varnhagen, que o fazia criticar uma obra de história, mesmo que ela lhe tivesse servido como fonte de muitas informações. Da mesma forma, era a ausência de objetividade que preocupava Capistrano, tanto na condução operada por Varnhagen, quanto naqueles que primeiramente leram o seu trabalho. Em que medida os estudos históricos continuavam a se valer desses elementos mais subjetivos?

E Capistrano retomava outras dificuldades de Varnhagen com contemporâneos seus como Mello Moraes, Pereira da Silva e Joaquim Norberto. Bem como com a falta de citação de autores que de alguma forma se indisputaram com relação ao pai de Varnhagen, Frederico, por conta de preteri-lo na prioridade da fundação de ferro no Brasil. E um espaço em especial era concedido por Capistrano para falar das dificuldades de relacionamento entre Varnhagen e uma outra grande obra que precedeu a sua, a *História do Brasil* de Robert Southey. E dizia:

*“Daqui a séculos, escrevia Southey, num assomo de justo orgulho, ao seu amigo Townshend: - meu livro se encontrará entre aqueles que não estão destinados a morrer, e será para os brasileiros o que a obra de Heródoto é para a Europa.”<sup>76</sup>*

E, numa menção que demonstrava grande poder de penetração na obra de Varnhagen, Capistrano arrematava:

*“Daqui a séculos também a obra de Varnhagen será lida, porém por profissionais, que a consultarão como a um dicionário de arcaísmos, um como Glossário de Santa Rosa*

---

<sup>75</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>76</sup> *Idem, p. 145.*

*do Viterbo: o povo só o conhecerá por tradição. Ele não pensava assim, escusamos de acrescentar.*<sup>77</sup>

Capistrano então rememorava os indícios apresentados na obra de Varnhagen e que pareciam ter sido apresentados para que seu nome fosse lembrado na posteridade. E concluía: “*Estas e muitas outras feições do seu temperamento o tornam geralmente antipático*”. Além disso, vaticinava:

*É preciso tê-lo lido não uma, porém repetidas vezes, lê-lo só uma é o mesmo que lê-lo nenhuma, é preciso descobrir suas qualidades por baixo de seus defeitos, familiarizar-se com suas idéias, para compreender-lhes o alcance, ter feito parcialmente o trabalho, de que ele apresenta a suma, comparado com os que os precederam e com os que se lhe seguiram, pesar a soma dos fatos que incorporou definitivamente à nossa história, para tê-lo na devida consideração, não chocar-se com seus modos rudes e afogar os desgostos passageiros numa admiração calma, franca e de raízes bem profundas.*<sup>78</sup>

Mencionava então, historiadores que poderiam rivalizar com Varnhagen mas que, em sua opinião, deixavam muito a desejar: Pereira da Silva, Abreu e Lima e Melo Moraes. O primeiro por até inventar batalhas e escrever a partir das fontes de Lisboa; o segundo por ser um compilador e o terceiro por ser um colecionador. Lembrando que Melo Moraes era vivo no momento em que Capistrano veio a realizar esse texto.

*Varnhagen destaca-se do meio dos contemporâneos, com a estatura elevada, com a fisionomia dura, com os olhos em que cintila o sentimento de superioridade, empunhando a férula do decurião.*<sup>79</sup>

Ao final desse texto, Capistrano passava em revista os estudos que iam se operando e anunciava uma série de nomes, muitos deles próximos de sua sociabilidade. Batista Caetano, José Veríssimo, Macedo Soares e Sílvio Romero, Paranhos, Vale Cabral, Assis Brasil, dentre outros. Todos esses autores estavam trabalhando com aspectos pontuais, monográficos, diferentemente então do que Varnhagen tinha realizado. E concluía:

*Quando todos esses trabalhos estiverem terminados; quando outros muitos se lhes tiverem reunidos; quando um espírito superior insuflar a vida e o movimento na*

---

<sup>77</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>78</sup> *Idem, pp. 145, 146.*

<sup>79</sup> *Idem, ibidem.*

*massa informe, Varnhagen descerá do seu pedestal. Mas até então ele será o mestre, o guia, o senhor.*<sup>80</sup>

O que teria pretendido Capistrano com a publicação desse artigo? Pode-se especular acerca de uma tentativa de reabilitação da obra de Varnhagen. Ou seja, uma intenção do historiador seria a de tomá-la, para além das polêmicas que lhe foram remetidas. Nesse sentido, aspectos subjetivos à parte, um estudo mais aprofundado do texto, poderia vir a permitir novas compreensões. Nesse caso, a *História Geral do Brasil*, deveria ser relida – ou lida pela primeira vez – com vistas a se deparar com as fontes primeiramente descobertas por Varnhagen. Menos do que juízos de valor, a obra poderia suscitar um inquérito sobre a veracidade ou não dos documentos que vieram a embasar Varnhagen.

Pode-se supor que Capistrano estivesse se remetendo à ausência de uma atmosfera reflexiva sobre o *fazer história*. Nessa direção, seu artigo ofereceu muitos elementos que vinham agrupados na perspectiva historiográfica. Não era sobre os fatos em si, uma das matérias do historiador, que Capistrano veio a se deter. Mas sim, sobre os atributos que um pesquisador em história deveria possuir para rumar em direção ao seu trabalho. Além disso, Capistrano estava preocupado com a consciência acerca dos métodos para melhor se direcionar para os estudos de natureza históricas. Não se tratava, antes de mais nada, de um artigo que se valia da polêmica. Pelo contrário, parece-nos que mais se direcionava para a correta formação de novos historiadores. Possuía então, elementos concernentes a uma orientação técnica quanto ao critério que melhor se ajustasse aos trabalhos capitaneados pelos historiadores.

É um fato que Capistrano já revelasse domínio sobre o que até então já havia sido escrito sobre a história do Brasil. Do contrário, seu artigo não nos convenceria como sendo um balanço de parte dessa produção. Um de seus argumentos para a reabilitação de Varnhagen, valia-se da comparação. E, ao fazê-la, o historiador transparecia precisão acerca da existência de um território específico, demarcado pelos estudos em história. Nessa direção, seu texto pode ser visto como produto de seu entendimento distinto sobre um lugar propiciador das pesquisas em história. Mas não o seria de acordo com o que até então era angariado pelo IHGB. E essa é uma diferença marcante entre as percepções de Capistrano e aqueles outros historiadores da primeira geração romântica do Brasil.

---

<sup>80</sup> *Idem*, p. 147.

A articulação dos problemas que eram refletidos pelos historiadores, para Capistrano, se concentrava no exame acerca da veracidade de uma fonte ou documento. Nesse sentido, o historiador esposava a idéia da objetividade, bebida em Ranke. Igualmente, parecia se distanciar de uma proposta de história que viesse engajada numa necessidade de, por exemplo, vir a estabelecer uma identidade para uma nação. No contato com as fontes, o historiador poderia somente especular sobre àquilo que elas viessem a autorizar.

Talvez Capistrano desejasse dar uma estocada naqueles que, agrupados numa instituição, cujo nome se remetia à história – o IHGB –, acreditavam possuir consciência quanto aos atributos ou qualidades necessárias para se adentrar no exame dos fatos passados. Para Capistrano, erravam quanto à recepção, uma vez que tomavam pré-julgamentos como indícios de acesso a uma produção. Equivocavam-se também quanto aos objetos que escolhiam, permanecendo no interior de uma oferta relativa à história contemporânea. Se assim procedia o IHGB, quem estaria se dedicando ao passado do país?

Tomando os novos trabalhos que iam se realizando, não estaria o historiador buscando uma possibilidade de se deparar com a autonomia? E, para que isso ocorresse, não seria necessário um afastamento das orientações promovidas por uma sociedade de corte?

Ambos os artigos publicados por Capistrano de Abreu, seus comentários informais oferecidos por sua correspondência, bem como o trabalho propriamente dito de anotação da *História Geral* de Varnhagen, parecem perfazer o que foi disposto por Michel de Certeau, como a operação historiográfica.

*A operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas.*<sup>81</sup>

As considerações de Capistrano, se tomadas pelo que oferecem de crítica, ou seja, a partir do que entende que não era oferecido pelo meio que o acolheu, parecem portadoras de uma situação que seria melhor definida no futuro. Nessa direção, o

---

<sup>81</sup> Michel de Certeau. *A escrita da História*, op. cit., p. 66.

desajuste do historiador poderia ser refletido à luz do conceito de *moderno*, ou seja, ansiava por um tipo de objetividade que poderia ser mais possível, numa atmosfera republicana, pautada por outros elementos que não somente àqueles que vinham a caracterizar uma sociedade de corte.

Mas, o que acreditamos, as reflexões de Capistrano podem ser pensadas como significativas quanto a uma primeira definição das pesquisas historiográficas elaboradas em nosso país. Já nos remetemos ao fato de que essa característica pode inclusive ter impedido que o historiador viesse a se deter nos fatos propriamente ditos, acerca da história brasileira. Em Capistrano, seu foco era voltado para o exame do ofício do historiador. Não eram somente os assuntos do passado que lhe chamavam a atenção, mas especialmente, o modo com que foram constituídos e tomados.

Não que com isso queiramos apontar que sua obra não possa ser consultada como meio de se deparar com juízos ou fontes sobre o que estudou, como por exemplo, os séculos XVI e XVII. Mas, parece-nos, que, diferente do que havia apontado acerca da *História* de Varnhagen, que no futuro seria lida como um glossário de arcaísmos, parte substantiva dos estudos de Capistrano, parecem não perder a atualidade, uma vez que se direcionaram para os aspectos presentes para àqueles que se voltam para os conhecimentos históricos.

E especialmente, quando suas considerações são ponderadas em relação ao que futuramente se desenvolveu nesse campo da historiografia brasileira, pode-se também se inquirir acerca da permanência de alguns dos problemas para os quais o historiador já chamava a atenção. Em que medida, os pré-julgamentos ainda se estabelecem como orientação para a recepção da produção dos historiadores? Até que ponto nos pautamos pelos estudos mais contemporâneos, abandonando o escrutínio e exame das fontes pertencentes a um passado mais remoto? Será que *a corporação que entre nós representa os estudos históricos* não vem a inibir estudos diferenciados e que poderiam ser igualmente profícuos?

**4 –Uma obra que pode atravessar um período de transição: Capistrano de Abreu e a anotação da *História Geral do Brasil*:**

*“Agouro mal dela [a História da Colonização, de Carlos Malheiros Dias]: no Brasil nós não precisamos de história, precisamos de documentos, uns oitenta volumes como os da Rev. do Inst., porém feitos por gente que saiba aonde tem o nariz.” Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo, datada de 9 de julho de 1920.<sup>1</sup>*

Qual historiador não desejaria vir a se deparar com uma copiosa correspondência trocada pela pessoa que protagoniza o seu campo de estudos? Dentre as fontes procuradas para melhor se conhecer uma determinada personagem, como negar que as cartas não venham a se configurar em relatos de primeira grandeza? Não por acaso, a correspondência de Capistrano de Abreu vem sendo observada como uma das mais valiosas possibilidades de acesso, não somente em direção aos aspectos que se remetem à sua personalidade, bem como ao seu estilo ou método de trabalho.

Como em relação aos outros trabalhos que vinha realizando, além das intenções que não vingaram em produtos acabados, as cartas revelavam com certa intensidade, a contemporaneidade de Capistrano de Abreu. Não se conhece somente a ele. Passamos a agregar informações alusivas a respeito dos próprios missivistas. Percebemos que João Lúcio de Azevedo, historiador português, possuía afinidade especial para com Capistrano. Através das cartas trocadas com Paulo Prado, percebemos uma relação carinhosa de orientação. Deparâmo-nos com as correções, próximas daquelas de um ensino introdutório, a partir das epístolas enviadas para Afonso Taunay.

No universo mais amplo do gênero das biografias, além das cartas, acolhe-se fartamente as menções que possam ser obtidas a partir de relatos de outras pessoas que vieram a se envolver com o personagem, alvo da pesquisa. Para além dessas abordagens, se excetuarmos a perspectiva de se operar com a correspondência de um historiador, os

---

<sup>1</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, *op. cit.*, p. 165.

estudos terminam por se concentrar no exame historiográfico, ou na direção de se vir a se deparar com dados sobre o período que desperta o inquérito do historiador.

Com relação a Capistrano, e quanto à primeira possibilidade de estudo, historiadores como José Honório Rodrigues, Francisco Iglesias, Nilo Odália, Alice Canabrava, José Carlos Reis ou Ricardo Benzaquen de Araújo vieram a realizar abordagens. Trataram-se de reflexões que ponderaram as características da obra de Capistrano a partir de referências internas ou em comparação com o que até então havia sido realizado. Nesses casos, unanimemente, mais se apontava as qualidades positivas em detrimento dos excessos. E, lastimava-se, não raro, o fato de Capistrano não ter sido capaz de vencer uma certa dose de dispersão que veio a lhe impedir a conclusão de uma obra que lhe fizesse justiça.

Mas pode-se ir aos trabalhos de Capistrano do modo que fizeram Sérgio Buarque de Holanda ou Fernando Novais, além de tantos historiadores cujas pesquisas os conduziram ao período do Brasil colonial. Nesses casos, o texto de Capistrano vem sendo tratado de maneira diferenciada, uma vez que se torna próximo de tantas outras fontes requisitadas ou encontradas pelo pesquisador. Não se faz necessário então, um julgamento que leve em consideração a ambiência metodológica, bem como as filiações de pensamento envoltas no momento de vida do historiador. Nessas remissões, as informações obtidas em Capistrano de Abreu, se equivalem às outras que podem ser oriundas de outros exercícios de exame, apresentados por historiadores que também buscaram se deparar com fontes primárias.

Para ambos os exemplos que mencionamos, e que entendemos serem concretos, não é imperioso que se procure pelas cartas. Por que seriam necessárias? Salvo em casos em que a erudição venha a sobressair, uma aproximação junto à correspondência, poderia vir a distrair o pesquisador de seu objeto de pesquisa.

Ao dispormos esses parâmetros de discussão, desejamos apresentar uma das dificuldades que é a de se vir a trabalhar com o exame da anotação realizada por Capistrano de Abreu com relação à *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, sem que se venha a se servir da correspondência como um referencial significativo. Mas, salientamos, sabemos dos riscos dos excessos de valorização de somente um dos suportes de pesquisa.

A leitura das cartas de Capistrano de Abreu, especialmente nesses instantes em que estava às voltas com o estabelecimento da terceira edição da *História Geral do Brasil*, nos oferece um bom número de elementos que possibilitam a elaboração de hipóteses sobre, não só a maneira de trabalho de Capistrano de Abreu, mas também, e de uma forma significativa, quanto às impressões despertadas pela leitura que um historiador fazia sobre um outro. Nesse caso, distante do foco da publicidade – ou o que contemporaneamente definimos vagamente por visibilidade – Capistrano apresentava com clareza – e não poderia deixar de sê-lo, uma vez que dependia de seus destinatários a recuperação de fontes, textos ou documentos – o que pretendia. Mas aliava um outro tipo de impressão, mais afeita a dúvida para com o correto exercício do ofício de historiador por parte de Francisco Adolfo de Varnhagen.

Quando apontamos que a leitura da correspondência de Capistrano de Abreu vem a compor um importante auxiliar para o conhecimento de um historiador costumeiramente mencionado como problemático, expressamente no que diz respeito a lacuna existente entre o que dele se esperava e o que de fato veio a produzir, nesse caso, em especial, estamos defronte a um caso modelar. Nas cartas que enviava e que tratava sobre seu trabalho sobre a obra de Varnhagen, Capistrano veio a expor, desde os comentários mais prosaicos até outros, que terminam por se configurar no campo mais clássico da historiografia. Ou seja, Capistrano veio a aprofundar elementos obtidos pela leitura diuturna que fazia da obra de Varnhagen e ao fazê-lo, apresentou-nos a possibilidade de, tanto penetrar as características do estilo de trabalho do historiador paulista, quanto de si próprio.

E ao expressar-se generosamente, Capistrano também se servia da correspondência como um meio de canalização de suas tensões relacionadas aos trabalhos que estava por fazer. Assim, suas cartas que se situaram nos dois instantes em que teve a missão de operar os registros sobre a *História Geral*, apresentaram muitos dados relacionados à visão que possuía de Varnhagen. E são especialmente esses, os elementos que propiciam a elaboração da recepção de Capistrano para com Varnhagen. Diga-se que esses registros não se apresentam especialmente como historiográficos e não trazem somente contribuições para que se evidencie uma visão histórica de Varnhagen. Percebe-se que Capistrano nutria por Varnhagen um sentimento complexo e sofisticado. Nos comentários e citações que apresentamos a seguir, esses elementos foram abordados com distinção.

Os trabalhos de Varnhagen estimulavam a Capistrano que buscasse a comprovação nas fontes em que o historiador se apoiava. Mas era com um ceticismo recorrente que Capistrano de Abreu se voltava para o texto do historiador paulista. E essas dúvidas pareciam constituir a abordagem de Capistrano, desde os primeiros contatos que havia constituído junto aos textos de Varnhagen.

Antes de dar início ao trabalho de anotação da *História Geral*, Capistrano já havia passado pela produção do historiador paulista, por conta da tentativa conjunta, com Lino de Assunção, de vir a se deparar com a edição integral da *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador. É o que se percebe numa carta endereçada ao português, no dia 19 de março de 1885

*“Tenho uma idéia de que ele, em trecho que não me foi possível descobrir, - dá notícia de um Mss. da História em Ajuda ou no Convento de Jesus ou na Biblioteca Nacional. Talvez portanto, daí nos venha a luz. Na segunda edição, Varnhagen aproveita-se bastante de Frei Vicente, mas cita-o parcamente, com má vontade evidente, como receoso de que descubram a fonte em que bebeu tantas informações importantes. O único capítulo que está com clareza é o 23 do livro 4º. Está em nossa cópia que o Marquês de Olinda tinha bifado e que o Martins da rua de Uruguaiana deu de presente a Biblioteca. A vista desta não sei se foi a nossa cópia, a da Torre do Tombo ou outra qualquer que ele consultou.”*<sup>2</sup>

E mais adiante, nessa mesma carta, Capistrano tinha dúvidas quanto uma indicação de que Cardoso de Barros fosse donatário do Ceará. E dizia que, de acordo com Varnhagen, o foral, datado de 20 de novembro de 1535, estava nas folhas 108 v. a 110 do livro 22. Capistrano se perguntava:

*“Estará mesmo? Tenho minhas razões para duvidar. E a doação? Disto não dá notícia, e este descuido é mais um motivo para eu duvidar do que ele diz; porque acho que é invenção.”*<sup>3</sup>

Ainda a esse respeito, Capistrano observava,

*“desde a primeira edição Varnhagen promete publicar oportunamente um relatório do Conde de Castanheira ao rei ( a D. João III), - na segunda repete a promessa mas sem realizá-la. Estava isto na Torre do Tombo ou na coleção do Palha?”*<sup>4</sup>

<sup>2</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 3, p. 312.

<sup>3</sup> *Idem, ibidem.*

Em outra carta para Lino de Assunção, datada de 11 de junho de 1885, Capistrano manifestava o seu interesse pela *História Geral*, dizendo:

*“Agradeço-te a nota tirada da coleção de S. Vicente de Fora. Peço-te, porém, que olhes para ela (coleção) com maior cuidado, porque parece que há muita coisa relativa ao Brasil. Varnhagen cita-a mais de uma vez, o que é notável nele que não gostava de citar as fontes, o que me tem dado um trabalho de todos os diabos.”*<sup>5</sup>

Perceba-se que nesse caso, o historiador pretendia recuperar o percurso concreto de Varnhagen pelos arquivos portugueses, uma vez que seu interesse era obter informações sobre o paradeiro da obra de Frei Vicente. Ou seja, deparava-se com dificuldades por conta de Varnhagen não ser preciso.

Em 1887, quando estava fazendo um trabalho em conjunto com seu colega, Alfredo do Vale Cabral, remetia-se ao Barão do Rio Branco, dizendo que:

*“Ainda não pude verificar os esclarecimentos a respeito do assalto inglês na Bahia. Não figuram na primeira edição. Provavelmente encontrou os documentos em Simancas, onde deviam estar, se ele os não tirou, porque hoje cheguei à convicção de que o nosso historiador roubava papeis.”*<sup>6</sup>

Uma vez estando no trabalho de anotação, alguns temas pareciam ser mais difíceis de serem abordados. Veja-se, por exemplo, o empenho de Capistrano na direção de se deparar com mais informações primárias sobre a chegada de Mem de Sá ao Brasil. Numa carta enviada para Ramos Paz, datada de 23 de maio de 1900, Capistrano pedia uma cópia de um documento indicado pelo amigo Eduardo Prado. Tratava-se de uma menção obtida "num trabalho de Souza Viterbo sobre trabalhos marítimos dos portugueses"<sup>7</sup> que remetia a uma notícia de uma justificação dos serviços de Mem de Sá, existente na Torre do Tombo.<sup>8</sup>

Ao pedir uma cópia desse documento, Capistrano retomava o fato de, nas "*anotações ao Varnhagen, já estar se aproximando desse período*". Salientava a perspectiva desse texto poder "*conter muita novidade*". Ou seja, prosseguia sua exegese sobre a obra de

---

<sup>4</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>5</sup> *idem, p. 323.*

<sup>6</sup> *idem, p. 111.*

<sup>7</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu, Volume 1, p. 13.*

<sup>8</sup> *idem, ibidem.*

Varnhagen, criticando-a e atualizando-a, propostas que, inclusive, foram apresentadas em seus dois textos públicos que versaram sobre o Visconde de Porto Seguro.

A ansiedade de Capistrano em relação a essa justificativa de Mem de Sá pode ser averiguada a partir de seus comentários na carta seguinte, datada de 27 de novembro de 1902, ou seja, dezessete meses depois do primeiro pedido:

*"Vai esse bilhete só para avisá-lo de que até agora não me chegou às mãos a encantada justificação de Mem de Sá. Alguma demora por parte de Pons? Nova excursão de seu parente do Alentejo? Brilhatura do correio nacional ou internacional? Tem-me feito falta enorme; demorei a anotação de Varnhagen por causa dela. Agora não esperarei mais."*<sup>9</sup>

A mesma tensão pôde ser observada em uma epístola, provavelmente posterior, em que Capistrano ainda se remetia ao caso. Nessa carta, datada somente pelo ano de 1904, Capistrano dizia o seguinte: *"Peço-lhe o obséquio de tomar providências sobre a cópia da justificação de Mem de Sá, de que estou sentindo falta enorme."*<sup>10</sup> E não se privou em apresentar um percurso para o pronto recebimento desse documento:

*"Creio que o mais simples será o seguinte: escrever ao seu sobrinho para procurar o Pons, e pagar-lhe a cópia, se já está feita, ou encarregá-lo de fazê-la, se não tiver recebido sua carta."*<sup>11</sup>

E retornaria a origem da informação sobre esse documento, obtida, como vimos a partir de Eduardo Prado:

*"As informações sobre os documentos existem no livro de Viterbo, **Trabalhos Náuticos dos Portugueses**."*<sup>12</sup>

E quanto ao trabalho de anotação que fazia à obra de Varnhagen, Capistrano dizia:

*"Quero ver se dou o primeiro volume em setembro; para o texto, a justificação não serve mais, porém servirá para o apêndice e para a introdução de cem páginas, em que pretendo fazer a síntese da época a que o volume corresponde."*<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>10</sup> *idem, ibidem*.

<sup>11</sup> *idem, ibidem*.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 15.

<sup>13</sup> *idem, ibidem*.

Ao que parece, o historiador pretendia com essa síntese – que não veio a ser realizada – apresentar uma visão particular sobre cada época abordada por Varnhagen. Quando da realização do estabelecimento da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, Capistrano veio a apresentar uma introdução para cada um dos capítulos da obra do frade franciscano. Nesse caso, que nas cartas que enviava, vinha comentado como um tormento que havia tomado para si, o historiador não se remetia à história propriamente dita, mas comentava as fontes a que teria se servido Vicente do Salvador. No caso do texto de Varnhagen, Capistrano, além das notas de rodapé, veio a apresentar remissões mais abrangentes e que se encontravam ao final de cada seção da *História*. É correto supor que essa síntese pretendida e não realizada tenha vindo a compor os seus *Capítulos de História Colonial*, como veremos a seguir.

Ao sinalizar que pretendia "*dar o primeiro volume em setembro*", Capistrano nos forneceu pistas de que essa carta viesse na seqüência da anterior e que ambas se situaram no ano de 1902. No entanto, na próxima carta da *Correspondência*, e que vinha datada de 31 de agosto de 1904, o historiador mais uma vez se remetia ao mesmo problema:

*"Pode imaginar a impaciência com que espero a justificação de Mem de Sá: quanta novidade não há de contar! Apenas chegue, tratarei de imprimí-la nos Anais da Biblioteca, como já está o processo de Bolés, de que lhe guardarei um exemplar."*<sup>14</sup>

O processo de Bolés, Mem de Sá e os *Anais* de Souza Viterbo, vinham de fato mencionados no artigo "João Cointa, Senhor de Bolés: Clérigos e Leigos" que fora primeiramente publicado no *Jornal do Comércio* de 25 de outubro de 1903, sob o título de *Revistas Históricas*.<sup>15</sup> O início desse texto era bem ao estilo de Capistrano. Retomava uma anedota que introduzia Bolés, condenado por Mem de Sá por ter auxiliado Villegaignon nas tentativas de se conquistar o Rio de Janeiro, e que teria abandonado o seu credo protestante após ter estado com José de Anchieta. E o jesuíta teria rogado que o carrasco se apressasse para que fosse evitada qualquer possibilidade de retorno do condenado às suas antigas convicções. Era o mote para que Capistrano viesse a falar sobre o que até então poderia ser narrado sobre João Cointa. E ao fazê-lo, como também era o costume do historiador, veio a passar em revista as maneiras pelas quais as fontes

<sup>14</sup> *idem, ibidem*.

<sup>15</sup> Publicado posteriormente nos *Ensaio e Estudos: crítica e história*, Terceira Série, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1976, pp. 3-16.

vieram à luz. Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional havia publicado um artigo sobre ele em 1879. Cândido Mendes na *Revista Trimensal* do IHGB apontou que Bolés não veio a sofrer nenhum suplício e nem Anchieta veio a ter o papel anunciado pela anedota. Viterbo teria chegado à conclusão de que João Cointa era o Senhor de Bolés e descobria o processo na Inquisição portuguesa. Para Capistrano, desses três estudiosos, Cândido Mendes se destacava.

Nessa mesma carta, Capistrano apontava, mais adiante:

*"Mandar-lhe-ei proximamente as folhas de Varnhagen, apenas chegue a [sic] Mem de Sá, quer dizer, se Laemmert não fizer interrupção, como agora, lá para o fim do próximo mês, à sua chegada dos Estados Unidos."*<sup>16</sup>

O assunto chegou a um termo no mesmo ano, tal qual pode ser percebido na carta datada de 30 de novembro de 1904. Logo no início, o que indicava uma alta expectativa, Capistrano arrematava:

*"Recebi ontem a última parte da justificação de Mem de Sá. Dias antes, ao chegar de uma rápida excursão a S. Paulo, recebera a primeira, juntamente com sua prezada carta. Muitíssimo obrigado."*<sup>17</sup>

E salientava ao amigo Ramos Paz que deixaria que a impressão da nova edição da *História Geral* chegasse a Mem de Sá, para enviar as páginas de Varnhagen e salientava, *"antes sinto acanhamento de remetê-las, porque parece estarem em trajas menores."*<sup>18</sup>

Mas, por algumas vezes, as preocupações de Capistrano tornaram-se mais críticas. Veja-se, por exemplo, seu comentário nessa carta, de 1903, para o conterrâneo e também historiador, Guilherme Studart:

*"Tem-me dado um trabalhão; ele é muito mais descuidado e inexato do que pensava a princípio: basta ver a cambulhada que fez de Francisco Caldeira e Alexandre de Moura. Toda a expedição do Maranhão precisa ser escrita de novo."*<sup>19</sup>

Eis Capistrano abordando o principal historiador do segundo império, compondo um itinerário de dúvidas que partia da imprecisão da citação das fontes até a hipótese de que

---

<sup>16</sup> *idem, ibidem.*

<sup>17</sup> *idem, p. 16.*

<sup>18</sup> *idem, ibidem.*

<sup>19</sup> *idem, ibidem.*

viesses a esconder documentos. Mas as pesquisas futuras que viria a realizar indicavam que nutria perspectivas na retomada da obra de Varnhagen. Enfim, pela franqueza com que abordava a produção de outros historiadores seus contemporâneos, o contato com as menções de Capistrano para com Varnhagen vai indicando que o historiador nutria certa admiração por seus feitos.

Isso pode ser percebido, logo na primeira carta da *Correspondência*, endereçada a Francisco Ramos Paz, Capistrano se reportou a Varnhagen. Em carta datada de 23 de dezembro de 1880, Capistrano Adiantava para Paz que:

*“Tivemos poucos livros – Varnhagen, que pretendo ler de fio a pavio; as Memórias de Cândido Mendes, que me são indispensáveis para os dois capítulos da História do Brasil que pretendo escrever; Vaz de Caminha, Gabriel Soares e Léry, sobre o que vou escrever”.*<sup>20</sup>

Capistrano de Abreu nutria admiração pela obra de Cândido Mendes de Almeida (1818-1881), homem público e analista crítico de textos jurídicos, como o Código Filipino. Mas as *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão* era um texto que costumava chamar a atenção do historiador, o que se percebe tanto por suas menções nos artigos sobre Varnhagen, quanto na anotação propriamente dita da *História Geral*. Tanto Cândido Mendes quanto seu contemporâneo, João Francisco Lisboa interessavam a Capistrano por demonstrarem apego ao exame mais cioso dos termos, das datas, da busca pela mais correta interpretação das fontes. Essa também era uma perspectiva entrevista por Capistrano com relação a Varnhagen, mas sua obra mereceria reparos, como se percebe pelos juízos que o historiador ia apontando em suas cartas.

Na carta datada de 21 de setembro de 1907, a iniciativa de anotação da obra de Varnhagen apresentava seu termo. Capistrano pedia que Ramos Paz escrevesse para um colega comum, Pons, no intuito de começar cópias de documentos obtidos pelo amigo em Portugal. E Capistrano salientava que isso fosse feito semanalmente, tanto o envio do copiado quanto à nota da despesa. Mas, concluía: *“Agora, com o incêndio da Laemmert, posso esperar os documentos.”*<sup>21</sup>

Uma nova proposta seria encabeçada por Capistrano, somente por volta de 1916. Em carta enviada para o contemporâneo e amigo, Luís Sombra e datada de 10 de agosto de

<sup>20</sup> Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Volume 1, 1954, pp. 3 e 4..

<sup>21</sup> *Idem*, p. 27.

1916, Capistrano dava mais sinais sobre sua segunda investida na edição comentada da obra de Varnhagen:

*“Estou às voltas com uma nova edição de Varnhagen. Conto entregar em outubro os originais do 1º volume, que poderá estar impresso até o fim do ano, se houver boa vontade da parte do editor, Jacinto R. dos Santos; não será impossível neste caso que em maio esteja terminado o 2º volume, e eu portanto forro. Será então o momento de tratar da 2ª edição de meus Capítulos.”*<sup>22</sup>

Em 30 de setembro de 1916, Capistrano retomava o mesmo caminho e fazia alusões bem parecidas:

*“Continuo com o meu trabalho de anotar Varnhagen. O editor ainda não deu resposta definitiva, mas isto não me preocupa grande coisa. No fundo só trato de preparar nova edição de meus Capítulos de História Colonial. Tenho agora um amigo que pode arranjar cópias em Portugal e espero adiantar algumas das questões mais sérias de nossos anos. Aguardo as publicações do nosso barão e do Lira, que podem trazer muita luz.”*<sup>23</sup>

Situado num outro contexto, aquele relacionado a essa segunda tentativa do estabelecimento das anotações à obra de Varnhagen, nos deparamos com as informações passadas por Capistrano para João Lúcio de Azevedo. Azevedo pode ser caracterizado como o principal interlocutor de Capistrano. As cartas enviadas para o amigo português, que perfazem o maior número entre as outras remetidas para uma só pessoa, são repletas de comentários afeitos à historiografia, ao estado dos estudos históricos no Brasil, ou ao acompanhamento do que ambos estavam por realizar. Assim, Capistrano dedicava-se aos comentários sobre o Padre Vieira nos instantes em que Lúcio de Azevedo estava às voltas com a biografia do jesuíta. De forma semelhante, Capistrano reportou-se a João Lúcio quando estava se detendo nos trabalhos de edição da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, quando publicava as obras que compuseram a Coleção Eduardo Prado, como sabemos, capitaneada financeiramente por Paulo Prado.

<sup>22</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 3, p. 30.

<sup>23</sup> *idem*, p. 31.

Nessa segunda tentativa de Capistrano de anotar a obra de Varnhagen, seus comentários eram muito semelhantes, ou seja, preocupava-o não se deparar com determinadas fontes não mencionadas por Varnhagen.

Na carta de 30 de junho de 1916, uma das primeiras da correspondência editada por José Honório Rodrigues, Capistrano comunicava pela primeira vez a João Lúcio que um livreiro lhe propôs fazer uma edição anotada da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen. Continuava Capistrano apontando que aceitou por acreditar que

*“com os documentos mais ou menos conhecidos, não se poder fazer obra inteiramente nova e a de Varnhagen, revista com cuidado, pode atravessar esse período de transição”*<sup>24</sup>

É importante que se observe a palavra *transição*. Diga-se que, no texto que realizou sobre Varnhagen em 1882, deu destaque e valorizou a produção específica de alguns historiadores que passavam a abandonar a perspectiva de uma história generalizante para optarem pelo estudo de problemas mais particularizados.

Nessa mesma carta, ao que parece, em virtude dessa nova investida na obra de Varnhagen, Capistrano pediu a João Lúcio que trouxesse informações sobre Pero de Campos Tourinho. Citava um documento publicado por Medina no Chile que apontava que esse donatário veio ao Brasil logo depois de Martim Afonso e isto *“explicaria alguns pontos obscuros”*<sup>25</sup> Além desse pedido, Capistrano instou a João Lúcio que procurasse saber se Diogo Martins Cão, que acreditava ser o Matante Negro, incumbido por D. Francisco de Souza para a exploração de minas, era de fato cristão novo. E pediu-lhe informações sobre ele.

Nesse caso, quanto ao pedido de checagem dessas informações, pelo nível de aprofundamento e pelo detalhamento, podemos dizer que Capistrano mantinha-se na seara franqueada por Varnhagen. Ou seja, buscava o aprimoramento de dados empíricos para, quem sabe, constituir novas possibilidades de abordagem rumo à travessia do período a que se referiu como de *“transição”*. Diga-se, como apoio à tese de que Capistrano avançava na história segundo os moldes do tratamento particularmente significativo das fontes empíricas que, ao citar Diogo Martins Cão, o historiador se remeteu ao artigo de Antonio Baião publicado na *Revista do IHGB*, espaço editorial,

<sup>24</sup> Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1956, Volume 2, p. 12.

<sup>25</sup> *Idem ibidem*.

como sabemos, que possuía a tradição de publicação de documentos como meio de se dirimir controvérsias.

Mas o pedido de documentos por parte de Capistrano esbarrava na fragilidade das características do trabalho do historiador. O que nos leva a pensar sobre a quase subjetividade desse ofício. Tal é a impressão que nos passou o comentário de Capistrano quanto ao trabalho dos copistas dos documentos em Portugal. Capistrano citou Lino de Assunção, seu correspondente em Lisboa quando do momento do primeiro estabelecimento da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. Capistrano apontava que Lino conseguia bons serviços a bons preços. Mas dizia que um amigo, a quem Capistrano incumbira de obter documentos, o fizera com alguém que os trouxera “*legalizados, autenticados, como se se tratasse de questão jurídica*”<sup>26</sup>. Era ao que parece, sutil, a distinção entre o tratamento dispensado aos documentos por juristas, advogados e historiadores. Mas que experiência era possuída por esses copistas?

Ao final dessa carta, Capistrano adiantou que o que o interessava, nesse momento, era tentar esclarecer o “*período de anarquia perfeitamente obscuro*”<sup>27</sup> entre o descobrimento das minas e a Guerra dos Emboabas. E sinalizou para João Lúcio que esses documentos existiam no arquivo do Conselho Ultramarino. Pareceu-nos que Capistrano se encontrava em meio à elucidação de questões deixadas em aberto por Varnhagen.

Em carta datada de 25 de janeiro de 1917, Capistrano pedia a João Lúcio que providenciasse duas cópias que “*podem modificar a fisionomia do nosso primeiro século*.”<sup>28</sup> Tratavam-se da nota sobre Pero de Campos e de papéis sobre Martim Afonso. Nesse último caso, o historiador dizia que Varnhagen apenas teria lhe conhecido a existência. Dizia ainda que na primeira edição da *História Geral*, Varnhagen fala e “*repete na segunda, de um relatório do Conde de Castanheira, quando se estava organizando o sistema de donatários*.”<sup>29</sup> E dizia que prometia publicá-los, mas não o fez. Adicionava ainda que, na segunda edição na página 228, Varnhagen deu “*uma porção de novidades cuja fonte cala*”. Pedia então que João Lúcio interviesse nesse aspecto pedindo a um amigo comum, que procurasse saber o destino de uma carta de

---

<sup>26</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, *op. cit.*, p. 13

<sup>27</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>28</sup> *idem.*, p. 27.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem.*

Toma de Souza, “*de que Varnhagen se aproveita quase clandestinamente.*”<sup>30</sup> Tais são as fissuras encontradas por Capistrano na obra de Varnhagen. Assim, na leitura atenta que fazia, perguntava-se pelas fontes que embasassem os juízos apreciados por Varnhagen.

Na carta datada de 19 de março de 1917, Capistrano se reportou a João Lúcio pedindo novamente o relatório do Conde de Castanheira. Dessa vez, Capistrano se remeteu ao fato de Varnhagen ter “*encobrido*” tal relatório. Menos do que Capistrano esperava, o fato de Varnhagen ter encoberto o documento expunha uma brecha no produto de pesquisa do sorocabano. Assim, entendemos que Capistrano viesse a manifestar uma chegada cética com relação às obras de Varnhagen.

Um ano depois, em 27 de março de 1917, Capistrano reportou-se a João Lúcio de Azevedo, com relação ao trabalho que vinha realizando sobre a *História Geral do Brasil* de Varnhagen. Desta vez, conclusivo, dizia que já possuía

*“muita coisa desconhecida a Varnhagen: as cartas jesuíticas, mais edificantes que instrutivas, que ele não teve tempo de decifrar nos originais; a justificação de Mem de Sá, o processo de Bolés, os documentos de Diogo Botelho, as Atas da Câmara de S. Paulo.”*<sup>31</sup>

E quanto ao trabalho de Varnhagen, Capistrano retomou algo que havia dito em carta anterior: “*infelizmente ele utilizou certas coisas de modo clandestino que até certo ponto lembra Melo Moraes.*” E citava o caso narrado por uma testemunha que, ao visitar Moraes, o encontrou queimando papéis. Perguntado, Melo respondeu: “*queimo documentos. Quem quiser lê-los há de ir aos meus livros.*”<sup>32</sup>

Na mesma direção quanto à comprovação de que Varnhagen tivesse se valido de fontes para o embasamento de alguns de seus comentários, na carta seguinte dirigida a João Lúcio, datada da “*sexta-feira da paixão de 1917*”, Capistrano dizia que o que “*desejaria apurar na p. 228 de Varnhagen referia-se a Jorge Pimentel e Henrique Mendes de Vasconcelos.*” E completava: “*onde teria achado isto?*”<sup>33</sup>

Em nova carta, do dia 19 de setembro de 1917, Capistrano dizia para João Lúcio que estava quase fechado o ajuste de uma nova edição para Frei Vidente do Salvador. E

<sup>30</sup> *idem*, p. 28.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 40.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>33</sup> *Idem*, p. 42.

como havia iniciado seus trabalhos de anotação para essa obra, deixava Varnhagen de lado, “*mas sem os ninhos de passarinho da terceira edição, que ficou suspensa.*”<sup>34</sup> E adiantava:

*“Indispunha-me o número de volumes que poderia ter a História Geral: fazer concorrência a Pinheiro Chagas? Meu receio era felizmente infundado: pelos cálculos, caberá em 4 volumes. Naturalmente reduzirei as notas ao mínimo indispensável e carregarei no índice. Quantas vezes tem-me sucedido saber que qualquer coisa foi dita por Varnhagen e não achá-la!”*<sup>35</sup>

Varnhagen era também criticado por se apossar de fontes e constituir um texto pessoal, como se percebe nesta carta para João Lúcio, no dia 16 de setembro de 1918, Capistrano apontava que estava por terminar o texto sobre Claude d’Abbeville que proximamente seria publicado na coleção financiada por Paulo Prado. Para realizar essa introdução, Capistrano procurava pesquisar elementos sobre a história dos índios no Brasil, em especial, no Maranhão. Era nesse ponto que voltava a citar Varnhagen e o fazia mencionando as fontes desse historiador. Segundo Capistrano, Varnhagen fundava-se em Hans Staden, Lery, Gabriel Soares e arrematava: Varnhagen completava “*uns pelos outros. Cumpre romper esta síncrese: não sei se o farei.*”<sup>36</sup>

E, já próximo do seu afastamento do trabalho de anotação da obra de Varnhagen, em um trecho de uma carta enviada para João Lúcio datada de 23 de outubro de 1925, o historiador dizia que acabava de receber carta do futuro editor de Pero Lopes, Eugênio de Castro. E apontava: “*pelo que diz, Jordão de Freitas encontrou documentos novos: um parece conhecia Varnhagen, que o camuflou.*”<sup>37</sup>

A mesma impressão era disposta na continuidade dessa relação epistolar, no ano seguinte:

*“No último fascículo chamou-me a atenção a carta de Tomé de Souza, até hoje inédita. Varnhagen a conheceu, mas nem a cita explicitamente nem indica o paradeiro. Desejava ver esclarecido este ponto.: Varnhagen possuía alguém na Torre do Tombo, que lhe mandava informações – cópias completas talvez não; consta que era muito*

---

<sup>34</sup> *Idem*, p. 74.

<sup>35</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>36</sup> *Idem*, p. 110.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 343.

*avarento; alguém que o conheceu em Viena disse que brigava por cotos de vela. A descendência continua no Chile, parece que em boa situação.* <sup>38</sup>

Esses exemplos parecem demonstrar uma certa multiplicidade de impressões que Capistrano nutria pelo conjunto da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. Mas, percebe-se que mantinha uma relação duvidosa com relação ao desempenho do historiador paulista, em especial, pela maneira particular com que citava – ou não – os documentos ou fontes a que teve acesso em Portugal. As expectativas geradas em Capistrano pelo contato com o texto de Varnhagen, indicavam que visse uma abordagem moderna na atuação do historiador. Ou seja, Capistrano não cobrava a citação de fontes nas obras de autores anteriores a Varnhagen, como Frei Vicente ou Antonil. Mas, como aceitar que o historiador paulista não fosse ciente de um outro tratamento metodológico? Sua proposta não era exatamente a de compor uma obra distinta das crônicas? Assim, suspeitando que Varnhagen se servisse de maneira escusa dos suportes que lhe auxiliavam a escrever a história do Brasil, Capistrano atualizava o tratamento historiográfico, ajustando-o às orientações quanto ao mais correto estabelecimento de uma narrativa.

E percebe-se que o fazia sem maiores amparos por parte de alguma instituição. No caso expresso da correspondência havida com Lino de Assunção, Capistrano se mobilizou na busca da *História* de Frei Vicente, por conta de não poder ter acesso ao exemplar que se encontrava na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, uma vez que o diretor de então, Saldanha da Gama, não lhe permitia o contato com o códice. A busca do historiador valia-se então, dos meios informais, algo distinto do que havia ocorrido com Varnhagen que, como sabemos, contou com o apoio do governo imperial nas pesquisas que veio a realizar na Europa.

Mesmo que corramos o risco dos excessos, perguntamos por que Capistrano teria vindo em defesa de Varnhagen. Sugere-nos a hipótese de que desgostasse do modo em que sua obra veio a ser primeiramente acolhida. Suas menções ao funcionamento dos Institutos Históricos podem sinalizar essa orientação. Em uma carta de Capistrano para Afonso de Taunay, datada dos “idos de março” de 1917, lê-se que:

---

<sup>38</sup> *Idem*, p. 363.

*“Disseram-me que o Instituto anda em pasmaceira. A Revista não sai porque não há dinheiro? Mas se o Diário Oficial a imprime! Ouvei dizer que o principal estorvo provém de brigas da politicagem provinda da disputa do penacho. Dizem que fervem. Que há de exato nisso? Sempre a mesma história das competições pessoais e da vaidadezinha toleirona! Com isto padecem as Musas. Enfim não quero meter-me nestas brigas nem fazer o papel de conciliador. E você andarà muito bem se alhear de semelhante ambiente.”*<sup>39</sup>

Em outro exemplo, em carta para o mesmo Taunay, Capistrano alertava:

*“A sua idéia de escrever uma história dos capitães-generais de S. Paulo é simplesmente infeliz. Que lembrança desastrada a de preferir um período desinteressante, quando a grande época dos paulistas é o século XVII! Deixe este encargo ao ... ou ao... Isto lhes vai calhar. Que encham as páginas da Revista com tão desenxabido assunto. Reserve você para si o melhor naco, deixe os miúdos para quem gostar.”*<sup>40</sup>

Pode ser que Capistrano tenha se identificado com Varnhagen, percebido suas dificuldades com relação a vir a apresentar uma obra que viesse a contar com apoio incondicional do IHGB. Parece-nos que o historiador tenha reputado a personalidade de Varnhagen, aliás, um dos aspectos que mais sublinhou nos textos públicos que realizou sobre a obra do historiador paulista. Esses traços que costumeiramente nomeamos como afeitos à personalidade, temperamento ou gênio, não aproximariam Capistrano a Varnhagen? No caso do historiador sorocabano, as cartas revelam em parte seu descontentamento, sendo que os prefácios e introduções que apresentou, especialmente na segunda edição da *História Geral*, são bastante elucidativos quanto à sua revolta e frustração. Capistrano, por sua vez, apresentava essas considerações cáusticas, somente nas cartas que enviava para alguns destinatários em especial, uma vez que nem sequer se relacionava mais intimamente com as entidades que supostamente facultavam o estudos e aprimoramento dos trabalhos em história. Um sentimento de deslocamento quanto ao que decidiram fazer – serem historiadores brasileiros – poderia ser um elemento de união entre Capistrano e Varnhagen?

<sup>39</sup> Carta de Capistrano para Afonso de Taunay, datada dos “idos de março” de 1917, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, *op. cit.*, p. 280.

<sup>40</sup> Carta do “Dia de São Bertoldo e S. Columbano” talvez de 1904, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, *op. cit.*, p. 276.

Sim, pois podemos supor que, posteriormente, na medida em que algumas instâncias de sociabilidade se afirmavam, por exemplo, com a criação das universidades, os contornos de algumas profissões exóticas – como são àquelas relacionadas às humanidades no Brasil – caminharam para que fossem minimamente mais estabelecidos. No caso das pesquisas em história, o simples fato da necessidade de se prover as escolas de ensino público, uma realidade que foi se configurando no andamento da vida republicana, possibilitava uma certa concretude empírica para o *metier* dos historiadores. Essa não era, sem dúvida, a realidade de Varnhagen ou Capistrano, o que poderia lhes direcionar a uma certa dispersão.

Varnhagen não era somente o historiador do império. Era um diplomata e sobre os aspectos relacionados à sua ocupação, teria de dar respostas. Capistrano fez vários trabalhos, nem sempre remetidos à história e, mesmo que tivesse entrado na mais prestigiosa instituição de ensino fundamental do império – o colégio Pedro II – foi afastado em 1899 e nem na docência, encontrou-se com uma finalidade de seu trabalho. Enfim, não era simples para Capistrano, vir a se deparar com a objetividade quanto ao que fazia diuturnamente.

Pensemos que Varnhagen esteve historiador nos anos em que se dedicou à coleta de dados e à escrita de sua *História Geral do Brasil*. Sentiu-se, no entanto, muito pouco a vontade quando da recepção de sua obra, num contexto onde a própria edição de livros era algo extremamente raro. Sua reação poderia ter sido outra se tivesse vindo a publicar uma entre dezenas de outras teses sobre a história do Brasil. Fosse assim e estaríamos mencionando uma atmosfera mais calejada pela rotina da edição e crítica dos textos escritos. Mas, no caso desse historiador, ele sequer reagiu a uma ambiência acostuada com abordagens diferenciadas e costumeiramente sujeitas ao exame, fosse por intermédio do cotidiano acadêmico ou por conta de uma opinião pública mais amadurecida.

O desempenho de Capistrano possui outros matizes. Conhecia Ranke, bem como lia os clássicos da historiografia, sua contemporânea ou não. O sentimento de se ser historiador era experimentado por ele. Mas, não possuía respostas com relação ao meio que privou, tanto no ponto de vista da sociabilidade quanto no que diz respeito às instituições que então existiam. O estranhamento de Capistrano era de outra qualidade quando comparado com Varnhagen, mas havia algo em comum, o que talvez lhe

predispusse à releitura do trabalho do sorocabano. Ao resgatar Varnhagen, Capistrano poderia então estar sugerindo o que lhe incomodava no meio em que vivia.

E, de modo diferente com relação, por exemplo ao que acontecia nos Estados Unidos, onde se notava um empenho maior na objetivação do próprio trabalho dos historiadores, no Brasil, Capistrano parecia desempenhar seu ofício de modo mais solitário. Ricardo Benzaquen de Araújo, num artigo sobre Capistrano, já dimensionava os traços distintos da atuação desse historiador, atualizado a respeito de uma abordagem diferenciada da história. Recuperando largamente as passagens do século XVIII para o XIX, Benzaquen identificava os seguintes aspectos:

*“Antes, preservava-se uma parcela de memória, aquela que parecia razoável, plausível aos ouvidos contemporâneos, deixando-se o resto de lado. Agora, tudo o que vem do passado, começa a ser olhado com desconfiança, submetido a um contínuo e meticuloso esquadrinhamento, num esforço que demanda tanta minúcia e erudição que termina por converter o historiador em um especialista, em alguém cujo trabalho se caracteriza pela prática de um certo método, chave da verdade e da mentira, acessível apenas depois de árduo e demorado aprendizado.”<sup>41</sup>*

O elemento *moderno* de Capistrano estava então, na demonstração do procedimento que deveria ser capitaneado pelo historiador. No caso da anotação da obra de Varnhagen, não era a narrativa desse historiador que deveria vir a sobressair, mas sim a estrutura documental que lhe deu suportes. Essa orientação de Capistrano, assim como em outros trabalhos que veio a realizar, colocava o método acima dos próprios juízos apresentados pelos historiadores. Talvez por isso, mas não somente, Capistrano tenha frustrado aqueles que aguardavam que realizasse uma obra mais profunda sobre a história do Brasil. Uma vida não bastaria ao historiador, uma vez que, ao procurar dar suporte às paredes da *grampiola*, Capistrano tomava para si uma tarefa hercúlea. Os extratos de documentos ou narrativas que lhe chegavam as mãos, seriam publicados por ele, na medida em que viesse a realizar o trabalho minucioso de comprovação das fontes. O que sobrava para que pudesse se dedicar à narrativa propriamente dita?

Mas, ao enumerar os problemas – e, as vezes, alguns acertos – dos historiadores seus contemporâneos, não estaria Capistrano de Abreu criando um espaço de interlocução sobre assuntos que, eminentemente, versavam sobre a historiografia? Não estaria aí,

<sup>41</sup> Ricardo Benzaquen de Araújo. “Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. FGV, 1988, p. 31.

sinalizando os aspectos que deveriam ser ponderados para melhor se pensar, colher documentos e fontes, interpretar e escrever a história do Brasil? Parece inútil querer buscar algo de parecido na geração que o antecedeu, aparentemente marcada pela falta de autonomia com relação às preocupações históricas. Mas, como quiséramos apontar, que interlocução sobre assuntos históricos poderia ter Varnhagen? Com quem trocar idéias sobre o trabalho que quase era elaborado por encomenda?

E diga-se que o próprio Capistrano não possuía amplas justificativas para que viesse a se sentir melhor provido. Como se sabe, seja por conta ou não de seu temperamento, o historiador não manifestou aptidão para freqüentar as reuniões do IHGB ou participar de encontros que viessem a se orientar pelas preocupações históricas ou historiográficas. Nesse sentido, suas cartas se tornaram um meio mais eficaz para que viesse a externar suas tensões com relação à metodologia de pesquisa em história. A ambiência propiciada pela troca de cartas, e provavelmente por conta dos encontros pessoais, deve ter estimulado aos seus amigos mais próximos, que viessem a fundar a Sociedade Capistrano de Abreu, em 1928, uma associação formal que veio a manter, após a morte de Capistrano, algumas das características daquilo que era obtido por meio da informalidade.

Em pelo menos um momento de sua vida, Capistrano também manifestou o desejo de fundar uma associação independente. É o que se percebe numa carta enviada em 1883, pouco tempo depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, para Antonio Joaquim de Macedo Soares. Capistrano se remetia à proposta de criação de uma sociedade histórica, nos seguintes moldes:

*“Estou tratando da criação da fundação de uma sociedade histórica, menos pomposa e menos protegida que o Instituto Histórico, porém quero ver se mais efetiva. Há de intitular-se Clube Tacques, em honra de Tacques Paes Leme, e deve ocupar-se quase que exclusivamente das bandeiras e bandeirantes, caminhos antigos, meios de transporte e história econômica do Brasil.”<sup>42</sup>*

E, quanto aos planos mais específicos, Capistrano apontava:

*“O meu plano é começar pelo século XVI, tomando os impressos e manuscritos conhecidos e utilizáveis, e incumbindo cada sócio de examinar um ou mais. Cada*

---

<sup>42</sup> Carta de Capistrano para Antonio Joaquim Macedo Soares, provavelmente do ano de 1883, por abordar o então recente concurso para provimento do cargo de professor do Colégio Pedro II, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 3, *op. cit.*, p. 2.

*trecho que interessar à questão será copiado, com os comentários que julgar necessários à pessoa encarregada do respectivo autor. Depois será tudo impresso, precedido de uma introdução geral, que sintetize e trate das bandeiras do século XVI, em dois ou três das do século XVII, e mais tarde das do século XVIII, aliás menos numerosas e menos importantes.”<sup>43</sup>*

O Clube Tacques não veio a vingar, mas talvez, de maneira informal, a rede de missivistas que compunham a correspondência do historiador, viesse a ser uma manifestação dessas ambições por uma autonomia maior no que dizia respeito às orientações dos estudos em história.

Parece-nos então, que Capistrano vinha a extravasar sua necessidade pela ampliação do circuito de interlocutores em história e, nesse sentido, ia configurando espaços para que essa troca de idéias ocorresse. Assim, se no passado, não possuíamos contornos mais precisos que auxiliariam na reflexão historiográfica, uma vez que o único local destinado para esse fim, parecia ser o IHGB, com Capistrano de Abreu essa situação foi se alterando. Ao apontar as idiosincrasias, os excessos, bem como a ausência de um tratamento rigoroso no que dizia respeito às citações das fontes, o historiador parecia propiciar o início das discussões historiográficas no rarefeito ambiente intelectual do período em que viveu e produziu.

Nessa direção, os comentários que fazia a respeito da atuação de Francisco Adolfo de Varnhagen nos parecem diferenciados. Dos historiadores mencionados em seus trabalhos públicos ou nas cartas que enviava, notava-se o destaque que conferia ao historiador sorocabano. Ou seja, Capistrano nutria um sentimento mais complexo com relação à produção e o desempenho de Varnhagen, o que já pôde ser matizado pela análise dos dois artigos que veio a publicar sobre o historiador.

Mas com relação à anotação da obra de Varnhagen, que trabalho Capistrano veio a realizar? Numa narrativa dura e monocórdia, como veio a se configurar a história de Varnhagen, Capistrano de Abreu trouxe contribuições que se encontram na atualização de alguns juízos emitidos por Varnhagen. Ou seja, Capistrano não retomou o debate que se processou quando da publicação da primeira edição da obra de Varnhagen e evitou contrariá-lo no que dizia respeito à abordagem que opôs civilização e barbárie. Nesse sentido, a participação de Capistrano parecia se ajustar ao procedimento que o conduziu

---

<sup>43</sup> *Idem ibidem.*

nos textos que veio a publicar sobre Varnhagen, em 1878 e 1882. Sua opção veio a se revelar numa busca pela imparcialidade, distante das paixões que promoveram as primeiras leituras do texto do historiador sorocabano.

O primeiro tomo da *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen fora dividido em 22 seções. Iniciava-se com uma “Descrição geral do Brasil” e terminava com “Manuel Teles Barreto. A Paraíba. Três ordens religiosas”. Cada seção vinha acompanhada de notas de rodapé, poucas de Varnhagen, a maioria de Capistrano de Abreu e algumas de Rodolfo Garcia. Ao final de cada seção, havia lugar para as notas, quando, em geral, Capistrano e Rodolfo Garcia, estabeleciam alguma discussão mais prolixa que não pôde ser desenvolvida nas notas de pé-de-página. Em alguns casos, as próprias notas remetiam ao final da seção e em outros, a indicação vinha no corpo do próprio texto escrito por Varnhagen.

As notas de Capistrano podem ser agrupadas de acordo com as intenções do historiador. Algumas delas, notadamente, tinham a função de atualizar as informações apresentadas por Varnhagen. Nesse sentido, as seções iniciais, as três primeiras, que tratavam da descrição geográfica do Brasil, dos índios em geral e quanto à língua, usos, armas e indústria dos tupis, vieram acrescidas de uma gama de informações, em grande parte, advindas das pesquisas em que Capistrano veio também a se notabilizar. Ou seja, o historiador se valia de seus estudos sobre os bacairis e caxinauás, bem como o contato que teve com estudiosos desses assuntos, alguns deles, seus correspondentes.

Ainda com relação a essa tipificação, outras entradas de Capistrano vinham no sentido de contrariar ou colocar em suspeita alguma informação apresentada por Varnhagen. Observa-se que também podem ser vistas sob a luz da atualização, uma vez que Capistrano poderia se valer de uma abordagem mais recente e que Varnhagen não pôde tomar contato. Outras vezes, no entanto, nos remetiam à dúvida expressada por Capistrano em suas cartas, de que Varnhagen lia mal os documentos. Assim, alguns textos já antigos, fontes primárias por vezes, eram trazidos à baila e uma ou outra informação de Varnhagen era contestada.

E, em se tratando desse aspecto, algumas notas se orientavam mais na direção da controvérsia propriamente dita. Nesses casos, Capistrano negava uma informação ou juízo de Varnhagen, esforçando-se para demonstrar o equívoco a que teria chegado. Com relação a esse aspecto, o campo das notas ao final das seções veio a se mostrar mais indicado, uma vez que permitia a Capistrano o desenvolvimento de uma discussão

mais aprofundada. Era nesse espaço que a reflexão nos moldes da erudição, mais se apresentava, uma vez que havia lugar para uma ponderação mais ampla sendo que o historiador podia se remeter aos autores, textos e documentos que matizavam o debate.

Ao tomar para si a iniciativa de constituir comentários visando a terceira edição da *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen, Capistrano de Abreu empreendeu a recuperação do percurso de pesquisa elaborado pelo historiador paulista, especialmente nos arquivos e bibliotecas européias. E como Capistrano nunca se afastou do Brasil, isto é, permaneceu no entorno dos parques espaços de pesquisa aqui existentes, todo o trabalho de estabelecimento da obra de Varnhagen foi realizado a partir do cotejamento, fonte por fonte, tanto do texto de Varnhagen, quanto das menções que o historiador periodicamente fornecia ao IHGB, e que eram publicadas na revista da entidade.

A primeira das notas de rodapé de Capistrano de Abreu, foi uma relativa à formação geológica do Brasil. Varnhagen recuperava as características de nossas montanhas, das rochas, enfim, o que entendia ser característico da extensão territorial brasileira. A nota de Capistrano, vinha logo após o seguinte comentário de Varnhagen: “*Por toda a extensão do Brasil continental não se encontra um só vulcão, nem têm aparecido formações vulcânicas.*”<sup>44</sup> Capistrano, em nota, apontava que

“*formações muito antigas foram descobertas e estudadas por Orville A. Derby. Sobre assuntos desta secção consultem-se: J. E. Wappoeus, A Geografia Física do Brasil, Rio, 1884; E. Réclus e o Dicionário publicado pelo Instituto Histórico*”<sup>45</sup>

Não se tratava de uma nota que apontasse alguma espécie de controvérsia e apenas indicava uma atualização ao nível das fontes, das considerações apontadas por Varnhagen. Orville Derby era contemporâneo e conhecido de Capistrano, com o qual inclusive, trocara algumas cartas que versavam sobre assuntos relativos à geografia do Brasil. Derby nasceu nos Estados Unidos em 1851 e faleceu no Rio de Janeiro em 1915. Geólogo, participou da Expedição Morgan, sob a direção de Charles Frederick Hartt, entre os anos de 1870 e 1871. Nessa investida, realizou prospecções nos rios Tocantins, Tapajós e Xingu e no vale do Amazonas. Com a criação da Comissão Geológica do Império do Brasil em 1875, sob a chefia de Hartt, Derby veio se somar a John Branner e Richard Rathbum. Branner também era mencionado por Capistrano em

<sup>44</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, op. cit., p. 14.

<sup>45</sup> Capistrano de Abreu. Nota na *História Geral do Brasil*, op. cit., p. 14.

suas cartas. Essa comissão foi extinta em 1878. Fundou posteriormente a Comissão Geográfica e Mineralógica de São Paulo, chefiando-o entre os anos de 1886 e 1904. Orville Derby privava também de uma amizade comum a Capistrano. Ambos eram próximos de Eduardo Prado.

Na correspondência passiva de Capistrano de Abreu, observamos 10 cartas que foram recebidas pelo historiador. Na primeira dessas cartas, datada de 29 de março de 1892, Derby, agradecia o recebimento de duas missivas remetidas por Capistrano. Percebia-se que o assunto era voltado para a ocupação indígena no Brasil meridional. Considerando importante o estudo de Capistrano de Abreu, Derby esperava que seus trabalhos viessem a obter destaque, inclusive por se pautar em fontes autênticas. Dizia Orville,

*“creio que os autores em geral contentaram-se em citar aos outros, sem grande discriminação quanto ao exame das autoridades ou à conciliação dos depoimentos contraditórios, não certamente dentro do atual espírito da crítica, com exclusão cuidadosa de idéias preconcebidas.”*<sup>46</sup>

Em nova carta. Datada de 14 de maio de 1895, Derby adiantava que faria proximamente a nota pedida sobre a geografia física de São Paulo. Segundo Orville, *“seria bom, porém, saber o fim a que estava destinado, para poder determinar a forma mais conveniente de dá-la.”*<sup>47</sup>

Ou seja, percebe-se que ambos os pesquisadores concordavam quanto ao mais correto tratamento de crítica e exegese documental. Também com relação à geografia, Derby enviaria, em carta datada de 11 de outubro de 1895, para Capistrano uma obra sobre mineralogia que, dizia, poderia ser útil ao Brasil, uma vez que nada existia em português nas escolas onde se ensinava tal assunto.<sup>48</sup> Salientava Orville que se tratava de um estudo bastante afinado com os mais recentes tratados sobre a matéria.<sup>49</sup>

E finalmente, em carta datada de 22 de julho de 1900, Derby apresentava considerações sobre a mineração brasileiras, tema relacionado à indicação de seu conhecimento, por parte de Capistrano na nota que fez à Varnhagen. A conversa versava sobre das minas do Paranaguá, do Espírito Santo e da Bahia e do começo da mineração nessas regiões.

<sup>46</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu, op. cit.*, Volume 3, pp. 137-138.

<sup>47</sup> *idem*, p. 140.

<sup>48</sup> Tratava-se de *Contribuições Mineralógicas e Petrográficas*. E. Hussak, S. P. Bookwaeter Typografia King, 1890, e que foi traduzida para o português por Joaquim Cândido da Costa Sena, no Boletim nº 2 da Comissão geográfica e geológica.

<sup>49</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu, op. cit.*, Volume 3, pp. 140, 141.

E, em especial, comentários eram feitos sobre os trabalhos da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo. Nesse caso, as questões mineralógicas ou topográficas eram salientadas.<sup>50</sup>

Wappoeus e Réclus, também citados na nota da *História Geral do Brasil*, eram estudiosos de geografia, que também se dedicaram ao Brasil e que se constituíam em autoridades bastante atualizadas sobre o assunto tratado por Varnhagen nesse início de sua obra. Um deles, em especial, foi citado mais de uma vez na correspondência de Capistrano nos seguintes termos:

*“Aqui no Rio só fiz duas aquisições: saber alemão o bastante para lê-lo na rede, sem estar me levantando a cada instante para recorrer ao dicionário; e através de Wappoeus, Poschel e Ratzel compreender que a geografia é tão bela ciência como difícil.”*<sup>51</sup>

Mas se Capistrano possuía clareza com relação à estrutura do texto de Varnhagen – lembremo-nos dos quadros de ferro, que mencionava, também em cartas – por que veio a contribuir para dar mais solidez ao que via como monolítico? Enfim, que missão foi essa que Capistrano tomou para si? Se nas menções públicas sobre Varnhagen, dizia que sua obra seria tomada no futuro como um *dicionário de arcaísmos*, o que veio a realizar para que pudesse ter uma longevidade maior? Ou seja, ao tomar para si a empreitada de comentar a obra de Varnhagen, em que medida Capistrano conseguiu manter-se distante do texto que pretendia examinar? E esses aspectos são perceptíveis, uma vez que Capistrano não optou por discutir amplamente a interpretação oferecida por Varnhagen. O texto foi glosado de modo a manter uma certa estrutura pretendida por Varnhagen, porém, sustentada por indicações que Capistrano percebia como ausentes.

Poucos juízos de Capistrano acerca do trabalho de Varnhagen sofreram alterações significativas, mesmo que as duas tentativas de anotação da obra do historiador, com vistas à edição viessem a se separar por alguns anos. Com frequência, suas menções em cartas se dirigiam ao fato de Varnhagen não ser preciso na indicação das fontes que teriam consultado. Na notas que foram apresentadas na terceira edição, não se pode perceber essas tensões por parte de Capistrano. Talvez, possam ser entrevistas do historiador, por muitas vezes, apresentar a indicação que daria suporte a alguma

<sup>50</sup> *idem*, p. 146.

<sup>51</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo, datada de 17 de março de 1917, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 3, *op. cit.*, p. 38.

informação por parte de Varnhagen. Mas, mesmo assim, as anotações foram destituídas de qualquer julgamento crítico ao nível da interpretação.

Mas excetuando os casos em que Capistrano atualizava uma menção de Varnhagen, ou seja, quando se remetia a um estudo elaborado muito próximo de seu falecimento, ou posterior, o historiador buscava sinalizar uma provável fonte do historiador paulista, mas não citada. Mas, por vezes, Capistrano apresentava novas possibilidades, não percebidas por Varnhagen, mesmo que a partir de obras que havia estabelecido. Veja-se, por exemplo, um trecho em o historiador paulista nos informa sobre o vocabulário guarani apontando, que “*Aba significava o mesmo que varão; e este título não concediam, tal era sua vaidade, senão a si mesmo.*”<sup>52</sup>

Capistrano apontava em nota que “*os guaranis chamavam sua língua aba-nhênga, língua de gente nobre. – No Diário de Pero Lopes de Souza (1531), menciona-se a língua guarani.*”<sup>53</sup>

As expressões apresentadas por Capistrano não foram mencionadas por Varnhagen e a fonte indicada, o *Diário de Pero Lopes de Souza*, era bem conhecida pelo historiador, que fora o primeiro a estabelecê-la<sup>54</sup>, bem como por Capistrano que, posteriormente, já próximo do final de sua vida, iria auxiliar uma nova edição, coordenada por Eugênio de Castro<sup>55</sup>.

A distância que manteve com relação à emissão de juízos de valores – o que já se apresentava nos textos públicos sobre Varnhagen – não seria oriunda de uma ambição pela imparcialidade, talvez referenciada em uma aproximação entre história e ciência? Ou seja, Capistrano teria desejado reparar os aspectos subjetivos de Varnhagen, procurando justificativas nas fontes que supostamente o historiador veio a se deparar, mas que não as citou? Em última instância, Capistrano quis reparar a obra de Varnhagen, por mera demonstração de um modelo ainda não conhecido de trabalho no instante em que produzia suas pesquisas?

<sup>52</sup>Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, op. cit., p. 25.

<sup>53</sup> Capistrano de Abreu. Nota na *História Geral do Brasil*, op. cit., p. 25.

<sup>54</sup> *Diário da navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Afonso de Souza*, escrito por seu irmão Pero Lopes de Souza. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa, Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

<sup>55</sup> Eugênio de Castro, *Diário de Pero Lopes de Souza: 1530-1532*, Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1927.

Procedimentos semelhantes podem ser encontrados em outros trabalhos realizados pelo historiador cearense. No caso da edição da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, não nos deparamos com comentários que venham a questionar as visões do autor. De modo semelhante ao que fez com Varnhagen, Capistrano procurou indicar as fontes utilizadas pelo frade. Parece-nos então, que buscava apresentar o texto, do modo em que havia sido escrito em 1627, furtando-se às discussões sobre a pertinência dos juízos que foram ali elencados. Nesse caso, como o da obra de Varnhagen, Capistrano buscava pelos suportes concretos, por testemunhos escritos que viessem a avalizar as informações dispostas pelo autor. Há algo então, em ambos os procedimentos que incide na concepção de verdade, não exatamente quanto ao que de fato veio a acontecer, mas com relação àquilo que as fontes documentais autorizam ou não a afirmar.

Em ambos os exemplos, Capistrano parecia vir na recuperação do que entendia ser importante para a história do Brasil, mas as vezes nos passa a idéia, que estava visando diretamente a perspectiva da posteridade dos estudos em história. Ou seja, ao anotar e estabelecer textos mais antigos, o historiador talvez estivesse também preocupado em lançar luz ao método que entendia ser o mais adequado, para o tratamento das narrativas existentes sobre a história do Brasil. A preocupação com a demarcação desses aspectos metodológicos pode ter sido um estímulo para que Capistrano fosse a Varnhagen. Não o seria por conta do estilo. E essa é uma diferença com relação aos outros trabalhos semelhantes que realizou ou que teve intenções em fazê-lo.

Capistrano admirava as qualidades literárias de Frei Vicente do Salvador e sequer questionava sua hipótese acerca da origem do nome de nosso país, fato aliás que muito mobilizou Capistrano. Veja-se um trecho da *História* de Frei Vicente:

*“O dia que o capitão-mor Pedro Álvares Cabral levantou a cruz era a 3 de maio, quando se celebra a invenção da santa cruz em que Cristo Nosso Redentor morreu por nós, e por esta causa pôs o nome à terra que havia descoberta de Santa Cruz e por esse nome foi conhecida muitos anos. Porém, como o demônio com o sinal da cruz perdeu todo o domínio que tinha sobre os homens, receando perder também o muito que tinha os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um pau assim chamado de cor abrasada e vermelha com que tingem panos, que o daquele divino pau, que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da*

*Igreja. E sobre que ela foi edificada e ficou tão firme e bem fundada como sabemos*<sup>56</sup>. (Vicente do Salvador, 1954, p. 54)”

Mas com relação a Varnhagen, sua abordagem era diferente. Ao final da secção I, a primeira das notas de Capistrano de Abreu dizia respeito a seguinte passagem da obra de Varnhagen:

“*TERRA DO BRASIL, ou somente BRASIL foi o nome dado pelos Portugueses à parte mais oriental do novo continente, em virtude de haverem aí encontrado, em abundância, certo lenho, que subministrou ao comércio uma tinta vermelha análoga à que até então, com esse nome, a Europa importava da Ásia.*”<sup>57</sup>

Capistrano então, mencionava o fato de o nome *brasil* significar, ao mesmo tempo, tanto um produto do oriente quanto uma ilha do ocidente. Citando uma obra alemão, *Geschichte des Levantehandels im Mittelalter* de Wilhelm Heyd, Capistrano apontava toda uma filiação filológica e que se remetia ao pau-brasil: *lignum brasile, braxile, bresillum e brisiliml*, de onde entendia que desse derivações em italiano, como *bersi (berzi, barzi)* ou *verzi*, que finalmente levaria a *verzino*, sendo essa a forma mais moderna de todas. Como ilha ocidental, a fonte de Capistrano era a obra *Die Entdeckung Amerikas*, de Konrad Kretschmer. Nesse caso, o autor, através do estudo de cartas medievais, deparou-se com os seguintes nomes: Brazi, Bracir, Brasil, Brasiel, Brazil, Brazile, Braziele, Braziel, Bracil, Braçil, Braçill, Bersill, Braxil, Braxyiili, Brisilge. Guardando a designação *verzino*, como a mais próxima dos sucessos que levaram à chegada dos portugueses ao Brasil, Capistrano acreditava e apontava nessa nota, que o nome de nosso país guardasse maiores ligações com o que foi se desenvolvendo relacionada à ilha que se acreditava existir no ocidente. Diga-se que para chegar a essa hipótese, Capistrano mencionou duas investidas européias anteriores a descoberta portuguesa e que se pautaram pela tentativa de aportarem na Ilha do Brasil. As duas partiram de Bristol, a primeira em 15 de julho de 1480 e a segunda em 25 de julho de 1497.<sup>58</sup>

Mas essa controvérsia com relação a Varnhagen foi bastante aprofundada em sua correspondência e especialmente com relação ao que Capistrano entendia ser um equívoco maior, a saber, grafar o nome de Brasil com *z*. Nesse sentido, há uma carta

<sup>56</sup> Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1918, p. 54.

<sup>57</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen. *História Geral do Brasil*. *Op. cit.*, p. 13.

<sup>58</sup> Capistrano de Abreu. Nota na *História Geral do Brasil*, *op. cit.*, p. 20.

datada de 8 de novembro de 1890, e assinada conjuntamente por João Alexandre Teixeira de Melo, e que não se fez constar de destinatário. O historiador retomava a Varnhagen partindo das controvérsias havidas ante a correta escritura da palavra Brasil, se com *s* ou com *z*. Esse assunto era mencionado com certa freqüência, principalmente nas cartas enviadas para Afonso de Taunay, que costumeiramente anotava Brasil com *z*. Nessa carta citada, Capistrano apresentava os motivos empíricos que concorreram equivocadamente para essa notação.

E a fonte do erro em parte, era devida a *História Geral do Brasil*, ou seja, Varnhagen. Capistrano observou, sem antes passar pelos livros de história ingleses que mencionaram o Brasil com *s* (Purchas, em 1625; Thomas Lindley, em 1805), bem como o nome que aparecia na efígie das moedas cunhadas no Brasil (moedas cunhadas em 1700 com Brasil com *s*; Brasil com *z* apareceu em dois ensaios, de 1841 e 1863). E Capistrano apontava que eram somente os ingleses que acatavam essa notação e figuravam como exceção, perante os franceses, os alemães e os espanhóis. E foi aí que recuperou Varnhagen que teria optado pela grafia com *z* por acreditar que o nome de nosso país derivasse de *verzino*, nome do pau-brasil em italiano. Capistrano, como era comum a seu respeito, engrandeceu a pesquisa, apresentando um número muito maior de fontes e estabelecendo então a controvérsia. Dizia: “*nem é preciso ser versado em lingüística para ver que – verzino – não se pode transformar em Brasil.*”<sup>59</sup> E concluía que “melhor argumento” seria alegar que Brasil era o nome de uma terra encantada dos Celtas ao Ocidente e que significava, segundo Beauvois, grande (*brazz*) ilha(i).

O historiador finalizava essa carta, observando que deveria esperar do governo que viesse a unificar a ortografia, e que isso poderia ser simples se a Casa da Moeda e o Diário Oficial empregassem o nome correto, isto é, com *s*.<sup>60</sup>

Essa nota pode ser tomada como referência no que dizia respeito ao trabalho de erudição de Capistrano. A partir de um juízo de Varnhagen, ele estabeleceu toda uma série de fontes, não somente mais contemporâneas a ele, mas anteriores e que poderiam ser consultadas por Varnhagen. A discussão que veio a apresentar possibilitava ao leitor a chegada a um conhecimento abalizado sobre o assunto, facultando-lhe inclusive a continuidade daqueles que quisessem percorrer o itinerário apresentado pelo historiador. Abriu-se uma controvérsia e dispôs-se o estado atual do problema. Aliás, toda a matéria

<sup>59</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, p. 57.

<sup>60</sup> *Idem*, *ibidem*.

foi discutida como num inquérito, a partir do qual, se somos convencidos por Capistrano, nada nos impede de continuar na pesquisa. A objetividade encontrava-se então, não na verdade que veio a estabelecer, mas no percuciente exercício de exame das fontes disponíveis sobre o assunto.

Mas, nos prolegômenos que antecediam aos capítulos que compunham a obra de Vicente do Salvador, Capistrano não se indispôs quanto aos comentários do frade sobre a origem do nome Brasil. Pelo contrário, era com simpatia que acolhia a narrativa de Frei Vicente. O mesmo pode ser dito com relação a Antonil. Mas sobre esse autor, se descobriu sua real identidade, não coube ao historiador o estabelecimento de sua principal obra, *Cultura e opulência no Brasil por suas drogas e minas*. Num comentário solto, numa carta enviada para Lúcio de Azevedo, datada do dia 5 de novembro de 1921, se percebe traços daquilo que Capistrano entendia ser o melhor modo de se estabelecer um texto:

*“Taunay vai publicar o Antonil, com uma introdução e sem notas. Acho inexplicável este procedimento de tomar a si o que qualquer caixeiro faria, juntando apenas o nome. Não é por aperto de dinheirô. O pai deitou fora o dinheiro, em especulações, segundo uns, por tratantadas de falsos amigos, segundo outros. Mas ele está bem colocado – diretor de Museu, etc; a senhora herdou, não muito, mas herdou. Publicar o Antonil era um de meus desejos, para ele a empresa era mais fácil que a mim. Melhor para ambos.”<sup>61</sup>*

A admiração que se notava com relação a Vicente do Salvador e Antonil, e mesmo acerca dos textos que veio a publicar na Coleção Eduardo Prado, não são percebidas a respeito da obra de Varnhagen. Por vezes parece que veio na direção de recuperar um historiador, que possuía algum atino, mas que havia sido rechaçado, não exatamente por conta de seus méritos deficitários, mas talvez pelo desconhecimento da linguagem ou metodologia aplicadas. Enfatizamos que, se adentrarmos os aspectos mais subjetivos presentes na correspondência, não se percebe uma afirmação direta por parte do historiador com relação ao prazer da leitura de Varnhagen. Parece-nos uma revisão racional. Ou seja, de todo o trabalho realizado por Varnhagen, o que pode ser mantido?

Sabe-se que Capistrano, para se ter um exemplo, nutria admiração pelas tribos indígenas brasileiras. A leitura de qualquer biografia, mesmo as laudatórias e superficiais, costuma

<sup>61</sup> Carta de 5 de novembro de 1921, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, *op. cit.*, p. 223.

apontar os trabalhos com os índios bacairis ou caxinauás. Um exame mais detido da produção de Capistrano, também revela uma indisposição para com Sílvio Romero, que exaltava a participação africana na sociedade brasileira em detrimento da indígena, nesse caso, em oposição ao historiador cearense.<sup>62</sup>

Mas essas afinidades não aparecem em nenhuma das notas que Capistrano veio a dispor nas seções específicas – e que provocaram mais ruídos – em que Varnhagen abordava os costumes indígenas. Capistrano se deteve em corrigir palavras que não foram traduzidas com a devida precisão ou então, matizar uma informação de Varnhagen, transparecendo outras possibilidades de compreensão de uma ou outra atitude dos índios.

Veja-se por exemplo, uma menção de Varnhagen que dizia que T'y'pi' significava “os da primitiva geração”<sup>63</sup>. Capistrano, contrariava essa compreensão, apoiando-se em Batista Caetano, nas notas que havia realizado para o *Princípio e origem dos índios do Brasil* e em Carlos von den Steinen, em seu *Unter den naturvoelkern Zentral-Brasiliens*, publicado em Berlim, em 1894.

Em outra passagem da *História Geral*, Varnhagen dizia que, depois de uma vitória, “as mulheres apregoavam as novas proezas de seus esposos, e proclamavam os nomes de guerra que acabavam de tomar dos contrários que haviam morto; - cerimônia “notável e de muita graça”, pelo fervor com que davam à execução este rito”.<sup>64</sup>

A nota de Capistrano indicava a fonte dessa citação de Varnhagen, ou seja, tratava-se de uma passagem de Diogo de Campos, *Jornada do Maranhão*, página 218, edição de Cândido Mendes de Almeida, nas *Memórias do extinto Estado do Maranhão*, 2, Rio, 1875.<sup>65</sup>

E numa seção que tratava das idéias religiosas e da organização social dos tupis, Varnhagen apontou que

<sup>62</sup> Capistrano de Abreu, “História Pátria”, textos publicados na *Gazeta de Notícias* nos dias 9, 10 e 13 de março de 1880 in Capistrano de Abreu, *Ensaios e Estudos (crítica e história)*, 3ª série, op. cit., pp. 103 - 123.

<sup>63</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, op. cit., p. 26

<sup>64</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>65</sup> *Idem*, *ibidem*.

*“a antropofagia não era, pois motivada pela gula, senão algumas vezes por aberração; era-o pelo prazer que sentiam na desafronta, cujos efeitos faziam extensivos a todas as gerações.”*<sup>66</sup>

Em nota, Capistrano citava que a *Primeira viagem ao redor do mundo*, de Pigafetta, numa edição francesa, em que o autor teria ouvido de *“João Lopes Carvalho, o capitão da nau Bretoa, acerca dos sentimentos de vingança e da ferocidade dos índios.”*<sup>67</sup>

As demais notas seguem esse tipo de orientação, ou seja, dão a impressão de que Capistrano tenha ambicionado concluir a obra de Varnhagen, ajustando-a a um temperamento mais ponderado. Vejamos mais alguns exemplos.

A seção IV da *História Geral do Brasil*, recebeu o título de “Idéias religiosas e organização social dos tupis: sua procedência”. Era a última das seções a tratar diretamente os índios e a que mais apresentou emissões de juízos contrários aos indígenas.

Num primeiro momento, a preocupação de Varnhagen era com as concepções religiosas dos tupis:

*“Podemos dizer que a única crença forte e radicada que tinham era a da obrigação de se vingarem dos estranhos que ofendiam a qualquer de sua alcatéia. Este espírito de vingança levado ao excesso constituía a sua verdadeira fé. Era o ódio excessivo contra os inimigos o principal estímulo que os conduzia até a antropofagia, fato que, segundo alguns historiadores, se dava igualmente no Velho Continente, entre os citas, dos quais pareciam proceder.”*<sup>68</sup>

Com relação ao espírito de vingança, Varnhagen procurava, de certa forma, matiza-lo, ao menos é o que se pode depreender da passagem seguinte:

*“A vingança, ainda além dos umbrais da eternidade, se por um lado não prova bons dotes de coração, descobre que estes povos, ou antes, seus antepassados, tinham idéias superiores às dos instinto brutal dos gozos puramente positivos do presente. Estas idéias se justificavam melhor pelo respeito escrupulosos que todos guardavam às sepulturas dos seus, nem que do Velho Mundo tivessem recebido, conforme parece confirma-se por tantas outras induções que em outro escrito apresentamos, as crenças*

---

<sup>66</sup> *Idem*, p. 43.

<sup>67</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>68</sup> *Idem*, *ibidem*.

*das penas que sofriam no Averno as almas dos desgraçados que não haviam tido quem na terra lhes sepultasse os corpos.*"<sup>69</sup>

Varnhagen se deteve com certa minúcia, nos rituais e procedimentos da antropofagia. E, após fazê-lo, apresentou o momento final:

*"Chegada a hora do sacrifício, o matador, vestido de gala, isto é, tão horroroso como podia fazer-se com suas pinturas, se aproximava da vítima, já tosquiada, e brandindo a tangapema, também mui ornada de penas e tauxiada de cascas de ovos de cores, embutidas no elemi ou goma ícica, descarregava o golpe, com que lhe escachava a cabeça, em meio a algazarras, uivos e aplausos de toda a comitiva. O sacrificador tinha o direito de lavrar no corpo, com riscos indeléveis, a memória desse feito. Era evidentemente outro uso do paganismo do antigo continente. Moisés o proibiu de parte do Senhor, no Levítico (cp. 19, v. 28) com estas palavras: "Não fareis por algum morto incisões em vossa carne, nem figuras nem signos indeléveis".*"<sup>70</sup>

Ao final dessa descrição, Varnhagen apontava:

*"Não diremos os mais horrores que praticavam, que não nos propomos a arrepiar as carnes dos leitores, como os bárbaros as de suas vítimas."*<sup>71</sup>

Com relação aos laços familiares, Varnhagen fazia as seguintes anotações:

*"Os laços da família, primeiro elemento de nossa organização social, eram mui frouxos. Os filhos não respeitavam as mães, e só temiam, enquanto os temiam, os pais e os tios. No amor não havia que buscar sentimentos morais. As delícias de verdadeira felicidade doméstica quase não podem ser apreciadas e saboreadas pelo homem no estado selvagem. Rodeado de feras, ou de homens-feras, mal podem nele desenvolver-se a parte afetiva da nossa natureza, a amizade, a gratidão, a dedicação."*<sup>72</sup>

As características mais subjetivas também não foram deixadas de lado:

*"Se eram, porém, tão favorecidos nos dotes do corpo e nos sentidos, outro tanto não sucedia com os do espírito. Eram falsos e infieis; inconstantes e ingratos, e bastante desconfiados. O terror que, com o nome de Caribs, haviam inspirado aos inocentes Lucayos, em suas freqüentes invasões ao arquipélago das Antilhas, é um dos fatos*

---

<sup>69</sup> *idem*, p. 44.

<sup>70</sup> *idem*, p. 47.

<sup>71</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>72</sup> *idem*, p. 48.

*importantes de que foi testemunha o próprio Colombo em sua primeira viagem. Nem tinham idéias de sã moral; isto é, da que nasce dos sentimentos do pudor e da sensibilidade, da moral que respeita o decoro e a boa fé; e eram dotados de uma quase estúpida brutalidade, e difíceis de abalar-se de seu gênio fleumático.”<sup>73</sup>*

Mas os juízos mais fortes ficaram para o final, quando Varnhagen se propôs a comentar as abordagens que buscavam se deparar com algo de grandioso na cultura indígena.

*“A pintura que fizemos dessas gentes, que mais ou menos errantes desfrutavam, sem os benefícios da paz nem da cultura do espírito, do fértil e formoso solo do Brasil – antes que outras mais civilizadas as viessem substituir, conquistando-as e cruzando-se com elas, e com outras trazidas d’além dos mares pela cobiça – essa pintura, dizemos, bem pouco lisonjeira é na verdade.”<sup>74</sup>*

E sobre a relação com poetas e filósofos que buscavam se deparar com alguma grandeza da parte dos indígenas, Varnhagen apontava:

*“à vista do esboço que traçamos, sem nada carregar as cores, não sabemos como haja ainda poetas, e até filósofos, que vejam no estados selvagem a maior felicidade do homem (...) As leis a que o homem quis voluntariamente sujeitar-se, depois de mui tristes, sofrimentos do mesquinho gênero humano antes de as possuir, não tem outro fim senão fazê-lo mais livre e mais feliz do que seria sem elas. O próprio filósofo de Genebra, apesar de suas paradoxais simpatias pelo estado selvagem, não duvidou reconhecer as vantagens de substituirmos a justiça e o direito e a razão ao instinto, ao apetite e ao capricho; de vermos desenvolvidas as faculdades, ampliadas as idéias e “um animal estúpido e limitado convertido em um ser inteligente, em um homem”. Assim é que com razão disse Buffon: “Se vivemos tranqüilos e somos fortes... se dominamos o universo, é porque soubemos dominar-nos a nós mesmos..., sujeitando-nos às leis... O homem não é homem (prossegue eloquentemente este grande gênio) senão porque soube unir-se com o homem, sob a autoridade de um governo”.<sup>75</sup>*

Capistrano de Abreu teria o que dizer acerca das remissões de Varnhagen a Rousseau ou Buffon, mas preferiu não fazê-lo. Em sua correspondência, também não nos deparamos com qualquer juízo que viesse a ponderar essas abordagens do historiador sorocabano. Pelo conjunto da obra de Capistrano, bem como pelo repertório clássico que possuía, ele

<sup>73</sup> *idem*, p. 51.

<sup>74</sup> *idem*, p. 52.

<sup>75</sup> *idem*, pp. 52, 53.

deveria saber ao certo que Varnhagen se indispunha com as propostas revisoras esposadas por Rousseau. Conheciam igualmente as orientações que tomavam a natureza humana como imune às reabilitações oferecidas pela sociedade. Essa reflexão, contudo, não foi contemplada em nenhum instante das anotações que veio a realizar.

As tensões para com o trabalho de Varnhagen não apareceriam nas anotações que Capistrano veio a fazer, àquelas que se salvaram das atribuições e que compuseram o primeiro dos três tomos da terceira edição, de 1928. Nesse caso, tomamos contato somente com as correções de Capistrano, sendo que o historiador se mostrava discreto com relação à sinalização dos equívocos a que teria chegado Varnhagen. Pode ser também que Capistrano tenha poupado o leitor de tomar contato com outras dúvidas para as quais não conseguiu estabelecer uma abordagem coerente. Aliás, a leitura das anotações permite que se veja um trabalho que se constituiu de maneira bastante austera, muito distante do tom que por vezes, evidenciava nas cartas que enviava. Assim, não se toma contato com juízos ou correções em desenvolvimento, mas sim, com comentários já afinados pelo cotejamento com outras fontes, conhecidas e não lidas por Varnhagen, ou atuais ao trabalho de Capistrano.

De uma maneira geral, ao agregarmos os dados obtidos nas cartas que Capistrano enviava, somamos um número expressivo de considerações e que se remetem às maneiras pelas quais Capistrano compreendia o trabalho de Varnhagen. Percebe-se igualmente nuanças do estilo de trabalho de Capistrano, enfim, sua dedicação no exame das fontes e dos juízos emitidos por Varnhagen. No entrecruzamento desses dados – públicos e privados – têm-se o contato mais próximo com o exercício historiográfico e crítico realizado por Capistrano de Abreu.

Francisco Ramos Paz, Guilherme Studart, Lino de Assunção, Afonso Taunay ou João Lúcio de Azevedo, dentre outros, pareciam configurar com mais precisão os contornos da profissão que Capistrano esposara. Esses aspectos muito dificilmente podem ser averiguados e obtidos em outros espaços no período de produção do historiador. Não eram facultados pelas instituições a que pertenceu, como por exemplo, o IHGB. Também não eram oferecidos pelo incipiente meio editorial brasileiro, onde a própria idéia de homem de letra ainda não se encontrava minimamente definida. Na transição do império para a república, não deparávamos com suportes mais esclarecidos que viessem, por exemplo, a dar prosseguimento à demanda intelectual, que antes, servia-se dos estímulos dirigidos pelo imperador e mecenas, Pedro II.

As dificuldades que impediram a Capistrano que continuasse a lecionar no Pedro II, como já nos referimos, também nos remetem a ausência, inclusive, de configuração intelectual no exercício da docência. Some-se a isso, o temperamento de Capistrano, uma vez que poderia até continuar ministrando aulas, se aceitasse trabalhar com a história do Brasil, a partir de sua inserção na história universal, proposta que não acolheu, em 1899.

Acreditamos que, além das cartas, uma vez que o que elas apresentavam, era uma configuração informal da sociabilidade profissional ausente em nosso país, os trabalhos realizados por Capistrano também apresentem o que considerava fundamental para o exercício da profissão de historiador. Nesse sentido, Capistrano parece ter apontado direções muito menos do que exercido a interpretação dos fatos que lhe chegavam. Essa é uma perspectiva da atualização de seu ofício em nosso país. A questão da objetividade, estava muito menos na emissão de juízos acerca do passado, o que o distinguia de toda a geração que o antecedeu – Varnhagen em primeiro lugar. Era um rumo novo que Capistrano enfatizava, sem que viesse necessariamente a vir em defesa dessa visão. O trabalho realizado – as anotações, por exemplo – já se configuravam na defesa dessa orientação analítica.

No caso de Varnhagen, como se sabe, e de certa forma Capistrano bem previra, ele não seria lido pela posteridade. Quem o conseguiria, uma vez que sua narrativa era tão dura e monótona? Sua obra não veio a ganhar ares de melhoria após o trabalho de anotação de Capistrano. Como fomos apontando, não houve pretensão de diálogo do ponto de vista interpretativo, aliás, também algo infrutífero na atualidade. Capistrano não melhorou o texto de Varnhagen, apresentando novas perspectivas de leitura. Essa parece ter sido a sua contribuição, e é ela que pode ser vista como *aggiornamento* do que já se operava na França ou nos Estados Unidos, espaços onde a disciplina *história* já se valia de uma aproximação mais objetiva, fato que não se observava em nosso país, na transição do século XIX para o XX.

Era por não possuir meios de interlocução onde suas preocupações quanto ao ofício de historiador se apresentassem com mínimo discernimento, que Capistrano experimentou um certo desencontro em meio ao período que viveu. Esse estranhamento foi percebido por ele com relação a Varnhagen. Ajustado de modo conveniente ao trabalho que se via como necessário e urgente, que era de compor uma narrativa para a história do Brasil, Varnhagen não manifestava indícios mais sutis e sofisticados para a tarefa que abraçou.

Sua história parecia se encaixar nos outros procedimentos que podem ser remetidos aos favores de uma corte. Relatava e amplificava seus feitos quando em pesquisa, não como um homem que fosse tributário da literatura, mas sim, como alguém que aguardava também – mas não somente – reconhecimentos nobiliárquicos.

Ou seja, menos que o inquérito, ou a felicidade de se ter deparado com uma fonte significativa, o que poderia ser motivo de júbilo, Varnhagen melhor demarcava sua atuação como historiador, quando aparentava realizar seu trabalho como quem estava defendendo a pátria. Para o historiador, a história do Brasil parecia ser uma questão pessoal e os contornos mais exatos de seu ofício vinham a reboque de sua necessidade de ser aceito e reconhecido. E como poderia ser diferente numa ambiência em que poucos homens de letras se digladiavam pelo amparo de Pedro II?

Capistrano já compartilhava de outra atmosfera, ao menos a partir da fratura para com esse único meio de estudos e pesquisas intelectuais que já não era mais bancado pelo imperador ou por nenhuma outra instituição. Aí pode ter residido a sua possibilidade de independência. Assim, parecia ter clareza quanto ao quesitos necessários para se voltar para o campo da historiografia. Mas não possuindo meios para concretiza-los à altura do que pretendia, consumou sua intenção através das anotações e estabelecimentos de fontes que considerava importantes. Possuía como lastro um severo critério que constituiu de modo autônomo e individual. Percorreu as orientações filosóficas de seu tempo – o determinismo ou o positivismo – mas cotejou-as com a tradição mais clássica, que também conhecia. Atualizava-se junto às publicações periódicas encetadas pelas instituições históricas francesas e norte-americanas – que já manifestavam uma independência e apreço pela objetividade. Como vimos, não se ateve ao trabalho de examinar com maior profundidade, com vistas às novas edições, aqueles textos e autores que considerava superficiais ou meras cópias de narrativas anteriores. Escolheu editar Frei Vicente, Varnhagen, Fernão Cardim, Brandônio, dentre outros, por entender que poderiam ser relidos com o intuito de apresentar novas possibilidades de abordagem. Mas não tomou para si a tarefa de realizá-las.

Pelo contrário, sua atuação foi na direção de terminar o que antes havia sido feito de modo incompleto ou não satisfatório, como no caso, exemplar e significativo, da anotação do texto de Varnhagen. Ao propor essas retomadas, Capistrano deixou um método, muito mais que uma interpretação. Suas cartas, por exemplo, revelam críticas e considerações quanto ao modo de se estabelecer uma narrativa, bem como quanto aos

tipos de uso das fontes e documentos. Seu trabalho sobre as línguas bacairis e caxinauás parece ter sido motivado por uma certa dispersão. E não era, até certa forma, propício a Capistrano que se dispersasse? Sua época não lhe ofertava com profusão elementos para que se percebesse com mais nitidez os sentidos e significados do ofício de historiador. Ao menos, não era o que ele percebia no jogo de aproximações convenientes angariado pelos Institutos Históricos, por exemplo.

Ao agir dessa forma, optando pelo estabelecimento dos documentos ou narrativas anteriores, Capistrano privou sua geração do desempenho que ele próprio suscitava. Onde esteve sua tão aguardada obra de história do Brasil? *Capítulos* se enquadra na mesma linha das encomendas com prazo fixo, no interior de um projeto maior que era o de demarcar alguns aspectos relativos ao Brasil e que pudessem ser conhecidos no exterior. Além do estabelecimento das fontes históricas brasileiras, o único trabalho encabeçado por Capistrano, de forma autônoma, sem que houvesse um pedido nessa direção, foi o do estudo das línguas indígenas, um feito considerado por poucos especialistas da época, e como se podia esperar, um caso de fracasso editorial e mesmo de interlocução. Quem conseguiria estabelecer um diálogo com o que Capistrano havia realizado nesse trabalho?

Capistrano parece ter optado por deixar como seu legado, a estruturação da metodologia necessária para os estudos em história e não uma narrativa propriamente dita. Essas incursões aparentemente deviam ser encetadas pelos historiadores que o seguissem, para a geração que o sucedeu. Ao se retomar o trabalho de anotação da obra de Varnhagen, percebe-se que Rodolfo Garcia não veio a primar igualmente pela interpretação. Talvez tenha tido uma dificuldade de sair daquilo que Capistrano havia traçado como mais adequado para o estabelecimento da terceira edição da história de Varnhagen. Os comentários que apresentava nos prefácios ou introduções dessa edição, nos apresentam toda uma dificuldade de se desembaraçar daquilo que Capistrano havia proposto. Acima de tudo, Garcia aparentava uma reverência aos feitos daquele que chamava por mestre. A condução dos trabalhos de anotação da obra de Varnhagen para Garcia, foi sinalizada em cartas. Nos dias 2 e 3 de abril de 1927, por exemplo, em carta endereçada para João Lúcio, Capistrano retomava os seus afazeres, demonstrando desinteresse. Dizia que limitava-se a ver provas alheias. Um trabalho de Pandiá Calógeras, o volume sobre o Diário de Pero Lopes e a nova edição de Varnhagen. Nesse caso, apontava: “o primeiro

*volume pode sair em maio. Para ele cedi minhas notas antigas e fiz uma ou outra nova. O peso e a responsabilidade ficam com o Rodolfo Garcia.”*<sup>76</sup>

E em carta para Rodolfo Garcia, datada de 2 de maio de 1926, Capistrano perguntava para o amigo: “*como vai Varnhagen?*”<sup>77</sup> E em carta datada de 18 de novembro de 1926, Capistrano dizia: “*Apenas cheguei procurei Weizsflog pedindo me mandasse provas de Varnhagen: até agora nada recebi.*”<sup>78</sup>

E a continuidade do trabalho de Garcia, foi descrita pelo próprio historiador, na terceira edição da *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen, no prefácio, onde recuperava sinteticamente o percurso dos trabalhos de comentário. Garcia dizia que essa edição deveria ter saído ao público no ano de 1906 e lembrava a participação de Capistrano de Abreu. Lembrava Rodolfo, o incêndio na oficina impressora impediu que essa obra fosse publicada. Retomava que a parte salva do fogo resumia-se a cerca de um terço da obra, que constituía “*volume de limitada tiragem, livro raro e estimado, padrão de esclarecida erudição histórica.*”<sup>79</sup>

Dizia que Capistrano havia cedido suas notas e comentários da edição de 1906 e que acrescentara outras inéditas. Nessa nova investida, a *História Geral* saiu com cinco volumes. Garcia apontava que as fontes bibliográficas foram indicadas em notas e que, para tanto, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* foi de grande valia. Salientava, finalmente, que as notas menores viriam ao pé da página e as que exigiram maior explanação ou transcrição de documentos, foram colocadas ao fim da correspondente seção. “*umas e outras, quando seguidas da sigla A, se devem entender que pertencem ao Autor; de C, ao Professor Capistrano de Abreu; e de G, ao abaixo assinado.*”<sup>80</sup>

Guilherme Studart e Afonso Taunay, como vimos em algumas menções, especialmente nas cartas, também não pareceram se distanciar do que Capistrano havia disposto como perspectiva de continuidade nos estudos históricos. Guilherme Studart, em especial, parecia manifestar problemas já tomados por Capistrano com relação a Varnhagen, especialmente, como apontamos, por nem sempre dar a procedência de seus documentos. Taunay, veio a dar continuidade ao estabelecimento de fontes que

<sup>76</sup> Capistrano de Abreu. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Volume 2, *op. cit.*, p. 375.

<sup>77</sup> *Idem*, p. 498.

<sup>78</sup> *Idem*, p. 499.

<sup>79</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, *op. cit.*, p. 11.

<sup>80</sup> *Idem*, p. 12.

considerava fundamentais para a história de São Paulo. Mas era criticado por Capistrano por se aproximar de maneira incauta da atmosfera que o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo lhe oferecia.

Parece-nos que a orientação dos estudos em história veio a sofrer algumas alterações a partir da década de 30, do século XX. Nem é preciso que se retome o contato com as abordagens de cunho sociológico – como a vaga marxista – que por aqui veio a se consumir. Pensamos somente na configuração dos espaços republicanos de pesquisa e fomento. As cátedras das universidades já não apresentavam a perspectiva de perfilar com certa precisão um significado para o sentimento intelectual no nosso país? Mas, salientamos, não que essas ofertas tenham vindo a se configurar numa espécie de redenção. O desconforto experimentado por Varnhagen e Capistrano ainda é um traço que permanece no horizonte dos trabalhos intelectuais.

Não era isso que faltava a Varnhagen ou a Capistrano? Mesmo que esse último não manifestasse dúvidas mais profundas sobre o modo de se exercer o seu ofício, não encontrava meios para desempenhá-los. E quanto ao primeiro, tomava sua habilidade intelectual como próxima daquelas mais exatas, e se não o fosse, a possibilidade que se engajou de vir a obter distinções num ambiente excludente e cortês.

Mesmo no século XX, entendemos que esse estranhamento para com o sentimento de se ser intelectual ou historiador, tenha de alguma forma permanecido. As ligações constantes entre intelectuais e as ocupações diplomáticas parecem apontar nessa direção. A política também parece ser um outro tipo de suporte recorrente. É o que se pode pensar acerca do fato de intelectuais e homens de letras do Brasil, terem ocupado postos nos primeiros escalões estaduais ou federais.

E, para além daquilo que também veio a se forjar como um acanhado círculo, aquele das universidades públicas, o intelectual, convive com as necessidades pragmáticas mais prosaicas. Enfim, o desconcerto contemporâneo pode ser percebido pelo fato de ainda aparentarmos mais previdência quando optamos pelas profissões que se valem da ciência aplicada. Ao nos voltarmos para essas perspectivas, caminhamos aparentemente na direção de uma vida menos sujeita aos solavancos da experiência intelectual.

Enfim, pode-se perceber que o trabalho proposto por Varnhagen cobria um espectro amplo, que ia da história à medicina doméstica. Difícil supor que pudesse possuir uma certa definição com relação ao sentimento que nos referimos como sendo de origem

intelectual. Ainda sobre Varnhagen, além das obras relacionadas à história ou à literatura, veja-se outras que veio a realizar.

Em 1860, publicou no Rio de Janeiro, pela Laemmert, *A caça no Brasil ou Manual do caçador em toda a América tropical acompanhada de um glossário dos tempos usuais da caça por um brasileiro devoto de S. Humberto*. Em 1863, apresentou pela Imprensa Eliodoro Lopez, *O tabaco na Bahia. De que modo se há de melhorar assim o cultivo da planta, como especialmente a cura da folha para charutos a fim de poderem rivalizar com os Havanos*. E, além de outros, publicou um artigo na revista *O Novo Mundo*, volume VII, número 74, de 1877, com o título: “A sementeira da erva-mate”. Diga-se que Capistrano, ao menos uma vez, também se enveredou por searas estranhas aos domínios intelectuais, como em 1903, na tradução da obra de Edmundo Biernacki, *Medicina Moderna: gênio e limites do saber médico*, também publicada pela Laemmert.

Ganhar a vida como diplomata; traduzir ou apresentar reflexões muito distantes daquelas remetidas ao exercício intelectual; buscar trabalhos relacionados à língua indígena. Traços que podem sinalizar o desconcerto da experiência como homem de letra, nas primeiras gerações literárias do Brasil. Deslocamento que ainda se coloca quando da necessidade imperiosa que é a de se voltar para as necessidades mais prosaicas, continuamente colocadas para aqueles que resolvem se direcionar para as questões intelectuais em nosso país, ainda um território envolto pela neblina.

Um outro aspecto que pode ser remetido à participação de Capistrano de Abreu diz respeito ao fato de ter se colocado de um ponto de vista moderno ou não. Em especial, nos orientamos pela convicção de que esse conceito não é tão preciso e acima de tudo está fincado na história, ou seja, pode e deve ser datado. Não entendemos que seja um adjetivo, como de resto ainda vem sendo usado pelo senso comum. O conceito de moderno se ajusta às expectativas de se apontar rupturas com o que se entende como antigo ou ultrapassado, nesse sentido, vem de algum tempo a discussão que dimensiona a existência de uma dialética contida nos movimentos modernos. Ou seja, parecem trazer embutidos, referências que pretendem ajustar ao tempo mais recente e são portadoras de aspectos que igualmente poderão vir a ser superados. É difícil que não nos embasemos ou que retomemos alguns elementos da filosofia do espírito, assim como foram desenvolvidos pelo filósofo Hegel.

Em Capistrano de Abreu e em sua atuação, não há o sentimento de modernidade, do ponto de vista operatório, como aquele que foi se configurar a partir da geração

intelectual que veio a suceder a do historiador. Mas o que isso significa em sua maior amplitude? Que Capistrano parecia saber o que fazer mas não o consumou. Talvez sua dispersão ou temperamento possam ser elementos a serem ponderados. Pode ser, o que nos parece mais provável, que não contasse com meios mais explícitos de oferta e procura quanto ao material sutil que pretendia apresentar.

Uma certa indisposição quanto a perceber os novos tempos, como de fato, portadores de melhoria, poderia igualmente ter pesado. Capistrano não exaltava as qualidades positivas do tempo em que vivia, nem o via como promissor por conta dos ares republicanos. Nesse sentido, alguns de seus comentários sobre o amparo do Estado para a família do amigo e então falecido, José Veríssimo podem ser sugestivos. Em carta datada de 7 de fevereiro de 1916, dizia Capistrano para João Lúcio de Azevedo:

*“A casa, a hospitaleira casa da rua Marques de Leão, está paga ou quase e era própria; em sua biblioteca há algumas obras que em outras partes poderiam dar algum dinheiro; o montepio federal perdeu, porque em momento de apuro suspendeu as contribuições e nunca mais foi readmitido; deve ter direito ao montepio municipal: eis o triste balanço de uma existência voltada ao trabalho indefesso e honrado. Trazia no Supremo Tribunal uma questão que poderá render-lhe uns vinte contos, se vencer. Por pedido dele sondei a um juiz de quem sou amigo; não me deu esperança de êxito. Tinha completa uma história da literatura brasileira, ainda não impressa, pela mesquinhez das propostas dos editores. Garnier parecia ultimamente melhor disposto, mas as negociações foram suspensas pela guerra, a terrível guerra que tanto apaixonou a tantas forças lhe consumiu.”<sup>81</sup>*

Uma outra de suas frustrações era devida ao que veio a acontecer a Ramiz Galvão, diretor da Biblioteca Nacional, na época em que Capistrano participou da Exposição de História e Geografia. Em carta de 18 de setembro de 1917, Capistrano, desolado, assim se remeteu para o amigo João Lúcio.

*“Encerrada a Exposição, [Ramiz Galvão] foi a Campos descansar na fazenda de uns parentes da mulher. Em sua ausência, foi procurado várias vezes por um emissário do Conde d’Eu. Mais tarde soube-se que o Conde d’Eu queria-o para aio dos príncipes. Com repugnância aceitou o cargo: devia tanto ao Imperador! A opinião pública ficou indignada: queria continuar como bibliotecário em*

---

<sup>81</sup> *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, *op. cit.*, pp. 9-10.

*comissão, o ministro opôs-se e obrigou-o a aposentar-se como professor de Botânica, com uns duzentos mil-réis por mês. A mais fidedigna das testemunhas, um meu amigo, que durante algum tempo foi seu ajudante e pediu demissão de tenente-coronel do Exército, por entender que força publica não tem autoridade para mudar forma de governo, assegurou-me que foi inexcedível como aio: ninguém o excedeu no cumprimento do dever.”<sup>82</sup>*

Não nos parece que Capistrano tenha vindo a acolher com entusiasmo os novos tempos e nem possuía ambições que fossem ancoradas numa visão moderna. De fato, parecia lhe faltar a concepção de que houvesse a necessidade de se indispor contra a tradição. Mas, como fomos procurando demonstrar, no âmbito da historiografia, especialmente quanto ao método de se tratar as pesquisas e narrativas históricas, Capistrano adequou-se a uma abordagem moderna, o que, fora do país já se vinha consumando desde os inícios do século XX. Nesse aspecto, como se percebe, importou-se menos com a narrativa, e mais com a possibilidade de que fosse pautada pela correta citação das fontes. Como já abordamos, é no procedimento esposado por Capistrano que nos deparamos com uma concepção de verdade, mas não explicitamente na narrativa. Enfim, não é o método - que entre nós Capistrano tenha talvez sido o primeiro a apresentar - que nos orientamos para a elaboração de nossas pesquisas ou textos de história?

Uma outra dimensão a ser explorada e que também se relacionaria com uma ambiência moderna, diria respeito à opinião pública, no caso de Capistrano, um espectro de leitores de sua produção. Já apontamos que as primeiras polêmicas literárias, como aquela que envolveu José de Alencar e Gonçalves de Magalhães, podem ser tomadas como indicativas de uma direção, cuja tendência seria mantida, se as obras fossem melhor acolhidas, isto é lidas, e passassem a contar com discussões a partir da crítica, inclusive não abalizada. Em que medida podemos perscrutar se os autores também não se orientam pelo receptividade de suas obras? Não parece viável acreditar que suas tramas ou características de seus personagens viessem a sofrer algumas alterações por intermédio das informações que lhes chegassem por meio, por exemplo, da imprensa?

As polêmicas do segundo império propiciaram, mesmo que num meio de extrema vacuidade, uma experiência nessa direção. Comentamos que, no caso da primeira

---

<sup>82</sup> Carta de 18 de setembro de 1917, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, *op. cit.*, p.71.

recepção à *História Geral* de Varnhagen, talvez lhe faltasse domínio sobre a possibilidade de seus escritos serem ponderados sob à luz da crítica. Mas, como vimos, especialmente numa ambiência tão cifrada, os comentários, elogiosos ou não, muito provavelmente seriam devidos aos aspectos subjetivos que eram subliminares às expectativas pela demarcação de espaços junto ao pequeno círculo cortesão. Se nem ao certo se possuía a noção sobre o que era ser um homem de letra, como se esperar que já possuíssem alguma abordagem mais experimentada sobre a recepção?

Mas, no caso de Capistrano, não se nota mudanças mais substantivas. Foi lido por um número maior de pessoas mas que deveria proporcionalmente pouco superar aqueles que leram Varnhagen. Mas, se o historiador paulista foi duramente criticado – pelos poucos que o leram, Lisboa, com certeza, dentre eles – Capistrano nem sequer o foi. Faltava-lhe também a configuração de um universo mais amplo de leitores que pudessem oferecer revisões quanto ao que narrava? Mas, mais uma vez, no caso de Capistrano, menos até que o de Varnhagen, por conta da profundidade que buscou e operando com o método histórico, sua obra muito dificilmente seria lida por um público não profissional. E mesmo entre os poucos historiadores da época – mesmo que bissextos – como negariam a objetividade de seu método? Como questionariam seus juízos se pouco os apresentou? Ainda hoje, entre nós, essa situação persiste. Mesmo que Capistrano tenha ambicionado, em 1878 e 1882, sua obra não vem sendo recuperada pelos acertos quanto à descoberta e mapeamento de fontes fundamentais para o estudo da história do Brasil Colonial, por exemplo.

A obra de Varnhagen, sob esse viés, vem sendo criticada, desde Lisboa, a partir de suas primeiras páginas, especialmente aquelas, que na segunda edição, apresentou inicialmente e que tratavam dos costumes indígenas, bem como da infelicidade que foi a escravidão, não para os afro-brasileiros, mas para os brancos. Demais aspectos que sua obra sugere, como apontava Capistrano, normalmente pouco vem acolhidos ou pensados. Já a estrutura apresentada pelo historiador cearense parece ser imune à crítica. Como negar que se deva proceder de forma semelhante defronte das pesquisas em história? O exame das fontes não é um procedimento assimilado? O próprio fato de se citar as notas de pé-de-página, como indicativas de que se obteve aquela determinada informação num autor ou num documento, não é uma prática enraizada na historiografia contemporânea? Como negar que Capistrano tenha sido o primeiro entre nós a apresentar essa configuração?

O historiador pouco conheceu a experiência da interlocução acerca de sua produção em história. O mais próximo do que posteriormente se veria mais assumido em nosso país, na prática das defesas de tese, ocorreu em 1883, quando, por concurso, foi admitido como professor do Colégio Pedro II. Sobre esse momento vale retomar as impressões do viajante alemão Karl von Koseritz, que foi testemunha dos eventos:

*“A tese de Capistrano que trata com verdadeira maestria e grande saber do descobrimento do Brasil e do seu desenvolvimento no século XVI, era sem dúvida a melhor e tão excelente era que ia muito além dos horizontes dos dois limitadíssimos examinadores Moreira de Azevedo e Matoso Maia. (...) foi um verdadeiro exemplo de dois examinadores ignorantes e intelectualmente limitados, aos quais o examinado superava de longe, e que, por isto, com ele se chocavam e se comprometiam a cada momento. Eles faziam as mais extraordinárias e, por vezes, mesmo, tolas objeções à tese do talentoso jovem, e via-se claramente como o Imperador se aborrecia com a incapacidade dos examinadores. O candidato bateu-os em toda linha e brilhou realmente à custa dos seus argüidores. Cada um deles examinou desta forma nada menos que satisfatória, cerca de meia hora, e assim que a hora tinha corrido o Imperador deu o sinal para cessar a brincadeira cruel.”<sup>83</sup>*

Tratam-se de poucos os exemplos que apontam para uma vivência mais próxima da dúvida e da discussão, nem sempre procedente, mas mesmo assim, mais formalizada, sobre a produção que fora realizada. Num caso, se a estrutura de acesso ao Pedro II, aparentemente se apoiava na configuração de uma imparcialidade, a presença do imperador denota uma entrada de um não especialista. Enfim, sobre o que se pautava Pedro II para anuir com a cabeça, indicando que Capistrano deveria ser aceito?

Mas as páginas dos jornais também se tornavam um meio para o exame dos acertos ou problemas de uma obra. E, até pelo tom mais jocoso de Capistrano, se percebe um certo traço de informalidade. Se Matoso Maia não era um historiador que se pautava pelo exame mais severo das fontes, bem como de sua própria crítica, os comentários de Capistrano mais se ajustavam ao campo das polêmicas demarcadas por certa dose de espetáculo e mesmo, de personalismo. Mas, retomamos, quem poderia vir a fazer o mesmo com relação à produção de Capistrano de Abreu? Enfatizamos que, sem mecanismos mais ou menos formalizados, o intelectual teria mais dificuldades em obter

---

<sup>83</sup> Karl von Koseritz, *Imagens do Brasil*, São Paulo, Martins, 1943, p. 110.

elementos mais concretos sobre a pertinência de sua prática, uma vez que os resultados a que chegavam, não eram palpáveis e nem circunscritos na experimentação prática. Como reputar e qualificar o que se fazia, se não se contava com público, especialista ou não? Os motivos da orientação intelectual não poderiam ser mais facilmente remetidos à abnegação bem como ao desinteresse para com os aspectos mais pragmáticos? Não é exatamente por aí que nos deparamos com o tom elogioso daqueles muitos que compuseram as biografias desses homens de letras, espremidos entre o monolitismo do segundo império e a vacuidade da primeira república?

Sem editoras, sem escolas, sem público leitor, é difícil que encontremos justificativas para a escolha intelectual nesse período. Talvez por isso, sejam tão persistentes as tentativas que procuram encontrar respostas tão só e unicamente a partir das características mais pessoais e subjetivas que distinguiam um homem de letras de alguém que possuía uma profissão fincada na prática mais provável. É com relação a esses aspectos que nos referimos à dificuldade de se precisar o sentimento intelectual no Brasil.

## 5- Considerações finais: como reconhecer o que faz um historiador?

*“Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram. O esplêndido dinamismo dessa gente rude obedecia a dois grandes impulsos que dominam toda a psicologia da descoberta e nunca foram geradores de alegria: a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença fizera ressuscitar.”*  
Paulo Prado, *Retrato do Brasil*.<sup>1</sup>

Pretendeu-se aqui concluir um trabalho que se iniciara nas nossas pesquisas de mestrado. Naquela ocasião, nos detivemos no exame da correspondência de Capistrano de Abreu, servindo-se dela como meio de acesso e interlocução aos procedimentos encaminhados pelo historiador. Pareceu-nos que Capistrano veio a encontrar disposição para se apresentar em espaços, diferentes daqueles que lhe foram dispostos pelos meios, institucionais ou não, que poderiam lhe facultar a pesquisa ou a divulgação de seu itinerário de estudos.

Defendemos a tese de que o historiador tenha se sentido mais à vontade para explicar o seu vasto conhecimento em outros lugares, mais especialmente, aqueles marcados por certa informalidade. Evidenciamos também um traço de deslocamento que, mais do que remetido à personalidade de Capistrano, poderia ser orientado para a ausência de elementos mais seguros que viessem a qualificar o trabalho de um historiador, na passagem do século XIX para o XX.

Assim, tomamos algumas das propostas de trabalho deste historiador como indícios quanto ao seu estranhamento. Teria sido somente por motivos subjetivos que Capistrano tenha estimulado abordagens que vieram a se constituir na pergunta recorrente quanto ao fato de não ter escrito uma história do Brasil? Mesmo que cientes de uma dispersão presente em Capistrano, percebemos que o conjunto de sua obra apresentava uma coerência. Ou seja, suas opções que pretendeu aprofundar, pareciam redundar numa

<sup>1</sup> Paulo Prado, *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.53. Primeira edição de 1928.

indisposição para com as possibilidades editoriais, bem como ao nível das propostas de estudo oferecidas no período que compartilhou. Assim, sua dedicação ao conhecimento das línguas indígenas, por exemplo, parecia também se ajustar ao seu desapego pelos temas que viessem a granjear unanimidade. Se conseguiu publicar uma obra sobre a língua caxinauá, seu trabalho sobre os bacairis perdeu-se. Se não escreveu uma obra portentosa sobre a história do Brasil, saciou sua pesquisa em alguns poucos artigos esparsos, as vezes publicados ao sabor do momento, caso dos necrológios ou de textos remetidos a alguma comemoração.

*Capítulos de História Colonial*, o título que tornou-se o mais divulgado, foi uma obra escrita por motivos contingenciais. Tratava-se de um verbete, uma vez que havia sido encomendado a Capistrano, um texto sintético que viesse a recuperar a história do Brasil, com vistas à publicação no exterior. Não se sabe ao certo, porque veio a ganhar autonomia, talvez pelo número de páginas que excedeu o que fora combinado.

De maneira semelhante, seu trabalho sobre a *História Geral* de Varnhagen, guardou proximidades com o fortuito e o inesperado. Algumas remissões pontuais para com a atividade de historiadores seus contemporâneos, e mesmo, o necrológio realizado em 1878, podem ter lhe predisposto a um exame mais profundo. Mas, talvez ele não viesse a ocorrer se não fosse procurado por editores.

Esse trabalho pretendeu examinar exatamente esse instante, por entendermos que tenha sido significativo. Assim, ao aprofundarmos a leitura que Capistrano fez de Varnhagen, visamos nos deparar com uma revisão historiográfica. Talvez ela tenha ocorrido anteriormente, mesmo que não auto-consciente, caso, por exemplo, da indisposição dos associados do IHGB, de continuar a levar ao cabo, as crônicas. Mas, se naquela ocasião, não nos deparamos com reflexões específicas sobre essa forma de se escrever a história, em Capistrano os encontramos em profusão.

Ao realizar comentários, bem como na anotação da obra de Varnhagen, Capistrano estava se posicionando com relação à historiografia. E, na medida em que sua produção foi marcada pela dispersão, tais aprofundamentos quanto aos métodos e procedimentos podem mais ter servido como orientadores do que adiante se fez com relação à história.

Observamos também, que Capistrano era um narrador consciente. Ou seja, foi o primeiro de nossos historiadores a empreender esforços na direção de se conhecer os limites do próprio fazer história. Ao invés de se voltar para o estudo dos

acontecimentos, propriamente ditos, elaborou discussões acerca das possibilidades de se conhecer a história, tomando-a então, como seu objeto de estudos. É possível que seu temperamento tenha alguma relação com semelhante atitude. No entanto, acreditamos que Capistrano tenha procedido desta maneira, por estar em sintonia com as preocupações metodológicas que se faziam notar na Europa ou nos Estados Unidos. O historiador manteve-se ligado a essas reflexões, uma vez que se mostrava atualizado a partir de leituras de revistas de história ou por receber informações de entidades de estudos históricos, caso, por exemplo, da Hayclut Society da Inglaterra, voltada para o estudos das navegações dos séculos XV e XVI.

Ou seja, com relação à metodologia da história, o historiador não pretendeu constituir soluções domésticas. Capistrano veio a acatar a discussão que se processava, grosso modo, ao longo do século XIX, especialmente a partir das propostas de Leopoldo von Ranke. Não se tratava então como na proposta do IHGB, de romper com as escritas históricas tributárias da crônica, mas acolhê-las a partir de um exame minucioso, pautado por um método. Se, entre nós, Capistrano foi o primeiro a realizar semelhante abordagem, resta dizer que tenha contribuído para o estabelecimento de uma definição mais precisa acerca das características remetidas ao ofício do historiador. Ao retomar o trabalho de Varnhagen, Capistrano poderia estar constituindo com mais acuidade, o território do historiador. A má recepção obtida pelos serviços de Varnhagen, bem como a dispersão presente na atuação de Capistrano, não se configuram em indícios acerca da dificuldade de se vir a precisar o que um historiador vem a realizar?

Mas, acreditamos que Capistrano não tenha somente se dedicado à apresentação de um método de pesquisa, análise de fontes e escrita de história. Para ele, era importante que também se viesse a definir as qualificações do exercício da atividade de historiador. E não foi fácil dar conta de uma definição num meio, criticado por Capistrano, em que um historiador poderia ser aquele que contasse com facilidades de acesso junto ao privilegiado círculo palaciano, que se servisse da história como meio de recuperação de seu passado, de um ponto de vista pragmático, para melhor se demarcar a relevância de um sobrenome. Não era esse o sentimento de Capistrano com relação aos atributos que deveriam ser possuídos por um historiador.

Enfraquecemos esses argumentos e relegamos a atuação de Capistrano ao exotismo, quando somente levamos em consideração suas características mais subjetivas, ou seja, se o tomamos como alguém que não possuía grandes ambições e por isso, veio a frustrar

expectativas quanto à realização de uma obra definitiva. Pelo contrário, o exame mais detido de seus projetos inconclusos, de sua resistência em se conectar às poucas instituições ilustradas do final do século XIX, ou de seu trabalho acerca da língua indígena, têm muito a oferecer com relação à ausência de adjetivos que viessem a qualificar seu ofício. Que respostas Capistrano poderia obter junto à atmosfera intelectual que veio a privar e que poderiam vir no auxílio da definição quanto ao que elaborava? Suas propostas não redundavam em conclusão talvez por que não pudessem sequer ser avaliadas por uma ausência de qualquer tipo de tradição mais sofisticada, àquela remetidas aos aspectos intelectuais. A dispersão de Capistrano poderia então ser um eco daquilo que se via em todo lugar. Enfim, para um editor, o que era um escritor? Para o IHGB, o que era um historiador? Para a imprensa, o que era a crítica literária? E para todos, o que era a opinião pública? Escrever, narrar, examinar o passado por que e para quem? Seriam somente meios para uma espécie de sobrevivência diferenciada num contexto marcado pelo pragmatismo?

O exame mais detido de sua produção, possibilita supor que tenha se preocupado com os aspectos metodológicos, talvez por entender que era o que faltava para àqueles que se preocupassem com a história. Ao abandonar a idéia de escrever uma história do Brasil, Capistrano pareceu voltar-se para a análise quanto à viabilidade dela vir a ser escrita num futuro. Assim, em Capistrano, nos deparamos com um perfil mais esclarecido de um historiador, cujas intenções se voltaram para o interior do inquérito historiográfico. Não é mais o cronista nem tampouco aquele que escreve a história como uma missão que lhe foi destinada.

Talvez essa seja uma das nuances da introspecção de Capistrano, o que, do ponto de vista profissional, veio a se configurar em uma reflexão historiográfica. Os exemplos anteriores, quando ocorreram, se caracterizaram como tentativas acessórias para que uma nova proposta fosse encetada. Ou seja, no IHGB ou em Varnhagen, quando nos deparamos com exercícios historiográficos, eles não vieram a se qualificar em uma autonomia. Já em Capistrano, podemos dizer que exista, a preocupação com o método, bem como com as possibilidades de se vir a escrever a história. Mas, tanto um como outro, pode-se dizer, pareciam deslocados. Varnhagen, por escrever uma história, dividido entre a paixão da pesquisa e a necessidade de demarcar seu espaço num meio cifrado e restrito. Capistrano, por não encontrar canais que poderiam possibilitar a definição de sua identidade como historiador.

A permanência das orientações informais de pesquisa, que encontramos fartamente na correspondência de Capistrano, não seria uma forma de saída frente à rarefação que lhe era imposta? Veja-se, nessa direção, o que dele disse, o amigo Paulo Prado, em 1928, num artigo que lembrava a passagem de um ano de funcionamento da Sociedade Capistrano de Abreu:

*“Ninguém se dirigiu a esse Mestre sem dele receber, generosamente, informações, conselhos, idéias, encorajamentos. Corrigia provas com rude franqueza, acompanhava com interesse e simpatia, qualquer tentativa que lhe parecesse aproveitável, promovia intercâmbio, investigava arquivos e bibliotecas por conta alheia, era realmente – ele só – toda uma academia, toda uma biblioteca, um curso vivo de saber e erudição. Dava assim aos discípulos, a ilusão de que eram colaboradores numa obra comum.”*<sup>2</sup>

Pareceu-nos que o desempenho de Capistrano veio a configurar espaços diferenciados de reflexão historiográfica. Sua correspondência veio a cumprir esse papel. Mas, outras de suas atividades também. Nesse sentido, seu empenho em retomar Varnhagen pode também ser pensado dessa maneira.

Não foi notadamente a história que chamou a atenção de Capistrano nesse trabalho de recuperação do historiador paulista. Foi mais exatamente o aspecto metodológico e historiográfico. Como se fez a história do Brasil? Quais as condições para o trabalho do historiador? Como se configuram e o que oferecem os arquivos, as bibliotecas e as instituições voltadas para a história? O que é ser historiador no Brasil? Todas essas questões foram subliminares ao trabalho de Capistrano, quando se decidiu a rever a obra de Varnhagen. A essas perguntas, poderíamos somar outras que se remetem ao sentimento incerto que é o da experiência intelectual em nosso país. E essa percepção também era familiar a Capistrano. Em carta enviada para Mário de Alencar, em 1911, as incertezas do historiador eram apresentadas com rara clareza:

*“Pretendo voltar à História do Brasil, mas sem gosto, como um boi que vai para o açougue. No prólogo de Fausto há um verso que sempre me comove: como Goethe, não terei o livro lido por aqueles que mais quisera. E além disso a questão terebrante: o povo brasileiro é um povo novo ou um povo decrépito? E os fatos idealizados pelo tempo valem mais que os passados atualmente?”*<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Paulo Prado. “Capistrano de Abreu” in *Paulística etc.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 216, 217.

<sup>3</sup> Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, op. cit., p. 226.

Não seria essa a inspiração para historiador vir a recuperar Varnhagen? Não seria uma espécie de contigüidade, de sentimentos compartilhados, o que viria estimular o Capistrano a retomar os escritos do principal historiador do segundo reinado? Através do que buscamos dispor, especialmente nas afinidades de Capistrano, percebe-se que via na obra de Varnhagen, muito a ser aproveitado. Mas, por que não o fora? Nesse sentido, o trabalho de anotação da *História Geral do Brasil* pode ser visto como uma percepção de um problema que persistia. Não será esse um elemento recorrente que se remete à dificuldade de se definir o trabalho intelectual em nosso país? Não seria essa a impressão de Capistrano, presente nesse comentário:

*“A mais fértil terra do mundo... Aonde? Não na Amazônia, aonde, raspada uma camada de mateiro, bate-se na esterilidade. Nos outros Estados é quase invariavelmente o mesmo. Produzimos coisas de luxo, de gozo; se nos bloqueassem deveras, a penúria nos levaria à antropofagia. E a gente? Os processos da Inquisição mostraram a borra-mãe, e as outras borras têm vindo superpondo-se, e de alto a baixo é borra e mais borra.”<sup>4</sup>*

Fosse ou não por meio de suas características pessoais, o seu temperamento, Capistrano de Abreu demonstrou por várias vezes, ser possuidor de uma visão ácida acerca das *sociétés savantes* que afluíam em nosso país. Sua indignação, por vezes incontrolada, com relação à falta de fontes, bem como sobre a precariedade dos arquivos ou bibliotecas, parecia sinalizar que advogasse um juízo dessa natureza. A preocupação em reabilitar Varnhagen talvez também viesse como manifestação desse sentimento difuso. De fato, se buscávamos inspiração nas sociedades letradas formadas na França e que se dirigiam ao conhecimento histórico, parecia haver algo de desconectado. Se na Europa, tais instituições vinham ligadas a uma certa atmosfera que esposava o espírito público, em nosso país, por mais que se apontasse o contrário, parecia haver algo de postição.

A cultura predominante talvez se remetesse para outras necessidades imperiosas. Nessa direção, foi com certa dificuldade que vimos surgir espaços destinados às reflexões de cunho intelectual. E quando começaram a dar sinais de sua existência, o fizeram grandemente relacionadas aos aspectos mais pragmáticos. Estamos então, procurando dimensionar a inserção das orientações reflexivas em nosso país, fato que apresentou

---

<sup>4</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo, datada de 13 de janeiro de 1922. Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 2, *op. cit.*, p. 234

algumas incursões a partir da vinda da família real em 1808. Até então, não falávamos de arquivos ou bibliotecas públicas.

Mencionamos as dificuldades concernentes à formação de um público leitor, bem como a existência de editoras em nosso país, durante grande parte desse mesmo século. Nos confrontamos com a realidade desses primeiros intelectuais, que era a de escreverem para si próprios. Vimos também as incertezas quanto à elaboração de um critério para se julgar o que, aos poucos, ia sendo publicado.

Em se tratando do segundo império, a participação incontestada de um único mecenas, já parece indicar as dificuldades quanto à perspectiva de se pensar numa produção intelectual de cunho mais independente ou público. Mesmo essa dimensão, somente pode ser referenciada por conta da abstração. Se nos inspiramos em Paris, quantas são as diferenças que podem ser exploradas? Pensemos num processo que se orientou pela retomada de espaços pertencentes à nobreza e que se transformaram, após a Revolução, em públicos. Tomemos as bibliotecas, os museus e os arquivos a partir dessa orientação que, nos seus altos e baixos, foi se configurando como uma realidade na França.

Acompanhamos também a formação de um público leitor e mesmo de uma opinião, nos mesmos moldes. O ensino público, também um produto aplicado dos ideais da Revolução, veio a conferir um traço de julgamento possível das produções intelectuais para além de um circuito fechado, típico das sociedades de corte. Escritores, historiadores e artistas poderiam contar com impressões provocadas por aqueles, desconhecidos, que acolhiam suas produções. Por vezes, mesmo que rebaixados pela crítica, recebiam elogios que vinham dos anônimos leitores ou observadores. E pintavam, esculpavam, escreviam ou recuperavam a história em relação a esse público.

Elisabeth Badinter, por exemplo, num trabalho em que pretendeu recompor as sociabilidades dos *philosophes* do Iluminismo francês, observou a seguinte mudança:

*“No século XVIII, as rivalidades intelectuais são alteradas pelo surgimento de uma nova força, desconhecida nos séculos anteriores: a opinião pública. Inicialmente limitado aos círculos restritos dos salões, dos leitores de periódicos, dos professores, o número dos amadores esclarecidos não pára de aumentar ao longo das décadas, de tal modo que o conhecimento se torna sinônimo de prestígio e liberação aos olhos da burguesia ascendente. Pouco a pouco, os intelectuais entendem a necessidade de convencer este outro juiz, a opinião pública, do fundamento de seu trabalho. A partir de*

*então, o jogo é a três: o intelectual, seus pares e o público, que será chamado com frequência cada vez maior a servir de árbitro entre o primeiro e os segundos.”<sup>5</sup>*

E quanto aos desdobramentos dessas nova atmosfera, a autora apontava:

*“A democratização do conhecimento tem todas as vantagens que se conhecem, inclusive a de impedir uma comunidade científica de funcionar como seita. Mas a opinião pública, mesmo esclarecida, não deixa de ser o que é: uma opinião (doxa), não um saber (epistème). E os eruditos não gostam que os amadores lhes venham ditar seu julgamento.”<sup>6</sup>*

No interior dessa situação, talvez aquele que se destinasse ao ofício do pensamento viesse a se sentir menos deslocado. E é provável que dentre os sentimentos provocados pelo exercício intelectual, os homens de letras viessem a contar com mais suportes ou justificativas quanto ao que faziam e podiam oferecer.

Em nosso caso, o sentimento de isolamento parecia ser presente e até mesmo se configurar como um elemento constituinte da escolha de se ser intelectual. Sem que ambicionemos constituir uma leitura lógica e processual, é difícil que não retomemos outros aspectos que podem ser remetidos à configuração de uma atmosfera reflexiva em nosso país. E é tentadora a remissão às outras alterações que, em nosso país, se fizeram de um modo vertical, sem grandes interlocuções, relacionadas à participação de um número maior de pessoas. Ou seja, mencionamos a dificuldade que é a de se deparar com o público brasileiro durante o século XIX, período de transformações de grande monta.

Não o encontramos em 1808, nem em 1822, ou em 1831 e ainda, em 1889, para se ater nessas datas significativas quanto às alterações que propuseram. A essas inserções podem ser somadas as tentativas de se fundar espaços reflexivos no Brasil. No período que nosso trabalho contemplou, é difícil que se perceba a fundação do IHGB como tributária de uma ambiência mais ampla e reveladora da existência de um público. Ou seja, ele próprio parecia ser uma abstração e o que restava aos homens de letras, era um ideal.

Nesse sentido, o exercício de atividades reflexivas parecia ser um caso exótico em nosso país, quando não remetidas aos projetos que visavam estratégias e produtos palpáveis e

<sup>5</sup> Elisabeth Badinter, *As paixões intelectuais*, v. 1: *desejo de glória (1735-1751)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 15.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem.*

concretos. Essa orientação, dimensionada pelas considerações de Maria Odila Silva Dias, parecia marcar o *debut* dos nossos intelectuais do segundo império, aqueles que se propunham a viver como relacionados ao circuito de produção de pensamentos abstratos.

Contidos entre a inexistência de uma demanda por parte da opinião pública e as minguadas ofertas dispostas pelo império, os homens de letras pareciam tatear em seus ofícios, sem referências mais seguras, senão àquelas conferidas pela política do compadrio, típico das sociedades de corte. Será que isso não nos auxilia a compreender e matizar a necessidade que possuíam em vir a apresentar resultados práticos e operatórios a partir de seus exames intelectuais? Não havia sido essa a orientação de Von Martius quando de seu texto sobre os melhores modos de se escrever uma história do Brasil? Ou seja, parecia ser necessário, e era o que se esperava, que uma história do Brasil, uma vez escrita e estabelecida, viesse a produzir uma apreensão segura, o mais possível, do ponto de vista pragmático. Enfim, uma história que tivesse utilidade e que pudesse servir como guia para as gerações futuras.

Capitaneada pelo IHGB, essa orientação deu guarida ao trabalho de Francisco Adolfo de Varnhagen, um *tour de force*, revelador de seu empenho junto aos arquivos estrangeiros e, carente de incursões mais destemidas, do ponto de vista reflexivo. Mas não era exatamente para isso que se destinava? Não veio como encomenda para cobrir uma lacuna com relação ao que deixaram de apresentar as crônicas do Brasil colonial ou os textos produzidos por historiadores que não eram brasileiros?

Não pensaram os promotores do IHGB, seus fundadores, em zerar a datação acerca dos conhecimentos em história que se realizavam em nosso país? Não se pretendeu inaugurar um novo momento, ajustado aos ideais da nação que então se formara? Parecia então ser uma história que já nascia póstuma, pensada como constituição de uma reflexão ao nível da herança que se pretendia deixar para o futuro. Não era algo assim que o sentimento de Varnhagen expressava, ao desejar configurar todos os documentos a que teve acesso, numa obra que viesse a se tornar uma referência?

E talvez essa orientação também possa ser inserida numa certa apropriação do texto de história como se fosse portador de uma aplicação prática. Ou seja, refletir, estudar, escrever, pareciam ser atividades que poderiam ser explicadas e aceitas quando pertencentes ao campo mais reconhecido que era o das possibilidades mais certas de aplicação.

Nos deparamos com um sentimento difuso e deslocado que era o do homem de letras que foi ganhando algum espaço no Brasil do século XIX. Financiado pelo Estado imperial, sem contar com um público a não ser àquele formado por seus pares. O produto de seu trabalho somente poderia contar com um reconhecimento se ele manifestasse, de algum modo, uma possibilidade de aplicação mais segura. Não foi por intermédio desses aspectos que o trabalho de Varnhagen foi questionado e julgado? E talvez não tenha sido por essa percepção quanto ao estranhamento do que era ser um historiador, que Capistrano tenha vindo em sua reabilitação?

Em ambos os casos, se observa um comportamento errático, o que vem a possibilitar reflexões frente às abordagens generalizantes que visam acatar uma visão de conjunto que pretensamente pode abrigar a coerência. Para além dos aspectos mais subjetivos, as participações de Varnhagen e Capistrano parecem sinalizar as dificuldades de demarcação segura quanto ao ofício do historiador, ou mesmo do intelectual, em nosso país.

A recepção da obra de Varnhagen e as incertezas de Capistrano com relação à sua inserção nos meios que poderiam lhe facultar a publicidade, parecem apontar para a fragilidade desse ofício em nosso país. Ausência de fontes, de testemunhos, de cultura arquivística, de sociedades intelectuais independentes, do cuidado com a produção anterior, enfim, falta de uma orientação letrada, da recepção quanto àquilo que ia sendo publicado, de editoras, de jornais, etc.

Ao recuperar o trabalho de Varnhagen, um historiador, como vimos, desacreditado e sem acolhida no parco ambiente intelectual do segundo império, Capistrano poderia bem estar remetendo-se igualmente ao seu tempo. Não seria uma forma de resposta às expectativas que lhe foram dirigidas quanto ao fato de vir a escrever uma obra mais volumosa sobre a história do Brasil?

E, como todas essas tentativas foram frustradas, o trabalho encetado por Capistrano não possibilita que tomemos contato com elementos reincidentes quando se pensa na acolhida que entre nós têm tido o ofício subjetivo que é o do intelectual ou do historiador, propriamente dito? O sentimento de estranhamento de Varnhagen, quando do recebimento das críticas ao seu trabalho, não é aproximado ao experimentado por Capistrano com relação aos historiadores, seus contemporâneos que se engalfinhavam por suportes políticos, junto aos Institutos Históricos? O traço de não pertencimento, vivido por Varnhagen e bem caracterizado pela ambição pela nacionalidade brasileira, e

especialmente, pela titulação nobiliárquica, não se afina com a dificuldade manifestada por Capistrano em participar das sociabilidades intelectuais oferecidas pelo período que viveu?

Para todas essas perguntas, acreditamos que a personalidade de ambos os historiadores não possa ser tomada como resposta unívoca. Ou seja, o itinerário desses intelectuais, pode ser ponderado em relação aos traços e aspectos que vem a configurar o trânsito, bem como a acolhida desse ofício em nosso país. E esses aspectos podem ser refletidos à luz de um certo vazio, que aqui é experimentado por aqueles que se descobrem voltados para o exame das humanidades.

Ao buscar definir o seu trabalho de historiador por intermédio das horas gastas nos arquivos, bem como pelo volume de títulos que lia, Varnhagen não estaria buscando uma concretude para o seu ofício de historiador? Não seria esse também o motivo que propiciava a pergunta sobre o fato de Capistrano não ter escrito uma história do Brasil? Ou seja, o que estava fazendo de objetivo? Que produtos seus exames ofereceriam? Seu conhecimento e erudição não iriam redundar em nenhuma oferta prática? Não estariam Varnhagen e Capistrano no interior de uma atmosfera que melhor acatava o trabalho pragmático? Enfim, como compreender o que faziam?

Capistrano de Abreu, uma vez recuperou ao amigo João Lúcio, o momento de decisão de saída do Ceará para vir ao Rio de Janeiro, em 1875:

*“Tenho presente a primeira vez em que veio a idéia de escrever a história do Brasil. Estava no Ceará, freguesia de Maranguape, com poucos livros, arredado de todo comércio intelectual. Acabava de ler Buckle no original, relia mais uma vez Taine, tinha acabado a viagem de Agassiz. Vim depois para o Rio em 1875; cada ano que passa é uma parede que cai.”<sup>7</sup>*

A percepção de Capistrano de que, em Fortaleza, estava arredado do comércio intelectual nos parece bem justificada. Enfim, que aparatos eram oferecidos para o exercício do pensamento no Ceará da segunda metade do século XIX? A existência da Academia Francesa do Ceará, da qual Capistrano fez parte, parece indicar a presença de uma demanda, mas que partia dos próprios participantes. Mas, uma vez no Rio, como Capistrano buscou saciar essas expectativas? A sua correspondência oferece um bom

<sup>7</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo, datada de 17 de março de 1917. Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 3, *op. cit.*, pp. 37-38.

número de alusões quanto ao fato de depender de uma rede informal para que uma pesquisa fosse levada à cabo. Da mesma forma, a língua portuguesa não se traduzia em credencial para o conhecimento dos textos e dos autores que poderiam produzir interlocução junto a alguns desses intelectuais, como Capistrano. E esperar uma tradução era algo problemático. Em uma carta enviada para Mário de Alencar, o historiador dizia:

*“Não me vanglorio nem me envergonho de ter estudado a língua. Fi-lo porque certos livros alemães satisfaziam-me algumas curiosidades de meu espírito, e esperar que fossem traduzidos importava, na melhor hipótese, numa demora de anos. (...) Nunca o alemão foi para mim mais que um meio de transporte mais rápido.”*<sup>8</sup>

Se uma das maneiras através das quais um intelectual pudesse vir a se deparar com alguma concretude, com relação ao que fazia, era no encontro com uma bibliografia, Capistrano teria dificuldades também na capital do país. Enfim, o português, definitivamente, ainda pode ser visto como uma barreira para àqueles que se detêm no exame das humanidades. Mas, mesmo que se conhecesse outras línguas, era necessário que as obras que fossem trazidas de fora. Daí o empenho de Capistrano em manter-se em contato com amigos no exterior que pudessem lhe enviar obras que lhe interessavam.

Note-se que, no caso deste historiador, a dispersão pode então guardar ligações com a ausência de aparatos mais seguros que viessem a propiciar mais segurança, no que dizia respeito às pesquisas e estudos. Essa situação não era muito próxima àquela compartilhada por Varnhagen? Ambos os historiadores não se sentiram privados de uma estrutura que pudesse minimamente lhes garantir a continuidade de seus estudos, ao menos sem grandes intempéries? E esse não é um traço que permanece como algo de recorrente quando procuramos nos debruçar sobre a inserção dos trabalhos intelectuais em nosso país?

A ausência de indicações mais seguras que venham a atestar a pertinência da reflexão nos moldes de uma produção intelectual, parece ser um aspecto que veio a unir Varnhagen e Capistrano, ambos historiadores, desconcertados com relação àquilo que se dispuseram a realizar. Não acreditamos também que essa situação tenha sofrido alterações substantivas ao longo das primeiras décadas do século XX. Há um exotismo

<sup>8</sup> Carta de Capistrano para Mário de Alencar, datada de 9 de setembro de 1915, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, *op. cit.*, pp. 240-241.

presente na recepção dos trabalhos intelectuais, o que parece fazer de seus interlocutores, pessoas que não encontram respostas ao nível da identidade quanto ao que vem a elaborar. E talvez, esse sentimento de estranhamento possa ser tomado em relação às necessidades mais imperiosas de se voltar para as preocupações mais cotidianas.

Nessa direção, acata-se mais a utilização dos estudos de história, quando mais próximos das justificativas apologéticas e mantêm-se um certo traço de amadorismo. Como se levar a sério a dedicação aos estudos mais? E o que são os estudos contemporâneos, quando redundam num trabalho escrito, senão obras somente lidas por um pequeno circuito de interessados no mesmo assunto ou tema?

Após ter publicado *Ra-txa-ru-ni-kui*<sup>9</sup>, em 1914, Capistrano assim se referia ao amigo José Veríssimo:

*“Estou com planos de ir passar um mês em Caldas. Antes estou tratando de passar alguns exemplares ao governo. A Biblioteca Nacional adquiriu alguns pelo saldo das permutas; da Secretaria do Exterior talvez obtenha hoje resposta, não sei se favorável ou não; (...) Esperar que o público adquira a obra é ingenuidade de que não sou capaz. A muito custo Briguiet ficou com vinte exemplares, por encontro de contas, e dando-lhe o abatimento de 40%. Lucro não ambiciono; quero apenas restituir o dinheiro que Brandão adiantou para o pagamento.”*<sup>10</sup>

Como supor que se pudesse levar a sério uma profissão através da qual não se consegue, ao menos, garantir as mínimas condições de sobrevivências? Em nosso caso, ao que parece, descobrir-se voltado para a trama dos conceitos, para a pesquisa acerca da história, ainda se constitui numa dificuldade. Varnhagen, virando-se como diplomata e Capistrano, mantido por ajudas de seus conhecidos, em especial, Paulo Prado, parecem ser casos emblemáticos, mas não exceções. Confirmam a regra quanto a inexistência de um ambiente favorável às reflexões mais abstratas.

Em que pese o fato dessa obra ser bastante específica, de todo modo, tratava de

<sup>9</sup> Capistrano de Abreu, *Rã-txa hu-ni-ku-i – A Língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú, Afluente do Murú, (Prefeitura de Tarauacá)*, Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1914.

<sup>10</sup> Carta de Capistrano para José Veríssimo, datada de 21 de janeiro de 1914, Capistrano de Abreu, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Volume 1, *op. cit.*, p. 200.

em tema, que em princípio, poderia despertar a atenção de muitos, uma vez que estabelecia uma gramática de uma tribo indígena pouco conhecida. Mas como esperar que fosse consumida ou que viesse a ser amplamente lida? Seguramente, também não o seria na atualidade, salvo por um restrito círculo de especialistas.

Situações como essas parecem se configurar na dificuldade de se vir a obter indicações mais seguras quanto à qualificação dos homens de letras, estudiosos ou historiadores. Para um público mais amplo, talvez somente fossem reconhecidos por seus uniformes, quando se dirigiam à sede do IHGB ou rumo à Academia Brasileira de Letras. É de se supor também que esses espaços arquitetônicos, dada a visibilidade, igualmente fossem notados.

Mas e acerca de seus escritos? Eram reconhecidos apenas por seus pares, o que poderia significar ausência de imparcialidade. Quantos grupos diferentes existiam e que se caracterizavam pela proximidade junto a Pedro II, ou, já na República, aos poucos editores responsáveis pelas edições? Exaltar ou desqualificar uma produção, não seriam meios indiretos para o favorecimento de alguém, bem como para o desmerecimento de um desafeto?

Nessa direção, pensamos que a iniciativa de Capistrano em vir a reabilitar a *História Geral do Brasil* de Varnhagen, pode ser tomada como indicativa do entendimento do historiador de que ela não tinha sido lida com o devido cuidado e distanciamento crítico. Ao fazê-lo, Capistrano veio a demonstrar uma possibilidade de tratamento objetivo, evitando juízos que pudessem ser justificados de modo subjetivo. O historiador terminou também por oferecer um modelo quanto ao padrão de análise e crítica, aquele que entendia aproximar as ciências humanas das aplicadas. Mas, bem poderia ter estabelecido identidade para com o fato de Varnhagen também ter sido, como ele, um caso de expectativa frustrada.

A iniciativa de Capistrano parece indicar que, em alguns casos, a má recepção não era somente devida a ausência de qualidades positivas por parte de quem realizou um trabalho. Ela poderia ser remetida, sobretudo, à rarefação intelectual, bem como para a quase impossibilidade de se vir a reconhecer com distinções mais esclarecedoras, a que vinha, o que movia ou o que de fato fazia um homem de letras.

## 6- Bibliografia:

- ABREU, Capistrano de, "Novas Cartas de Capistrano de Abreu", São Paulo, *Revista de História*, nº. 31, 1957.
- \_\_\_\_\_, *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1930.
- \_\_\_\_\_, *Capítulos de História Colonial*, Rio de Janeiro, Impressores M. Orosco & Cia, 1907.
- \_\_\_\_\_, *Cartas de Capistrano de Abreu a Lino de Assunção*, Lisboa, Oficina Gráfica, 1946.
- \_\_\_\_\_, *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954-1956, 3 volumes, 1ª edição; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, 2ª edição, com o acréscimo de novas cartas.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*, 1ª série, Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1931.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*, 2ª série, Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1932.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*, 3ª série, Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1938.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio e Estudos*, 4ª série, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- \_\_\_\_\_, *O Descobrimento do Brasil*, Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., Rua do Ouvidor, 66. Casas Filiais em São Paulo e Recife, 1900.
- \_\_\_\_\_, *Rã-txa Hu-ni-ku-i*, Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1914.
- ALENCAR, José de. *Melhores Crônicas*. São Paulo: Global Editora, 2003.
- AMED, Fernando, *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*, São Paulo, Alameda Editorial, 2006.

- AMOROSO, Marta Rosa, "Capistrano de Abreu e os índios" in REIS, Elisa, TAVARES DE ALMEIDA, Maria Hermínia e FRY, Peter, *Política e Cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas*, São Paulo, HUCITEC, ANPOCS, 1996.
- ANDERSON, Benedict, *Nação e consciência nacional*, tradução de Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo, Ática, 1989
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de, "Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu" *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, pp.28-54.
- ARTIAGA, Jugurta de, *Figuras da 1ª República*, Lisboa, Editorial Minerva, sem data.
- AUDRA, Helmut, *Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro: aus seinem leben und seinem werk*, São Paulo, Edanee, 1958.
- BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais: desejo de glória (1735- 1751)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Volume 1, 2007.
- BANN, Stephen, *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*, Tradução de Flávia Villas-Boas, São Paulo, Editora da UNESP, 1994
- BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Capistrano de Abreu e a correspondência feminina*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- BELLIDO, Remijo, *Varnhagen e a sua obra*, Sao Paulo, Typ Brazil de Rothschild, 1916.
- BERLIN, Isaiah. *Limites da Utopia: capítulos da história das idéias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas, *Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado*, Campinas, Papyrus Editora, 2000.
- BORGES PINTO, Maria Inez Machado, *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890 - 1914)*, São Paulo, EDUSP, FAPESP, 1994
- BOTTMANN, Denise, *Padrões explicativos da historiografia brasileira*, Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1977.

- BOURDIEU, “A ilusão biográfica”, in Marieta de Moraes Ferreira e Janáina Amado (organizadoras), *Usos & Abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- \_\_\_\_\_, *Razões Práticas sobre a Teoria da Ação*, São Paulo, Papirus Editora, 1996.
- BROCA, Brito, *A vida literária no Brasil - 1900*. introdução de Francisco de Assis Barbosa, Rio de Janeiro, 3ª edição, José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_, *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1991.
- \_\_\_\_\_, *Escrita e vivência*, Campinas, Ed. Da Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_, *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1991.
- \_\_\_\_\_, *Teatro das Letras*, Campinas, Ed. Da Unicamp, 1993.
- BUARQUE DE HOLANDA, *Monções*, São Paulo, Editora Brasiliense, 3ª edição, 1992.
- \_\_\_\_\_, *Visão do Paraíso*, São Paulo, Editora Brasiliense, 5ª edição, 1992.
- \_\_\_\_\_, “O atual e o inatual em Leopold Von Ranke” in *Revista de História*. São Paulo, 1974, nº 100.
- BUENO, Alexei e ERMAKOFF, George. *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil (1850-1950)*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005.
- CADIOU, François (et al.). *Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- CÂMARA, José Aurélio Saraiva, *Capistrano de Abreu: tentativa biobibliográfica*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969.
- CAMARGOS, Márcia, *Villa Kirial: crônica da Belle époque paulistana*, São Paulo, Editora Senac, 2000.
- CAMPOS VERGUEIRO, Nicolau de, *História da Fábrica de Ipanema e Defesa perante o Senado*, Brasília, Editora da UNB, 1979.

- CAMPOS, Pedro Moacyr, “Esboço da Historiografia Brasileira” in GLÉNISSON, Jean, *Iniciação aos Estudos Históricos*, São Paulo, DIFEL, 1961.
- CANABRAVA, Alice P., “Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano” in *Revista de História*, São Paulo, USP, 18 (88), outubro-dezembro, 1971.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderardo. *Presença da Literatura Brasileira: Do romantismo ao simbolismo*. São Paulo: Difel Editorial, 1984.
- \_\_\_\_\_, *O método crítico de Sílvio Romero*, São Paulo, EDUSP, 1988.
- \_\_\_\_\_, *O Romantismo no Brasil*, São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP, 2002.
- CANO, Jefferson, *O fardo dos homens de letras: o “orbe” literário e a construção do império brasileiro*, Campinas, UNICAMP, doutorado, mimeo., 2001.
- CAPAZ, Camil, *Raul Pompéia: Biografia*, Rio de Janeiro, Gryphus, 2001.
- CARMO, J. A., *Bibliografia de Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.
- \_\_\_\_\_, *Capistrano de Abreu e suas Traduções*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1953.
- CARPEAUX, Otto Maria, *Vinte e cinco anos de literatura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- CARVALHO, José Murilo de, *A Formação das Almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_, *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_, *Teatro de Sombras: a política imperial*, São Paulo, Vértice, IUPERJ, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CEZAR, Temístocles. “Em nome do pai, mas não do patriarca: ensaio sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen” in *História*. São Paulo, v. 24, nº 2, 2005, pp. 207- 240.

- \_\_\_\_\_, “A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis” in GUIMARÃES, Manoela Luiz Salgado. *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, pp. 29-41.
- \_\_\_\_\_, “Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual” in PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 173-208.
- \_\_\_\_\_, “Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História no Brasil oitocentista” in PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.), *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- CHALINE, Jean-Pierre. *Sociabilité et erudition: les sociétés savantes en France XIX<sup>e</sup> Xx<sup>e</sup> siècle*. Paris: Éditions du C. T. H. S., 1998.
- CHARTIER, *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*, São Paulo, Editora Unesp, 1997.
- \_\_\_\_\_, (organizador), *Práticas de Leitura*, São Paulo, Editora Estação Liberdade, 1<sup>a</sup> reimpressão, 1998.
- \_\_\_\_\_, (Sous la direction de), *La Correspondance: les usages de la lettre au XIX<sup>e</sup> siècle*, Paris, Fayard, 1991.
- \_\_\_\_\_, e CAVALLO, Guglielmo, *História da Leitura no Mundo Ocidental*, São Paulo, Editora Ática, Volume 2, 1999.
- \_\_\_\_\_, Roger e CAVALLO, Guglielmo, *História da Leitura no Mundo Ocidental*, São Paulo, Editora Ática, Volume 2, 1999.
- \_\_\_\_\_, (organizador), *Práticas de Leitura*, São Paulo, Editora Estação Liberdade, 1<sup>a</sup> reimpressão, 1998.
- \_\_\_\_\_, (Sous la direction de), *La Correspondance: les usages de la lettre au XIX<sup>e</sup> siècle*, Paris, Fayard, 1991.

- \_\_\_\_\_, *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*, São Paulo, Editora Unesp, 1997.
- \_\_\_\_\_, *A história cultural entre práticas e representações*, Lisboa, DIFEL, 1990.
- CORRÊA FILHO, Virgílio, "Auto-Retrato Capistraneano", separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, volume 227, abril-junho, 1955.
- COSTA, João Cruz, "O pensamento brasileiro sob o Império" in HOLANDA, Sérgio Buarque de e FAUSTO, Bóris (org.), *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difel, 1976, t. II, v.3.
- \_\_\_\_\_, *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- \_\_\_\_\_, *O positivismo na República*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.
- COUTINHO, Afrânio, *Euclides, Capistrano e Araripe*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959.
- DIAS, Maria Odila S, "O Brasil na Historiografia romântica inglesa: Southey e Walter Scott, um estado de afinidades de visão histórica." in *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, pp. 7-108, 1967.
- \_\_\_\_\_, *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_, *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1974.
- \_\_\_\_\_, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DOSSE, François, *A história em migalhas: dos annales à nova história*, São Paulo, Editora Ensaio, 1994.
- FARGE, Arlette, *Lé goût de l'archive*, Paris, Editions du Seuil, 1989.

- FERREIRA, Antonio Celso, *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*, São Paulo, Editora da UNESP, 2001.
- FILHO, Cândido Motta, *A vida de Eduardo Prado*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1967.
- FLEURY, Renato Seneca de As, *Francisco Adolfo de Varnhagen: Visconde de Porto Seguro*, São Paulo : Melhoramentos, 19-?.
- FREITAS, Marcos Cezar de, org, *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo, Editora Contexto, USF, 1998.
- GALLIAN, Dante M. C. *Madre Maria José de Jesus: andarilha do caminho da perfeição*. São Paulo: FFLCH/ USP, tese de doutorado, 1997.
- GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella, *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudo sobre cartas*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- GELLNER, Ernst, *Nations and Nationalism*, Oxford, University Press, 1983.
- GIRARDET, Raoul, *Mitos e Mitologias Políticas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GLEZER, Raquel, *Fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*, São Paulo, tese de doutorado, datilografada, 1977.
- GOMES DE MATOS, Pedro, *Capistrano de Abreu: vida e obra do grande historiador*, Fortaleza, Batista Fontinele, 1953.
- GOMES, Ângela de Castro, *Escrita de si, escrita da história*, Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_, *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999.
- GOSSMAN, Lionel, *Between History and Literature*. Massachusetts, Harvard University Press, 2001.
- GRAFTON, Anthony, *As Origens Trágicas da Erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*, Campinas, Papirus, 1998.

- GUERRA FILHO, Cândido, *As Idéias Críticas de Capistrano de Abreu*, Fortaleza, Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial/EDUSP, 2004.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “Ação, reação e transação: a pena de aluguel e a historiografia” in CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 71-92.
- \_\_\_\_\_, “Debaixo da imediata proteção imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889) in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, Ano 156, n. 388, jul./set. 1995, pp. 459-613.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado, “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional” in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1: 5-27, 1988.
- \_\_\_\_\_, “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar” in PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 9-24..
- \_\_\_\_\_, “Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX” in *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/ 7Letras, set. 2002, n. 5, pp 184-200.
- \_\_\_\_\_, “A disputa pelo passado na cultura oitocentista no Brasil” in CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 93-122.
- \_\_\_\_\_, “Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista” in GUIMARÃES, Manoela Luiz Salgado. *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, pp. 68-85.
- HALLEWELL, Laurence, *O Livro no Brasil*, São Paulo, T. A. Queiroz Editor e Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

- HORCH, Hans, *Francisco Adolfo de Varnhagen: subsídios para uma bibliografia*. São Paulo, Editora Unidas, 1982.
- IGLÉSIAS, Francisco, “José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1: 55-78, 1988.
- \_\_\_\_\_, *Historiadores do Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.
- JACKSON, H. J., *Romantic Readers: the evidence of marginalia*. New Haven, Yale University Press 2005.
- JANOTTI, Maria de Lourdes, *João Francisco Lisboa: jornalista e historiador*, São Paulo, Editora Ática, 1977.
- KANTOR, Íris, *Esquecidos e renascidos: historiografia acadêmica luso-brasileira (1724-1759)*. São Paulo, Hucitec; Salvador, Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora/ Editora PUC-Rio, 2006.
- LA CAPRA, Dominick, *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*, Ithaca, Cornell U. Press, 1983.
- LAJOLO, Marisa, *A formação da Leitura no Brasil: o preço da leitura, leis e números por detrás das letras*, São Paulo, Editora Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_, e ZILBERMAN, Regina, *A leitura rarefeita: o livro no Brasil*, São Paulo, Editora Ática, 2002.
- LESSA, Clado Ribeiro de, “Vida e obra de Varnhagen”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. volumes. 223 a 227,
- LEVI, Darrel, *A Família Prado*, São Paulo, Cultura 70 – Livraria e Editora, 1974.
- LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”, in Marieta de Moraes Ferreira e Janáina Amado (organizadoras), *Usos & Abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- LIMA, Luíz Costa, “Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil”, in LIMA, Luíz Costa, *Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1981.
- LINS, Álvaro, *Rio Branco (Biografia)*, São Paulo, Editora Alfa Omega, 1996.
- LISBOA, João Francisco. *Crônica do Brasil Colonial: apontamentos para a História do Maranhão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- LOBATO, Monteiro, *A Barca de Gleyre*, São Paulo, Editora Brasiliense, 8ª edição, 1957.
- LUCA, Tânia Regina de, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*, São Paulo, Editora UNESP, 1998.
- MACHADO NETO, Arlindo L., *Estrutura social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.
- MAGALHÃES, Basílio de, *Francisco Adolpho de Varnhagen (visconde de Porto-Seguro)*, Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1928.
- MARTINS, Ana Luiza, *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*, São Paulo, Edusp, Imprensa Oficial, 2001.
- MATTOS, Ilmar Rohloff, *O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial*, São Paulo, Hucitec, 1990.
- MELO E SOUZA, Laura, “Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial” in Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo, Editora Contexto, USF, 1998.
- MELO, Jayro Gonçalves. *A Obra de João Capistrano de Abreu: um estudo*, São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, datilografada, 1979.
- MENEZES, Raimundo de, *Capistrano de Abreu: um homem que estudou*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1956.

- MEYER, Marlyse, *Folhetim: uma história*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- MOMIGLIANO, Arnaldo, *As Raízes clássicas da historiografia moderna*, São Carlos, EDUSC, 2004.
- MOTA, Lourenço Dantas (organizador), *Introdução ao Brasil: Um Banquete no Trópico*, São Paulo, Editora SENAC, 1999.
- NASCIMENTO, Alba Canizares, *Capistrano de Abreu: o homem e a obra*, Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1931.
- NEEDEL, Jeffrey, *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- NETO, Lyra. *O inimigo do Rei: uma biografia de José de Alencar*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.
- NOVAES, Fernando, prefácio da edição norte americana de ABREU, Capistrano de, *Chapters of Brazil's Colonial History*, New York, Oxford University Press, 1977
- \_\_\_\_\_, e SEVCENKO, Nicolau (org.), *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, vol. 3.
- \_\_\_\_\_, (dir.) e ALENCASTRO, Luiz Felipe de, *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, vol. 2.
- \_\_\_\_\_, (dir.) e SEVCENKO, Nicolau (org.), *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, vol. 3.
- NOVICK, Peter, *That noble dream: the "objectivity question" and the American historical profession*. New York, Cambridge University Press, 1998
- OAKESHOTT, Michael. *Sobre a História e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- ODÁLIA Nilo, *Varnhagen*, São Paulo, Ática, 1979.
- \_\_\_\_\_, *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*, São Paulo, Editora Unesp, 1997.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Mestrado: UFRGS, 2006.

- ORTEGA FONTES, Armando, *Bibliografia de Varnhagen*, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1945.
- ORTIZ, Renato, *Cultura brasileira e identidade nacional*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIVA, Tancredo de, *Bibliografia Capistraneana*, São Paulo, Tipografia "Diário Oficial", 1931.
- PEREIRA DAS NEVES. "A história para uso da mocidade brasileira" in CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 43-70.
- PUNTONI, Pedro. "O sr. Varnhagen e o patriotismo caboclo: o indígena e o indianismo" in *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. JANCSÓ, István Jancsó (org.). São Paulo: Editora Hucitec/Ijuí: Editora Unijui 2003, pp. 633 a 676.
- RACINE, Nicole e TREBITSCH, Michel, (org.), "Sociabilites Intellectuelles: lieux, milieux reseaux", *Les Cahier de L'IHTP*, nº 20, mars, Paris, CNRS, 1992
- REBELLO, E. de Castro, *Capistrano de Abreu e a síntese histórica*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1956.
- REIS, José Carlos, *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999.
- RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a idéia de Nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RIO DE JANEIRO, Biblioteca Nacional do. Catálogo da exposição de história do Brasil. Brasília: Editora da UNB, 1981.
- RODRIGUES, José Honório, "Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/ IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 221, 1953, pp. 120-138.
- \_\_\_\_\_, *A Pesquisa Histórica no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio Livres*, São Paulo, Editora Imaginário, 1991.

- \_\_\_\_\_, *História da História do Brasil: A Historiografia Conservadora*, Volume II – Tomo 1, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988.
- \_\_\_\_\_, *Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.
- ROMERO, Sílvio. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Organização de BARRETO, Luiz Antonio. Rio de Janeiro: Imago Editora/ Universidade Federal de Sergipe, 2001.
- SALIBA, Elias Thomé, *As utopias românticas*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.
- \_\_\_\_\_, “A dimensão cômica da vida privada na República” in Nicolau Sevcenko (org.), *História da Vida privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio*, Volume 3, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_, *Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- SCHAPOCHNIK, Nelson, *Letras de fundação: Varnhagen e Alencar – projetos de narrativa instituinte*, São Paulo, dissertação de mestrado, mimeo., USP, 1992.
- SCHWARCZ, Lilia M, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_, *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARTZ, Stuart, "A House Built on Sand: Capistrano de Abreu and the History of Brazil", introdução da edição norte americana de ABREU, Capistrano de, *Chapters of Brazil's Colonial History*, New York, Oxford University Press, 1997.
- SENNA, Homero, *República das Letras*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985, 2ª edição.
- \_\_\_\_\_, *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo - Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

- SILVA, Ítala Byanca Morais da. *Tristão de Alencar Araripe e a História do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. “A erudição ilustrada de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-77) e a passagem da historiografia das belas letras à história nacional” in GUIMARÃES, Manoela Luiz Salgado. *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, pp. 114-139.
- SODRÉ, Nelson Werneck, *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Edições do Graal, 2ª edição, 1977.
- SOUZA SILVA, Joaquim Norberto de. *História da Literatura Brasileira e outros ensaios*. Organização, apresentação e notas por Souza, Roberto Acízelo de. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002.
- SQUEFF, Leticia, *O Brasil nas letras de um pintor: Manoel de Araújo Porto Alegre (1806-1879)*, Campinas: Editora UNICAMP, 2004.
- SUSSEKIND, Flora, *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_, *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- TOCQUEVILLE, Aléxis de. *De la démocratie em Amérique*. Paris : Éditions Gallimard, 1986.
- TREBITSCH, Michel et RACINE, Nicole, “Sociabilites Intellectuelles: lieux, milieux reseaux”, *Les Cahier de L’IHTP*, n° 20, mars, Paris, CNRS, 1992
- TREBITSCH, Michel, “Correspondances d’intellectuels: les cas des lettres d’Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935 – 1947)”, in “Sociabilites Intellectuelles: lieux, milieux reseaux”, *Les Cahier de L’IHTP*, sous la direction de Nicole Racine et Michel Trebitsch, n° 20, mars, Paris, CNRS, 1992.
- \_\_\_\_\_, *Pour une histoire comparée des intellectuels*, Paris, Editions Complexe, IHTP/CNRS, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo (direção). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

- \_\_\_\_\_, (direção). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.
- \_\_\_\_\_, "Capítulos de História Colonial" in DANTAS MOTA, Lourenço (org.), *Um Banquete no Trópico*, São Paulo, Editora Senac, 1999, pp. 171, 190.
- VÁRIOS AUTORES, "Curso Capistrano de Abreu", Rio de Janeiro, *Revista do IHGB*, vol. 221, 1953.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de, *Correspondência ativa*, coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961.
- \_\_\_\_\_, *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1981, 10ª edição, 3 volumes.
- VENTURA, Roberto, *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- VIANNA, Hélio, *Capistrano de Abreu: ensaio Biobibliográfico*, Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, 1955.
- VIEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o Sr. Visconde: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen*. Mestrado: UFMG, 2000, 186 p.
- VIEIRA, Celso, *Varnhagen: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto Editor, 1923.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WEBER, João Ernesto. *A Nação e o Paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
- WEHLING, "Capistrano de Abreu: a fase cientificista", in *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 311, pp. 43-91, abr-jun, 1976.

\_\_\_\_\_, "Capistrano de Abreu e Sílvia Romero: um paralelo científicista",  
*in Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 152, nº. 370, pp. 265-274, jan-mar, 1991.

\_\_\_\_\_, *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da  
identidade nacional*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

ZERBY, Chuck, *The Devil's details: a history of footnotes*. New York: Touchstone,  
2002.